Memorias

Diario ao correr da pena

Vol.

Memorias

Diario ao correr da penna

Usp.

UNIVERSIDADE * LIVRARIA DA

Wellcome Library

1937 = 1943.

?

3

« Nonne quelius multo fuisset otiosam aetatem, et quietam, sine ullo labore aut contentione tradu cere ? »

Cicero : De Senectute, § XXIII

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

19/abril

— 1937 —

Leiria

Maio: 23

Hoje, juramento de bandeiras.

A mesma coisa de sempre e o mesmo sol toda a parte.

O pior é que, como comandante militar, tive de andar todo o dia numa roda viva: ouvi cinco discursos; passei revista aos dois regimentos e á Legião (!); passaram-me em frente, em continencia, os mesmos dois regimentos e a Legião; recebi grande numero de continencias, etc. etc.; e terminou a festança por um "copo de agua" oferecido pelos artilheiros, sempre amaveis comigo.

Mas o que aqui merece maior referencia é o seguinte episodio: nas provas finais do meu regimento, o cabo instrutor dos telegrafistas em heliografo, passou um despacho; o despacho foi recebido em

erros e apresentaram-no com ares de triunfo. Era o seguinte:

«Saudemos o Exercito Português/
E Salazar que nova Patria fez.»

Lembrança enternecedôra!... Guardei o papel porque o caso não é para menos. E aqui fica a lembrança do episodio, como boa curiosidade.

Ora se os cabos são assim — o que não serão os generais?...

No final do volume fica guardada a notícia recortada de um periodico local, relativa á cerimónia.[1]

Leiria.

Maio: 27.

Hoje tenho ouvido todo o dia, na rua perto de nº casa, a passagem de canticos religiosos.

Trata-se de grande manifestação reacionaria que serpeia por essas ruas; é dia de Corpus Christi e, pelo que oiço, ha festa rija. Tenho a impressão de que a leiria é infindavel, pois ha perto de duas

---

(1) A pag. 401.

horas a oiço cantar, com filarmonicas de permeio e cantochão á mistura.

Dizem q. no jardim municipal, em frente á casa do bispo, ha benção não sei se urbi et orbe; enfim, o triunfo de Cristo-Rei e de toda essa padralhada que anda de rabo alçado, imaginando, talvez com razão, que joga a cartada final.

Como estou recolhido com grippe não vi nada e tenho pena. Mas oiço...

Que diferença p.ª as festas pagãs de Penafiel que á mesma hora se devem realizar! O belo Minho alegre, festeiro, pagão, como me faz saudades!

Isto que oiço é a baixa submissão ao padre; é a inconsciencia, a estupidez, a ignorancia. Isto é quasi feudo da Senhora de Fatima e está dito tudo quanto se pode dizer.

E não vale a pena gastar mais cêra (que neste caso é tinta...) com tão ruins defuntos.

Leiria.

Maio: 28.

Escrevi hoje ao Lourenço Chaves Almeida a respeito de suspeitas ~~[illegible]~~ de más vontades contra o Lampadario na Batalha e de guerra surda em Coimbra con-

tra a obra no Museu Mach.º de Castro do velho Antonio Augusto Gonçalves.

A carta fica copiada, em certos periodos, no vol.º respectivo, com o n.º 121, a pag. 176.

Leiria.

Maio: 29.

Uma parcela da Legião Portuguesa local foi a Lisboa tomar parte na parada militar ontem realizada. Volta hoje, triunfante, como vencedora não sei de quê.

A Camara Municipal promove para logo, á chegada do contingente, uma recepção festiva e convida as autoridades, associações e povo a comparecer no Largo da Sé pelas 17 h. e 15 m.

Eu recebi dois convites: como comandante militar e comand.te do regimento.

A Camara quér fazer uma «recepção condigna...» segundo o convite.

Condigna!... O carinho com que a Ex.ma Camara trata os heroicos legionarios!

Leiria

Junho: 1.

O Alfredo Ernesto da Cunha respondeu-me, num cartão, á m.ª ultima carta. É creatura correcta e parece pessoa leal. Não sei se o juizo que faço é seguro, mas é o

que julgo tanto quanto possivel exacto.

A m.ª carta de 15 de Maio passado diz que o General foi m.to bem impressionado com os exercicios finais do regimento e diz ainda que acerca do caso da readmissão do sargento que motivou um incidente desagradavel «nunca mais me ter eu a falar {...} supondo que já estaja esquecido.»

E aqui está f.ª que o sujeito deu-lhe aos coices: f.ª depois se esquecer...

Leiria.

Junho: 3

A Casa de Coimbra em Lisboa concedeu-me por intermedio do actual presid.te da direcção que é um capitão reformado do quadro do Ultramar Gervasio de Sousa, para fazer uma conferencia acerca de Coimbra ou de Miranda do Corvo.

Respondi com extensa carta que vai no vol.º respectivo, a pag. 178, com o n.º 122 de sua ordem.

Outro assunto:

Hoje, o tenente de Engenharia Fogaça, chefe da 2.ª secção da Direcção das obras militares da Região mostrou-me a copia de um requerimento da Corporação Diocesana

de Leiria ao ministro do Interior; fica a cópia, adeante, para o que dér e vier. Cá estou eu, possivelmente, de novo, á volta com os padres...

Eis o requerimento:

«A S.Ex.ª o Senhor Ministro do Interior. Lisboa. — A Corporação Diocesana encarregada do culto de Leiria, conforme o D. nº. 11:887 de 6 de Julho de 1926 vem apresentar a V. algumas respeitosas considerações e formular um pedido ácerca da igreja de Santo Agostinho desta cidade. — As considerações: o R. J. nº 7 foi, em tempos, aquartelado nesta cidade no antigo convento de S.to Agostinho, continuando o culto no respectivo templo. Após a revolução de 1910 o regimento apoderou-se do edificio do Seminario que está junto a da igreja do mosteiro q. serve actualmente de refeitorio para as praças. — A igreja construida para um fim completamente diverso, não tem ar nem luz suficientes para um refeitorio onde tantos homens tomam as suas refeições. É' anti-higiénico na opinião de todos. — Demais no corpo da igreja estão sepultados cadaveres dos frades do antigo convento e não é decoroso para o Estado oferecer aos soldados um cemiterio

para tomarem as suas refeições. — Além disso é claro que, como católicos, a maior parte sente repugnancia em comer num lugar construído para prestar culto a Deus. — Toda a gente vê que um tal estado de coisas muito contribuiu para a indisciplina e dissolução do carácter do soldado.(1) — Ainda outra razão oferece á alta consideração de V.. — O mosteiro de S.to Agostinho de Leiria foi fundado pelo grande Bispo desta diocese Fr. Gaspar do Casal. Este prelado ilustre foi professôr da Universid.e de Coimbra, Bispo do Funchal, Leiria e Coimbra onde falleceu. Fez parte da pleiade brilhante de Teologos portuguezes q.e no Concilio de Trento engrandeceram o nome de Portugal. — Escritor distinto, as suas obras são ainda hoje apreciadas nos principais centros scientificos, como se póde ver na conferencia de um professôr do Seminario de Leiria que junto. — Este bispo, fundador tambem da Sé cathedral desta cidade, quiz que os seus restos mortaes, trasladados de Coimbra, repousassem na igreja do mosteiro que construiu onde ain-

---

(1) Prepare-se no cuidado q.e tem o autor pela saude e caracter do soldado.

da estão. — Ora não é justo nem patriotico que assim se tratem a obra e as cinzas dum tão benemerito cidadão tanto mais que o Estado Novo com toda a razão, muito tem trabalhado para levantar o espirito nacional da nossa querida patria e a patria não é apenas o territorio mas a nossa historia com os seus varões ilustres, gloria e exemplo dos vindouros. — Por ultimo nota que aquela igreja faz muita falta num bairro que é distante de qualquer templo onde os fieis possam cumprir os seus deveres religiosos; e as despesas com um refeitorio nas devidas condições, são relativam.te pequenas. — O pedido: Fundada nestas razões que, por certo, hão de pesar no espirito de V... a Corporação diocesana encarregada do culto, de Leiria, em nome dos catolicos desta cidade, vem pedir a V... ordene que a igreja de S.to Agostinho volte á posse desta Corporação afim de nela de novo se exercer o culto. — A bem da Nação. — Leiria, 15 de Dezembro de 1936. — Pelo presidente, o secretario (a) P.e Sebastião da Costa Brites. »

Vê-se, pela data, que o Estado não tem muita pressa em arrumar o caso.

Levou quasi meio ano a chegar cá a representação.

O governadôr civil, já ha tempo, me tocou no assunto, por alto, em conversa qualquer. Deveria ser, possivelmente, pouco depois da delegencia da Corporação Diocesana e lembro-me que respondi que o caso me era indiferente.

E agora ainda outro assunto.

Ontem, a convite do Governadôr Civil, Mario de Vasconcelos, fui á estação de Alberparia, como comand.te militar, aos cumprimentos ao general Carmona que passava em comboio especial para o norte.

Foram, creio, quatro automoveis carregados de funcionários civis e militares, pressurosos de apresentarem suas homenagens ao supremo magistrado da Nação...

A' chegada do comboio, o Governador Civil subiu e disse qualquer coisa; o Carmona olhou, viu tanta gente e desceu amavelmente.

Ora a primeira pessoa que ele encontrou fui eu. O Governador Civil ia para fazer a apresentação; mas mal ouviu o meu nome, o general exclama

com expressão entre alvoroçada e admirada:

— Oh meu coronel! Ha que tempo o não vejo! Então em Leiria?

E voltando-se p.ª os circumstantes sorrindo-se:

— Um meu antigo discipulo! E que ha tanto tempo não via!

Os circumstantes olhavam babados... E o homem a insistir com affabilidade:

— Então deixou a sua Coimbra?

E com mais amabilidades continuou até que o Governador Civil lhe poude p.ª apresentar o resto dos presentes. Ele foi com as suas maneiras correctas, já muito mecanizadas pelo habito destas cerimonias, correr a roda toda; mas qual acabou a parte protocolar, veiu para mim com expressão alegre e perguntou de novo:

— Então como se resignou a deixar a sua Coimbra?

E ficámos em amena conversa até um engenheiro da Companhia pedir licença para o comboio partir.

Foi um escandalo!... Perto de mim dois legionarios olhavam de esguelha; o proprio Governador Civil se sentiu pouco de lado...

E eu, ao voltarmos para Leiria e ao sentir, nos companheiros de carro, o efeito do incidente vão surpreendente, dizia com os meus botões:

— Ora agora, seus mariolas, digam lá que sou do "reviralho" ...

Leiria

Junho: 5.

Escrevi hoje uma longa carta ao coronel Pires Monteiro. Carta extensa q. deixei copiada no vol.º respectivo [1] para memória e proveito futuro...

Para lá encaminho alguns hipotéticos leitores destes diários.

Coimbra:

Junho: 20.

Fui hoje visitar o meu velho amigo Francisco Gomes. Não o encontrei em casa, mas em compensação topei com o genro, o Vitorino Nemésio que me fez entrar para o seu escritório e manteve, comigo, larga conversa de quase duas horas.

E pode dizer-se que, da conversa, saiu uma confissão geral...

---

[1] Nº 123, a pag. 180.

Leu, é claro, foi ouvindo e regis-
trei. E agrifica.

O Nemesio teve estado em Bruxelas, depois de dois anos em Montpellier; veio por consequência e justamente, com o arejamento que é natural em quem por lá anda e sabe ver. Ao voltar á terra, veio encontrar esta pequenêz lusitana, com todas as mesquinhas questiúnculas de igrejas literarias e pedantismos catedraticos, sem contar com a actual feição politica inquisitiva p.º cerebros de certo alcance. E' pois logico que se sinta irritado, tanto mais que andam, segundo diz, a jogar com o seu concurso p.º a Faculd.e de Letras de maneira exquisita e, por vezes, jesuitica.

E assim, a conversa, muito á vontade, foi caindo em desabato; e do desabafo á confissão franca, sem reticencias — pois que, falando deante de mim, dizia ele, sabia que falava com seguranca e era compreendido. O que ia dizendo, não o diria a duas ou tres pessoas mais.

O Nemésio, mesmo nos seus primeiros tempos de estudante, e principiante nas Letras, não se conformava muito com a subalternidade a que era, naturalmente obrigado; debaixo da modestia

que aparentava, sentia-se que o rapaz tentava largar as asas para vôos maiores. Soube, porem, sempre mantêr atitude concertada e cautelosa se bem que, na intimidade, rompesse as falhas facilmente.

. Agora, porem, ao sentir-se fraterizado para a Faculdade, já tinhamos feito e com certos triunfos lá fóra, é natural que surja o azedume, como aliás é de razão. E desse azedume sairam apreciações e comentarios, já eivados de certa maldade ferida, tudo em conjunto que me não admirou (porque o conheço) mas que nunca imaginei concretizasse tão facilmente.

Assim, corridas as duas Faculd.s de Letras, não poupou ninguem, até os seus amigos ou que eu julgava seus amigos, como o Herculano Cidade, o João da Silva Correia, ha dias falecido, e até o Carlos Simões Ventura a quem dedicou a sua dissertação de doutoramento.

E' claro que teve para mentalidades inferiores como o Matos Ramos, o José Simões Neves, o Providencia e Costa, o Agostinho Fortes, o Ferraud de Almeida, comentarios rudes embora de certa justiça que os colocáram no seu devido pé

garante os problemas do ensino superior.

Mas o que eu estranhei foram as apreciações acerca dos outros, dos que eu imaginava amigos e que ele, se bem que debaixo de confidencia, inferiorizou a ponto de quasi lhes não dar a craveira necessaria p.ª o cargo que exercem.

É certo que ele distingue nas Faculdades de Letras duas especies de cadeiras: as que teem cunho cientifico e as que dependem da livre critica e, por consequencia, necessitam de temperamentos dotados de capacidade e sensibilidade literarias ou filosóficas para as ensinar.

Eu nada percebo do assunto mas confesso que, na generalid.ª, lhe achei certa razão.

E com esse criterio diz o Nemésio que o Carlos Simões Ventura, capaz de ser profundo como é, na cadeira de latim e grego, é incapaz de compreender Cicero ou Hesiodo como homens de letras no seu tempo, no ambiente e nas intenções, sabe colocá-los no ponto exacto da evolução, etc. O Herculano Cidade e o Rodrigues Lapa capazes, como são, de produzirem obras notaveis

sobre assuntos já arrumados (sic) e acerca dos quais já ha ideias assentes ou até controversas, são incapazes de se revelárem ou compreenderem qualquer fenomeno literario ou artistico quando contemporaneos e quando sáiem fóra das formulas estabelecidas.

Assim, o Simões Ventura apenas erudito, não tem capacid.e para abranger uma historia literaria; os outros, embora tenham essa capacidade para a historia literaria passada, não teem qualidades para compreender os fenomenos apanhados na sua contemporaneidade (sic). Falta não só de certa cultura filosofica e geral para uns, falta de sensibilidade literaria, receptividade perante os fenomenos recentes para outros.

E' possivel que isto não deixe de ter suas razões; mas eu sentia que, por debaixo destes argumentos inteligentes e com certa logica, havia azedume mal contido e vaidade de certo modo irritada — o que é humano.

E em crescendo, e sempre num á vontade curioso, chegou a dizer que, perante as mediocridades que se assenhoreáram dos lugares superiores do ensino, ficávam á espera aqueles que ti-

nhum valor como o Paulo Quintela em Coimbra e outros em Lisboa e até aqueles que se contam com «o mínimo "das qualidades para o ensino superior» (sic), com conhecimento das correntes modernas estrangeiras e o impulso íntimo que as provoca.

Aqui, evidentemente, classificou-se ele, quase sem reboço... Não há dúvida que ele terá razões e as preterições terão-no irritado. Mas...

No final da conversa, confessou abertamente: vê-se obrigado a retrair-se; raramente comunica as suas ideias sobre o assunto tratado; não quer que o digam desfeitado. De modo que, sem querer, ao falar livremente deante de mim, deixou-se levar pelas suas opiniões íntimas e... desabafou!

Eu finjo que não compreendi e que thor ou frior desviei a conversa para que ele se não aborrecesse de ter falado tão claro. E aqui está como eu, sem esperar, ouvi falar um homem de letras, no seu natural reservado — mas a quem o espírito do azedume obrigou a falar à solta como qualquer ingénuo.

Por onde é certo dizer-se que os homens, afinal, são todos pequenos...

Coimbra.

Junho: 27.

Escrevi hoje a seguinte carta ao general Franc.º Soares Lacerda Machado p.ª lhe agradecer uns opusculos que ele me ofereceu:

«Ex.mo Sr. General: A amavel carta de V... e os opusculos com q.e me honrou recebi-os em Coimbra onde vim passar uns dias de licença. Muito e muito obrigado a V... pela gentileza. — Não creia, Sr. Gen.al que me é indiferente a historia de qualquer remoto concelho ou qualquer outro trabalho de investigação; quem tem, como eu, entregue por vez da vida a esses assuntos, comprehende bem o trabalho dos outros e aprecia devidamente o esforço, o criterio e persistencia necessarios p.ª levar a cabo tarefa tão ingrata. — Por tudo e ainda pelas benevolas palavras que me dirige, creia V... que mais uma vêz me confesso com toda a consid.ção etc.»

Não se pode dizer que não seja esta carta quasi modelo de agradecimento protocolar... E o Lacerda Machado, vá lá! merece-a.

Leiria

Julho : 5.

Tive hoje de escrever longa carta ao Manuel Maurato Vermelho, socio-gerente dos Laboratorios da Farmacia Normal, por causa de meu sobrinho Henrique.

Ela aqui fica p.ª memoria triste dos encontrões da vida :

« Ex.mo Sr. — Ante-ontem, a chamada telefonica deu-me logo a impressão de qual seria a causa da comunicação que V... me queria fazer. Realmente trata-se do problema dinheiro em que o Henrique anda a perder-se sem atenção p.ª com as realidades. Eu conheço as dificuldades pecuniárias de m.ª Irmã consequencia de exigencias do Filho, mas conheço-as depois das resoluções tomadas. Tenho pensado em intervir, mas sempre a alegação de que se trata de saude aparece e assim fico sem que ser responsabilid.e no agravamento de doenças. — O Henrique, de mais a mais, não é, como V... sabe, susceptivel de ser aconselhado e a Mãe submete-se sem qualquer resistencia. O problema é muito dificil e tem-me dado já muitas dôres de cabeça. Neste momento

ando empenhado em lhe arranjar co-
locação; tenho empregado os melhores
esforços, mas até agora sem exito e, jus-
tamente, por culpa dele que criou,
devido ao seu espirito de oposição, máu
ambiente no ministerio da Justiça. A
colocação, embora em cargo de modesto
rendimento, resolvia grande parte das
dificuldades, mas não lhe vejo solução
imediata. — Enfim, V... pediu-me con-
selho e eu vejo-me perdido. E eu embo-
raço para saber o que dizer com acerto
e que não vá complicar mais a situa-
ção. Quando, ocasionalmente, faço ver ao
Henrique a necessid.e de não gastar, ele
faz que não ouve e se, por acaso lhe fa-
lero o assunto, já me tem respondido que
eu estou mal humorado... O Henri-
que liga pouca ou nenhuma consideração
ao dinheiro; o seu egocentrismo
leva-o a não olhar á volta; parece não
ver o descalabro que está produzindo na
familia que, se para com ele pode não
vir a ter consequencias, pode dá-las á
Mãe e á Irmã. — Afinal, estou a tomar
tempo a V... e sem responder; parece-
me, talvez, conveniente, V... apertar
um pouco, pois estou convencido de que
se ele precisa de dez, pedirá vinte; e ain-

da convencido de que a carta conterá verdades mas deve ter, também, muita trapalhada; mas pagar, juramente, deve valer ter seus inconvenientes. — «Aproveitando a oportunidade e como tenho aqui uma carta recente do Henrique, em que me fala das suas dificuldades, vou escrever-lhe e tentar de novo fazer-lhe ver a realidade; e por estes dias terei que ir a Coimbra e falarei a minha Irmã. Será, naturalmente, tudo baldado, mas faz-se o que se deve. — Os meus dois sobrinhos deram-me dado preocupações que chegam p.ª uma vida! Isto dava para longa conversa e eu, nas minhas idas a Lisboa, ando sempre á pressa, para ocasião de dar um salto ao escritório de V... — Muito e m.to obrig.do por tudo o que tem feito e por mais esta prova de confiança e consideração. Sereia-me, etc. etc.»

Leiria.

Julho: 6.

Recebi uma carta do superintendente Francisco dos Santos Viegas, datada da Figueira da Foz, em papel timbrado com as palavras Campos – Cruzeiros – Alminhas rodeando um escudo com 5 quinas e, no fundo: Gabinete de Estudos Urbanos e Pu

rais — instituição que desconhecia completamente.

Pede-me este cavalheiro colaboração na parte respeitante a Miranda do Corvo para uma obra que empreende ou que já começou. Muitas amabilidades e louvôres, etc. etc.

Tive de lhe responder com a seguinte carta q. aqui fica p.ª memoria...

«Ex.mo Sr. Eugenh.º: Recebi a carta de V... datada aos 25 de Junho ult.º que para aqui me foi remetida (a que só hoje respondo por causa de inumeros serviços urgentes) e recebi hoje uma outra mais recente. Agradeço muito e m.to reconhecido o honroso convite que me faz mas neste momento sou obrigado a dizer que me é impossivel a colaboração pedida. — Realmente, tenho muitos elementos "arrumados" para uma historia do conc.º de M. do Corvo; mas a minha actual situação não deixa fazer qualquer coisa, não só pelo muito e constante serviço, como por estar fóra da minha casa de Coimbra onde poderia trabalhar. — Tenho, pois, que limitar-me a agradecer reconhecidamente a oferta tanto mais que V... me concedia a fixação de condi-

ções. Por tudo, creia-me V... muito grato; e até ocasião em q. possa aceitar, subscrevo-me, etc. etc. »

Quem será este senhor engenheiro que se dedica a templos, cruzeiros e alminhas? Cheira-me a nacionalismo muito genero "Estado novo"...

Adeante.

Leiria

Julho: 7.

A proposito da bomba que em Lisboa rebentou quando o Salazar ia para a missa, tem havido a mais extraordinária afluencia de manifestações.

Chego a não perceber bem.

De todas elas, a que mais me chamou a atenção foi a da guarnição de Lisboa, ontem, com o Morais Sarmento, o major-general, á frente e a da marinha de guerra.

O Morais Sarmento discursou; disse coisas curiosas com evidente servilismo e bastante falta de vista — ao que o homem, o patrão, respondeu com longo discurso escrito de antemão e do qual conservo aqui os ultimos periodos como dignos de arquivo.

Eu disse já merecermos bem merecido o ódio que nos votam todos os empenhados satanicamente em afogar em sangue as conquistas milenarias da nossa civilização.

Merecê-lo da parte dos maus, é uma coisa, não nos defendermos dêles, é outra porque não se trata só da vida deste ou daquêle; trata-se da nossa terra, da nossa gente, da nossa história, do futuro de Portugal.

Por isso avisamos de que pode esgotar-se uma paciencia que tem sido longa e magnanima; e temos por outro lado de ser vigilantes e de manter a fé nos altos destinos que por nossas mãos estamos construindo para a nossa Pátria.

E se ha mais atentados? Pois, senhores, nesse dia continuaremos...

E' necessario arrôjo para afirmações como estas e é necessario não ver nada, não ter noção do que se passa pelo mundo para as ouvir e... para as aplaudir.

Basta ver, nas gravuras dos periodicos, o ar com que os generais estão, á roda do homem, perfilados, a pensar q. são alguem e que teem opinião propria.

Pobres titeres, manejados com facilidade por mão oculta, a pensárem que são eles quem manda!

Leiria

Julho: 11

Ontem recebi um convite, em amanel cartão impresso para «uma missa "solene na Sé Catedral de Leiria, em acção "de graças ao Altissimo, por ter saído mi"lagrosamente ileso do nefando atentado "de que foi alvo o ilustre chefe do governo "sr. Doutor Oliveira Salazar, etc.» O convite era feito pelas Senhoras de Leiria e

a missa foi hoje, domingo, pelo meio-dia e, segundo me disseram foi extraordinariamente concorrida.

É claro que eu não fui lá os pés; mas também é claro que a m.ª falta foi devidamente notada. Assim m'o afirmou o velho amigo, dr. António de Sousa Saraiva, com quem ha pouco falei. Mais uma boa nota para a minha folha de serviços...

Que lhe hei-de eu fazer?

Leiria.

Julho: 22.

Escrevi ao velho amigo dr. José Maria Cardoso, em resposta a uma sua carta, amavel como sempre.

É um bom amigo, este dr. José Cardoso, já de ha muitos anos. E eu sou ingrato com ele, embora o considere e reconheça o meu erro.

Deixo extracto da carta no vol.º respectivo, a pag. 185, com o n.º 124.

Leiria.

Agosto: 16.

Escrevi hoje ao Afonso Lopes Vieira, o poeta do Para cuê, com o qual tenho de jantar, qualquer dia, em S. Pedro de

Muel. O Lourenço Chaves Almeida, que lá está agora um tempo, é que me arranjou esta carrapata. Tanto buzinou aos ouvidos do Poeta as minhas "manhas e artes" que o homem veiu ante-ontem a m.ª casa para me convidar para um almoço no seu castelo á beira mar.

Mandei-lhe a seguinte carta:

«Ill.mo Sr. Dr. L. V. — Tive muita pena de não estar na cidade quando V... me procurou; assim, por este modo, agradeço a honra que me deu não só com a visita mas tambem com o convite. Desejo corresponder á atenção de V...; e na prox.ª quarta-feira, conforme a alteração que o nosso comum amigo Almeida me comunicou em nome de V... aceitarei o jantar de V... com o maior prazer. E enquanto o não faço pessoalmente, renovo os meus sinceros agradecimentos e peço me creia, etc. etc.»

Leiria.

Agosto: 19.

Fui ontem, realmente, a S. Pedro de Muel e entrei na casa do Lopes Vieira, inacessivel ao vulgo e só aberta aos raros... E com essa honra, tive ainda a

outra igualmente afectada de, á minha entrada, se içar a bandeira da residencia: uma bandeira branca, sobre o comprido, com uma cruz de Christo de côr vermelha. E assim, toda a provação de baptistas se mexeu de curiosid.e para saber quem era o grande vulto nacional ou extrangeiro que entrára no tabernaculo — Vão rára é aquela distincção do Poeta para com os seus hospedes.

Adeante...

O Lourenço Chaves Almeida audára ha muito com desejo de nos aproximar não sei bem porquê. Agora, a proximidade das residencias provocou a efectivação desse desejo; e ainda, como em 14 do corrente, o Lourenço veiu de Coimbra para se encontrar com o Poeta na festança da Batalha, este, ao regressar com a esposa a S. Pedro de Muel, procurou-me em Leiria para fazer o convite — convite que ficou por escrito porque me não encontrou.

E é interessante reparar que o bilhete q. me deixou começa: «Meu Ex.mo Comandante...» Isto já é um pintasso curioso.

Emfim: lá fui ontem, fardado, com intenção cerimoniosa...

A' chegada á povoação, por entre ranchos de banhistas, acampados á sombra das arvores, a minha farda dava tremendo contraste. Mas que fazer? Não tenho, agora, fatos em condições; e a farda, se bem que ao Poeta daria certo prazer, foi verdadeiramente um encobre-miserias.

Ao bater ao portão houve, no larguito, movimento de curiosidade. Cabeças de banhistas surgiam das portas e das janelas; passava gente que parava, quasi, a olhar... A bandeira de honra denunciára-me e é natural que naquela pequenês houvesse anciedade em saber quem era o felizão.

Nisto, o portão abriu-se e, apressado, surge o Poeta, vestido lixeiramente, com calça branca e camisola de praia, em cabelo, ar desembaraçado, com aspecto de ainda novo, sorridente e afavel. Tive a visão do estudante de ha 38 anos, em Coimbra; e disse-lho, passados os cumprimentos protocolares: parecia-me estar a ver ainda o autor do Auto da Sebenta, com a mesma vida e quasi o mesmo aspecto fisico de 1899.

O pátio da entrada ajudava o ar de "á vontade" que logo me deu o hospedeiro;

casas baixas dum lado e outro, de exterior modesto; por cima do muro baixo em frente, o mar largo sobre o qual o sol caía entre nuvens; o Lourenço surgiu alto e desempenado; de modo que, ao primeiro contacto, embora fardado e com a minha capa no braço, senti-me familiarizado com o ambiente — e daí a evocação do estudante de ha perto de quarenta anos, como velho conhecido e familiar.

Todo o plano de cerimonia e retraimento que tinha arquitectado, desapareceu e sem querer, senti-me bastante á vontade, como com velhos e cordeais conhecimentos.

Subimos para a varanda da casa que deita sobre a praia — a varanda cubiçada e invejada, que é olhada de baixo com curiosidade por todos, com azedume e despeito por muitos, com ambição por alguns. O Lopes Vieira isola-se ali, naquele refugio quasi espiritual; daí vem certa má vontade de quasi toda a população bauhista que vê, nessa atitude, superiorid.e e despreso por todos aqueles pobres mortais que não teem um castelo romantico onde se acoitarem... Não sei se será assim; mas á volta da

casa do Poeta, a sua vontade existe; e como ele a sente, o isolamento é natural q. seja maior.

O certo é, foram, que a conversa surgiu facil e amavel: a velha amizade do Poeta pelo Lourenço; o conhecimento que vinha de mim através deste, ha muito tempo e daí o desejo de me conhecer; a ternura por Coimbra e pela sua paisagem; o prazer que sentia naquele retiro de verão, etc. etc. — foram os meus livros principais da conversa tão agradavel e aliciante.

E a seguir veio a exposição das curiosidades da casa: o jornal manuscrito O Bucio, de 1849, em que colaboráram os homens de letras que frequentavam a praia; especies de algas e plantas maritimas apanhadas nos rochedos e conservadas em agua salgada; as obras de ferro do Lourenço, ofertas que traz sempre ~~[illegible]~~ p.ª S. Pedro quando vem passar uns dias; varias outras coisas que tornam realmente a residencia um passeio muito alegre e variado.

Depois... surgiu a questão politica. E vieram as confidencias.

O Poeta não traça este «permanente regime de tortura» em que se vive

actualmente; Vaia palavras duras para com os homens principais e, em especial para com o Salazar a quem trata, normalmente, com azedume, por «o Judeu...»

Foi nesta atitude de subserviência em que se vive, manifestada sempre por dá cá aquela palha. E a propósito contou que há dias, na festa na Batalha ao Mousinho de Albuquerque, os generais que ele julgava capazes de certa independência, estudiram pertinentemente e sem a propósito de qualquer espécie, ao actual chefe do governo como modelo de homens de Estado. E por isso ele louvou a atitude de Paiva Couceiro que, convidado para assistir como companheiro do festejado, respondeu que o ambiente era tóxico e que ele, neurasténico como ainda era, e já velho e doente, não se queria envenenar mais...

A conversa seguiu o seu curso. Veio a propósito o caso do José de Figueiredo querer virar o lampadário feito pelo Lourenço, da sala do capítulo da Batalha para o que se teria de mudar o túmulo do soldado desconhecido para as capelas imperfeitas. E isto era, dizia o Poeta, mais uma manifestação de má von-

Vade á obra de Antonio Augusto Gonçalves cujas lições dadas em jornais e revistas, ainda eram penosas de lembrar.

Depois, mostrou-me o terraço por debaixo da varanda onde ha um relogio de sol de 3 faces e um quadrante das estações no qual está marcado o dia 14 de Agosto a traço vermelho; fomos ver, no mesmo parimento, o pátio franciscano, recolhido entre a casa e um muro alto revestido de laranjeiras, com uma cruz grande, dos seus 3 metros de altura, sobre um montão de pedra solta. Ao ver o pátio, disse para com os meus botões:

— Que pradureza...

E com a conversa e a visita á residencia, veiu a hora do jantar — refeição simples, modesta, a que a esposa presidiu com afabilidade e distincção. Fiquei sentado á direita dela, lugar de honra, por consequencia. Mobilia alentejana; ceramica popular nas paredes; e quéla luz escuro que dava tom triste á casa. Mas havia um tudo conforto e familiaridade, sem complicações de serviços nem de baixela, de modo que o tempo correu sem dificuld.e e a conversa foi facil, sem intervalos de silencio dificeis de quebrar.

Durante o jantar, até, surgiram dois assuntos que mais prenderam: a paisagem, em geral, e o valor de Nunálvares como comandante militar.

O primeiro veio a propósito do vale do Liz, na altura das Côrtes, que eu, por cortesia (valha a verdade...) louvei com certa redundancia. Ele, apesar de quasi natural da região, não foi muito largo em louvores; a esposa, sim, essa acha essa paisagem deliciosa, de grande encanto, talvez por ser de Lisboa e ser aquela a paisagem onde os seus olhos pousam mais demoradamente. A de Coimbra, porem, alegrou o Poeta a certos gestos largos que lhe não são habituais: é paisagem única, dizia, de encanto especial e fundo, destas paisagens que deixam marca indelevel, como a ele acontecêu desde os primeiros dias de estudante, e conseguem modificar caracteres. Com frase pôlida e dita em voz baixa, quasi subtilmente, cantou um hino exaltado á paisagem coimbrã; os seus olhos vivos, na penumbra dada pelo quebra-luz, tinham reflexos curiosos; e eu, friamente, ia vendo como póde ser verdade a acusação que fazem a Coimbra, cujo ambiente dissolve caracteres e amolece ainda

mais os rapazes que por lá passam e que têm compleição contemplativa.

Quanto a Nunálvares... não sei se o Lourenço Chaves Almeida teria dito já qualquer coisa; o que é certo é que fui quasi provocado a falar e... falei! Ele ouviu com atenção e sem interromper; expus o meu ponto de vista acerca do valor como chefe, os seus conhecimentos militares, o seu bom senso, a decisão como uma das características do seu caracter, a firmeza na execução das suas concepções, o prestígio adquirido perante os contemporaneos, consequencia de todas estas qualidades, etc. etc. Expus-lhe o que foi no seu traçado geral, a acção de Aljubarrota, o terreno como base de anulação da superiorid.e castelhana, os efeitos morais de certos ardís que todos os comandantes de tempo.to provocam, etc. etc. Reproduzi-lhe a m.a interpretação de Valverde que supponho nova, etc. etc.

Ele ouviu atentamente, sem interromper; e no fim, com o monoculo encravado arriscou o argumento do misticismo, da influencia religiosa do tempo. Eu, prudentemente, tive que responder que a religião e os conhecimentos militares eram coisas separadas... E desen

volvi a tese de modo que ele, no fim, tirando o monoculo e ficando um momento silencioso, disse:

— Sim... Está bem... E' aceitavel...

E confessou que ainda não tinha ouvido falar no assunto desta maneira.

Enfim, o jantar terminou com esta minha exposição e demonstração da tese sobre Nunalvares que parece ter impressionado o Poeta ainda agarrado ás concepções romanticas relativas ao Condestavel. Passámos, a seguir, ao aposento do 1º andar onde ha um "divan" oriental de comodidade aliciadôra; aí, em meia penumbra; em obediencia á moda corrente, a conversa caíu na literatura a-proposito da revista Lusitania de que ele foi um dos directores e cujo fim ele contou com graça.

E como a noite ia já adeantada, eu fiz menção de me ir embora. Vieram os cumprimentos finais e os agradecimentos; novos oferecimentos do Poeta para eu voltar; e seriam quasi 11 horas da noite saí de casa, com excelente luar de lua cheia, e a bela disposição de quem se sentiu consolado durante horas seguidas, diferentes, muito dife-

rentes daquelas que passa habitualm.te e que são normalmente aborrecidas.

Estava a fechar a porta do carro quando do escuro do larguito, um vulto correu: era o capitão reformado Rodrigo Faustino, de Leiria, que vinha apresentar os seus respeitosos cumprimentos e oferecer o seu modesto prestimo. Sabia da minha chegada porque viu a bandeira içada em casa do dr. Lopes Vieira e a curiosid.e levou-o a preguntar quem estava na residencia. E terminou por dizer-me, galantemente:

— Não me admirei nada, meu Ex.mo Coronel, não me admirei... Eu disse logo que era natural a visita de V.Ex.a

E com gesto largo e amavel:

— Pois se ambos teem as mesmas tendencias literarias...

— Muito obrigado, capitão, muito obrigado pelas suas atenções...

E o carro partiu. Felizmente o reformado não viu, no escuro da carruagem, o meu sorriso involuntario.

As mesmas tendencias literarias!

Não é má ideia...

E assim terminou este memoravel dia de 18 de Agosto de 1937...

*

E para não esquecer, deixo aqui anedotas ouvidas ao Poeta no decorrer da conversa e que não perdem em ficar arquivadas.

Uma vêz, já ha muito, o Poeta com o dr. José Maria Rodrigues, que estava então seu hospede em S. Pedro de Muel, foram a Aljubarrota. A' passagem por Leiria convidaram o bispo D. José Alves Correia da Silva e lá foram todos tres no mesmo carro automovel guiado por motorista atêu.

No campo da batalha o Professor José Mª Rodrigues fez uma prelecção historica depois da qual se meteram novam.te no carro. Este, porem, que era velho, não queria andar, emperrou com ligeira avaria. O motorista, analisou o motor e segredou ao Lopes Vieira que, se alguem empurrasse o carro, o motor pegaria facilmente.

A dificuldade contudo estava no empurrar. O Poeta, franzino como é, não quiz, todavia, ficar mal e dirigiu-se á parte trazeira do carro e fez qualquer pressão, a pressão que as suas forças autorizavam. Mas essa pressão

não teve consequências. O carro ficou no mesmo sítio...

O bispo que estava dentro, a conversar com o Professor, percebeu do que se tratava; nesse tempo era homem rijo, corpolento e forte e não esteve com meias medidas: apeou-se, meteu um ombro ao carro e... o carro andou logo o suficiente para o motor pegar.

O motorista ficou atónito!... Ver um bispo a empurrar um carro com tanta naturalidade e com tal força que o fez logo andar!...

No dia imediato, ele que sempre tivera antipatia com sua mulher e tinha os filhos registados civilmente, foi requerer casamento religioso e o baptismo para os filhos.

O homem convertera-se...

A outra anedota passara-se com o Mousinho de Albuquerque, o homem de Chaimite, com quem o Poeta convivera muito.

Os dois, um dia, num passeio a cavalo pelos campos do Liz, falaram de Eça de Queiroz e por qualquer motivo da D. Maria Amalia Vaz de Carvalho q. recentemente publicara a Vida do Duque

de Palmela em 3 volumes. Alguem preguntára a Eça de Queiroz a opinião que formára sobre o livro.

— Bom, respondeu o romancista. Apenas notei que havia Madame Staël a mais e Congresso de Viena a menos.

E como alguem não percebesse logo a resposta, ele explicou:

— E' que em vez de M.me Saël poderia ler-se Maria Amalia; e em vez de Congresso de Viena poderia ler-se melhor... o Ideal!

E depois duma pausa, o romancista concluiu:

— Sim, o Ideal... ou, por outras palavras: o duque de Palmela...

E o Lopes Vieira acabou de contar a anedota dizendo que o Mousinho acrescentara que a ironia do Eça era, ás vezes e como neste caso, bem cruel.

Se bem interpretei a ironia, o Eça quereria dizer que a D. Maria Amalia se identificaria, de vontade, com a M.me Staël a qual, segundo as más linguas, adorou o duque de Palmela a ponto de o dar como o heroi do seu conhecido romance Corina.

Será assim?

Leiria.

Agosto: 20.

Escrevi hoje, como devia, ao Lopes Vieira, uma carta de cumprimentos. E com franqueza, emendei e risquei o rascunho... Escrever ao Poeta não é, na verd.ª, coisa facil.

Mas enfim, lá foi a seguinte epistola:

«Ex.mo Sr. Dr. L. V. — As horas que passei em casa de V... são daquelas que deixam fatalmente recordação; o meu retraimento natural encontrou na sua fidalga hospitalidade dessa casa e nas homenagens recebidas um contraste benéfico, tipado a evocações que mentalmente ia fazendo ao ouvir V... conversar da epoca distante de Coimbra em que eramos novos. — Enfim, não quero magoar V... com banais agradecimentos; peço apenas licença para em breve (logo q. possa ir a m.ª casa) mandar algumas das bagatelas q. tenho impressas como lembrança afectuosa de amadôr sem nome a um dos altos espiritos da minha geração. — E ainda com os meus maiores respeitos, etc. etc. »

Deu-me trabalho mas ficou obra como se quér... Não se é impunem.te recebido no castelo romantico de S. Pedro de Muel.

Leiria.

Agosto: 22.

Escrevi ao Tomás da Fonseca, em resposta a um cartão no qual me péde informações acerca do major do meu regimento Jaime Tomás da Fonseca, primo direito dele por ser filho dum tio que por sinal era padre.

E' claro que o caso é até certo ponto melindroso. Uma carta pode perder-se e eu só tenho que dizer mal do dito major... De modo que arranjei esta forma de informação sem citar nome nem cargo.

« Meu caro T. da F.: Não o sabia em frente das ondas e submetido aos encantos da neta...[1]. Coisa terrivel é ser avô! — Mas vamos ao caso: a pessoa de que fala creio que tem mais vozes do que nózes; em tempo gosou de certa aurea politica, mas julgo que hoje não

---

[1] A carta vinha da Nazaré.

terá importancia para desmanchar planos desses. Quero até crer que não lhe convinha tal procedimento. Conheço pouco este ambiente político porque me não tenho afastado do sistema que uns pensam; ignoro os escaninhos onde se forjam as manobras e não sei bem, ainda, o grau de patifaria de que é dotado cada cidadão. Mas, repito, quero crer que a pessoa visada não tentaria qualquer ofensiva contra seu filho. — Se aqui estivesse o dr. Serafim, consulta-lo-ia acerca do caso; como não está, mando-lhe a consulta incompleta por não saber dá-la a valer. — Mas, continuo a dizer, fundado no que já aprendi aqui: cuido que não lhe deve convir meter-se no assunto. — E a respeito dessa pessoa teria que lhe contar bastante. Fica para outra vêr. — Os meus respeitos p.ª sua Esposa, etc. etc. »

O filho do Tomás, o António José Braz guinho da Fonseca, actualmente oficial do registo civil em Marvão, deseja ser colocado na Nazaré em cargo idêntico e receia a influencia do primo Jaime que lhe seria contraria — pois a velhacaria dos Ke era capaz, noutros tempos, de fazer

obstrução. Hoje, porem, creio que não seria capaz disso. Fóra das suas relações com o clero (não fosse ele filho de padre!) julgo que a sua influencia na Lixica é nula.

Leiria

Agosto: 30.

Hoje tive de escrever ao chefe do Estado-maior da Região, o Alfredo Ernesto da Cunha, por causa dum assunto que me parece curioso arquivar.

Ele aqui fica exposto:

«Pres.te Cor.el e Am.o: Esta epistola vai em logar de nota confidencial... Trata-se, me parece, de caso pouca importancia mas de que desejo dar conhecimento, pelo menos, ao meu caro Camarada. — Recebeu-se aqui um jornalsito dactilografado O Mosquito, feito no Deposito Militar Colonial e de que é director um 1.º cabo do meu regimento, cabo que eu não conheço por andar por lá ha anos. Vinha o jornal dirigido á corporação dos cabos. — O papel é inofensivo, segundo julgo; mas... como sabe, destas coisas inofensivas pras com outras q.e podem ofender... Apenas cer-

ta frase me pareceu mais digna de nota: "Porque não ha-de a classe sair "do marasmo em q. se encontra? Por- "que não havemos de procurar provar "que alguma coisa valemos?" Etc. — Isto póde não ter intenção má e é natural que seja simples rapasiada; pelo sim e pelo não e sem querer levantar lebre (talvez inconveniente) pensei q. tudo se resolveria da seguinte maneira: — a) Chamei os meus sete cabos e disse-lhes o que sobre o caso entendia e fiz-lhes ver o inconveniente de tais rapasiadas; — b) Fiz uma confidencial para o Deposito M.ar Colonial de modo a não melindrar, rogando fazer saber ao 1º. cabo director do periodico que achava má a ideia do jornal, que poderia ser mal interpretada a intenção e que, como seu comand.te me era desagradavel o facto, etc. etc.; — c) E, finalmente, dou-lhe conhecimento particular das alineas anteriores por me parecer, salvo melhor opinião, que por cá o caso ficou solucionado sem novidade e sem necessid.e de nele se mexer mais. — E aqui tem a razão desta epistola. — Os meus cabos são considerados bons; como ha dias disse em nota, merecem

confiança; por isso julgo que, por Infantaria 7, a questão está resolvida. E não o maço mais. Etc. »

E aqui está uma amostra dos entretenimentos dum comandante de unidade...

E ainda bem que ha com entreter...

Leiria.

Setembro: 1.

Recebi carta do Lourenço Chaves Almeida na qual me fala do Poeta Lopes Vieira e da m.ª visita a S. Pedro de Muel.

Diz o Lourenço que o Poeta ficou encantado comigo.

Nem mais nem menos: encantado! Era o que me faltava...

Coimbra.

Setembro: 10.

Ontem assisti á inauguração no pátio do Museu de Machado de Castro de um medalhão á memoria de Antonio Augusto Gonçalves, por iniciativa do Vergilio Correia.

Foi sessão fria, artificial, protocolar — sem nada que fizesse viver o passado, isto é: o ambiente especial ali

creado e desenvolvido com tanto gosto pelo fundador.

E para mais, a sessão foi presidida pelo governador civil substituto, um indiferente; e nas cadeiras da mesa da presidencia havia um vereador da Camara que não saberia quem foi o Goncalves e ainda um tenente, ajudante do General da Região...

O protocolo, apenas o protocolo.

Os jornais, hoje, dão a noticia, mas vida, como caso banal, nas correspondencias de Coimbra. Alguns, até, dão-na em meia-duzia de linhas para nos faltarem aos deveres.

E mais nada.

O Seculo é o jornal que dá noticia mais completa e por isso a arquivo eu por curiosidade.(1)

Vou pensar em escrever qualquer coisa para a Seara Nova. Necessito de desabafar — e dizer de m.ª justiça.

Quem viu, como eu vi, a assistencia á sessão e as suas expressões... O formalismo de tudo aquilo, o artificialismo do conjunto...

Pobre Gonçalves!

---

(1) No final do vol. a pag. 402-403.

Leiria.

Setembro: 19.

Ainda a-propósito da inauguração do medalhão a que me referi anteriormente, mandei hoje para o Lourenço Chaves Almeida esta carta:

«Meu caro L. de A. — Não houve tempo, no dia 9, depois da cerimónia da inauguração do medalhão do nosso velho Gonçalves, para falar com o meu Amº com a presença de importunos. — Vim do Museu desolado. Aquilo correu com toda a frialdade e formalismo. Teria valido a pena? Não lhe sei descrever a impressão que pairava enquanto a sessão ia correndo perante todos aqueles olhos e ouvidos entre os quais mem 10% estariam sinceramente. — De mais a mais, um dos amigos e admiradores do Mestre Glz. dissera pouco antes, na galaria medieval, perante o assentimento de outros amigos e admiradores e apontando para o novo arranjo da sala: — Agora sim! Isto já é um museu! Agora sim...

---

(1) Foi o capitalista conimbrigense António de Moura e Sá.

Enfim, fui para casa a pensar em tudo aquilo e ainda em se o trabalho do Costa Mota foi oportuno... — E tive assômos de escrever um artigo para a Seára, no genero dos do Gonçalves, desancando toda a vilanagem e chicoteando os fariseus. Mas não me lembrei da Censura nem dos tempos que correm... — E enguli em sêco e desabafei nas minhas memorias e agora aqui, com o Lourenço, á boa paz. — E aqui está no que consistiram as minhas pobres farroucas de D. Quichote; e quando cheguei a Leiria e reentrei na vida normal, estava já convertido pelos conceitos prudentes do bom Sancho Pansa. — Esta carta vai encontra-lo, certamente, de volta de Lamego; desejo q. suas Filhas venham bem e toda a sua familia gose o soosego e saude q. deseja. — Em começos de Outubro devo ir de licença; então falarêmos de espaço e até lá mande, etc. etc. »

Leiria.

Setembro: 23.

Ontem esteve aí o Pais de Sousa ministro do Interior. Mandei-lhe prestar honras militares segundo o regulamento, fui recebe-lo e assistir a tudo: á

conferencia eleitoral no teatro e ao almoço no salão da Camara.

O Quartel-general não gostou: o Chefe do Est.º Maior mandou-me um bilhete sêco e muito bem agarrado... Esta supremacia do exercito é muito interessante! Os generais sobrepostos ao ministros!...

Repontarei qualquer dia.

Em compensação, a passagem do homem do governo por esta excelente terra, correu o melhor possivel.

Logo á chegada, perante a guarda de honra, tive que ensinar ao ministro como deveria passar a revista. De entrada, deu-me a impressão dum camponio elevado á alta posição que tem sem transições de educação mais elevada.

A conferencia sobre o novo Codigo Administrativo não deixou de ter, para mim, o seu interesse; o homem não me parecem grande inteligencia, porem rábula como advogado de aldeia, com facilidade de exposição e certa clareza de forma.

A sessão foi frigidissima embora o teatro estivesse cheio; apenas dois nucleos de legionarios procuráram manter o entusiasmo, mas com alguma dificuldade.

Ao almoço, na Camara, com o champagne, houve maior animação; ali, mais em familia, as afirmações foram mais quentes — e subiram ao alto quando o ministro achincalhou as palavras Liberdade, Egualdade e Fraternidade esculpidas sobre as portas da sala das sessões. Houve até quem diesésse:

— Sim sr!... Boa piada!

E ficámos sabendo que o actual presidente da Comissão administrativa camararia pretendia fazê-las desaparecer como atentatórias dos principios do Estado Novo. O presidente é o coronel de Infant.ª reformado João Teles de Sampaio Rio. E o interessante é que o ministro disse a certa altura do discurso:

— Não faça isso, sr. Presidente. Deixe-as ficar onde estão como documento duma epoca passada e que não volta. Disse Vergilio que os prados beberam bastante...

E num esforço de memoria quiz citar a frase em latim:

— ...jam...jam...

Ora eu, que estava quasi ao pé dele, disse-lhe em voz baixa: jam satis prata biberunt... O homem ouviu, agradeceu-me com ligeira vénia e voltou-

se para o centro da sala e com voz forte repetiu o verso vergiliano...

Parte do auditório, porem, percebeu o meu auxilio. Houve certa admiração nos circunstantes principalmente nos padres que estariam longe de imaginar que eu sabia latim e ter, ali á mão, na memoria, aquele passo das Georgicas.

De tudo, foi para mim, este episodio o mais importante de todo o dia... E os próceres do Quartel-general a repontarem, sem verem que raros serão os comandantes que sabem latim e auxiliam os ministros desmemoriados!...

Ingratidão... Inveja...

Ora pois.

Uma sucia... todos eles, de cima a baixo. E adeante.

Guardo, por lembrança, uma gravura que veiu no Seculo, de Lisboa, que reproduz um aspecto da sessão no teatro e onde se conhece bem a m.ª pessoa, á direita do observadôr.[1]

E aqui está como vou á posteridade, no sequito dum ministro do Estado Novo, em sessão de propaganda!...

---

[1] No fim do vol.º, a pag. 404.

As voltas que o mundo dá e, como diz o Povo: ninguem sabe para que está reservado...

Leiria.

Setembro: 26.

Carta ao Alfredo Ernesto da Cunha, chefe do Estado-maior da Região, acerca do caso das honras prestadas ao ministro. E passa-se o tempo nestas bagatelas!...

«Caro Cam.da e Am.o — Ora venho reclamar da anual admoestação que me deu na sua carta de 22 do corrente; estou ainda dentro dos 5 dias da ordem e com a mais pacifica e amiga das intenções...
— Em primeiro lugar: não conhecia a determinação da Ordem á Região nº 48 de Setembro de 1933 (tempo em que estava fóra do serviço), determinação que agui parece esquecida porque ninguem me disse. — E assim, vou expôr as razões que me levaram a fazer o que fiz que não foi gesto para agradar ao ministro mas simplesmente consequencia do raciocinio e educação intelectual com q. cheguei aos 58 anos de edade e ao cargo de comand.te militar por mero mal e... dos outros. — O Governador civil comu-

ricou-me que que o ministro do Interior vinha oficialmente a Leiria; o Governador civil é a autorid.e superior do distrito e o legítimo representante do Estado,(1) pessoa, portanto, mais do que competente para dizer se o ministro vinha ou não á cidade; o regulamento diz claramente que, neste caso, o ministro tem direito a honras militares nos termos do §2.º do art.º 66. Ora que dúvidas poderia eu ter? — Ordenei que se prestassem as honras devidas e comuniquei para o Quartel-general, com a ingenuid.e própria dos meus referidos 58 anos que imaginára-mos que o comando da Região me daria a honra de o fazer representar! Daí a umas horas recebi um radio da Repartição do Gabinete da Guerra que me comunicava a vinda do ministro e recomendava não esquecesse o cumprimento do §2.º do art.º 66 do regulamento. — Vi assim confirmada a m.a interpretação pois o radio não ordena mas recomenda o que me parece a boa doutrina. — Aqui para nós, má ou péssima doutrina, é

---

(1) Hoje o exército não gosta de ouvir tal coisa. Depois de 28 de Maio de 1926 julga-se senhor absoluto e não quer saber de mais nada. Mal sabe ele quem, afinal, o manobra!

uma simples nota, como a referida na Ord. á Regias nº. 48 revogar um regulamento assinado pelo chefe do Estado e por dois ministros para valer como lei. — Profito: não conhecia a O.R. 48; mas respeito também: procedo sempre conforme a minha razão, a lógica aprendida ao longo de muitos anos de vida e de cultura e, neste caso, o critério civilista que a minha qualidade de militar não obliterou. — Para futuro, em casos semelhantes, o meu procedimento será outro, visto q. se estabeleceu, em simples nota de uma repartição dum Quartel-general, nova doutrina jurídica que, aliás, julgo facilmente revogada. E por-me-ha dado ver ainda um Quartel-general não autorizar honras a um ministro? O povo bem diz: ninguem sabe para o que está reservado... — Ora pois: a minha reclamação, como vê, tem pura base e dada esta explicação que entendo devia dar-lhe, como bom amigo, não o peço mais e procurarei sempre poupa-lo o mesmo possivel. — Quanto á minha ida a Tomar, ando hesitante desde Janeiro ultimo. A delicadeza tem certa delicadeza e gravidade e agora, com a solução do caso de 2º. comandante do

regimento, tem muito mais. Não sei, até, como seria interpretada; e os meus 58 anos aconselham-me cautela, tanto mais que não teveria provas autenticadas em papel selado com selo branco... Quem é incapaz de maldades, como eu, vê-se embaraçado com a indecisão. E depois... aconselha o meu D. Franc.º Manuel que quando a pedra sái fóra da mão, já não tem remédio. Adeante. Embora atêu, direi como o Barão de Agua da minha terra: Deus super omnia! — Ao fim do ano de comando conto ser alijado para dar lugar a outro, muito mais novo e... mais obediente. O que fôr soará. E os meus dizem que a lei de reformas desce o tempo de serviço para os 36 anos, já me sinto quasi liberto. — Desculpe a maçada. Teveia-me sempre, embora reclamante o mesmo, etc. etc. »

E aqui está em que se gasta o tempo! Bagatelas e parvoices.

O caso da m.ª deligencia a Tomar, a que chamo melindrosa e grave, era o da necessid.ª de expor no Quartel-general quem era a pessoa do major Jaime Tomás da Fonseca — deligencia na ver-

dade grave e melindrosa e, ainda mais, bastante perigosa para mim.

Pensarei.

Leiria.

Outubro: 3.

Fiz hoje 58 anos... Cinquenta e oito anos.

E para os comemorar fui a Vale de Lobos.

Mas já não encontrei o Herculano. Arvores velhas, frondosas; tanques de agua esverdeada; edificações da granja, lagares, adegas, etc. — ainda deviam ter visto o historiador, se não fossem as leriares á sua instalação; mas a casa que eu tenho nos olhos desde creança pelas gravuras do tempo, essa quasi desapareceu com transformações modernas em que já se vê o cimento armado.

A casa que eu tenho nos olhos, pelas gravuras do Caetano Alberto, seria para mim o contacto com o homem; no resto, arvores, tanques, lagares, tudo isso é comum a outras granjas e herdades. De modo que, perdi uma impressão de quasi indiferença.

Foi ali que o historiador se recolheu e de onde fulminou a reacção cle-

rical com algumas das suas mais belas peças de polemica; ali passáva os seus dias entregue á lavoura e á arboricultura — mas tudo isto lá vai ha 60 para 70 anos, ha mais de meio seculo.

E' certo que os campsonios ainda conhecem a quinta, como verifiquei, pela quinta «do sr. Herculano»; os cedros e platanos altos e frondosos ainda deram sombra a essa forte figura da nossa historia; mas enquanto eu procurava meditar no passado e fazer reviver naquele ambiente o Homem, sentia na estrada passar os automoveis velozmente, buzinando na curva abaixo do portão grande da entrada; e ao longe, para os lados da cidade, ouvi soturnamente o som rouco dum motor de avião.

Em resumo: não só não encontrei nada de Herculano nessa quinta simbolica que tanto tem povoado a minha imaginação em quadras (aliás muito frequentes) de desânimo; como tambem concluí que hoje, aquele retiro não era suficiente para a fuga do mundo. Ha setenta anos, Vale de Lobos seria deserto, perdido na massa de olivais ao norte de Santarem; hoje é quasi arrabalde duma cidade, com estrada alca-

troada á porta, ponto de passagem para o norte, buliçoso, portanto e devassado.

Enfim, assim passam as coisas do mundo; e estes meus 58 anos foram celebrados, como se vê, com mais uma desilusão.

Leiria

Outubro: 4

Ontem foi o passeio a Vale de Lobos p.ª encontrar Herculano inutilmente; hoje mais uma carta ao chefe do Estado-maior da Região ainda por causa do ministro Pais de Sousa.

O caso já não tem importancia, na verd.e; no entretanto aqui deixo a carta. Póde ser que para o ano 3:000 algum investigador lhe ligue interesse, mesmo ligeiro que seja.

«Pres.do Am.o e Cam.da — Não leve a mal as m.as caturrices... Fiquei pesarôso por o ver aborrecido com a minha reclamação, aliás feita com ar de graça. E' certo que, nessa altura, um conjunto de circunstancias me trazia o sistema nervoso em certa ebulição — mas simplesmente quiz assentar principios e definir criterios sem, por qualquer forma,

tocar nas pessoas. Este exercício do comando, para quem o toma a peito, deve ser coisa equivalente ao que se diz ser o suplício do potro na Inquisição: as cordas, se levantam dum lado a pressão, apertam por outro e assim se vai andando, sempre esticado e sempre oprimido. — Mas, enfim, não quero incomodá-lo mais; só lhe dizo que nunca leve a mal qualquer observação que de cá faça com aparência de vivacidade, pois também sei reconhecer, como sempre tenho afirmado, o multíplice do cargo q. o meu Am.º exerce com elevação, lealdade e esmerada educação. — Terei eu a sensibilidade pouco calejada? É possível e é muito natural; mas veja só em mim um amigo leal (como aliás reconhece) e um auxiliar do comando da Região interessado por que tudo corra bem, com prestígio para a classe e dignificação do cargo que exerço. Nunca se aborreça com os assomos de meu humôr; e como hoje está um dia excelente e ontem chegou minha Filha, vou dar um passeio pelos arredores para gastar o mais alegremente possível os restos do verão e arejar um pouco dos trabalhos normais. Creia-me, etc. etc. »

É isto... Bagatelas, amúos, desculpas, tágatés e... pronto. Não ha maneira de sair deste fadário.

Ao menos, em compensação, poderei dizer que ainda ha frió...

Coimbra.
Outubro: 20.

Tive de escrever ao Poeta Lopes Vieira com desculpas por não voltar a S. Pedro de Muel como naturalmente prometera em Agosto passado.

A carta fica no vol.º da "epistolografia" a pag. 186, com o nº. 125.

Coimbra.
Outubro: 21.

Lá foi hoje uma longa missiva para o Diogo Armando de St.ª Leiro, que conheci em Abrantes e foi sempre um bom e dilecto companheiro.

É missiva deliciosa e, deve dizer-se, merecida. Fica com o nº. 126, a pag. 187 do vol.º respectivo.

Coimbra.
Outubro: 24.

Ainda outra carta e desta vez a um artista — ao pintor José Serra da Mota,

de Alenquer, com o qual, durante a minha permanencia ali, me dei muito bem. Varias veres frequentei a sua sala de trabalho, cheia de encanto como é natural e em uma dessas visitas ofereceu-me um quadrinho a oleo que eu muito estimei e afrecio.

Enfim, lá vai a carta. Fica no vol.º respectivo a pag. 180, com o nº. 127.

Coimbra.

Outubro: 26.

Escrevi hoje ao Mario de Vasconcelos, governador civil de Leiria, acerca do meu sobrinho Henrique. Vagou o cargo de Conservador do registo civil da vila de Constancia, cargo de pouco rendimento, mas o rapaz quer colocação qualquer, para começar.

A carta lá foi. Já em Tempo falei ao Vasconcelos no Henrique e ele, como bom politico, fez-me grandes promessas. Confesso, porem, que saí do gabinete com a impressão de que o homem ficou com a intenção de se não preocupar com o meu pedido. Mas, enfim, a carta lá foi — e vamos a ver o que sái da deligencia.

Leiria.

Novembro: 13.

De volta a Leiria, com a licença disciplinar acabada... E logo tive, ontem e ante-ontem, a terrivel inspecção aos quadros regimentais esperada com certo receio e, ao mesmo tempo, curiosidade.

O brigadeiro Arnaldo de Melo já conhecia o regimento; mas eu tinha interesse em que, agora, o pessoal se apresentasse melhor que nas ultimas inspecções. E á chegada, quando apresentei os cumprimentos de corteria, afirmei logo, com firmeza, que o regimento de Inf.ª 7, ao contrario do que seria natural, esperava a inspecção com interesse e sem medo porque, embora tivesse muito prazer em ser o melhor de todos, o seu desejo era demonstrar ao inspector a boa vontade em se instruir e demonstrar que tinha trabalhado. E para a consciencia de todos e, em especial, da minha, isso era o suficiente.

Parece que este modo de falar, novo com certeza p.ª o brigadeiro, lhe causou certa impressão. Ao responder, quando agradeceu os cumprimentos, disse notar com agrado as m.as frazes, mas não

se admirar delas pois (textual) : "quer
"a Região quer a direcção da Arma, con-
"vem-se em ter V. Ex.ª como comandante
"de unidade por ser pessoa particularm.te
"indicada [redacted] como competente, para
"orientar a instrução . . . » E terminou
por dizer que nada se admiraria se o re-
sultado da sua inspecção fosse o melhor
possivel.

Eu, ao ouvir estas amabilidades,
fiz uma ligeira vénia de modestia . . .

Mas fiquei alerta ! Fui adiante de
mais. E se os homens se não aguentas-
sem ?

Felizmente aguentaram-se. Os in-
terrogatorios foram apertados e exigen-
tes. Mas os oficiais, com excepção de dois,
responderam bem e alguns, até, muito
bem.

Ao despedida, ontem, o brigadeiro dis-
se deante de todos que, até agora, era o
melhor regimento que encontrára ; fal-
taram-lhe, ainda, alguns, mas este en-
chera-lhe as medidas — e acrescentou q.
compreendia então bem as minhas pa-
lavras nos cumprimentos de entrada :
realmente, com tal preparação, era na-
tural que o inspector fosse esperado com
interesse e não com medo.

Etc. etc. Feicunfei, afinal.
Mas... Sobre Feicunfo!

Leiria.

Novembro: 26.

Hoje houve festa no Liceu da Terra: abertura solene com oração de sapiencia. E a oração de sapiencia dita por um padre, o professor de moral.

Em todo o corpo docente, o unico em condições de orar, era o padre — que meu professor é...

Mas o que mais me impressionou foi o seguinte: a mesa da presidencia era constituida pelo coronel Teles de Campaio Rio que representava o governador civil e que tinha, á sua direita o representante do bispo e á esquerda eu, como comandante militar. Pois o P.e Calamba de Oliveira ao começar a oração de sapiencia, curvou-se perante o conego representante do bispo o mais seraficamente possivel e disse:

— Rev.mo e Ilustre representante do Ex.mo Bispo da Diocese!

Depois, voltou-se para mim, mas já de esfinha direita e disse:

— Senhor comandante militar, representante do Exercito!

E por fim, para o coronel Teles, no mesmo tom:

— Ex.mo Representante do sr. Governador Civil!

Como se vê, a ordem dos cumprimentos é perfeita: primeiro, a Cruz; depois, a Espada; e no fim, o Estado...

Fiquei assombrado com a audácia. Nunca vira coisa semelhante. Mas vi agora, em Leiria, no ano de 1937, no 12º ano da Salvação Nacional — e com assentimento e gosto de todos.

Quanto á oração de sapiencia...

Não valerá a pena mencionar. Foi, verdadeiramente, um artigo de qualquer jornal reaccionario contra o Liberalismo e a Republica. Parecia um artigo d'A Voz, da pena do Fernando de Sousa.

A audacia destes pulandrins!

E o reitor, o Agostinho Pinoco, blandicioso, balado garante tanta e tão boa eloquencia!

Adeante. Para que fazer comentarios? Os factos ficam apenas registados e basta. E' inutil comentar. Quem, de futuro, ler isto, virá a conclusão que muito bem entender.

A' vontadinha!

Leiria:

Dezembro: 6

Começam hoje, em Coimbra, os festejos do 4º. Centenario da instalação definitiva da Universidade.

Deve haver, como é natural, festança rija. No Diario de Noticias, de Lisboa, o Queiroz Veloso publica um artigo de fundo acerca do caso. Faz a historia sucinta da Universidº., refére-se ao seu poder de expansão no seculo XVI, a sua influencia no País, etc. etc. — Tudo muito bem, sem aliás dar qualquer novidade. Artigo banal no fim de contas, que não corresponde ao nome que o assina.

Mas no fim, como girandola festiva que tambem não corresponde a idade do signatario que parece deveria ser mais independente, vem um periodo que merece arquivo; ei-lo:

« Ao seu corpo docente pertencem as mais altas figuras do Portugal Contemporaneo: o Cardeal Patriarca de Lxª., D. Manuel Gonçalves Cerejeira; e o Presidente do Conselho de Ministros, doutor Antonio de Oliveira Salazar.

« Nestes dias de festa espiritual [...] exaltemos, com entusiasmo e emoção

a gloriosa Universidade de Coimbra!»

Assim termina o artigo esse ausbigo professôr do Curso Superior de Letras e Historiador seguro, que deveria respeitar um pouco mais os seus 77 anos.

A gloriosa Universidade...

Leiria.

Dezembro: 8.

Dia da Padroeira de Portugal. Feriado nos estabelecimentos de ensino. Entronização do Crucifixo nas Escolas Primarias. Procissão. Etc. etc.

A reacção ás soltas.

O Tempo, porem, não deixou fazer a parte do programa das ruas. Só se fez o que se poderia ~~xxxxx~~ realizar debaixo de telha, sem perigo de chuva.

Recebi, como comandante militar, varios convites que tive o prazer de não aceitar. Guardo, porem, um, o mais completo, para memoria futura, para os vais leitores que um dia lancem os olhos sobre estes manuscritos.(1)

A entronização foi organizada pelo Inspector primario distrital e mais pro-

---

(1) No fim do vol. a pag. 405 e 406.

fessores e professoras oficiais, isto é, do Ministerio da Instrucção e por consequencia do Estado que está, por lei, separado da Egreja...

Mas ha um caso curioso para anno-tar e que parece ser prova de que os dirigentes ainda sentem a consciencia a dizer qualquer coisa: a Censura recebeu ordem para não deixar os jornaes falarem no assumpto; segundo eu vi na circular respectiva a razão ou razões allegadas são: «para não perturbar o espirito publico» e ainda para evitar sanssões disciplinares contra os jornaes como já se teve de usar pelo mesmo motivo.

«Para não perturbar o espirito publico!» Que bella frase!...

A consciencia ainda vale para alguma coisa.

— 1938 —

Coimbra

Janeiro : 2.

Começa o ano com cartas para aqui e para acolá. Não posso fugir á epistolografia...

A Grande Enciclopédia Luso Brasileira mandou-me uma circular em que me convidava para continuar com a colaboração. Respondi que sim, que continuaria a colaborar e enumerava os artigos que recentemente mandei e os que me proponho fazer como o Casal Novo (1811) Cruz dos Morouços (1828), etc.

Escrevi também ao velho amigo dr. José Cardoso, inspector do Notariado, em resposta a carta dele a qual, não sei se por brincadeira, trata de certas formas filológicas como se eu fosse entendido em tais assuntos.

Lá respondi, em ar de brincadeira, não vá ele julgar que tomei a peito a especie de consulta feita. O extracto da carta fica no vol.º respectivo, a pag. 191, com o n.º 128.

Leiria:

Janeiro: 5.

Mais outra carta... Hoje foi para o dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos a quem devia agradecer a oferta do prim.º volume dos seus Escritos Varios — compilação dos trabalhos dispersos que a Faculdade de Letras em homenagem ao seu fundador, director e Defensor vai publicar em quatro grossos tomos aparatosos.

Segundo me disse uma vez, queria fazer a oferta pessoalmente. Porem, a minha ausencia de Coimbra e a incerteza das minhas escapadas a casa, fizeram com que se limitasse a mandar-me o volume por qualquer portador.

Lá foi pois a carta, amavel, como seria natural em tais casos.

Em todo o caso, a respeito do dr. Vasconcelos, devo dizer aqui, para ser verdadeiro, que... quem o não conhece que o compre.

Leiria.

Janeiro: 26.

Os protestos do exercito contra os tres decretos-leis de 31 de Dezembro ult.º, foram o grande golpe, me parece, que o Salazar recebeu.

Os militares de Lisboa e Porto faltaram-lhe ao respeito... Quem o havia de dizer!

O homem invisível e intangível teve, no caso, o seu mau quarto de hora. Ainda hoje, o Peixoto e Cunha (que aqui vem despedir-se porque se vai embora) me contou que o homem ficou amachucado.

Mas, é claro, como bom jesuíta, recuou porque não podia fazer outra coisa — mas... para depois avançar.

E que avanço será?

Eles são tão impenetraveis!

Por aqui e, pelo menos, no meu regimento, nada se passou de anormal; eu não reuni oficiais ou sargentos e mostrei q. nada havia que discutir. E perante a pregunta do general sobre o que se dizia e razões do mal-estar ou descontentamento, eu respondi com a nota seguinte:

« Leiria: 9 de Janeiro de 1938. Confidencial nº 2. — {...} — Em referencia á nota nº 1, confidencial, de 6 do corrente, informo V... para conhecim.to de S. Ex.ª o General com.te da Região, de que os diplomas a que a mesma se refére provocá-

ram, muito naturalmente, grande curiosidade entre os oficiais, sargentos e cabos; foram, também, naturalmente objecto de conversas e ligeiras discussões — mas tudo com o fim de procurar, cada um, a melhor interpretação para o seu caso e não com intenções de protesto ou má vontade. É certo que alguns oficiais sentiram certo desgosto por abandonarem o serviço mas compreenderam bem, dentro do espírito disciplinado que tenho reconhecido em todos, o alcance necessário das medidas tomadas. Em conclusão: creio poder afirmar a V... que nesta unidade não se esboçou qualquer sombra de protesto, ou até de simples má vontade e devo salientar que um dos oficiais atingidos, que era tesoureiro do conselho administrativo, continuou, por oferecimento expontaneo a fazer serviço até liquidação do ano economico passado e pôr ao corrente dos assuntos pendentes o oficial que o substituiu. — a) BP. »

Esta nota que poderá parecer pueril tem a virtude de ser verdadeira. Realmente, tudo assim se passou, mas não satisfez o general que, no dia imediato me mandava «concretizar as anomalias ou deficiencias notadas nos difo-

mas eu questão.» Poderia responder que diplomas emanados de cerebros de tão alta capacidade não poderiam ter deficiencias ou anomalias... Mas não fui tão longe porque, realmente, seria ir longe de mais. Respondi pacatam.te com esta outra nota:

«Leiria, 12 de Janeiro de 1938. — Confidencial nº 3. — [...] — Respondendo á nota confidencial nº 6 de 10 do corrente, informo V... fº conhecimento [...] de que nesta unidade ninguem me apresentou qualquer exposição ácerca de deficiencias ou anomalias notadas nos diplomas ultimam.te publicados; tudo se passou como resumidamente expus em minha nota nº 2, confid.al, de 9 do corrente. Apenas se levantaram algumas duvidas de interpretação em consequencia de certas omissões, mas desfeitas já por explicações dadas superiormente, e outras serão apresentadas a V... nos termos da nota nº 5 de 10 do corrente. Desde que as reuna e ofrecie convenientem.te com a rapidez solicitada e necessaria.»

Continuava a falar verdade. Tudo se passou assim. E no dia seguinte, 13,

escrevendo ao chefe do Estado-maior Alfredo E. da Cunha, entre outras coisas dizia-lhe:

«.... Lo que me diz a estas alterações ou trapalhadas para empregar eufemismo decente? Tenho andado incomodado com tudo isto, não pelo meu regimento onde tudo passou como devia passar, mas pelo mau efeito e pelas consequencias inevitaveis que virão dos sucessos. — Eu não sei o que se pensará do 7 onde não houve protestos nem simples comentarios, quando afinal todas ou quasi todas as unidades se mexeram, reuniram, escreveram, falaram, etc. etc. Eu tenho respondido como tem visto porque, com franqueza, não deveria inventar ou transformar; e tive o consôlo de ver que os oficiais e sargentos confiáram absolutamente em mim e a sua atitude foi de completo respeito pelo comando. — Talvez vissem mal e eu talvez tambem veja mal; mas o Regulam.^te Disciplinar não sofreu abalo... — Amanhã ou depois, conto mandar, como disse ontem, nota de algumas duvidas ou pedidos de esclarecimentos — e nisto se cifra a contribuição que o triste 7 dará para esta des-

graçada crise. — Bem, já estou a falar de mais... E o momento é mais proprio para silencio. Creia-me, etc. »

Mas, em 14, outra circular do Quartel-General dizia que o general encerrára a recepção de exposições e consultas; que já expusera pessoalmente ao ministro a sintese das reclamações e tudo seria resolvido com inteira justiça...

Isto deu-me a impressão de mêdo e de certa desorientação. Chegávam confidenciais relativas a movimento de caracter extremista, relacionado com espanhois; diziam as mesmas confidenciais que era necessario cuidado especialmente nas guarnições da fronteira onde o trabalho de aliciamento politico era constante, etc. etc.

Os dirigentes não sabiam bem de onde lhes viria a chuva.

Em 20 passou-se a prevenção ligeira, com um piquete armado de prevenção, com pernoita de um oficial superior no quartel.

E assim se tem vivido, sempre á espera de qualquer coisa que ninguem explica com acerto. Mas o que é certo, de tudo isto, é que o Grande Homem recuou e

teve que engulir em sêco — se bem que não acredito que se deixe ir abaixo.

Notícias particulares reproduzem a reunião dos comandos com ele, em Lisboa. Deveria ser coisa "épica": dum lado, um rábula jesuita que encolheu momentaneamente as garras pela força das circunstancias; do outro, uma serie de embecís agaloados que se julgam com força e sairam, certamente, encantados e satisfeitos da conversa.

Encantados, satisfeitos e, com certeza, comidos.

A carta que copio adeante e é do tenente de Cavalaria Jaime Fonseca, filho do meu tenente-coronel Jaime Tomás da Fonseca, resume outras informações recebidas quer verbais quer escritas.

O Grande Homem, como era natural, comeu-os a todos — e fez muito bem. Vale mais que todos os comandos reunidos e multiplicados; e, ainda por cima, é jesuita. Logo, deve vencer, e estou convencido de que vencerá com estrondo. E' questão de tempo e de se sentir seguro. Verêmos.

O exercito julga que brinca com ele, julga que tem o poder... Coitados dos pobres titeres!

Ora a carta é a que se segue. O seu autor foi ajudante do general Domingos de Oliveira e é rapaz muito metido na politica situacionista.

« Algés, 11 - Jan.º - 1938 — (...) — O comandante, hoje, tocou a oficiais e fez uma exposição dos assuntos ontem tratados na reunião com Salazar. Este recebeu-os bastante amavelmente e falou-lhes durante 3/4 de hora, focando assuntos capitais da vida não só interna como internacional e por ultimo tratou dos ultimos ~~pa~~ diplomas publicados á volta dos quais se tem dito o maximo que possa imaginar. No que diz respeito á vida internacional, focou a gravidade da situação e disse que Portugal nunca, em tempo algum, da sua historia gosou da consideração e respeito que lhe são prestados actualmente. Frizou que a propria Inglaterra é quem fez as maiores delipencias no sentido dos interesses dos dois paises não serem em nada lesados, engrandecendo cada vêr mais a aliança. Por ultimo e em referencia ás reformas publicadas, reconheceu haver erros de tres categorias, uns impossiveis de realizar, outros anomalias e alguns que ele classificou

de barbaridades. — Disse a este que o exercito tinha sido cumpridor ao maximo e tanto que até actos de desumanid.e tinha feito e relatou o que se passou em Caçadores 5 com o 2º comand.te que foi atirado pelo limite de idade e vinha em casa do regimento, a quem foi dada ordem de imediato despejo. Isto, dizia ele, era o maximo de espirito militar, porquanto este oficial era seu entender dever ficar na sua casa até tratar por completo da sua vida. — Todos os erros que já se notaram, alguns por ele mesmo, e todos os que forem aparecendo vão ser remediados. Nesta ordem de ideias todos os oficiais que estavam nº 1 para serem promovidos e que reem todas as condições de promoção que foram atirados pelo limite de idade, vão ser promovidos na primeira ordem do exercito. Os coroneis que estavam no 4º grau e já tinham recebido guias por serem atirados, foram mandados apresentar novamente afim de continuarem o curso. — Os cabos artifices, ferradores, serralheiros, etc. que perdiam bastante dinheiro continuam a receber o mesmo que até aqui. — Os 1os sargentos artifices que foram reformados por deixar de existirem no seu quadro e não tinham o tempo necessario para reforma, já está

eu estudo o seu caso para ser resolvido da melhor forma possivel. Fez tambem referencia ao boato de que o exercito o queria correr do governo e que ele se estava opondo ao exercito. Sobre este assunto frizou que nunca se opoz nem se oporia, pois se ali estava era porque o exercito lá o tinha posto e que se esse mesmo exercito quizesse, deporia immediatamente a sua posta, mas ficaria depois o exercito com a responsabilidade do que depois viesse a suceder. Fez ver a ruina que viria ao paiz de qualquer manifestação de desordem neste momento, etc. etc. — Estes são os pontos mais importantes. — Todos os coroneis de lá vieram com a melhor das impressões e fazendo-lhe justiça. — A alta esphera agora está melhor de uma maneira geral. {...} — Seu filho m.to amigo (a) Jaime. »

O Tenente Jaime não tem grandes noções de estilo litterario, mas a carta fala como escritura... O Grande Homem falou-lhes com a habilid.e de jesuita e comeu os com todas as regras. Declarou-se indisposto, anunciou perigos vagos que viriam da sua retirada — e os coroneis ficáram babados de gôso e vieram com

a melhor das impressões...» Gostaria muito de assistir a esse espectáculo que devia dar bem ao Salazar a medida do valor moral do exercito.

E julga o exercito que é ele quem manda! Coitado dele.

Leiria.

Janeiro: 28.

Passa hoje o 30º aniversario duma revolução abortada em Lx.ª na qual os dissidentes do José Alpoim entraram de leraço dado com os republicanos. Já lá vão 30 anos... Estava eu então em Valença do Minho muito tranquilo da m.ª vida.

Bem. Eram outros tempos que, na verd.ª, faziam dizer: as voltas que o mundo dá! E realmente dá muitas voltas...

Isto vem a propósito, ou melhor, a despropósito do grande escandalo de hoje, da bomba que hoje rebentá.

Ora veja-se:

A ordem á Região n.º 6, de ontem, e hoje aqui recebida, comunica entre outras coisas o seguinte:

«1º. Louvores:

Sua, por determinação de S. Ex.ª o Ministro da Guerra, louva os oficiais abai-

xo designados por "voluntaria e desinteressadamente, terem cooperado na instrução ministrada aos filiados na Legião Portuguesa, demonstrando com o seu gesto possuirem um elevado espírito de civismo, zelo e dedicação pela causa pública, tornando-se assim credores do reconhecimento dos poderes públicos."

Regimento de Infantaria nº. 7:
Coronel Belisario Pimenta,
Tenente António Paula Santos e
Tenente José de Oliveira Neto.»

Era o que me faltava! Louvado pelo «espírito de civismo, zêlo e dedicação á causa publica» demonstrados na cooperação á Legião!

O que irá, por aí, de comentarios e de risinhos! E então os meus ilustres amigos de Coimbra, quando souberem, o que dirão!

O caso, porem, explica-se facilmente; e aqui deixo a explicação — não vá um dia a Historia lançar-me em carga a acusação de legionario...

O meu Ten-cor.el Jaime Tomás da Fonseca queria ser o comand.te distrital da Legião; a sua vaidade não admitia que outro qualquer oficial fosse capaz de

exercer o cargo. Aconteceu, porem, que o primeiro nomeado fosse o major de Artilharia Henrique Pereira do Vale, meu velho adversario politico e de quem me está sempre a dizer mal. Passado algum tempo, o Pereira do Vale foi demovido sem que nem para que por intrigação (dizia-me á bôca pequena) do dr. Bissaia Barreto e foi proposto, aceite e nomeado o capitão do meu regimento Ramos Silva, não só adversario mas inimigo do Tenente-coronel Fonseca, na altura em q. este fazia esforços e muito altos empenhos para ocupar o cargo.

Daqui nasce continua luta entre o tenente coronel, como 2º comandante do regimento e o capitão como comandante da Legião. O Tenente-coronel opunha-se pois a todas as solicitações da Legião, informava mal, etc. e eu tinha constantemente de o chamar á ordem e fazer-lhe ver a razão. Muitas vezes, em ofícios do Ramos Silva, o Fonseca punha a informação: «Não póde ser concedido o solicitado»; e eu, depois duns reparos, punha, por baixo, o seguinte despacho: «Concedido.»

Ora tive que acabar com este dize tu direi eu, determinando que os rela-

ções entre a Legião e o Regimento ficá-vam dispensadas das informações do 2º. comandante deste; e que a correspondencia daquela viria directamente ao comando da unidade.

Acabei assim com a intervenção do Fonseca, sempre vinpativo e desfeitado, que me obrigava a constante atenção para evitar conflitos.

Ora o Ramos Silva expôz o caso ao general Casimiro Teles, comand.te geral da Legião e, pelo eu saber, propôz o louvôr. Não sei se o Teles concordaria muito, mas a verd.e é que o louvôr veio, por cumprêza e com certa graça, diga-se a verdade.

Era, pois, o que me faltava. Apenas concedia á Legião o que o ministro da Guerra autorizou — e mais nada. Manifestei indiferença perante a creação dessa organismo politico, mas não deixei que o meu ten.te-cor.el me colocasse em conflito, com esses novos defensores da situação, simplesm.te porque é um desfeitado e um velhaco.

E aqui está a origem do louvôr. Simplesmente o desfeito e a velhacaria do meu 2º. comandante fizeram com que a minha atitude podesse parecer de «cooperação» e simpatia pelos legionarios. A

Historia, pois, que vinha conta do caso que aqui fica exposto não porque me queira defender, mas para dar, como dizia Fernão Lopes uma «clara certidão da verdade.»

Mas, realmente, pouquinha pouquinha, é caso para dar parte... Eu, dado por legionario zeloso e dedicado... é, na verdade, de escacha!

Guardo ademais o extracto da ordem regimental, para documentar devidamente o episodio.(1)

E pronto. Não se fala mais nisso.

Leiria.
Fevereiro: 9.

Para mostrar, como curiosidades, modelos de literatura militar, guardo, neste volume, copia da despedida do general Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha que larga o comando da Região e a proclamação do brigadeiro Coelho Menezes que assumiu o mesmo comando.

Qualquer das peças se publicáram na ordem á Região e parece-me que vão lá a pena guardarem-se para proveito e exemplo...(2)

---

(1) No final do vol. a pag. 407.
(2) No final do vol. a pag. 409-413.

Torres Novas.

Março: 14.

Depois de considerado apto na Junta de Inspecção q. reuniu no Hospital da Estrela em 25 de Fevereiro passado, aqui estou em Torres Novas, na Escola Pratica de Cavalaria, desde ontem á noite, para efeito de estagios preparatorios para o curso de Caxias e mais provas superiores.

E' a maior aventura, valha-me (ou com certeza) em que me vejo envolvido desde que me conheço.

O que é que sairá daqui, com o meu temperamento, os meus habitos e as minhas predilecções todas contrarias a isto em que me vejo envolvido?

Se conseguir chegar ao fim, verificarei que eu e os poucos experto em os instrutores, assistentes e examinadores não inferiores, não direi em absoluto mas quasi...

Depois...

Ontem, a seguir ao jantar, na sala da Escola, os oito ou nove coroneis que primeiro chegaram, ao fazerem horas para deitar, conversaram, como é natural. Eramos todos de 55 anos para cima. Pois a conversa não teve qualquer aspecto elevado como seria de esperar em creaturas

22

que se propõem a generais; caiu simplesmente na anedota fresca, ás veres obscêna, com recordações de cênas escabrosas da mocidade.

A mentalidᵉ em que me vejo envolvido é esta. E não dá para mais.

Começáram os trabalhos. O coronel tirocinado Manuel Latino é o director do estagio. Mantém a mesma antiga linha do cavaleiro dos concursos e por varias veres nos falou como perceptor, e por igual numero de veres disse asneiras e banalidades, coitado, porque não é capaz de outra coisa.

Disse, por exº, que o oficial de Cavalaria não pode ser metodico nem ponderado: tem de ser um pouco maluco... sem o q. não é cavaleiro!

Parece um bom ratão. E disem que é boa pessoa.

De-mais, verifico, de novo, a dedicação e espirito de arma, na oficialidᵉ da Escola Pratica. Realmente trabalham e sabem do oficio, principalmente o major Afonso Talaia de Sousa Botelho, a alma da Escola e que é bem a expressão mais completa do oficial moderno, que sabe aliar o existente ás necessidades da evolução e o valor da ciencia ás exigencias da pratica.

Torres Novas:

Março: 18

Termináram os trabalhos. O Manuel Latino encerrou-os com uma frase de genio:

— V. Ex.as viram trabalhar a Cavalaria em todas as suas modalidades: desde a esquadra de linha á brigada hipotetica...

Foi assim que o futuro brigadeiro dirigiu o estagio: o seu esforço mental foi moderado; o cançasso foi minimo. Exposição pitoresca sempre a lembrar o antigo cavaleiro dos concursos, exuberante mas vasio.

Deu conselhos e, alguns, sensatos, diga-se a verdade; e teve sempre o cuidado de não entrar nos assuntos de maneiro precisa, porque, de certo, não seria capaz de o fazer. Foi, porem, simpatico e algumas veres fez rir com a forma descuidada com que dava os seus conselhos.

Uma ver disse-nos que nunca nos esquecessemos, no exame final, de aplicar a aviação. E explicava:

— Sim, porque se eles lá fazem aparecer uma esquadrilha é para lhe dar missão. Não se esqueçam! E qualquer missão que seja, mesmo que seja a de mandar saber se chove lá em baixo...

E assim, entre o pitoresco das falas do Manuel Latino e a seriedade e honestidade das prelecções do major Afonso Botelho, se passaram cinco dias.

E nunca mal.

Tancos.
Abril: 27.

Com baladas, de Escola Prática para Escola Prática, não tive tempo para impressões como tentei em Torres Novas.

De 21 a 25 de Março em Vendas Novas na Escola Prática de Artilharia; de 29 de Março a 2 de Abril, em Lisboa, na Escola de Transmissões, na Serra de França; de 6 a 12 de Abril, na Escola de Aeronáutica, em Sintra, onde fiz dois vôos magníficos em 7 e 8. E agora, aqui em Tancos, desde 21, às voltas com a Engenharia, não só a da Escola Prática como a do Batalhão de Pontoneiros.

Ora não quero deixar de lembrar que nesta barafunda de estilhaços me encontrei alheado, aqui, a fazer versos...

E deixarei arquivadas essas produções poéticas, nascidas da enfadada vaidade do actual comandante da Escola de Engenharia, major Soares Lilhão (interino há muito tempo, mercê de favores do

actual sub-secretario da Guerra) que é completo no genero <u>aldrabão</u> e na espécie <u>mariola</u>.

Pela epigrafe se verá mais ou menos do que se trata:

«Pedido feito ao coronel Ribeiro da Fon
"seca, director da Aeronautica, durante
"uma conferencia que durou 4 horas e 20
"minutos feita pelo major Soares Lilhão.
"O pedido foi mandado ao seu destino
"quando a conferencia durava já ha 3 ho
"ras e 30 minutos:

«Oh Ribeiro da Fonseca!
Você que é homem de acção,
Veja lá se é capaz
De nos livrar do Lilhão.

«Convide-o para voar:
Peque nele para cagaço!
E em chegando aos 1:000 metros,
Atire com ele ao espaço.

«Mas como oiço dizer
(Não sei se será verdade)
Que ele tem por privilegio
Resistencia á gravidade,

«É sempre bom, diga bem!
Bem lhe quebrar nenhum osso,
Antes de o deixar cair
Torcer-lhe bem o pescoço...»

O Ribeiro da Fonseca, velho aviador e actualmente director da aeronautica militar, faz parte da turma de coronéis estagiarios.

A versalhada teve exito, andou de mão em mão. Não sei se alguma indiscrição fez com que o riscado a lêsse. O que sei é que o autor nunca se identificou bem. Houve até uma corrente entre os estagiarios que dizia que o autor deveria ser o José Rodrigues Baptista, Valmor por ser formado em direito...

Mas não fiquei por aqui em versalhada. Fiz correr esta outra cuja autoria ficou tambem desconhecida:

«Saúda ao major Soares Dinis, em forma de estrofe pindarica:

«Ah imponente, magnifico!
Aspecto de sabichão:
Saber profundo, mirifico!
Mas no intimo, no são,
É aldrabão!»

Coisas inocentes, como se vê, e que não fazem mal a ninguem. E sempre eram um desabafo...

Leiria:

Maio: 12.

Apresentei-me hoje no regimento depois de correr as Escolas Praticas. Tancos acabou em 28 de Abril; depois ainda estive na Escola de Mafra de 4 a 10 deste mês. Da visita a cada escola tive que fazer um relatorio — peça que escrevi com forma literaria mas creio que sem súco; é possivel, porem, que agradasse.

E aqui estou novamente, á espera q. novo grupo de coroneis corra como eu as escolas praticas para depois irmos conjuntamente para Caxias — para essa especie de universidade militar.

Esperêmos, pois, com paciencia pela aventura em que me vou meter.

Leiria.

Junho: 12.

Foi hoje uma carta para o Tomás da Fonseca. Trata-se ainda do artigo acerca do Caminho de Boialvo que eu julgava emperrado na Revista Militar. A carta fica com o nº 129, a pag. 193 do volº respectivo.

Leiria.

Junho: 16

Outra carta... Muito escrevo eu! Desfaço-me eu epistolas, co'os diabos!

Hoje é para o Gastão de Melo de Matos, simples carta de atenção a proposito de referencias que me faz em artigo publicado no Boletim do Arquivo Hist.º Militar.

Fica no vol.º respectivo, a pag. 195, com o nº. 130, de ordem.

Leiria

Julho: 31.

Mais outra carta, ao fim de mês e meio de vida monotona, embora cheia de trabalho. É para o Ferreira Lima, e versa variados assuntos.

É um bom amigo, este Ferreira Lima. Quando lhe escrevo sinto-me bem, como se conversasse á boa paz no seu gabinete do Arquivo ou no seu escritório da residencia, sentado em cadeira garraiteana, e rodeado de objectos e recordações do Poeta das Folhas Caídas. E sem querer, deixo correr a pena e sái epistola de legua da Povoa, como se não tivesse q. fazer mais nada.

A carta fica no vol.º respectivo, com o nº. 131 a pag. 195.

Leiria

Agosto : 8.

Ha dias, o ajudante do regimento, o tenente Ant.º Paula Santos, mostrou-me uma carta do coronel José Cristão de Bettencourt, na qual, como futuro comandante de Inf.ª 7, dava certas indicações sobre alojamento, infestio, etc.

Achei estranho que este coronel escrevesse assim ao ajudante, sem qualquer atenção p.ª comigo. Mas o principal foi que esta carta veiu dar-me rebate de que iria ser desalojado do comando — sem qualquer aviso ou atenção.

Os tempos vão assim.

Depois, um dos meus majores que foi a Lisboa ha dias, tambem me deu parte de que constava a m.ª saída do regim.to p.ª dar lugar a outro...

E hoje, finalmente, chega-me o aviso, quasi oficial, do proximo despejo. Vou ser transferido para o Distrito de Recrutamento e Reserva n.º 7 para dar lugar ao coronel Bettencourt que quiz vir para Leiria porque tem casa em S. Martinho do Porto para passar o verão — e não lhe convinha ir para Bragança ou Beja ou qualquer outro comando em casos de nôlha.

Os tempos vão assim...

Tudo isto provocou mais uma carta ao chefe do Est.-Maior, Alfredo Ernesto da Cunha, que é como segue:

«... Já me vinham aqui chegado certos zuns-zuns de breve ordem de despejo. O major que há dias foi ao enterro do miliciano morto em Espanha, ouviu qualquer coisa nesse sentido ao chefe do gabinete do ministro. Mas muito alertado pelo seu aviso e pela explicação que me dá dos motivos. Tenho a consciencia de que não haveria outra razão para a baixa de posto. E assim ficam todos servidos: o Betencourt, eu que não mudo de casa e terei mais tempo p.ª estudar e ainda esse Quartel-general que se vê livre dum corpo estr.º de unidade infortunada e pouco adaptável. — Escusado será dizer que no Dist.º de Recrut.to o meu prezado coronel continúa a ter o mesmo colaborador e amigo leal que tenho procurado ser em tudo. — Quanto á ult.ª parte do seu cartão (caso Damasceno) é pena que essas coisas se dêem; mas eu andava a ver a trovoada a acumular-se e a prever a desordem — e sem poder arranjar derivação. — Creia-me sempre, etc.»

Leiria.

Agosto: 20.

Assumi ontem a chefia do Distrito de Recrutamento nº 7 em virtude de portaria de 6 do corrente publicada na Ordem do Exto nº 12, 2ª serie, de 15.

Fui abatido ao efectivo do regimento em 18 e aqui estou, feito manga de alpaca á espera de que me chamem para Caxias, pª continuar a aventura.

Ora aqui, com mais vagar e mais tranquilidᵉ, será ocasião de fazer resumo ou apanhado de um certo numero de coisas que não deixarão de ficar bem neste conjunto de memorias que um dia poderei separar como capitulo de «atribulações dum comandᵗᵉ de regimento...»

E exactamente porque deixei de comandar o 7, vou contar historias ou historietas desse periodo curioso da mª vida que ontem teve desfecho com uma nota confidencial que adeante se verá.

Começarei...

Começarei por dizer que tinha más impressões do regimento. O regimento de Infantº 7 foi sempre mal considerado e principalmente, nos ultºs tempos, depois de 28 de Maio, a vida regimental era pessima. O general Lacerda Machado deu a

entender isso e, em especial, quanto a instrução dos oficiais; o Cunha, chefe do Estado Maior mais ou menos ~~[illegible]~~ reforçou a informação, carregando principalmente no major Jaime Tomaz da Fonseca que é sabido de todos pretender ser o dono da unidade.

Mas estas informações eram dadas de leve, em conversas, quando casualmente lhes falava e nunca como informação concreta de chefes a um futuro comandante como deveria ser, ou como instruções necessárias para contar alguns acompanhadas de afirmação de apoio.

Foi assim que assumi o comando que aliás ia exercer pela 1ª vez na minha vida. Cheguei quase ao fim da carreira e quase ao final da vida e pela primeira vêz me deram a honra dum comando!

Aos 57 anos de idade...

Como aqui já deixei escrito, lá para traz, disse má impressão de entrada e tal ela foi que rapaz! me arrependi de ter vindo. O quartel, o pessoal, tudo me deixou impressão desagradavel e desanimadora.

Seria eu capaz de fazer alguma coisa daquilo? Pessoal que não tem brio para se apresentar decentemente quanto mo

no comandante seria susceptível de melhorar? Em tudo se reflectia o mau
ral do regimento: desde o fardamento
dos soldados até à biblioteca.

E realmente, cheio de fanfarrices, co-
mo dêmo e creatura superior, o major
Tomás da Fonseca que entre várias coi-
sas logo de entrada me disse ser «des-
cendente do Clero...»

Assim mesmo: descendente do Cle-
ro. Queria ele dizer que era filho dum
padre e arranjou aquela frase mais pon-
ra...

E eu ambicioso de compadrio, boi-
xa intriga e certas imoralidades, ia eu
fazer experiencia de comando, aos 5?
anos de idade e 37 de serviço, com a mi-
nha boa-fé e certa ingenuidade de quem
ainda acredita na seried.e e na boa-fé dos
outros. Fui falando com todas as cau-
telas, lá ia ~~com~~ com o maior cuidado
nas informações do Fonseca (que deve-
riam ser quasi sempre falsas ou pelo
menos tendenciosas), procurava conhe-
cer as creaturas com quem ia lidar, etc.
etc. Parecia q. atravessava matagal cer-
rado, com receio de poder pisar ou ar-
madilha ou bicharôco máu que me
mordesse...

Ora para ir arquivando impressões de certos factos, comecei a tomar notas do que via e sabia, para me não esquecer e ter onde recorrer quando fosse necessario e a memoria falhasse.

Agora, que vou juntar tudo, pregunto se valerá a pena escrevê-las. Na maior parte são mendezas, bagatelas que farão rir no futuro quem viér a ler isto. Mas... essas mendezas e bagatelas dão perfeitamente a medida do que era o regimento e, até certo ponto, a mentalid.e do exercito em geral.

Vamos, pois, a elas. E aqui ficam em longa série bem aborrecida p.a mim. Mas, enfim...

1)

O tenente-ajudante, Ant.o de Paula Santos, é quem costuma servir de contra-regra em casos especiais, para que tudo corra bem. Assim, antes de eu chegar ao quartel, é ele que, todos os dias, verifica se o corneteiro está atento para fazer o toque de sentido. Isto mostra q., quando falta o contra-regra, os actores não sabem a deixa e as coisas sáem tortas.

2)

O corneteiro da guarda dormia, normalmente (antes de eu assumir o comando)

na caserna da sua companhia. Nunca se ensinou aos actuais corneteiros esse dever elementar — e já estão ao serviço ha cerca de dez mêses!

3)

Ha um musico, ainda cabo, que costumava estar a vender numa mercearia, ao balcão, fardado, nos dias da feira (Domingos e Terças). A' hora mais concorrida e de maior movimento, ninguem, do regimento, dava por tal! Foi necessario eu dar por isso, um dia.

4)

Quando as dispensas ou licenças solicitadas excediam o numero das autorisadas, os soldados que ficávam excluídos dirigiam-se ás casas dos oficiais e por seu intermédio ou das esposas, conseguiam a licença ou dispensa desejada mediante um simples bilhete para o oficial de dia que estivesse no quartel. E eles lá iam muito satisfeitos para casa.

5)

Ha no regimento dois capitães: um Joaquim da Costa Ferreira, outro Mario Ramos Silva, ambos dônos ou socios de colégios em Leiria. Como oficiais do mesmo oficio, não se pódem ver. O serviço ressente-se, é claro, desta inimisade e até se

contam varias anedotas a respeito de cada um que dão a medida das suas qualidades pessoais.

6)

Um dia em que o Julio Garcez de Lencastre, ao tempo 2º. comand.te, entrou no edificio do quartel pela porta das armas e não, como era costume, pela da secretaria, a sentinela não fez a continencia. Interrogado pela falta cometida, o rapaz, muito atrapalhado, disse que não fizera a continencia porque o sr. Tenente-coronel não viera por onde devia vir e teve duvidas!... Isto não é anedota, é caso veridico e não foi unico. E' o normal, quasi, porque assim são educados os soldados em Inf.ª 7.

7)

Outro dia em que eu entrei no quartel pelo lado nascente, houve grande atrapalhação no pessoal da guarda. Todos espiávam a rua do lado poente, por onde sempre ia p.ª a unidade; e quando eu surgi pelo lado contrario, á esquina da igreja de S.to Agostinho, a cêna foi indiscritivel! Um dos soldados da guarda correu de tal modo que deu com o ponto de mira da espingarda no queixo do corneteiro da guarda e o feriu bastante, com largo rasgão na face quasi até á carotida. Eu entrei no quartel sem o toque

regulamentar de permitido; e o carreteiro, depois de passo ligeiro, foi para o hospital onde ainda ficou bastante tempo.

8)

Verifiquei que havia o hábito de certos oficiais e sargentos tomarem de ponta os soldados quando lhes não caiam em graça. A soldadesca tinha de se sujeitar a tudo sem fugir nem reagir porque sentiam que não quem os ampararia, que seriam sacrificados. E como o homem da região é naturalmente pacato, bonacheirão, habituado a viver debaixo de tutela de padres, os soldados lá se resignavam a tudo esperando apenas o dia da libertação quando lhes chegasse o licenciamento.

9)

Vim a saber, aos poucos, que a chamada exploração agrícola, autorizada superiormente, alimentava algumas casas de oficiais, em comes, frutas, feijões, metões, etc. Que em certas casas se sustentavam galinhas com a ração do gado. Que no quartel se matavam porcos, não sei bem se os comprados fora, se os de dentro, que por qualquer processo eram sonegados aos direitos e quem sabe se, até, à fiscalização dos serviços de saúde.

Enfim, um estendal de miserias q. faz com que a classe tenha, na terra, cotação baixissima. E ainda superior a tudo e quasi simbolo, o major Jaime Fonseca cujos escrupulos são nulos em todos os ramos.

E a respeito deste fui tambem tomando notas varias que aqui ficam arquivadas — com a certeza de que não reproduzem o verdadeiro valor do figurão.

Ainda é superior ao q. aqui fica.

Ora vamos lá... Pode ser que isto um dia seja preciso.

1)

Logo de entrada, de certo porque lhe está na massa do sangue, mostrou a preocupação de influenciar o comando ou até domina-lo pela maneira especial de informar, sempre com tom de autoridade e com a frase habitual: «eu, se fosse o "comando, faria... etc.» E essa preocupação era tão evidente que, se ás vezes, eu oposesse qualquer objecção (por experiencia que fazia para confirmar as suspeitas) ele tomava atitude grave e dizia:

— O que Vêm. disser é que se faz... As ordens do comandante cumprem-se.

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

2)

Eu sabia que entre o regim.to de Infantaria e o de Artelharia não havia boas relações e até isso me foi dito no Quartel-General pelo chefe do Estado-maior como conveniente para eu fazer desaparecer esse mal-estar. Ora as razões nascem do começo desta situação política por questões de mando: o major Fonseca queria ser o governador civil e o cargo foi para o major Pereira do Vale. Daqui a luta.

Quando este deixou o Lupar foi para ele nomeado um capitão do 7, José Rodrigues da S.ª Mendes que se cercou de oficiais de Infantaria e correu com os artelheiros. Etc. etc.

Assim se estabeleceu o mal estar q. quasi não dura já porque a rivalid.e se limita a meia-duzia; e já teria acabado se os comand.tes de Inf.ª 7 não teem toma do as dôres por estes cavalheiros políticos que se estribam no espirito de corpo.

Ora um dos primeiros cuidados do major Jaime Fonseca foi injectar me meio acerca dos artilheiros. Todos os dias, se pode dizer, ao trazer-me a correspondencia para despacho, me dava uma injecção de odio. Eu fazia de conta que me não interessava, embora ouvisse com

a maior atenção. Um dia, chequei a dizer-lhe, a respeito de qualquer assunto, q. não costumava fazer obra simplesmente pelo q. me diziam e, em especial, quando o que me diziam era em desabono de outros, e ainda acrescentei que ficava fazendo má ideia da pessoa que assim falasse quando a realidade se não confirmava ou ainda quando era contraria aos factos.

Creio que o homem percebeu onde eu queria chegar porque, desde dele, algumas vezes disse que simpatizava com os artelheiros e que só recebia deles provas de cortesia e de consideração. Depois disto deixou de dar a injecção habitual, mas quando podia ferrar uma esporada na Artelharia, não perdia a ocasião.

3)

Quando se trata dos oficiais do regimento, também não perde ocasião, em geral, de lhes ser desagradavel. De vez em quando (e já de proposito) lhe peço informações, raras são as que vêem boas. Parece-me que insinuar qualquer coisa em desabono.

Ha alguns oficiais a quem faz boas referencias, mas são raros; e quando as-

sim acontece, tem sempre q. explicar qual
quer caso em que aparece a sua influencia
benéfica, o seu prestigio pessoal ou a sua
acção disciplinadora fº justificar as boas
qualidades do informado.

4)

Pelo outubro de 1937, o comandº da
Companhª de Deposito, o capitão João Pereira Pas
coal, deu certo numero de licenças e dis-
pensas nos termos das instruções que se
lhe déra, com recomendação fª não auto-
rizar nenhum soldº a solicitar, particu-
larmente, dispensa ou licença que lhe
não fosse concedida. Cereis que assim se
fez. Porem, na 3ª feira, dia maximo do
outubro, o major chamou-me ao telefo-
ne e depois de prologo ameno em que afe-
tou para os meus sentimentos democrati-
cos (sic) disse que me queria dar conheci-
mento de que concedêra certo numero de
dispensas alem das que o capitão déra por
que tinha bom coração e calculava que os
rapazes gostariam de se divertir, etc. etc.
E perguntando-lhe eu porque motivo pro-
cedera assim sem meu antecipado conhe-
cimento, contou q. mandára o seu impe-
dido (que se queixára de não ter dispensa)
solicitar do capitão Pascoal a autorização de-
vida e como este oficial negasse, ele en-

tendeu que, para seu prestígio não só devia conceder aquela disposição, como outras a todos os que quisessem e não fizessem falta ao serviço. E nestes termos telefonou p.ª a secretaria dando essas ordens — depois das quais, bastante tempo depois, me chamou para conhecimento...

Eu exaltei-me um pouco e disse-lhe umas verdades duras, demais a mais facilitadas por serem ditas ao telefone. E não dei contra-ordem porque a oportunidade beneficiada já ia toda a caminho das terras.

Enfim: Tudo isto originado no favor ao infedido e no prestígio pessoal...

5)

O infedido costuma ser mandado para a fazenda que tem em Carriche, perto de Vieira de Leiria, onde o pai foi pároco quasi toda a sua vida. Custa-me, até, que p.ª compensar a despesa que o rapaz possa fazer com a corrida que naturalmente é obrigado a dar-lhe, recebe-lhe o pré e fica com ele... Isto afirma-se abertamente e de forma clara.

6)

Um dia, em Maio de 937, apareceu-me uma participação contra um soldado

do condutor que desobedeceu ao vago-mestre quando este lhe mandou limpar o cavalo graça do major Fonseca. O soldado recalcitrou porque nesse dia já limpára dois. Palavra puxa palavra, o furriel obrigou-o e participou com parte carregada.

Ora o que foi?... É que o sold.º disséra que não ia limpar o cavalo que o impedido do major Vinha obrigação de limpar e ~~mas~~ que este o não fazia porque estava a trabalhar na cozinha. E como o furriel repetisse isto ao major, concertou-se a participação carregada com testemunhas obrigadas, perante ameaças, a dizerem o que não viram.

Felizmente, o caso desmascarou-se a tempo e não pratiquei injustiça. Guardei a participação com as averiguações mandadas fazer e não lhe dei qualquer andamento. É como curioso.º aqui a junto p.ª memória."[1]

7)

Ainda por causa do impedido, o 1.º sargento Francisco Relvas caiu no desagrado do major. Um dia o impedido faltou e o 1.º sargento deu-o em falta. Desta

(1) Fica guardada numa pasta com docum.tos do meu comando. Ad memoriam!

falta, veiu a averiguar-se que o rapaz esteve na propried.e de Carvide e que ele, o major, recebia o pré como compensação para a despesa que o rapaz lhe fazia com a comida na quinta!

Isto transpirou, foi comentado e, possivelmente aumentado. E como o 1.º sargento foi a causa de tudo, o major votou-lhe a má vontade q. costuma votar nestes casos. Alem disso, o seu informadôr era, quando para cá vim, um 2.º sargento Barros, ultimamente punido por falta de brio militar e civico; e como este Barros tambem não gostasse do Relvas, um dia a perdição deste foi combinada.

O certo é que, uma vêr, o major me disse ter informações de que, na Comp.ª do Deposito havia irregularidades na administração do dinheiro e que ia procurar saber do que se tratava. Como me falasse em dinheiro eu disse vagamente um "esta bem" ou "faz muito bem" e deixei passar o tempo, tomando a informação como particular. A certa altura, porem, comecei a receber notas confidenciais das Administrações de concelhos, respostas a notas que o Fonseca mandava p.ª serem ouvidos soldados licenciados, — tudo sem meu conhecimento! Tratava-se, porem,

de questões de dinheiro e dum sargento considerado suspeito á politica dominante; não queiz, pois, ter qualquer intervenção que podesse parecer parcialidade.

O major trabalhava dia e noite na tarefa; o seu escrivão era o tal sargento Barros, o acusadôr e ás vêres ia trabalhar para a sala dos sargentos e mandava pair os que lá estavam a ler jornais ou a jogar o gamão.

Enfim, um dia, apareceu-me ele, pálido, com um caderno de papel na mão dizendo que concluira as suas investigações e nada se apurára de concreto; ficára apenas a suspeita de que haveria irregularidades, a fauto de os capitães declarárem q. não tinham conhecimento de certos serviços no Deposito, etc. Concluia por não se poder tomar procedimento disciplinar para evitar que se levantasse o véu a certas aplicações de dinheiro ilegais que ha anos se faziam.

Eu tambem concluí que as conclusões que ele me expôz eram consequencia do medo que teve de ser embrulhado nas ditas irregularidades — o que não obstou a que fosse acusado os seus de maus serviços, de faltas e até de incompetencia.

Ao mesmo tempo que fez a exposição que cito, apresentou o requerimento do 1º sargento Relvas em que este péde transferencia para Infª 20 com a informação dele, verbal, de que o deveria deixar ir embora por ser pessimo elemento, etc.

Eu, a tudo isto, respondi apenas com um vago: "foi melhor assim..." E a seguir, ainda acrescentei:

— Quero acreditar que, na verdade, nada havia para apurar...

Não sei se ele percebeu.

Quanto ao requerimento, disse-lhe que o não deixava seguir sem ouvir o requerente; entendia que ninguem devia sair do regimento sem eu saber porque motivo. Ele insistia:

— Não esteja V. com essas considerações com tais creaturas... E' manda-lo embora e que não olhe para traz.

Fiz que não ouvi. Mandei chamar o Relvas e preguntei-lhe porq. se queria ir embora. Ele, comovido, com os olhos avermelhados, falou vagamente em más vontades, perseguições, etc. e não desejava que, por causa dele, houvesse qualquer novidade, etc. Eu respondi-lhe simplesmente:

— Parece-me que a pessoa que lhe pôde mostrar má vontade no regimento sou eu. Enquanto eu lha não mostrar não vejo razões p.ª sair. Continue a ser bom sargento e não haverá novidade.

E assim terminou o incidente. Não sei se andei bem se mal. Talvez não procedesse muito bem, não pelo procedimento em si mas pelos resultados que me cercou — q. o não a valer.

Passado tempo, o Fonseca perguntou-me pelo requerim.to do Pelras. Respondi simplesmente com ar de enfadado:

— Ah!... resolvi não lhe dar andamento. Guardei-o.[1]

8)

Ainda, a propósito do 1º sargento F. Pelras: um dia, o capitão Gomes Teixeira, comand.te da Comp.ª do depósito, fez-me saber que gostaria de não ter por 1º sargento da mesma o Pelras; como lá Tempo houvera aquele caso da sindicancia e ficára sempre suspeitoso e por isso não tinha confiança completa, etc. e etc. Ora isto foi exposto com a devida redundancia pelo major Fonseca; fizeram

---

[1] Na pasta de docum.tos do comando.

pois, descançado e falei no assunto ao ajudante para saber o que havia, no regulamento, acerca de prelecções; e como no regulamento nada havia de especial, mandei dizer ao capitão que ele tinha muito na sua mão, maneira de meter o 1º. sargento na ordem se faltasse ao cumprimento dos seus deveres. E julguei o caso arrumado.

Quinze dias depois, aparece-me fº. despacho, uma proposta de louvor ao 1º. sarg.to Franc.º Pereira, assinada pelo capitão Gomes Teixeira! E por baixo, a informação do major Fonseca, opondo-se ao louvor em termos suficientes para originar uma embrulhada no regimento. Ora o que fôra?

Na véspera, o major insultára o capitão por qualquer questiuncula que não averiguei; o capitão retorquira como transmontano que é e para se vingar propôz o louvor no dia seguinte...

É claro que não aprovei o louvor mas guardei-o para melhor oportunidade — que não chegou, não sei se para bem se para mal.[1]

Ora como se ha-de comandar um

---

[1] Ver a pasta de docum.to citada.

regimento com oficiais desta categoria e com tal mentalidade?

9)

E ainda o 1º. sargento Relvas...

Em 4 de Agosto de 1937 este sargento pediu licença disciplinar, nos termos do art.º 109 do respetivo regulam.to O Fonseca, que não perde a ocasião, informou da seguinte maneira: «Não tem punição "alguma q. impeça o seguimento da pre"tenção, mas não o considero em boas "condições morais p.a gosar o prémio da "licença oficial. (a) Fonseca, major.»

Eu despachei da seg.te maneira: «Sa"tisfaz a todas as condições do art.º 109 do "R.D.M.» E lá foi assim p.a o Quartel-General, com gaudio, certam.te, dos sargentos que deviam ter lido tudo.

Pois apesar destas e doutros, mantem p.a comigo o mesmo servilismo.

10)

Depois da revolta comunista da Marinha Grande, ha uns anos, o Fonseca foi comandar qualquer destacamento p.a o Alentejo. Como o destacam.te era composto por forças de varias proveniencias, o major, p.a alegar serviços, quiz procurar saber as opiniões dos seus oficiais e sargentos — e para isso encarregou um

cabo da Companhia de Saude que actualmente está adido ao regim.to de Inf.a n.º 5, nas Caldas da Rainha.

Não sei bem o resto. Só sei que, na volta para Leiria o major, valendo-se do ascendente que alcançára sobre o cabo, propôz-lhe a venda de uma motocicleta que tinha, já um pouco avariada. O cabo comprou-a e pouco depois sentiu-se intrujado... E quiz desfazer o contracto.

Confesso que não sei bem a historia, mas o cabo ameaçou o major de contar tudo; o major ameaçou o cabo mas como esta estava com trunfos não mão e seguros, o major teve de ceder e fazer-lhe uma declaração de que não o perseguiria em caso nenhum.

Isto parece má linguа ou fantasia. Mas quem me contou o caso é pessoa séria e não inventava; era incapaz de o fazer. Por isso aqui fica.

11)

Da chamada exploração agricola-pecuaria da cerca do regimento, tiram-se couves, feijão, batatas, cebolas, etc. Estes generos são pesados e administrados pelo Cons.º Administrativo, debaixo da direcção do major Fonseca. Pois a direcção dele é tal que, no ano de 1937, só em

28

couves e batatas, para casa dele, foram p.ª cima de 100 quilos tirados aos direitos. Por intermedio dos sold.os impedidos no serviço da horta e do proprio impedido, as coisas vão passando subtilmente do quartel p.ª casa dele.

E tem custado m.to a pôr cobro ao abuso, tão bem organizado está o contrabando.

12)

Assim tambem todos para aí sabem que quando o ten. cor.el José Vicente da Silva mandou demolir um forno que pertenceu á Manutenção Militar (creio que do tempo da guerra) para alargamento do deposito da lenha, os tijolos foram arrumados cá fóra, em parede, á espera de destino. Passado tempo, o Vicente da Silva reparou que os tijolos diminuiam em quantidade; vigiou, mandou esfreitar... Quasi dois terços tinham ido, surrateiram.te, p.ª casa do Fonseca que, nessa altura fazia uma obra qualquer.

Dizem que por esse motivo houve grossa discussão entre os dois — mas não passou disso.

13)

Quando se substituiram as telhas antigas de um dos telhados do quartel, estas

foram acumuladas á porta das armas, junto da parede da rua. Um dia o Fonseca dirigiu-se ao 1º sargento Relvas que era então o olheiro e condutor das obras do quartel, para lhe vender algumas velhas para o telhado da sua casa. O Relvas respondeu que o quartel não vendia telhas mas se ele precisasse de alguma meia duzia que levasse, o Estado não ficaria lesado com tal oferta. O Fonseca, munido com esta autorização, levou quasi todas as telhas... Da grande quantidade que estava arrumada á parede, ficaram algumas duzias p.ª marcarem o lugar. O Relvas afirma que deveriam ter mandado cerca de 200 telhas.

14)

E ainda no genero subtracção, conta-se que houve no tempo do Sen. coronel José Vicente da Silva um periodo em que a ração do gado diminuia nas manjedouras a ponto dessa diminuição influir no aspecto do gado. O Vicente da Silva poz-se de atalaia: a ração ia para casa do Fonseca, não só para galinhas da residencia em Leiria mas principalmente p.ª porcos que tem nas propriedades em Carvide. Houve também discussão entre os dois, mas também o caso não pas-

son de palavreado. Parece que não ha quem tivesse animo para fazer levantar a lebre.

15)

Contou-me o sargento Relvas, em dia de desabafo (1) que uma das razões por que o Fonseca lhe tem má vontade é a seguinte:

O Fonseca arranjou ha uns anos já uma amante qualquer por sinal que, segundo dizem, coisa reles. A esposa soube-o e daí inquiétações e zangas que iam causando rompimento. O Fonseca, como precaução, entregou ao Relvas um pacote de cartas da mulher para este as guardar no cofre da companhia pela qual respondia; e duma vêz que ele, Fonseca, foi em qualquer deligencia por motivo de ordem publica, disse ao sargento que se ele por lá morresse queimasse as cartas. Acrescentou o Relvas que não as leu, mas que o Fonseca lhe fizera certas confidencias.

Que autoridade moral tem este major p.ª se impôr?

---

(1) Quando fui ajud.te do R.I. 23, assentei praça a este Franc.º Relvas; foi meu amanuense muito tempo, tive sempre confiança nele. Daqui vem a liberd.e do desabafo.

16)

Ainda a-proposito da amante. O coronel Lacerda de Oliveira, antigo comandante de Inf.ª n.º 7, contou-me por mais de uma vêz que a esposa do Fonseca, durante o periodo das questões com o marido por causa da amante, ia desabafar com ele e queixar-se da má vida que levava, etc. etc. E nestes desabafos ela contava que ele, Fonseca, a obrigava, depois de questões violentas em casa, a sair com ele para a rua, de braço dado, e impunha-lhe um sorriso e ar alegre para que todos tivessem a impressão de boa harmonia e não acreditassem nos zuns-zuns da visinhança. E como o coronel Lacerda lhe aconselhasse serenid.e e certa conformidade para não parecer que descia a equiparar-se com a amante, ela respondia, por entre lagrimas:

— Ah! sr. coronel! E' que Vm.ce não calcula como meu marido é hipocrita!

17)

Contou-me F.... [1] que, depois de ter sido preso ha anos por suspeite de conspirar contra a actual situação e regressar a Leiria por nada se provar, fô-

---

[1] Ainda é cedo p.ª escrever o nome.

29

ra procurado pelo Fonseca que se fechou com ele e lhe dissera:

— Você conte comigo! Eu estou ao seu dispôr para o que necessitar...

— Mas, sr. major (respondeu o outro) eu nada sei de conspirações... Esta minha prisão foi engano ou maldade. Vim logo para a rua e com pedidos de desculpas.

— Ora, ora! Isso diz Você! Pois fique sabendo que não gramo isto...[1] E quando fôr ocasião, previna-me.

Oficialmente, porem, o Fonseca é sustentaculo da actual situação politica; e oficialmente, ou por outra, pelos dirigentes locais, é acreditado como tal.

18)

Este mesmo F..... disse-me, e na mesma ocasião que o 1º sargento F. Relvas lhe contara que o Fonseca, certo dia, tambem se abrira com ele, Relvas, acerca da actual situação politica e dum possivel reviralho; que o Relvas fugira á conversa, mas o Fonseca deu-lhe a entender que estava ao lado dele, pois isto passou-se numa altura de zuns-zuns de revolta proxima.

---

(1) Isto era a situação politica actual.

19)

Quando assumi o comando ao jogo depois, organizava-se em Leiria a Legião Portuguesa e disso foi encarregado o major de Artilh.ª Henrique Pereira do Vale. É claro que o Fonseca que aspirava a ser o comand.te da Legião, dava pouco que fodia injecções venenosas acerca daquele major e da Legião. Eu fazia que não ouvia e chapava, às vezes, a defender a Legião...

Por subtilezas da terra a que o Fonseca não seria estranho, o Bissaia Barreto fez com que o Pereira do Vale fosse domesticado; e a verd.e é que logo começou a constar que seria nomeado o Fonseca. As coisas, porem, levaram outra volta e daí a pouco constou que seria nomeado comand.te distrital o capitão do 7, Mario Ramos Silva — um dos inimigos do Fonseca e dos maiores.

Caiu o Carmo e a Trindade!

Era bom, ouvi-lo, ouvi-lo. Não houve anedota parca que não contasse, nem deixou de lançar sobre o capitão, todos os doestos e acusações! Desprezou o cesto...

E quando o Ramos Silva começou a comandar a Legião e fez varios pedidos p.a o regimento, o Fonseca procurava

sempre entravar, dificultar, confundir. E o caso chegou a, em Outubro do ano passado, quando eu estava de licença, o Fonseca, na correspond.ª oficial, negar a excelencia ao Ramos Silva. Este reforçou e reclamou e o Fonseca ficou mal colocado.

O Ramos Silva atribue as dificuldades que sente no seu comando a manobras secretas promovidas por varios individuos da cidade — entre os quais, é claro, o Fonseca e fundamenta esta sua afirmações nos serviços confidenciais ou secretos da Legião que assim teem averiguado.

2º)

Toda a gente, em Leiria, ao falar-se dele em liberd.ª, tem sempre que contar qualquer coisa em seu desabono.

O major Alexandre Ferreira de Lemos, do regimento e condiscipulo do Fonseca, contou-me que um dia, um padre de qualquer freguesia do concelho esteve a fazer-lhe queixas dele, como rancoroso, perseguidôr, inimigueista, desleal e nada serio em contractos.

E para concluir o rosario de más qualidades, disse-me, pondo a mão no ombro do major:

— Olhe, meu major: olhe que ele é filho de padre!...

21)

E realmente é publico e notorio que, se algum dia o Fonseca teve ou tem questão com qualquer creatura, esta fica debaixo de olho p.ª sempre.

Os desgraçados da freg.ª de Vieira se lhe cáem em desagrado, ficam condenados até á 2.ª geração — pois filho ou neto que venha para soldado de Inf.ª 7, tem homem á perna e a valer.

Eu tive dois casos desses; não tomei a devida nota e estou arrependido.

Quando vim p.ª o regimento, andava ele a perseguir um enfermeiro-hipico (que dentro de pouco se reformou) porque lhe não quizera tratar um cão e uns porcos de graça. E por motivo identico perseguiu sempre um sold.º condutor que eu aguentei assim como ao furriel ferrador, sem fazer caso das acusações. Mas o piór foi que, durante os meus estagios nas Escolas Praticas, qualquer deles apanhou: o soldado uns dias de detenção e o furriel uma repreensão.

Não conseguiram escapar á sanha do vingativo. Faltou-lhes a minha presença protectora.

22)

Enfim, valerá a pena gastar mais tinta e mais tempo?

Contar a vida dessa creatura (de que aí fica um simples esboço) seria escrever de mais. Isto ficará como documentação para a historia do regimento em particular e do exercito em geral.

Saber que já não tenho grande relação com o meu caso contar a maneira como tem adquirido propriedades nos arredores, por meio de emprestimos <u>in articulo mortis</u>, com juros exorbitantes, de modo tal que o devedor tem de entregar os bens; ou ainda o modo como vende o vinho das suas terras, imposto-o aos retalhistas que, no momento, possam necessitar dele: ou por filhos que vêem p.ª o exercito ou por dinheiro emprestado ou por qualquer outra dependencia.

Etc. etc. etc.

E p.ª acabar estes capitulos: não importa tanto a pessoa de que se trata; o principal é o que ressalta de baixo, de reáes, de immoral...

Os homens morrem. Os costumes, os habitos é que ficam — e a Historia os julgará um dia se deitar p.ª estas paginas os olhos complacentes.

*

Isto tudo é doloroso. Mas tem de se dizer. Adeante, pois.

Assim, o meu comando foi seguindo, sem grandes atritos mas também sem brilho. Foi o que se pode chamar um comando apagado, sem nada de notável.

Lutei com os varios processos de se arranjar dinheiro que, embora fiscalisados honestamente, são, normalmente, imorais e prestam-se a comentarios. É claro que logo o Fonseca contra mim:

— Oh meu comand.te! Assim ficâmos sem dinheiro!

— Deixe ficar.

E lá fui andando, a fazer em obras urgentes, certos arranjos e melhoramentos, sempre á esfera de melharia de contos — que nunca vieram. Quer dizer: vivi sempre, como comand.te, na miseria, e só consegui quasi nada do muito que projectei e desejei fazer. Pelo quadro adeante se vê o que fiz e projectei e o que consegui — mas tudo miseravelmente, feito com reparos quasi exagerados de administração.

De mais, o Julio Garcez de Lencastre, meu 2º comandante, não se valia...

habituado a gastos altos no Ultramar e a ver correr o dinheiro abundante, e com a rônha que todos lhe conheceu, ia deixando passar o tempo até ao fim do ano de comando de que necessitava.

Foi, como se vê pelo quadro abaixo, de fraco activo em obras a m.ª passagem pelo regimento de Infantª nº. 7:

Ideia ou projecto: Ano	Mês		Realização: Ano	Mês
36	Dezembro	Caiação exterior do quartel	38	Julho
"		Pintura dos capacetes		
"		" das marmitas		
"	—	Livros novos fª a bibliotheca		
37		Concerto da escada da parada		
"		fª as sentinas	37	Abril
"	Janeiro	Tanque bebedouro fª o gado	"	Fev.º
"		Posto anti-sifilítico (1)	"	Nov.º
"		Lavatorio fª o quarto do sarg.to		
"		de dia		
"		Telhado do deposito de forragens		
"	—	Arranjo da sala dos oficiais	37	Abril
"	Fevereiro	Cavalete fª arreios na cavalariça nº. 1	38	Maio

(1) Feito pelas Obras Militares

Ideia ou projecto			Realização	
Ano	Mês		Ano	Mês
37	Fev.º	Caiação interior do quartel.	37	Abril
"		Pintura das viaturas do serviço.		
"	Março	Ventilação da cavalariça nº 2	37	Março
"		" das casernas		
"		Portas envidraçadas das caser-		
"		nas do 2º pavimento.		
"		Bebedouros pª os soldados		
"	Abril	Vidros na capela-mór da Igreja		
"	Junho	Oficina nova de ferradôr		
"	Agosto	Fogão novo pª o rancho geral		
"		Fatos macaco pª tratadores		
"	Set.º	Vidraças ou armario pª o mapa		
"		de Portugal em relevo		
"	Nov.º	Arranjo e pintura da carroça pª		
"		a agua	38	Fev.º
"	Dez.º	Pintura dos armeiros das casernas		
38	Fev.º	Novos armeiros nas casernas		
"		Coelheira e galinheiro		
"	Julho	Lavadoiro de roupa pª soldados		

Em materia de disciplina não direi o mesmo porque a mantive sem novidade e, creio eu, com resultado. O processo não seria o melhor, segundo os câ-

nunca normais, mas lá foi, até ao fim, sem nada de grave.

Tinha o maior cuidado com os correccionais vindos do Depósito de Elvas. Chamava-os, à chegada, ao meu gabinete, falava-lhes amigavelmente, aconselhava-os, tratava-os como homens e não como féras ou brutos. Eles sentiam-se amparados e a verd.ª é que ninguem deixou de cumprir os deveres e chegaram ao final do tempo sem novidade.

Durante a m.ª ausencia nos estágios houve uma insubordinação. Não sei as razões que, prontamente se filiariam no procedimento autoritário do Fonseca então 2º comand.te Mas o auto levantado e suas consequencias foram, de certo, exageros deste f.º alegar serviços e procurar demonstrar o seu desembaraço em casos desses.

Pelos quadros abaixo se vê a estatística das punições aplicadas durante o meu tempo de comando. Usei mais da guarda como castigo porque, sendo mais leve em face do Regulam.to disciplinar, é mais pesado nos seus efeitos, principalmente durante o inverno.

Enfim, aí ficam esses quadros. Pelo menos mostram paciencia...

Data			Posto	Concelho da naturalid.e	Reprehensão	Faxinas	Guardas	Detenção	Perda de reconcim.to	Prisão disciplinar	Ideu agravada	Transgressão
Ano	Mês	Dia										
937	Jan.º	12	Soldado	Batalha			2					?
"	"	26	"	Porto de Mós			8					Desobediencia
"	Fev.º	26	"	"			3					Indisciplina.
"	Março	3	"	Batalha						2		?
"	"	4	"	"			3					Falta a serviço
"	"	6	"	Sizan	1							?
"	"	10	"	Idanha-a-Nova			5					Falta de cumprim.to ordem
"	"	"	"	Leiria (Milagres)			2					Pouca vigilancia no posto
"	"	"	2.º corneta	Nazaré	1							?
"	"	15	2.º musico	Alcobaça				2				Falta cumprim.to ordem
"	"	"	" corneta	Leiria (M.te Redondo)			8					?
"	"	"	" "	Alvaiazere	1							?
"	"	20	soldado	Chamusca (1)			4					Ausencia.
"	"	22	2.º recruta	Alcobaça (2)						6		Roubo

Data			Posto	Concelho da naturalid.e	Refrenos	Faxinas	Guardas	Detenção	Perda de vencim.to	Prisão disciplinar	Idem agravada	Transgressão
Ano	Mês	Dia										
				Transporte	3		35	2		8		
937	Abril	8	s. recruta	Alcobaça (2)							10	Idem
"	"	10	soldado	Tomar			2					?
"	"	19	"	Chamusca (1)						2		Ausencia
"	"	24	"	Alcobaça (Alfeiz.ão)			1					Desobediencia.
"	"	28	"	Chamusca (1)						5		Ausencia.
"	Maio	5	s. recruta	Alcobaça (Aljub.ta)		4						Falta a formatura
"	"	11	soldado	Batalha			2					" "
"	"	12	"	Chamusca (1)			8					Ausencia
"	"	14	"	Covilhã						2		Idem e falsidade.
"	"	15	1.º cabo	Castelo-Branco	1							?
"	"	"	s. recruta	Marinha Grande		1						Desobediencia
"	"	22	soldado	Chamusca (1)						5		Ausencia.
"	"	27	s. recruta	Pombal						6		Roubo
"	Junho	12	soldado	Perriche (Atouguia) (4)			5					Desobediencia á Policia

Data			Posto	Concelho da naturalid.e	Repreensão	Faxinas	Guardas	Detenção	Perda de vencim.to	Prisão disciplinar	Idem agravada	Transgressão
Ano	Mês	Dia										
				Transporte	4	5	53	2		28	10	
937	Junho	16	s. cornet.º	Alcobaça (2)			2					Falta a formaturas
"	"	29	soldado	Chamusca (1)							15	Ausencia.
"	"	30	s. condutor	Leiria (Córtes)	1							Pouco cuid.º com o gado
"	Julho	3	soldado	Figueiró dos V.os (3)			8					Falta de respeito
"	"	5	"	Alcobaça	1							" a formaturas
"	"	12	"	Leiria (Colmeias)						2		Furto
"	"	22	"	Figueiró dos V.os (3)			2					Falta de respeito
"	Agosto	9	"	Leiria (Barosa)	1							" a formaturas
"	"	"	"	Batalha	1							" de respeito
"	"	"	"	Cadaval			4					" a formaturas
"	"	26	"	Coruche	1							" " "
"	Set.º	14	"	Alcobaça (Cela)							12	Faltas e roubos.
"	"	18	"	Peniche (Atouguia) (4)			8					" a formaturas
"	"	24	sol. cornet.º	Alcobaça (5)			4					Desobediencia.

C-17

Data			Posto	Concelho da naturalidade	Reprehensão	Faxinas	Guardas	Detenção	Perda de vencimento	Prisão disciplinar	Idem agravada	Transgressão
				Transporte	9	5	81	2		30	37	
937	Set.º	30	soldado	Batalha						3		Falta e aubarno
"	"	"	"	Perniche (d'Ourique) (4)			2					Falsidade
"	Out.º	6	"	Leiria (Carangueja.)			3					Falta a formaturas
"	"	7	"	Perniche (d'Ourique) (4)			3					" " "
	Dez.º	4	"	Alcobaça	1							Desobediencia
938	Fev.º	2	"	Alcobaça (2)				10				Informação falsa.
"	"	"	"	" (5)				12				Desobediencia
"	"	9	"	" (5)						6		"
"	"	17	1.º cabo mus.:	Aldeia das Dez	1							Falta de respeito
"	"	18	soldado	Alcobaça			5					" a formaturas
"	"	"	"	Lx.ª (freg.ª Anjos)			6					Desordem
"	Maio	13	"	Alcobaça (cela)	1							Pouca vigilancia
"	"	18	2.º recruta	Leiria (N.ª S.ª Real)	1							Falta a formatura
"	"	"	"	" (Milagres)	1							" " "

130

Data			Posto	Conselho da naturalidade	Repreensão	Faxinas	Guardas	Detenção	Perda de vencim.to	Prisão disciplinar	Idem agravada	Transgressão
Ano	Mês	Dia										
				Transporte	14	5	100	24		39	37.	
938	Maio	18	s. recruta	Alcobaça	1							Falta a formatura
"	"	"	"	"	1							" " "
"	"	"	"	Porto de Mós	1							" " "
"	"	"	"	" "	1							" " "
"	Junho	4	soldado	Pombal				4				Falta cumprim.to ordens
"	"	7	"	Leiria (Milagres)			4					Desobediencia.
"	"	11	2.º sarg.º mus.º	Aveiro				5				Falta de respeito
"	"	14	soldado	S. Franca de Xira						2		Falsificação
"	"	21	"	Batalha (Reguengo)			4					Falta a formaturas
"	"	"	"	" "			1					" " "
"	"	"	"	Leiria (Milagres)			1					" " "
"	Julho	18	"	Ourem (Fatima)						5		Roubo
"	"	29	"	Porto de Mós			3					Desobediencia.
"	"	"	"	Leiria (Amôr)			2					Informação falsa.

Data: Ano	Mês	Dia	Posto	Conselho da naturalidade	Repreensão	Faxinas	Guardas	Detenção	Perda de vencim.to	Prisão disciplinar	Idem agravada	Transgressão
				Transporte	18	5	115	33		46	37	
938	Agosto	1	soldado	Porto de Mós		4						Desobediencia.
"	"	9	"	Ourem (6)			2					Abandono do serviço
	"	"	"	Leiria (Colmeias)	1							" " "
"	"	11	"	Ourem (6)				3				" " "
					19	9	117	36	—	46	37	

Nota explicativa:

Os numeros entre parêntes q. aparecem na casa «Conselho da naturalidade» querem dizer q. a transgressão foi praticada pelo mesmo soldado; assim o nº. (1) quer dizer q. o sold.º, da Chamusca, punido em 20 de Março de 1937 por ausencia é o mesmo punido em 19 de Abril, em 21 do mesmo mês, em 12 e 22 de Maio e ainda em 29 de Junho sempre pelo mesmo motivo. E o mesmo p.ª os outros numeros entre parênteses.

Leiria.

Agosto: 23

E agora, p.ª descançar um pouco do esterdal de misérias q. aí ficou, vamos a um intervalo comico...

O coronel Augusto Bivar Xavier de Azevedo Salgado, comand.te de Inf.ª n.º 2, de Abrantes, veiu aqui fazer uma sindicancia a respeito de certas acusações feitas em carta anónima ao cor.el José Pereira Damasceno, que actualmente comanda Artelharia n.º 4.

Ora eis o meu depoimento:

«.... disse que, como comand.te militar foi assistir a uma reunião de autoridades e representantes das forças vivas da cidade convocada pelo sr. presid.te da Câmara na séde da Comissão de Turismo. Nessa sessão em que se tratou apenas de apreciar um relatório apresentado por uma comissão encarregada de elaborar um programa de festas da cidade, realmente o sr. coronel Damasceno pediu a palavra e fez varias considerações sobre o relatório e contou o que vira no estrangeiro em varios centros desportivos ou simplesmente de divertimentos, o que, embora podesse despertar algum interesse, não vinha, de facto, a proposito do assunto que se discutia; é esta a impressão q..

têm pois já passado alguns tempos que não pode precisar quanto; contudo fico com a ideia de que acerca da construção duma pis cina o sr. coronel queria dizer que com 100 homens ela facilmente se construiria e, pelo pouco entender, seria uma das obras por onde se deveria começar p.ª melhoramento da cidade. Em resumo e tanto quanto o a sua memoria lhe permite reproduzir, a fala do sr. cor.el Damasceno foi muito fóra do proposito o que deu ázo a comentarios q. lhe foram desfavoraveis. E sendo convid.º a produzir quaisquer declarações q. julgue por convenientes, ácerca da conduta do sr. cor.el Damasceno nesta guarnição, deve dizer que as suas relações com ele têem sido sempre, desde o começo, o mais cortêses e afectuosas possivel e que, da parte do sr. co ronel Damasceno, quer em serviço quer particularmente, só recebeu atenções; e como, pela sua maneira de viver na loca lidade não usa frequentar pontos de reunião e de conversas, desconhece acusações que lhe possam ter sido feitas, com excepção da relativa a um concerto em q. ele tomou par te, integrado numa Flora de Arte organiza da pelo reitor do Liceu de Leiria com pes soas de categoria social, concerto em que, por necessid.e da composição da orquestra,

foram convidados alguns músicos da banda regimental que se apresentaram em traje civil de cerimonia; nota ainda, foram, que o espectáculo não era público porque a entrada era vigiada pelos alunos do Liceu e só se pagava a marcação do lugar como gesto de auxilio á Caixa Escolar do mesmo. E mais não disse, etc. etc.»

Este depoimento vem a fls. 25, 25vº e 26 do auto.

Leiria

Agosto: 24

Hoje, dia em que o Diário anda ás voltas, combinámos com as lembranças do meu comando regimental. Isto custa-me um bocado, mas têm de ser.

Vou relembrar casos, um pouco por alto, por falta de apontamentos tomados na devida altura. Vem sempre o tempo e a disposição de espirito concorrem.

Entre tudo o que me lembra agora, o prestigio que procurei dar ao comando. E neste sentido creio que consegui alguma coisa, dentro do critério de que o regimento não se comanda só dentro das paredes do edificio, mas vive também do bom ou mau conceito que dele, cá fóra,

se póde fazer. E isso não é coisa tão indiferente como se pensa.

Uma das recomendações que o general Lacerda Machado me fez, como deixei dito, era a da instrução dos oficiais do regim.to considerada muito baixa. Procurei dar-lhe orientação e era eu que a dirigia directamente, com incitamentos de varia especie e empurrões de toda a ordem. Eu dei o exemplo sempre, não me poupando; os ciclos de conferencias era eu quem os abria e obrigava, amavelmente, os outros a imitarem-me.

Assim, suavemente, sem atritos, consegui que os homens estudassem e a verdade é que na prim.a inspecção do meu comando o inspector encontrou diferença para melhor; e na ultima que, no meu tempo, o general Canto passou á unidade, ficou satisfeito e disse-me que eu, realmente, transformára o regimento. E dessa transformação veiu um louvôr transmitido pelo Quartel-general não só ao regimento como a 3 oficiais.

Na ultima inspecção passada pelo brigadeiro Arnaldo de Melo, este disse-me que não esperasse pela aprovação da direcção da arma de Infantaria aos projectos de exercicios que se deveriam realizar com

tropas, quer as do regimento quer em conjunto com Artilharia; porque, explicava, com a acumulação de serviço, resolveram deixar p.ª o fim os projectos que de antemão saliam que eram aprovados e os meus estavam sempre classificados neste grupo; e assim se eritava demoras e alterações dos horarios ~~[illegible]~~ já superiormente julgados em condições de execução. Isto, acrescentou, era prova de confiança da direcção da arma nas m.as propostas para exercicios, sempre consideradas boas.

Elé. elé. Fiz sempre o que podia e, ás veres, o que não podia.

Quanto a conferencias, deixo aqui nota das que fiz perante os oficiais e sargentos do regimento e, muitas vezes, com a assistencia de oficiais de Artilharia e do Distrito de recrutamento que voluntariamente compareciam á hora:

1) Casal Novo. Retirada de Massena. Em 12 de Junho de 1937.

2) Aljubarrota. Em 14 de Agosto de 937.

3) Valverde. Em 2 de Outubro de 1937.

4) Bocaio e Montijo. Estado comparativo. Em 4 de Dezembro de 1837.

5) A prox.ª comemoração centenaria da Independencia e o valor dos chefes mi-

livaras na guerra da Restauração, em 23 de Julho de 1938.

Estas conferencias ou melhor: estas palestras, eram sempre ilustradas com graficos comprovativos e fotografia que deixavam certa impressão no auditorio. E não digo isto por bazofia mas simplesm.te porque o regimento nunca viu qualquer comand.te fazer conferencias desta ordem nem coisa parecida.

Não menciono as palestras de caracter tecnico que iam sendo feitas ao sabor da andam.to da instrução e não tinham qualquer aspecto solene.

E, repito: etc. etc. — para não gastar demasiado papel.

Quanto ás relações com o regimento de Artelharia (outra recomendação do general Lacerda Machado) foram sensivelmente melhoradas. E deve dizer-se que se não ficáram cordeais, isso deve-se mais aos artelheiros que aos infantes. Aqueles, imbuidos em preconceitos de casta e levados por sentimentos de ordem politica, não se aproximam como seria para desejar; e os infantes, em grande parte oficiais saídos da classe de sargentos, mantêem-se desconfiados e, os que o

não são, ficam indiferentes. Contudo, superiormente, faz-se ideia contraria e ha contra Infantaria 7 a preocupação de que é o regimento o causador do mal estar. É possivel q. a origem venha ainda do ambiço rancor do Ten. cor.el Fonseca, como acima creio que expuz.

Com a sociedade civil procurei manter as relações com cerimonia mas afectuosas. Contra os meus habitos, frequentei a Assembleia e assisti aos seus bailes com a familia, dentro do principio de que em Roma se deve ser romano... Fui visitado e cumprimentado por certo numero de pessoas que ofereceram a sua casa e com as quais mantive as melhores relações. E com isto creio que desfiz mal entendidos que os meus antecessores estabeleceram.

O reitor do Liceu, o dr. Agostinho Tirroco, convidou-me p.a fazer conferencias culturais «aos seus rapazes.» La fui uma vez [1] falar sobre Batalhões Academicos de Coimbra — conferencia que não sei se agradou, mais solicitando-me o reitor «conferencias», não voltei a pedir

---

[1] Em 14 de Maio de 1937.

outra qualquer. E na verdade foi melhor assim.

O Ginasio-Club de Leiria fez identico convite, mas o aperto de trabalho serviu para escusa da maçada.

Etc. etc. Com tudo isto creio que consegui bom nome na terra e possivelm.te em todas as classes. E' natural que entre o clero não haja unanimid.e de vistas — mas com tal gente não me preocupo eu.

Não mantive nem mantenho relações com essa classe; os convites para procissões, Te-deuns, festas do Seminário, etc. foram constantes, mas ficáram no cesto dos papeis.

E brilhei sempre pela minha ausencia que, dizia-se, era reparada.

Uma vêz que, levado ao engano, me encontrei com o bispo D. José Alves Correia da Silva, fui eu a unica pessoa que lhe não beijou o anel, embora o governador civil o fizesse com genuflexão e lhe desse solénemente a direita, bem como as outras autoridades. O caso foi um pouco escandaloso, em publico, no jardim, numa festa da Mocidade promovida pelo reitor do Liceu.

Contudo, em nada os hostilisei; nada fiz que os contrariasse. Era como se tal gente não existisse.

E' porem natural que esta atitude ficasse marcada, que lhes não esquecesse a m.ª falta de «consideração» e submissão ao ilustre prelado a quem todos se curvam e reverenciam.

Tenho aqui á vista um convite do juiz da Irmand.e do SS. Sacramento da freg.ª da Sé de Leiria, no qual sou solicitado como comand.te do regimento e bem assim os meus subordinados, a incorporarmos-nos na procissão do Corpo de D.s no dia 16 de Junho deste ano corrente. Nem mais nem menos: eu e os meus subordinados, deveriamos ir incorporados na procissão!

Não respondi, apenas dei conhecimento aos subordinados — para os que quizessem ir. E já fui tolerante, com seiscentos Diabos!

Ora o meu passado, para esta gente clerical, não é dos melhores e é conhecido sem duvida nenhuma. E' possivel, pois, que na sombra se tenha maquinado qualquer coisa. Quem sabe!

O Diabo o jure...

Interessei-me muito pela banda regimental e se mais não fiz foi porque não havia elementos e superiormente se não importaram. Logo que assumi o comando chamei o chefe da banda, Domingos Coelho e disse-lhe um certo número de coisas que o homem, Vemos depois, me confessou nunca ter ouvido a qualquer comandante. Ficámos amigos. Não estava habituado a que os coronéis se interessassem por musica.

Consegui que se radiofundisse um concerto pela Emissora Nacional, em 12 de Junho do ano passado, apesar da oposição surda não sei se do director do organismo (o ilustre Henrique Galvão) se do reitor do Liceu, o Agostinho Tinoco, que não gosta do chefe da banda. Mas enfim o concerto lá foi radiofundido e parece que agradou.

Eu disse umas palavras antes de começar o concerto, palavras que transcrevo adeante. Na terra, porem, o caso não interessou e apenas um jornal deu conta dele porque ... o director é amigo do chefe.[1] As coisas são o que são e não há que fugir.

---

[1] Ver no fim do vol. a pag.

As minhas palavras ao microfone da Emissora foram estas:

«A banda do Regim.to de Infant.ª n.º 7 aquartelado em Leiria vai tocar algumas peças escolhidas do seu repertorio, dentro das possibilidades do pessoal e até do material. Raríssimas vezes as bandas militares da Provincia se fazem ouvir pela radio-telefonia; por isso hoje a Emissora Nacional vai apresentar ao País um valor musical ignorado de quasi todos os nossos habituais ouvintes mas que vai mostrar, pelas preocupações superiores, não só que a grande Arte se cultiva fóra dos grandes centros mas tambem, e principalmente, apesar da falta de elementos, se cultiva com esmero.»

Comuniquei para o Quartel-General o que ia fazer e marquei a hora do concerto. O chefe do Est.º M.or nada disse. Não sei se queriam que pedisse primeiramente licença, como qualquer menino de escola. E por estas e por outras não tentei dar segundo concerto; deixai-me disso.

Para eu ouvir, tinha os Sabados, dia em que o Coelho fazia ouvir programa sempre escolhido.

E a proposito...

Varias vezes tive mal-entendidos com o Quartel-general — mais ou menos fundados na falta de iniciativa que hoje se dá aos comandos e na noção que ha nos Quarteis-generais de que só ali reside o saber, a inteligencia e o bom senso. Os comand.tes de regimento nada são hoje; tudo tem de ser esmiuçado pelo Quartel General e algumas vezes tive de me bater pelos principios.

Enquanto comandou a Região o Peixoto e Cunha que sofria do fígado e era superiormente mal creado, algumas arestas houve que se leváram bem porque o homem, no fim, vinha ás boas.

Logo na sua primeira visita, aos 9 de Março de 1937, se deram incidentes que desagradaram a ele e a mim. Daqui veiu o eu escrever ao chefe do Est.º Maior Alfredo Ernesto da Cunha uma carta em que lastimáva o incidente que não era mais do que a consequencia de «erros que de longe vinham» e que se tem deixado correr sem haver novidade; e em que dizia que tinha vontade de ir a tomar conversar á puridade com ele a respeito do regim.to e em especial dos oficiais, etc. etc. E terminava com um periodo meio serio meio

chalaça: «E ainda por cima de tudo "me sinto prejudicado porque tencionava "pedir 3 dias para ir a casa, na próx.ª se-"mana e já não tenho cara para tal...»

O chefe respondeu amavelmente, em 13, concordando com o que dizia, informando de q.e o general não ficára zangado e que podia ir a casa quando eu quizesse.

Tempestade num copito de agua.

Daí a tempo, outro caso por causa do traje necessario á limpeza das esfinges das da Legião Portuguesa e em ocasião imprópria. Já aqui deixei dito qualquer coisa no vol.º anterior.[1] Eu déra uma festa no quartel a propósito do retrato do Joaquim Mousinho de Albuquerque com autógrafo que existia abandonado numa arrecadação ainda dos tempos do batalhão de Caçadores n.º 6; mandei fazer reprodução perfeita, guardei aquele numa pasta e a reprodução pu-la na sala dos oficiais em boa moldura de madeira. Convidei os oficiais da guarnição, o general quiz comparecer com o seu estado-maior e eu abri a festa com uma ligeira alocução

---

(1) Nos dias 2 e 8 de Maio de 1837, a pag. 376-379 do volume anterior.

que adeante copio para recordação. Foi feita, dizo já, para ser ouvida por tropas; é preciso dar-lhe o desconto devido.

Ora o general teve qualquer dôr de figado e sem quê nem para quê, atirou parelha de coices como se estivesse na cavalariça. Trocaram-se cartas com o chefe do Estado-maior e pronto!

Não vale a pena falar mais no assunto. Segue a alocução:

«É vulgar dizer-se que o português não tem o sentimento das proporções...

«Este caso do convite que fiz a V. Ex.as com a presença do Ex.mo General, para lhes mostrar uma sala nova p.a os oficiais do regimento, parece q. se pode classificar como falta desse tal sentimento de harmonia q. deve sempre existir nos nossos actos como nos nossos juizos — principalm.te para mim que tenho a cabeça cheia de cabelos brancos e levo a vida bastante adeantada. Realmente, convidar V. Ex.as para virem a um velho quartel onde se arranjou uma sala nova e ainda com modestia, deve ser caso novo nos nossos habitos militares e, demais a mais, nos tempos que correm, avêssos a sentimentalismos desta ordem.

«Mas, meus Snr.s: as modificações q. se fizeram neste compartim.to já envelhecido e quasi improprio para passatempo dos oficiais, foi apenas um ligeiro pretexto para acto de mais alcance.

«E' que, neste regimento que herdou o edificio, mobiliario e arquivo do batalhão de Caçadores 6 existia um retrato quasi esquecido e que o tempo se encarregou de esmorecer nas suas côres, de um camarada nosso q. foi alguem não só na nossa classe como na propria socied.e portuguesa. Nessa fotografia o retratado lançou com punho firme, uma dedicatoria simples mas afectuosa. O tempo ia passando e, de certo, lentamente, essa bela fisionomia de homem energico e de real valor se esfumaria no cartão a que estava colado e a moldura, em futuro mais ou menos prox.o, rodearia apenas o rectangulo de papel quasi branco.

«Surgiu então o desejo de fazer conservar a honrosa fotografia e valoriza-la; daqui veiu a ideia da reprodução ampliada e de se guardar o original a bom recato para resistir ao tempo; e assim, devido á iniciativa do dedicado e conscencioso colonial que é o 2.º comand.te deste regimento, eis-nos chegados á realização do plano.

«Trata-se, meus Snrs., do ilustre oficial de Cavalaria Joaquim Mousinho de Albuquerque, natural do concelho da Batalha, homem notavel em muitos campos de [redacted] actividade e do qual este regimento tem a honra de possuir um retrato com autografo no que, em todo o exercito, se emparceira apenas com o regimento de Cavalaria nº. 2.

«Creio serem apenas estas duas unidades ás quais o ilustre Mousinho confiou a guarda de tal penhor de afecto; uma porque nela serviu e se formou, na mocidade, o seu caracter militar; a outra porque era, no exercito, o representante da região excelente e pitoresca em que nascera.

«Temos, pois, aqui dentro de paredes, motivo suficiente para homenagem; e pena é que circunstancias varias independentes das nossas vontades, façam com que ela seja simples, muito modesta, incomparavelmente inferior áquilo que poderia ser e mereceria ser.

«Seja, porem, como fôr, a nossa vontade é que ela seja interpretada como nascida das melhores intenções — não só pela homenagem em si como por ela servir tambem de pretexto para os oficiais

da guarnição se encontrarem fraternal mente, apertando laços de correcção e de amizade que são indispensaveis entre militares.(1) E como aqui os vejo reunidos na sua grande maioria e, ainda f.ª maior brilho e melhor resultado, com a presença do sr. comand.te da Região e de um ilustre comandante que foi do regimento (2), eu quero, meus Snr.s, agradecer sinceram.te a todos o prazer da comparencia nesta casa e afirmar a honra que o regimento recebe em ver aqui, dentro das suas paredes, tão ilustre concorrencia.

«E pela m.a parte direi, como maior responsavel em tudo isto, que, se declino para os meus oficiais como bons colaboradores e bons companh.os a honrosa atenção de V. Ex.as, sinto-me felizm.te satisfeito por ver como a simples intenção que determinou esta festa, teve gentilissima correspond.a na forma por que V. Ex.as a compreenderam — pois sigo sempre aquele passo que ha muitos anos aprendi ao ler o meu classico Manuel Bernardes: «terá paz consigo e com os proximos o

---

(1) Ver, atraz, pag. 137-139

(2) O cor.l ref.do Franc.o Lacerda de Oliveira.

espirito que fôr mais amigo de transações que de litigios.»

«Muito e m.to obrigado pois a todos e a V.Ex.ª sr. General que de longe quiz vir aqui honrar-nos com a sua presença.

-*-

«Esta lembrança de honrar, mais uma vêr, o retrato de Mousinho, sugére inevitavelmente, considerações de ordem historica que nos levariam aos primordios, incertos ainda e muito discutidos, da nossa expansão ultramarina.

«Porque, na verdade, as campanhas coloniais da ultima decada do seculo passado, não se podem encarar isoladam.te como produto simples de vontades individuais; e essa revivescencia do espirito patriotico e o sentido colonial que então se fortaleceu, foram resultantes de causas lentas e gráves que é necessario ir buscar muito longe; e assim teriamos de ir, até, e sentimentalmente, á evocação do visinho pinhal de Leiria que é quasi o começo simbolico das navegações; aos tentames da marinha comercial de Afonso IV que Pedro de Azevedo (pouco antes de morrer) demonstrou com documentos ser grande e poderosa; ao primeiro efectivo da nossa expansão alem dos mares

com a conquista de Ceuta; e depois entrarmos no periodo fecundo de viagens em que teriam embatido criterios diferentes de acção ou duas politicas: a da expansão puram.te colonial quasi á moderna e a de méro trafico ou interesse directo de lucro.

«Mas eu não quero agradecer a Vm.as a visita com dissertações. Estas palavras vieram á colação porque no temperam.to de Mousinho julgo sentir reunidas algumas das qualidades superiores com que foram dotados muitas das nossas grandes figuras historicas; e seria proveitoso para o renome desse homem, o estudo das causas determinantes das suas acções — desde a duvida do rei D. Duarte que, antecipando-se a Descartes a dava como base para descuberta da verdade; desde a resolução pronta e firme mas precedida de raciocinio e saber de Nunalvares; desde o caracter que nós vemos em Albuquerque e D. João de Castro, por exemplo; até ao desinteresse e á satisfação intima do dever cumprido tão dificil de impôr e de manter, apesar dos estimulos que necessariamente o homem culto pode receber nas leituras e nos estudos a que se vota.

6

« De certo, no temperam.^to de Mousinho haveria profundidades a estudar, fóra, até, do ambito português; mas não quero ir tão longe — bastaria que nas nossas raizes ancestrais se procurassem os filamentos dessas raras e superiores qualidades de homem de acção e de caracter e puséssemos de parte as banalidades panegiricas que não tiram nem põem e só servem para gastar tinta ou lançar palavras ao vento.

-*-

« Lembro-me ainda m.^to bem, embora já corressem mais de quatro desenas de anos, do entusiasmo causado pelas noticias de Africa que chegávam com pequenos intervalos a seguir a periodo de abatimento colectivo: primeiro foi Marraquene, caso unico de quadrado rôto e reconstituído debaixo de fogo; depois Magul e Coolela; e a coroar esta bela serie de vitorias, a acção de Mousinho, com algum brilho espectaculoso, é certo, mas incisiva, cheia de vigôr, pela concepção e pela rapida e energica realização.

« O País sentiu um arrepio como não sentia ha muitas decadas; a comoção foi profunda; gritava-se o nome de Joaq.^m Mousinho de Albuquerque á tôa, com a

leviandade propria da nossa gente; exaltou-se a pessôa ao exagero; os cunhais das ruas passáram a ter o nome desse heroico capitão; e até era vulgar ver o rapazío, nos seus simulacros de luta, ter sempre á frente um, mais dominadôr ou atrevido, que se intitulava "o capitão Mousinho!"

«Mas de tudo isto, infelizmente, não se tirou a lição proveitosa que se poderia tirar; e de toda a multiplicid.ª de temperamento da pessoa exalçada, apenas ficou aquela q. impressionou mais: o valor pessoal.

«E assim voltámos á forma antiga de explicar o que é o homem de acção — quér chefes de guerra quer homens de estado: a valentia, a audacia irreflectida é que dominam. As qualidades de intelligencia; o poder de penetração e intuição perante os sucessos; a ponderação e reflexão no estudo dum plano e a execução rapida e firme do mesmo, qualidades que já Demostenes (se me não falha a memoria) exigia para os chefes — tudo isso desapareceu perante o incenso fumarento de louvôres e ditirambos publicados aos quatro ventos.

«E Portugal ficou sem aproveitar, nessa altura, a lição de todos esses sucessos; e o nome de Mousinho ia esquecendo co-

mo tudo esquece e ia-se apagando perante outros de mais audacia ou de mais fortuna.

« E é interessante notar que um conjunto de circunstancias ligam Leiria ás homenagens.

« O monumento que, mais cedo ou mais tarde se eleve em Lisboa, teve a sua origem nesta guarnição quando uma Comissão Administrat.ª da Camara a que presidia o capitão deste regimento José Pereira Pascoal, lançou a ideia dessa prova de reconhecimento.

« E em Lisboa, mais ou menos por essa epoca, outro oficial, actualmente na guarnição, mas ao tempo no elevado cargo de Agente Geral das Colonias, trouxe para o quadro branco do cinema (como ainda ha pouco vimos [1]) a glorificação da vida daquele a quem hoje rendemos preito. Foi ele o meu 2º. comand.te, ten.te coronel Julio Garcez de Lencastre.

« Agora é o regimento de Infantaria nº. 7 que faz saber que possue o retrato com autografo; e aqui estamos reunidos como

---

[1] Antes desta sessão, fez-se correr no teatro local uma fita com as façanhas de Mousinho ao que assistiu a oficialid.e, sargentos e soldados da guarnição.

amigos para lembrar esse homem que, por si só, honra uma classe e que nós devemos ver como o mais gentil representante daqueles que, através da vida, procuram tipar o dever e a consciencia com os seus actos normais e, ainda até, com a exteriorização dos seus impulsos mais intimos.

« E exactamente esta feição da sua personalidade não é a mais conhecida pois, como disse, o que principalmente ficou foi o cariho da sua bravura pessoal e a parte espectaculosa dos seus combates em Africa.

« Esse homem que escreveu em doze mento notavel e de alta responsabilid.e que o ser soldado é dedicar-se por completo á causa publica e trabalhar sempre para os outros; e que escreveu, a seguir, que a primeira das virtudes militares é a subordinação, não é creatura composta só de musculo e de perenid.e no perigo. Nesse corpo magro e pêco, de aspecto desprendido, sem imponencia, mas que andava com ritmo bem firme (como tantas vezes o vi nas ruas de Lisboa) alguma coisa havia a mais. Assim o demonstrou facilmente a organização das suas expedições e a administração da provincia

onde foi commissario régio por direito proprio.

«Organisador e administrador, em tudo mostrou visão politica bem clara do momento, a firmeza das concepções e o estudo serio das realidades; e se, na sua cultura, não havia grande base filosofica para dar a harmonia necessaria á multiplicidade de assuntos que lhe passaram pelas mãos, havia, comtudo, intuição admiravel que supria, em certa parte, aquela falta; e, ao mesmo tempo, possuia caracter, um elevado caracter, que, conforme disse lapidarmente Sainte-Beuve, serve mais aos que governam do que propriamente as ideias.

«É exactamente por possuir todas estas qualidades é que, quando desembainhava a espada, a sua acção ia até ao fim como devia; isto é, o desenvolvimento do plano fazia-se com normalidade — sinal de que o entendimento e a razão dos classicos gregos e latinos ou o estudo, a reflexão e o calculo dos modernos criticos de historia militar, tinham sido as bases sobre q. ele o formára com aquela ~~sabe~~ sabedoria tão velha como Plutarco que afirma na guerra não se póde perder duas vezes porque na primeira se pára.

«E assim, meus Snrs., sem querer alongar-me demasiado, creio não será a modestia desta homenagem que a torne menos valiosa; com o arranjo de sala condigna p.ª receber estranhos ao regim.to, fizémos em relevo essa nobre figura de portuguêsa; e com este simples acto que para espticos será risivel, mas sem a intenção de culto externo, eu desejaria que os novos pensassem quanto neste exemplo ha de humano e de aproveitavel para o futuro.

«Os homens que sobem acima da craveira vulgar, não são elementos isolados na harmonia geral, serão elementos necessarios p.ª representarem, no devido momento qualquer abalo da intelligencia humana: nas artes, na politica, na guerra, na literatura, na ciencia ou qualquer outra manifestação intellectual; e como esses homens são identicos á essencia minuscula que fica da pressão de muitas plantas ou flores, bom seria que os novos soubessem aspirar o que ha nelles de acção benefica, de justiça, de tolerancia, e o que ha de grandeza no desinteresse e, até, na hora propria do sacrificio.

«Pois que direi, para terminar (e já é tempo) como Kant: "Não se deve

" trabalhar só para a sociedade de hoje
" mas sim para uma sociedade melhor
" e possivel, no futuro, »

« Dixit. »

(Leiria : 24-26 de Abril)

O General Peixoto e Cunha que falou depois, classificou a m.ª alocução de boa pelo «recorte literario» que lhe dei. Creio mesmo que disse (não afirmo) «fino recorte literario...» — frase que deveria ter aparecido nos jornais.

Em seguida, o retrato foi descerrado por uma creança, sobrinho neto do Mousinho e neto do cor.el José Vitor Franco, ao tipo oficial da guarnição.

E acabada a cerimonia subimos á sala da bibliotéca onde se serviu uma refeição a q.e vulgarmente se chama «copo de agua» durante a qual se fizeram discursos de boa e eterna fraternidade.

A mesma mentira de sempre.

Foi comtudo, uma festança simpatica e que correu com certa distincção.

Durante a festança o major Pereira do Vale veiu dizer-me que a m.ª alocução fôra a melhor coisa que ouvira até-ra acerca do Mousinho. Eu repliquei q.e o tenór era desusado, mas ele insis-

tiu na sua, com a sua maneira franca de falar. Lisonja? amabilidade?

Ao menos não se referiu ao «fino recorte literario...»

Dias depois desta festança, nova trapalhada por causa de um castigo dado a um sargento. Não vale a pena repetir, o que já atráz referi[1]; guardei os cartões do chefe do Est.º-maior, datados de 13 e 20 de Maio para recordação — e mais nada.

Depois, em Setembro, nova pendencia por causa da vinda do ministro do Interior Mario Pais de Sousa ao que, na altura, me referi.[2] Mandei prestar honras militares por o governador civil me comunicar que o homem vinha oficialmente e os regulamentos de continencias assim o mandar.

Pois não senhor: o Quartel-general queria q. eu pedisse licença, alegando que o general poderia não autorisar as honras regulamentares!... Houve troca de cartas e numa delas refilei contra a intromissão das autoridades militares nas regalias e superiorid.e do poder civil. Enfim, para

---

(1) Ver, no vol. anterior, o dia 15 de Maio de 1937, a pag. 379-382.

(2) Ver neste volume, o dia 23 de Setembro de 1937, de pag. 47 a 55.

documentar, guardo as três cartas do chefe do Est.º-maior, de 24 e 28 de Setembro e a de 6 de Outubro.

Tudo tão pequeno e tão fútil!...

· E nisto se passa o tempo, com tais coisas se entretem uma classe inteira, sem grandeza, sem qualquer nobreza de intenções! Tudo gira ~~[illegible]~~ em torno dos hábitos de funcionalismo, da deslealdade de uns, da rabeirice de outros, das malandrices de quasi todos e... do bem ou mál estado do fígado deste ou daquele.

Disseram-me, já me não lembro quem foi, que este ilustre Peixoto e Cunha me fazia justiça. Não sei. O que sei é que se a fazia, transmitia-me essa justiça por meio de desconfianças e parelhas de coices. O Alfredo Ernesto da Cunha, em seus cartões, ás vezes dizia-me que o homem me considerava e me tinha em conta, etc. e até me chegou a dizer que no relatório de instrucção da região se distinguiu dois regimentos e um deles foi o de Infantaria 7. Tudo seria verd.e, não nego, mas a aparencia era contraria.

Foram, com a vinda de outro general, um sr. D. Luis da Cunha Menezes, o caso mudou de figura. O homem com di-

reitó a Dom não sofre, segundo parece, de fígado, como o outro, mas é um grande ratão...

Precedido de fama de grande comandante de regimento, veio comandar a Região como quem comanda soldados; e depois, como usa dom ter, ou ser de dar, certo prestígio para papalvos.

Começou com proclamações, com a instituição dos dias solenes no regimento, com festas desportivas, etc. Logo no prim.º "Nove de Abril" organizou uma corrida de estafetas de Tomar á Batalha para levar um facho ao sold.º desconhecido — o que nos custou um.to dinheiro que poderia ser melhor empregado. Veio depois o oferecimento duma taça p.ª ser disputada na guarnição com programa aqui organizado. A taça, é claro, teve de se chamar... Taça D. Luís de Menezes — o que ele agradeceu amavelmente... Depois, o dia solene do regimento que uma comissão de oficiais escolheu: um dos dias de combate na Flandres, em 1918. O homem não quis certamente ser adversário da nossa participação na guerra; disse que deveria ser um dos dias das legendas da bandeira. Tive eu de averiguar o caso e notei a circunstância curiosa de um dos combates ci-

tados na bandeira, o combate de San Sebastian, em 1813, não foi participado pelo regimento...

Como se arranjam estas coisas?

Enfim... para não alongar, e não perder mais papel com o sr. dom Luis, deixo, no fim do vol.e, uma exortação que a creatura dirigiu ás tropas da Região, em 13 de Agosto de 1938, vespera do anniversario de Aljubarrota. Simples curiosidade.(1)

Resumo: o sr. dom Luis era um futil, um vaidoso, um verdadeiro pateta alegre. E adeante.

E para acabar com este rosario de miserias sempre contarei que, por nota confidencial nº 55 da 4ª Repartição do G.tel General da 3ª Região M.ar, de 2 de Março de 1937, recebida aqui em 3, foi nomeado comand.te da «Zona de Cobertura do Alto Alemtejo» — cargo que representa, conforme julgo, certa confiança.

Trata-se, segundo creio, de receios causados pela guerra civil em Espanha e p.a hipotese de vitorias governamentais. Estou, pois, investido em missão importante que nunca julguei me confiassem.

---

(1) No final, a pag. ...

Estando em Leiria, longe da zona de cobertura que vai do Tejo ao cruzam.to de Arronches e estando as unidades que constituem a força que comando aquarteladas lá p.ª a fronteira, porque fui eu o encarregado da missão?

Como tudo é confidencial, mais este mistério para a história da m.ª vida — que a História terá dificuld.e em desvendar...

E para ~~——~~ falar a verdade, não ganhará nada com isso.

Coimbra.
Outubro: 7.

Depois de quase mês e meio de silencio venho sobre diario, cá volto á tarefa. Mandei hoje carta ao Pires Monteiro, carta sem tudo nada azêda e com alguem desalento. La vai. Deixei copia no vol.º respectivo, a pag. 199 e com o n.º 132.

Leiria
Outubro: 12

Como comand.te militar da localidade vim de mexer ha dias em correspondencia confidencial ambiga. Li muita coisa curiosa a respeito de questões politicas locais que me deixaram edificado — e ~~não~~ resisti á tentação de transcrever p.ª aqui dois docu-

nuentos, dos que nos pareceram mais curiosos e edificantes.

Em 1931 era governador civil de Leiria o Tenente miliciano de Inf.ª 7 José Rodrigues da Silva Mendes que fez política oposta à do major de Artelh.ª Henrique Pereira do Vale que foi substituir no cargo. Constou, no fim daquele ano, que o Silva Mendes iria ser nomeado governador de São Tomé; isto causou escandalo entre os artelheiros e daqui nasceu a nota confidencial nº 42 de 4 de Dezembro, do comando do regimento de Artelh.ª 4, assinada pelo d.º Pereira do Vale como comandante interino.

A nota começa por aprovar a circular confidencial da Região, nº 320/4 de 18 do Novembro anterior que fazia informações ás unidades a respeito do estado de espirito das guarnições e continua: «... será "uma das maneiras de fazer chegar ao co-"nhecimento superior certos factos e retra-"tar (sic) pessoas que desempenham cargos "publicos e que são, as mais das veres, co-"nhecidas apenas pelo reclamo que lhes é "feito por sociedades de elogio mutuo...»

Depois, entra verdadeiramente no assunto: «... a proxima nomeação para Go-

"vernador da Provincia de S. Tomé e Princi-
"pe do Tenente Silva Mendes. — Num sim-
"ples distrito metropolitano onde as funções
"de governador civil são apagadas, deu ele
"provas de facciosismo, pouco senso, espirito
"de intriga que trouxeram p.ª a situação o afas-
"tamento de não poucas pessoas que alguma
"coisa valem e o desprestigio enorme que al-
"guns factos por ele commettidos lhe valeu. —
"Isso, porem, nada é. Não tem repercussão
"exterior. É' apenas politica de distrito. [...]
"O caso, em S. Tomé, muda de figura. O in-
"dicado [...] não tem os dotes precisos para de-
"sempenhar tal logar. Falta-lhe cultura, co-
"nhecim.to do meio ..." e por ai fóra, afir-
mações relativas aos meritos do indicado q.
verdade, verdade, não andam muito fóra
do que é' justo. E segue ainda: « Se, de
"facto, não ha mais ninguem em Portugal,
"em melhores condições, é caso p.ª concordar
"com os inimigos da situação que dizem is-
"to está por pouco. » E com mais uma cer-
ta dose de pancadaria no S.ª Mendes e no
sistema do governo, termina, ainda como
consequencia da tal circular confidencial
n.º 320/4 por desejar que o ministro veja
bem o que faz, que se não deixe enganar
por más informações, etc. etc. etc. — conse-
lhos e advertencias curiosas.

Tudo isto vem do começo desta situação politica, da rivalid.e provocada pelo Fonseca que, neste e noutros casos, soube ficar de lado e deixar os outros á bulha.

O outro caso que achei curioso vem tambem duma nota do mesmo major Pereira do Vale, como comand.te inter.o de Arte-Maria n.º 4, que acompanhava um relatorio respeitante ao tal «estado de espirito da unidade...» Tem o n.º 47 e a data de 19 de Dezembro de 1931.

Começa por dizer que o relatorio que manda traduz a opinião «média» dos oficiais de Artelh.a «sobre assuntos que interes-"sam á politica da Ditadura.» E o primeiro assunto de que trata é, nem mais nem menos, a constituição do Governo que «tal "como está, é considerado como incapaz de "executar um programa definido de franca "politica de defesa da Ditadura. É visto como "um governo de transigencia e isso desagra-"da...» Entra depois em assuntos locais e atira-se ao Inspector escolar, de nome Ceiça e ao secretario da Inspecção, Leitão, «pessoas absolutamente contrarias á si-"tuação» e até o segundo é membro «das "comissões do reviralho.» Acusa tambem o chefe da policia de segurança, afecto aos

carilharistas, a fronte de « quando o dr. Se-
"rafim [1] estêve preso por motivos politicos e
"incomunicavel, ele se ofereceu para facili-
"tar intrevistas entre aquele e varias pessoas
"desta cidade. » E como falou do dr. Serafim,
continua: « Outro facto que desagrada é o
"regresso do dr. Serafim a Portugal. Que ele
"é interpretado como uma vitoria dos ini-
"migos da situação prova-o o facto de se es-
"tar preparando uma manifestação para
"a sua chegada. Com franqueza, é incom-
"prehensivel o seu regresso apenas chegado
"a Timor. O governo proporcionou-lhe um
"passeio que mt.ª gente desejaria fazer. Eis
"a maneira de pensar de todos. » E termi-
na por aludir á politica da Marinha Grande
onde considera « uma obstinação (do mi-
"nistro do Interior) a protecção que está sendo
"dada aos amigos de Jaime Cardinho » que
foi arbitro e exaltado democratico e chefe da
secretaria da Camara e hoje pessoa impor-
tante em Lisboa.

Etc. etc. Um dia, o historiador que lan-
ce os olhos sobre esta quadra, ver-se-ha em
calças pardas perante tanta lama...

---

(1) O medico Serafim Lopes Pereira, distinto fi-
siologo em Leiria, natural do conc.º de Mortagua.

Coimbra.

Novembro: 4.

Já aqui falei de uma sindicancia feita ao coronel Joaquim José Pereira Damasceno, pelo Bispo Galgado em Agosto passado. (1)

O Damasceno, em vez de se calar, em vez de mandar abafar o incidente e apresentar nova defesa e novas testemunhas. O processo, com este aparato, veio-me parar ás mãos e eu fiz o que podia para evitar mais carga no cavalheiro — que é parvo de todo e não deixou de merecer as acusações.

Mandei o processo com relatório para o Estado-maior e escrevi a seguinte carta ao Damasceno:

«... Recebi ainda em Leiria a sua carta de 21 de Outubro e informo-o de que vou hoje mandar, por intermédio da 2ª Região militar, o meu relatório para Tomar. Deixe-me, porem, dizer-lhe lealmente, que a sua exposição de 4 de Outubro veio atrapalhar o caso que, possivelmente, não iria mal encaminhado nas altas regiões. Teria sido melhor não mexer mais. Teria que o mundo não se vê

---

(1) Ver, atraz, pag. 133-135.

ne já por sentimentos, mas por interesses ou mêdo; e o meu cor.el, com os 50 anos, ainda é optimista como nós sômos aos vinte. — E creia tambem que a m.a situação de averiguante nada teve de invejavel; máus bocados passei ao sentir a luta da consciencia com a amisade e a gratidão. Teria errado no meu julgamento? Tenho, ao menos, a certeza de que procedi com seriedade e imparcialid.e Oxalá todos assim o compreêndam. — Enfim, não sou religioso; mas logo, ao entregar o processo, sempre direi como o Povo cá do norte: Deus lhe ponha a virtude! — E permita-me um conselho embora talvez não tenha autorid.e para isso: muito cuidado com qualquer nova intervenção sua se de novo entender dever intervir. — Desculpe a brevidade e creia-me, etc. etc.»

O relatorio q. fiz ia o mais brando possivel. Se houver boa vontade lá pelos altos, o Damasceno ainda se salvará.

Mas a verd.e é que o Damasceno não tem senso comum e não fez senão asneiras no comando do regimento. Se não é parvo de todo, faz o possivel por o parecer e por merecer o classificativo.

Coimbra.

Novembro: 10

Nova carta ao cor.el Damasceno, em resposta a uma dele, na qual se admira da m.a anterior. Bem dizo eu que o homem é parvo e bem parvo... E eu a ter de o aturar com paciencia e atenções!

«... Vejo pela sua carta que me não fiz compreender completamente. Não se preocupe com o resultado do meu relatorio. Digo-lhe, muito resumidamente, que se porventura houver boa vontade, o meu relatorio só ajudará essa boa vontade. Nele fiz-lhe toda a justiça que podia (e devia) fazer-lhe, sem faltar á verdade nem ás conclusões dos depoimentos. Creio ter esclarecido as circunstancias atipicas do ambiente creado e essas só lhe são favoraveis. Não se preocupe, pois. A m.a ultima carta era mais um desabafo contra os altos e baixos deste mundo... E nada de fiar nele! Um dia lhe contarei, quando puder contar. — E creia-me, etc. etc.»

Esse falado relatorio fica arquivado no volume *A minha vida militar* e, com franqueza, deu-me muito que fazer p.a equilibrar a Verdade com a Benevolencia.

Coimbra.

Novembro : 11.

Hoje, dia do armistício de 1918, vive a re-
guinte nova que não deixo de registar:

Estêve em Leiria, há dias, o coronel de
Infª e do Estado-maior Aníbal Passos e
Sousa como inspector da arma. O professôr
do Liceu, dr. Cardoso e Cunha amigo pessoal
dele acompanhava-o à noite, como é natu-
ral, e conversavam. Nessas conversas, a
certa pessoa veiu à baila e o Passos e Sousa
disse ao amigo que, dos futuros candidatos
ao generalato era eu o mais competente, o
primeiro de todos.

O Cardoso e Cunha repetiu o dito a mi-
nha filha a qual hoje mo transmitiu.

Acho esmola grande de mais.

Este Passos e Sousa foi meu instrutor
no 3º grau, em Caxias, em 1935, mas li-
dei pouco com ele. E vai ser instrutor,
agora, no prox.º 4º grau

A que é que corresponde esta impres-
são a meu respeito? E referir-se-ha só
aos coroneis de Infant.ª ou compreenderá
todos os coroneis que lá vão?

Acho esmola exagerado. Dentro em
pouco veremos; a ida p.ª Caxias está ~~perto~~
muito perto. E então se averiguará o va-
lor do prognostico.

Caxias.

Novembro: 21.

Começou hoje o 4º. grão ou seja o curso preparatório para o Generalato.

E quando eu julgava que vinha fazer um curso dentro da nova organização, eis que surge o velho curso de ha 8 anos, o mesmo, o mesmissimo, com a preferencia de exames á antiga que durarão até 1940 — como parte integrante das comemorações ~~da~~ centenarias...

O ministro da guerra manteve segredo impenetravel. A consideração pelos coroneis que aqui estão a fazer o mais importante dos passos da carreira militar, é, como se vê, nula.

Não se sabe bem a lei em que se vive.

Emfim...

E tudo com a aquiescencia tacita da classe que não vejo ter qualquer assômo, por pequeno que seja, de reprovação.

E cá estou em Caxias, novamente.

Ambiente... o mesmo de ha tres annos e meio, mas com agravantes.

Ha grupos fechados de coroneis que olham para outros grupos, tambem fechados, com desconfiança. E' a "igrejinha" das armas e das amizades antigas. E se

a "igrejinha" das velhas amizades se compreende e desculpa, a outra, a das armas é sobrevivencia inadmissivel e indesculpavel.

Emfim, vamos andando. Oxalá o segredo ministerial se aclare e o limite de idade me venha tirar destes assados!

E o tempo ajuda a melancolia: nevoas grossas com cheiros da barra e o cair triste das folhas. E' o começo do inverno. E nós, já no começo do inverno da vida, viémos hibernar para Caxias...

Caxias.

Novembro: 27.

Escrevi uma pequena carta ao major Henrique Pereira do Vale. Como, depois de escrita, achei curiosa, lancei-a no livro respectivo da epistolografia. Ficou a pag: 201, com o nº. 133.

Caxias.

Novembro: 28.

Hoje, lá vai um bilhete para o Lourenço Chaves Almeida. Nada de importancia, apenas desabafo — e documento da minha pouca adaptação a este ambiente.

Lá fica arrumada em logar proprio, com o nº. 134 a pag. 202.

Caxias.

Novembro: 30.

Mais epistolas... Desfaço-me em correspondencia. Desta vez é para o Bivar Salgado e como traduz o meu estado de espirito, cá fica copiada no vol.º das cartas, com o nº 135 a pag. 202.

Caxias.

Dezembro: 7

Isto é uma nunca acabar... Hoje é para o Pires Monteiro, mas é devida. Teve de desistir da 2ª prova do maldito exame final fº o generalato. Assim se vão deixando abaixo elementos de certo valor para deixar passar os protejidos da Igreja.

É proprio dos tempos.

A presente carta fica com o nº 136, a pag. 203 do m.º citado livro.

Caxias

Dezembro: 13

Mais outra carta... Como não tenho tempo fº deixar impressões acerca desta vida de «seminario de escola» vou-as deixando em cartas e cartinhas aos amigos.

Hoje vai para o Eduardo da Cunha Oliveira, velho amigo que sempre insistiu comigo fº eu vir até aqui; nunca deixou

parauté certos momentos de desânimo da 1ª parte, de Weimar na necessid. de vir aqui receber os meus graos de oficial general. Merece, pois, que lhe diga qualquer coisa, a brincar que seja.

Fica a pag. 204 com o nº 137.

Coimbra.

Dezembro: 31.

É pronto. Acabou-se o ano. Vim a Coimbra passar os dias consagrados; e lá para o dia 4, voltarei ao colegio de Caxias receber a devida instrução.

Assim seja.

— 1939 —

Caxias

Janeiro: 13.

Sexta-feira, dia 13 do mês e, para muitos, dia de S.to Hilário — o da mísera.

Foi, apesar de todos os maus agouros, dia de prova ou exame, ou ainda dia de garrafa segundo o calão, por sinal bem repetido, da Escola. É a segunda prova.

A natureza estava em dia de paroxismos: temporal desfeito de S.O. que agitava as árvores violentamente; e as águas da baía, turvas e encrespadas, tinham aspecto desolador.

A prova passou neste ambiente mau. Na sala, á luz artificial e sentindo o assobiar constante da ventania, o drama ia-se desenrolando ao longo das sete horas regulamentares.

Aqueles vinte e tantos caroneis, cheios de cabelos teraucos ou calvos, aspirantes ao generalato, deveriam dar, a um observador atento, certa impressão de tristeza. Uns, desorridos por completo, sem dar qualquer atenção ao que se passava á roda, tambem

vaus os tempos da Escola do Exercito ou que, cada um, queria passar á frente dos outros. Alguns, desalentados, diziam em voz mais ou menos audivel que estavam é rasca... E a um ouvi eu e, para mais, coronel de Engenharia, quasi a meio do primeiro periodo da prova «que lhe não vinha ainda surgido qualquer ideia!...»

Que dizer a tudo isto?

O defeito será da organização do curso ou será dos coroneis?

Sexta-feira, dia 13, e, para mais, dia de S.to Hilario — o da missa...

Caxias

Janeiro: 27.

Escrevi hoje uma carta ao general Julio Schiappa de Azevedo que passou á reserva por atingir os 65 anos de idade. Cumpri mandava-o e desejava-lhe longa vida e boa saude, etc. Devia-lhe esta atenção por me recordar a maneira como ele me tratou sempre enquanto estive na 1ª. Repias que ele comandava, de 1932-1933. Com certos defeitos, ainda é um dos comandantes que encontrei com mais tino e bom senso. Devia-lhe, pois, qualquer prova de atenção e de reconhecimento.

Caxias

Fevereiro: 7

M.ª filha escreveu-me de Leiria com a informação de que constava por lá que eu era um dos melhores instruendos e que as minhas provas eram superiores.

Causa-me certa admiração esta insistência acerca da m.ª grande capacid.e para general... Ou na verd.e isto é muito simples ou então... todas f.s os instrutores!

Enfim, respondi com uma carta cujo rascunho guardei. Fica no vol.e Vão citado, a pap. 205, com o n.º 138.

Coimbra:

Fevereiro: 21.

A Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, convidou-me para eu colaborar no volume especial que a sua revista vai publicar em comemoração dos centenários proximos. Este convite veio do Mario Cardoso, seu presidente, que eu conheci em Caxias, a fazer o curso f.s major.

Pobre Mario Cardoso a quem os instrutores apelidavam de «o arqueologo» com certo desdem!

Respondi hoje aceitando, condicionado, porem, a aceitação com a m.ª actual vida de candidato aos altos postos do exerci-

lá — os quais altos gostos, verdade, verdade, não são tão altos como se julga.

O que não sei é o que poderei fazer p.ª corresponder á amabilidade.

Caxias.

Fevereiro: 26.

Já há muito se falava no leilão dos quadros do velho Leão d'Ouro, á rua do Principe. Mas ontem foi a valer.[1]

De certo, a notícia e o proprio leilão pareceram indiferentes perante 999 por mil dos participantes instruídos — ou que o julgam ser.

As pessoas a quem dito qualquer coisa a este respeito, ficam a olhar como quem pergunta, no seu intimo, que interesse terei eu em querer que o Leão d'Ouro continue com os quadros.

Não tenho dinheiro. Se o tivesse, iria licitar qualquer deles, talvez uma das marinhas do João Vaz, talvez as flores do João Vieira, que ainda foi meu professor.

Paciencia. O avanço na idade implica derrocada de muita coisa: nas companhias, nas amizades, nos campos, nas paisagens e, agora vejo que até nos bolégrins...

---

[1] Guardei, no fim do vol. o anuncio. Pag. 417.

Enfim... Vou lá hoje, á tarde, por ultima vêz, tomar chá com torradas.

Desabafo unico que pode ter um sentimental.

Caxias

Março: 3

Hoje vai carta para o Tomás da Fonseca. Ligeira epistola sem valor — como aliás, creio eu, todas as q. deixo arquivadas.

Mas cá fica: a pag. 207, nº 139.

Caxias.

Março: 4.

Ante-ontem, em Leiria, numa fugida a casa, uns oficiais me disseram que em Lisboa se sabe que eu tenho «feito um figurão» nesta notavel Escola de Caxias; e que se afirma que certas decisões ou relatorios meus, apreciados em conselho dos mestres teem feito doutrina; e ainda se acrescenta que sou olhado com respeito pelo corpo docente. Etc. etc.

Como se arranja assim um par de botas? Que esta gente me trata muito bem, é facto que noto e de que me admiro um pouco; mas daí ás minhas decisões tiradas a forceps constituirem doutrina... e a merecerem o respeito dos docentes...

Será a redacção dos documentos a que dou sempre certa forma literaria e certo cunho pessoal?

Com franqueza, se é verd.e o que em Leiria me disseram, muito inocentes são os instrutores desta Escola!

Um autenticos anjinhos.

Caxias.

Março: 20

Hoje é cartinha para o poeta Lopes Vieira que deu em me encher de atenções.

Cá fica, p.a memoria, a pag. 208 com o n.º 140, de ordem.

Caxias.

Março: 31.

Terminou hoje, praticamente, o curso do 4.º grão na Escola C.al de Oficiais que, desde Novembro, se arrasta. Terminou suavemente, quasi com indiferença dos instruendos. Apenas um ou outro fez despedidas mais calorosas. Algum, mais bem disposto, disse qualquer frase genero "elogio-funebre". E mais nada!

Eu tinha a impressão de que, depois de 132 dias aqui passados em convivencia e a braços com dificuldades de varia ordem que implicavam com o futuro de ca- da um

da um, a separação fizesse qualquer efecto mais rijo.

Ao meu quarto, onde estão retido por uma "grippe" tipeira, vieram três ou quatro apenas dizer adeus; e, o que mais me tocou, vieram os instrutores. Os outros... largaram a Escola com a maior naturalidade como se não andasse aqui, há quatro meses e mais, em luta pela promoção e pelo conto de reis a mais no soldo.

Enfim. Eu aqui estou, no meu quarto, fechado contra o tempo desabrido que lá vai fóra; no edifício da mess ficaram apenas creio que três, os de Campo. O resto desapareceu praticamente, como se nada fosse, como se este curso não marcasse na vida uma dura quadra e uma tarefa muito pesada, como se cento e trinta dias de intimidade e de certas amarguras suportadas comummente, não merecessem um agua vai! qualquer, por simples que fosse!

Domingo irei para o Alto-Alentejo, na chamada viagem de generais. Destino: Castelo de Vide, a Sintra alentejana.

Irei comandar um Corpo de Exercito; e só eu, no meu intimo, sei o unico a rir destas missões que me entregam muito a sério, como se eu estivesse dentro delas e soubesse o valor desta arquitectura

teórica com que aqui nos encheu a cabeça e com que fazem subir às nuvens os grandes conhecimentos.

Levo daqui a impressão de que tudo isto é muito pequenino. Os meus instrutores eram bons, conhecedores do assunto e, muitas vezes me davam a impressão de que, por detrás das instruções, havia qualquer coisa de proselitismo — vão com vista e profunda era maneira com que diziam certas banalidades mistiradas com coisas sérias.

Mas tudo isto tem base falsa, isto é: a teoria unicam.te aparece; a realidade que ai não surge. E se pensarmos que não temos noções do prático, mais pequenino me parece o conjunto.

Pacientemente, todos os dias, num quadro traçado em folhas de papel, ia marcando os dias que passavam e os que faltavam... Assim me fui integrando na fe quenez do ambiente; e, como as crianças dos colegios, ia calculando o tempo que faltava para o final.

Cheguei ao fim sem novidade. Mas quero crer que as grandes esperanças que os docentes, segundo corre, depositam em mim, serão iludidas. A informação que hei-de ter não corresponderá á fama que

á minha volta se formou e se desenvolveu com insistência.

É o perigo de todas as famas...

Caxias.

Abril: 2

Estou a fazer horas para ir tomar o comboio para Castelo de Vide.

Vou comandar um Corpo de Exército! E Corpo hoje, de cor, a Escola.

Não sei que sensação sinto, nesta altura em que o meu futuro vai decidir-se. Dará resultado este esforço todo? A informação que venha a ter será de molde a ir ao exame, ao celebre exame, meu grande receio?

Todas essas coisas que correm a meu respeito não sei que fundamento possam ter. Nunca percebi que fosse dos melhores. Dos piores vejo bem que não sou: lá ai minha cavalgadura... Mas estar á frente de tanta gente é que acho forte de mais.

Emfim, vamos lá até Castelo de Vide. E o que fôr soará — e em breve.

E eu morto por me libertar destas empenhócas todas e poder cair na minha vida predilecta!

E afinal, quem sabe?

Castêlo de Vide

Abril: 5.

Cá estou... Tempo horrivel, ventoso, frio, chuva a cantaros e eu ainda com restos da "grippe" que arranjei ha dias.

No caminho, pelas alturas de Vila Franca ou Arambuja, distribuiram-nos o têma do exercicio: defesa da fronteira desde o Tejo ao Guadiana. Sempre comando um Corpo de exercito que cobre o sector de Cast.º de Vide a Monforte onde lido com outro Corpo do Ex.to comand.º pelo Barreto de Oliveira. Deram-me por comandantes das 3 Divisões nem mais nem menos que dois instrutores: o Alvaro Ferreira Passos, actual director do Curso do Estado-Maior e o Vasco de Carvalho; e ainda o Carlos Elias da Costa, tambem do Estado-maior. Parece-me que isto foi uma honra pois fui o unico oficial sem curso de Est.º-Maior que teve por subalternos oficiais com esse curso, dois dos quais instrutores e um director do proprio curso. Foi honra p.ª a familia...

No caminho ainda, fiz notar ao chefe da turma, o coronel Anibal Passos e Sousa, a anomalia da distribuição de comandos. Ele sorriu-se, teve um gesto amavel e vago e apenas disse:

— A quem queria Vm.ª que fossem entregues esses oficiais?

Quer isto dizer que continúo a ser o mesmo áz de tactica e de estrategia... E tanto assim é que me entregam os instrutores e com nome feito na sabença militar.

Devo dizer que, quer o Ferreira Passos quer o Vasco de Carv.º, foram de grande e distinta correcção p.ª comigo; no estudo do problema, á noite, no dia da chegada, e no decorrer do exercicio, sempre atentos aos meus pareceres e subordinando as suas resoluções as m.as opiniões.

Méra correcção? Simples delicadeza de homens bem educados? Não sei. O que sei é que foi assim.

O Carlos Elias da Costa, esse, estava por tudo. Pareceu-me um pobre diabo, bastante fóra destas altas conseminações estrategicas. Ouvia-me com atenção de discipulo e fazia o que eu lhe dizia.

Enfim, foram tres dias passados debaixo de temporal da Natureza e debaixo duma tensão nervosa, quasi febril, que me trouxe excitado em estremo, a ponto de me julgar doente e chamar um medico, por cautela. Vamos amanhã embora e... acabou-se a festa.

Ora ontem, no reconhecimento que fiz das nossas posições, dentro dum automovel com o Vasco de Carv.º e o Elias da Costa, sempre debaixo de chuva — acontece que, a sul de Arronches, quando nos dirigiamos para Monforte, e ao descer uma encosta de sobreiral, vi á esquerda, torrencial, Corrente, a galgar encostas, um ribeiro ou pequeno rio que corria em curva para sul.

— Que rio é este, oh Vasco de Carv.º?

— E' o Caia.

— Motorista, pare, faça favor!

Fiquei-me a olhar. O Caia! O muito falado e historico rio, que eu nunca vira embora acerca dele tanta tinta e tanto palavreado se tem gasto! O Caia!...

Fiquei-me a olhar, quasi empolgado... O Vasco de Carv.º sorria da minha admiração, e disse-me:

— Que quér você?... Passa aqui grande parte da nossa historia...

— Não ha duvida, meu caro. E eu cheguei quasi aos 60 anos sem o ter visto...

E sem querer comecei a fazer considerações acerca da corrente Corrente, em tão reduzidos, impetuosa, a correr através do sobreiral tristonho, tão diferente do que a nossa imaginação calculara: um rio

serêno, hieratico, quasi soléne, que deveria passar por entre as margens com magestade como quem arrasta seculos de historia heroica...

Era assim que eu imaginava o Caia, e via-o agora naquele estado, turbulento, a arrastar troncos de arvores, a fazer rolar pedregulhos, com agua suja das terras lavradas, uma vergonha, enfim!

O Elias da Costa, no assento da frente, olhava-me sem perceber patavina; o Vasco, espirito arguto, culto, sorria, e ainda disse malicioso:

— Sim, na verdade: é uma desilusão cruel...

— Sm. motorista, vamos embora.

O carro seguiu a chapinhar pela estrada; e o Caia, durante uns quilometros, seguia ao nosso lado, com sussurro, em marcha destruidôra.

— Olhe, Vasco de Carvalho, disse eu p.ª tirar qualquer moralidade: afinal, este diabo do Caia, está bem ligado á nossa historia... Se bem a compulsarmos, tambem de vez em quando arrasta muita lama, sái fóra dos eixos e faz barulho de mais...

O Elias da Costa ouvia e, naturalm.te de si para si chamou-me parvo; mas o

outro, com sorriso fino e compreensivo, concordou:

— Sim... sim... não está mal comparado...

E aqui está como eu, em 5 de Abril de 1939, avistei o histórico rio, de dentro dum automovel, embrulhado por causa da humidade e com uma pontinha de febre. Coisas da vida.

. . . . . .

Coimbra

Abril: 8.

De volta de Castelo de Vide, com uns dias de demora p.ª fazer o relatório.

De tudo o que passou parece-me que ficou a impressão de sonho, epilogado por pesadêlo no Alentejo.

Temporal, humidades, frio e trabalho intenso, de arrazar.

Mas adeante. Passou.

E do balanço destes quasi cinco mêses, fica-me a impressão, redusida a numeros, do seguinte — que aqui deixo como curiosidade sem outro valor que não seja simples ou até inutil curiosidade.

Em Caxias passei 111 dias;

Em Coimbra, em licenças e férias normais 19 dias;

Em Leiria, com autorização : 2 dias;
Na viagem de generais : 5 dias.
Na totalidade : 137 dias ou sejam quatro meses e 17 dias.

Quanto a despesas:

Em Caxias e Lisboa : gorjetas, extraordinários na mess, idas a Lx.ª, compras necessarias por estar fóra de casa : 867,00 (oitocentos e sessenta e sete escudos).

Viagens entre Lisboa, Coimbra e Leiria, minhas e m.ª Mulher : a mesma coisa.

Soma total : 1:734$00.

Se tudo isto ainda tiver a compensação do triunfo, bem está. Caso contrario, o dinheiro e o trabalho foram deitados á rua e eu irei para a reserva inglorium.ª depois de se ter proclamado aos quatro ventos que eu era um dos melhores, que era... era... etc.

Fechêmos os comentarios.

Coimbra

Abril : 9.

Escrevi hoje uma carta ao general Carneiro de Albuquerque, director da Escola Central de Oficiais. Agradecia-lhe as atenções que teve p.ª comigo durante a m.ª permanencia em Caxias. Poderá

parecer subserviencia ou acto proficiato. rio está m.ª amabilidade. Mas não é.

O Conceiro de Albuquerque teve para comigo atenções especiais e deu-me provas de consideração que não esperava e meu sei se merecerá. A carta foi, pois, e merecida.

Coimbra.
Abril: 13.

Lá vai hoje carta para o dr. Alberto de Oliveira que se admirou do meu silencio. Cá fica guardada, no local proprio, a pag.ª 209, com o n.º 141.

Coimbra:
Abril: 15

Fui, ante-ontem, á redacção do jornaleco local O Despertar apenas p.ª lhes dizer que mandassem entregar o jornal em casa de m.ª Mãe por não saber, apara, qual o meu destino verdad.º

Hoje, no numero q. recebi vem uma noticia curiosa que guardo adeante [1] como amostra da intelipencia e amabilidades dos tres jornalistas (?) conimbripenses.

Coitados deles.

---

[1] No final do vol.º a pag. 403.

Leiria.

Abril: 17.

Apresentei-me hoje, depois de ausência demorada. E logo por boa sorte encontrei uma nota afectuosa da Legião Portuguesa a pedir-me 15$00 para pagamento do diploma e selo da medalha de prata com que me galardoaram há tempos.

Muito amavéis, os legionários.

O comandante distrital, porem, disse-me que se admirára muito de a resolução me ter levado nove meses — pois a proposta para a medalha foi remetida daqui em Junho do ano passado.

Levaram todo este tempo a pensar e a amadurecer o assunto.

Bom sinal. Vê-se que, lá nos altos da Legião há ainda um pouco de consciência...

Leiria

Abril: 24.

Hoje, em aditamento á nota anterior, recebi o diploma da «Medalha de Dedicação da classe de prata» da Legião Portuguesa.

Vou de vento em popa!

Eu, dedicado amigo da Legião, condecorado com a medalha de prata! Quem o haria de dizer...

O diploma, com sêlo fiscal e assinatura do Casimiro Teles! Tudo em ordem.

E tive de pagar 15$00.

E' o amargo das honrarias.

Leiria:

Maio: 19.

O Abilio Valdez de Passos e Sousa foi ha dias a exame p.ª General e desistiu logo a seguir ás primeiras duas horas. Explicou perante o juri que o problema que lhe deram se não resolvia e em virtude disso vê-se obrigado á desistencia.

Como se tratava do Passos e Sousa, antigo ministro e homem de influencia, o juri sentiu-se tocado. Houve atrapalhação, o presidente, o Julio Ernesto de Morais Sarmento disse que certamente ele estaria incomodado, que o exame se adiaria, enfim, todas as facilidades p.ª evitar o escandalo. O Passos, porem, friamente, com a durêza que todos lhe conhecem, insistiu: o problema era irresolvel, a saude era normal, entregava a desistencia como prova exactam.te de que estava com serenidade.

Houve sensação no auditorio. Depois da troca de facilidades por parte do juri com palavras duras e incisivas por parte do candidato — este fez uma vénia respeito-

ra e saiu de cabeça alta. Flaure, verdadeiramente, assombro...

Calculo bem o que seria a cêna; e se nos na assistencia houveria muitos candidatos, imagino o terror que o caso causaria entre eles.

Ora pensando no assunto (e não será necessario pensar muito) a chave do drama não será difícil de descubrir.

No juri ha 3 generaes, antigas creaturas do Norton de Matos, Pereira Bastos e outros vultos democraticos: são elles o Carlos Mª Pereira dos Santos, o Tasso Miranda Cabral e o Antº Gonçalves Cerqueira de Albuquerque, todos tres, hoje, convertidos ao Estado Novo e renegados completos dos Velhos ominosos da Republica. Diz-se com insistencia que o Passos e Sousa quando, pela 1ª vez foi ministro da Guerra, deu certos apertões aos dois primeiros citados de quem desconfiava politicamente. Ora se atendermos a que a natureza humana é fraca e o prazer da vingança não é só apanagio dos deuses, não custa a acreditar que o problema forjado pº o candidato Passos e Sousa fosse irresolvel pº o colocar em situação má e na contingencia duma afronta por favôr — mais não quero crer que elles imaginassem tal desfecho.

E fº confirmar esta hipotese, ha quem notasse na cara dos dois generais Passo e Pereira dos Santos sinais claros de atrapalhação durante a cêna da desistencia.

Tudo é possivel. A natureza humana tem refolhos insondaveis. E a organização dos problemas fº o exame é absolutamente secreto...

Ora eu que fui condiscipulo do Passos e Sousa e que nestes meses passados em Caxias fomos companheiros assiduos quer ás noites, em conversas fº passar o tempo quer no estudo de certos pontos dos problemas do curso, entendi que lhe devia escrever amavelmente, em tom de solidariedade.

Escrevi pois uma carta q. fiz copiar no livro respectivo, a pag. 211, com o numero 142.

Lo escrevi tambem ao Luis José da Mota, sobre o assunto e animando-o perante este desastre. O Mota foi o meu companheiro de trabalho em Caxias, typo completo do homem tenaz, e com a força de vontade invejavel de triunfar. Tem o sonho de ser general, ~~[illegible]~~ sonho de ha muito; desconfio de que o veja realizado. A tripeta ainda irá, mas mais acima, não sei. Ver-se-ha, com o tempo.

A carta fica a seguir, a fap. 211 e com o n.º 143. É carta para animar, para lhe incutir coragem — que não sei se ele precisará. No entanto lá vai.

Leiria.

Maio: 13.

Hoje, de manhã, recebi o seguinte telegrama em cifra, do Quartel-general da Região, transcrevendo outro telegrama do Gabinete do Ministº da Guerra:

« Passa amanhã aniversario nomeação sub-secretario guerra. Ministro da Guerra veria satisfação essa guarnição as unidades se assim entendessem, prestar na mesma data telegrama qualquer homenagem aquela entidade. Mando cifra dificuldº falar pessoalmente telefone. »

Este telegrª, de ontem, vinha o nº 128, expedido de Tomar sob o nº 30/55 P.59 pelas 17 h. e 30 m.

Trata-se, na aparencia, de mera cortezia, para celebrar aniversario — que é uma das mais curiosas feições da politica actual.

Mas, nos bastidores, as coisas não se passam assim.

O exame do Passos e Sousa tem dado que falar e levantar celeuma. De Lisboa chegam notícias de discussões, de protestos, de conciliabulos, etc. etc. que em calculo sejam apenas e simplesmente... ridículos. O sub-secretario Santos Costa é visado como fautor deste estado de coisas que coloca os coroneis candidatos ao generalato num autentico jeito-jeito-jeito para se arranjarem vagas para a rapaziada que hoje manda.

Diz-se até que a efervescencia é toda contra ele mais do que contra o jeito — o que me não parece justo de todo.

Enfim, duma maneira ou doutra, o certo é que o sub-secretario está na berlinda. E as más vontades talentes, vêem agora esta valvula de saída que eu não acredito tenham valor de qualquer especie. Apenas de palratos e blasfias; a subserviencia é hoje dominante — e ninguem levanta a grimpa.

Ora o telegrama do amigo Salazar é mais uma esperteza jesuitica. Obriga amavelmente todo o exercito a fazer o que não deseja; e assim alega garante o publico que o exercito está com ele (ou com eles) e, ao mesmo tempo, obriga todos os comandos e direcções de serviço a curvar a

calaça e a não dizer mais nada. E, de certo, fica-se a rir com os seus botões...

Consultei, é claro, os comandantes das unidades. Ambos, prazenteiramente concordaram na homenagem. E eu lá mandei o telegrama, em nome da guarnição, e a seu pedido, com cumprimentos simples e secos pelo quarto aniversário da posse no ~~xxx~~ cargo que S. Exª exerce. Tive o cuidado de não meter adjectivos e de usar simplesmente o mais telegráfico dos estilos telegráficos.

Mas, afinal, enganei-me. No telegrama dizia quarto aniversário quando afinal é o terceiro... Ninguém reparará no engano, mas se repararem direi que me salva a intenção, que da minha parte não podia ser melhor...

Fui adeantando um ano. Fui o mais anual possível.

Leiria.

Maio: 14

Era verdade o que eu pensava. Nos jornais de hoje, com parangonas de mais ou menos relevo, vem a longa notícia dos cumprimentos ao sub-secretário da Guerra, o ilustre Faulão Costa, a quem todo o exército prestou homenagem.

O cavalheiro dispensou-se responder aos cumprimentos que, pessoalmente, a guarnição de Lisboa lhe foi apresentar, com um longo e bem elaborado discurso.

Começa, como é óbvio, com os devidos louvores ao patrão Salazar; exalta a obra (?) realizada e vem um passo na discursata que resolvi arquivar porque, na verdade, na parcelei: «não interessa ao "exército a existência nas suas fileiras de "uma ou duas dúzias de palros...» Que diabo quer isto dizer? Será caraminça para alguém?

Não quer palros no exército. Está no seu direito. O que ele quer é animo, resolução, vontade para mover o material que nos dão.

O passo referido cá fica guardado — para meditação...[1]

Lisboa.

Maio: 15.

Apresentei-me no Estado-maior ou seja na Presidencia do juri de exames.

Sempre me resolvi... e é curioso q. encontrei nos companheiros a maior calma, a maior conformidade. Perante o

---

[1] No final, a pag. 417.

caso do Passos e Sousa e a estupidez do sistema de exames, notei que tudo estava bem. O mesmo ar conformado, a mesma indiferença com que em Caxias se falava no assunto. O proprio Barreto de Oliveira, austero caracter e de pensar integro, ao falar do seu companheiro de estudo, explicava a desistencia por cançasso fisico e mental; nos ultimos dias esgotara-se e quando foi para o exame ia extenuado, quasi impossibilitado de trabalhar. Falou ainda vagamente na inimizade do Passo de Miranda Cabral fº com o Passos — e mais nenhum sinal, ligeiro que fosse de protesto.

Acabou-se.

O major-general, Morais Sarmento, recebeu-me bem. Nunca falára com ele e deu-me a impressão de que me olhou com curiosidade. O Pereira dos Santos foi oficialmente cortez. Os outros correspon-deram ao meu cumprim.to banalmente e só o Conceiro de Albuquerque deu mos-tras de certa cordealidade.

Emfim!

O figado já se ressentiu e transmi-tiu o seu mal estar ao intestino; com for-ma diferente, isto é possivel que corres-ponda ás colicas de ha 40 anos... Contu-do, parece que me sinto quasi indiferente.

Em 28 de Maio de 1939, no passeio da Estação do Rossio.

Conseguirei serenidade p.ª ir lá dizer qual quer coisa fóra da rotina dos outros exa-mes? Serão os meus trabalhos conhecidos e publicados o condão de interessar o juri e junta-los á fama de saberdor que me creáram?

Ver-se-ha no dia 5 de Junho.

Leiria.

Maio: 22.

Ando cá e lá, inquieto e desanimado. Fui agora a Lisboa ver os exames do Henrique de Melo e do Luis José da Mota.

Cada vêr me arrependo mais de ter tomado a sorte.

Leiria

Maio: 24.

Respondi hoje ao abade do Baçal, Padre Francisco Manuel Alves, que me ofereceu uns volumes que me faltavam da sua grande obra Memorias archeologico-historicas do Dist.º de Bragança. O meu condiscipulo Ant.º José Teixeira que foi em Coimbra companh.º de curso, foi dizer ao abade que eu não tinha a obra completa e o velhote quiz ser amavel.

A carta está no vol.º respectivo, a fag.ª 213, com o n.º 144.

Lisboa.

Maio : 29.

Fui hoje ver o exame do Luís Mota a quem tratavam afamiliarmente e afrouxaram parece que para grandes descidas.

No final, nos corredores, eu conversava com um e com outro, e ia dizendo que não tinha ainda a certeza de vir apresentar o exame ; e, com franqueza, dizia isto para ver o efeito da minha incerteza nos circunstantes.

O Ernesto Machado que em Caxias foi o adjunto do Passos e Sousa na minha turma e que ha muito perdeu o meu desfalecimento e aborrecimento, chamou-me á parte para me dizer que não fizesse asneira, que eu era, em Caxias, um dos melhor cotados, que eu tinha o meu nome feito e (dizia-me em segredo) o júri tinha a melhor impressão a meu respeito e « queria afrouxar-me ... »

Ouvi, agradeci e não desgostei da informação. Mas a impressão má do exame, essa, é a mesma. E apesar de todos estes bons prognósticos, sinto-me, como até aqui, da mesma forma aborrecido e ainda indeciso.

Vamos a ver.

Lisboa:

Junho: 5.

Carta a m.ª Filha que, de Leiria, não perde ocasião de me animar e impor confiança no exito:

« Obrigado pelas tuas noticias. Quando receberes esta já estarei metido no salão da biblioteca do Estado-maior (por sinal que excelente biblioteca) ás voltas com qualquer complicada operação tactica. Por muito superior que queira ser a estas miserias e contingencias da vida, o certo é que não me sinto á vontade; julgo que vou para empresa estranha e muito incerta, apesar dos prognosticos constantem.te favoraveis.

« Ao mesmo tempo desejo o final disto tudo: encontro-me, perfeitamente saturado de tactica, incapaz de prestar atenção a qualquer dos variados capitulos desse conjunto a que chamam ciencia e que os nossos mestres cantores querem fazer hermetica, tal como os nefelibatas, « para os raros apenas... »

« Veremos amanhã se serei desses raros que conseguem romper ou pelo menos sondar os misterios sagrados. O Mota, esse rompeu-os a punho fechado e face congestionada; mas eu que vou alimentado a

caldo de farinha e rebuçados de ovos, terei de usar luva calçada e palidêr no rosto... Isto é tudo uma grande laracha, como diria a Tia Cesaltina; e estou já farto de espectativa.

«Bem, adeus, lembranças, etc.»

Amanhã é realmente a prova escrita, a primeira grande prova!

Que sairá dali?

Não tenho grande confiança no exito. Sinto que aquilo não é coisa p.ª mim; ou por outra, que eu não fui feito para tais andanças.

Terei eu força para me impôr e teimar? Sentirei desfalecim.to e abandonarei a tarefa como é mais proprio do meu temperamento?

Máu dilêma.

Lisboa.

Junho: 6.

Sempre fiz a primeira prova, a escrita, a grande prova.

. . . . . .

Nunca julguei, francamente, sujeitar-me a tal prova e a tal vexâme.

Vexame, sim. E' o nome.

MINISTERIO DA GUERRA

3.ª Direcção Geral

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

Juri para avaliar as provas de aptidão para a promoção ao Pôsto de ~~Maxx~~. General

N.º 374

Referências:

SERVIÇO DA REPUBLICA

Lisboa, 1 *de* Junho *de 1929*

Ao Sr. Coronel BELISÁRIO PIMENTA

Rua de Santo Amaro, à Estrêla, 41 - 2º

LISBOA

Digne-se V.Exª comparecer neste E.M.E. na próxima terça-feira, dia 6, pelas 10 horas, a fim de prestar a sua prova de gabinete do exame para o pôsto de General.

Pel O PRESIDENTE DO JÚRI,

[illegible]

MINISTÉRIO DA GUERRA

3.ª Direcção Geral

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

Lisboa

Junho: 8.

Escrevi duas cartas que, por serem clara documentação do meu estado de espirito, aqui as deixo.

A primeira é para o velho amigo coronel Francisco Gomes a quem prometi dar noticias:

«... Como prometi, dou-lhe parte que já fiz a prim.ª prova do terrivel exame em 6, ante-ontem. Não fui feliz. O têma era bastante charada (como são agora) se bem que com aparencia de facil. As 6 horas não chegam, passam-se nervosam.te a resolver sem reflectir. É o contrario do que deve ser, mas é assim. Fiquei descontente, com a agravante de, na exposição verbal que se faz no fim das primeiras duas horas, a tensão nervosa e a depressão moral que me atacávam ha muito, iam-me deitando abaixo. Vi geitos de cair redondo, no chão, o que, para brigad.º, é deprimente...

«Vou mostrar a prova ao general Canto para ele dar opinião; depois resolverei se me devo apresentar á sessão oral, em 13, ou se entregue a desistencia antes.

«Tenho-me arrependido muito de me deixar atacar pela bretoêja da vaidade.

Estava m.to bem em m.a casa, em Coimbra, como coronel no quadro da reserva, nesta altura a cultivar craveiros e mangericos e indo, uma vêz por outra, aos Povins, conversar com V... e com o velho am.o Lourenço.

« Enfim, verêmos. No dia 14 se V... não vir nos jornais o meu retrato (usa-se agora esse sistema de retratar os novos brigad.os) já sabe que me aconteceu o que me devia acontecer. Em rapaz, lia Epicteto, que me ensinava a ser modesto e a não querer passar adeante dos outros, pois lembrava que é sempre bom pensar-se que poderêmos muito bem ser dos ultimos.

« Não fiz caso do pobre filosofo!... E aqui estou neste bêco que, felizmente, tem ainda uma saída airosa.

« Peço o favôr de dar estas noticias ao Lourenço de Almeida p.a o qual mando um abraço. E V... creia-me, etc. »

A outra carta é para o Eduardo da Cunha Oliveira que nunca deixou de me empurrar para o curso de Caxias e para o exame final:

« ... Sei que se tem interessado pela m.a situação. De Coimbra, m.as Irmãs

o disseram. «Ainda bem! Vê-se que o meu Snr.º tem rebates de consciencia por ajudar a meter-me em tais assados de que estão, creio, arrependido.

«A prova de gabinete não me satisfez. Creio que é fraca. Alem disso, na exposição verbal ia indo abaixo com a depressão moral em que ando ha muito. Os homens fizeram carranca...

«Vou mostrar a prova ao gen.al Canto por desfastio. Mas poucas esperanças vejo no exito. E' possivel que apresente a demissão para evitar desastre ou favôr. Qualquer dos casos me seria igualm.te desagradavel. Veja lá no que um homem pacato como eu caiu em se meter! Maldito, meu caro Oliveira, que quando me vi fechado no salão do Estado-maior com 6 horas em frente para a resolução da charada, perguntei a mim mesmo se não sonharia e se, na realidade, eu estava a concorrer ao generalato... Decerto julguei impossivel uma coisa destas; e, para cumulo, um vizinho do lêco do lado nascente, qualquer filarmonico de sociedade recreativa, tocava furiosamente em clarinete as arias mais em voga nesta Lisboa jovial e desejada.

«Quer dizer: o rapaz, sem o saber, lançara sobre o acto serio que eu praticava,

o ridiculo ou, pelo menos, a ironia das suas canções de taberna.

«Emfim!... O meu desejo, neste momento, é o socego de espirito e a tranquillidade que me dão os meus livros e os meus trabalhos predilectos. Tereis que era Fr. António das Chagas quem dizia serem as grandezas e honras meios de se perder a modestia á custa da ignorancia.

«A prova oral é' em 13, dia de S.to António. Fará ele o milagre, isto é', mais um milagre? Os meus agradecim.tos pelo seu cuidado, etc.»

Lisboa

Junho: 10.

-Carta a m.a Filha. Deixo-a aqui pelas mesmas razões das anteriores. Escuso de estar a escrever mais lamurias.

«.... Não escrevi ontem. Escusava de te incomodar no dia do natural triunfo da conferencia.(1) E' quasi certo apresentar, na prox.a 2.a feira, a m.a declaração de desistencia á segunda parte do exame. O general Couto examinou a prova escrita

---

(1) Conferencia sobre Camões, no Liceu de Rodrigues Lobo, em Leiria.

com cuidado e disse, como resumo «que "estava bem e que estava mal.» Mal porque a m.ª interpretação não era a que o juri quere; bem, porque dentro da interpretação não ha erros sensiveis. Disse-me que fosse á prova oral, que o juri «tinha obri-"gação de me aprovar», mas... eu não me sinto em estado de desafiar as ironias dos generais, não confio na minha ciencia se apertarem muito e tenho receio de que não cumpram a obrigação... Prefiro a renuncia a tempo e voltar ao anonimato.

«Ando deprimido e não me apresentaria com a serenid.e necessaria, tanto mais que nunca me senti bem naquele ambiente e todas as vêzes que ia assistir a exames, saía com a resolução de não voltar aquela sala. Estou a pagar a não concordancia dos actos com as afirmações embora intimas.

«Falei já com entendidos. Dizem que o caso não é tão feio como ~~[illegible]~~ eu o pinto. Coisas muito piores lá teem aparecido (v.g. o Vitor Franco, Gaudencio Trindade et alliis) e lá passaram. Mas, ao mesmo tempo apontam os senões e propõem argumentos de defesa tão especiosos que eu não saberia apresentar perante o tribunal

inquisitorial. Enfim, tempo precioso e dinheiro não menos precioso perdidos.

«Prova-se, ao menos, que aquilo continua a ser lotaria e que eu continuo a não ter sorte. É o caso da Inês de Castro, coitada. Lá fui ouvir a ópera do Rui Coelho.(1) A mísera e mesquinha foi, outra vêz, assassinada. Os féros matadores chepáram a agarra-la pelos braços porque não está va disposta a ir á degola... Mas foi, enquanto o D. Afonso IV cotiava as barbas de estopa. A música deve ser bem feita, mas pouco compreensível; é monotona; orquestração talvez demasiada, etc. Guardei-lê o argumento p.ª a colecção.

«E até qualquer dia, etc.»

Lisboa.

Junho: 13.

De manhã. São 8 h. horas. Dia de S.t António... Minha Filha, perante a carta q. ficou acima, corri a Lisboa p.ª me dar alento.

Sempre vou á segunda prova. Que demonio! Resolvi sujeitar-me á reprovação. Acho melhor. Conformei-me de q.

---

(1) No coliseu, em 8, por amadores. Orquestra regida pelo Rui Coelho.

MINISTERIO DA GUERRA

3.ª Direcção Geral

ESTADO MAIOR DO EXERCITO

Juri para avaliar as provas de aptidão para a promoção ao Pôsto de ~~Major~~ General

N.º 393

Referências:

SERVIÇO DA REPUBLICA

Lisboa, 8 *de* Junho *de* 1929

Ao Sr. Coronel BELISÁRIO PIMENTA

Rua de Santo Amaro, à Estrela, nº 41 - 2º

LISBOA

Digne-se V.Exª comparecer neste E.M.E., na próxima terça-feira, dia 13, pelas 14 horas, a fim de prestar a sua prova oral do exame para o pôsto de General.

O PRESIDENTE DO JÚRI,

MINISTÉRIO DA GUERRA

3.ª Direcção Geral

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

a desistência era fraqueza. Os homens do juri têem de tomar a responsabilidade.

Vamos a isto — sem fé no juri, sem fé em mim e até sem fé em S.to António...

A' noite...

Aconteceu o que devia acontecer. Os homens reprovaram-me.

Talis vita, finis ita.

Assim devia ser. E foi justo. Ninguem me mandou lá ir.

Leiria.

Junho: 17.

O que é mais curioso em tudo isto é que, dos coroneis do curso de Caxias, devia ser eu o unico que sempre disse não ir a exame f.º general.

Realmente, a minha ida para a Escola Central de Oficiais foi nessa persuasão: não haria exames! A actual organização do exercito acabou com isso e eu ia confiado na facilid.e relativa com que faria o curso e depois em que poderia ser escolhido f.º o posto imediato.

A confiança era, de certo, demasiada e ingénua; mas enfim, apesar de não andar muito á vontade no auditorio, ia nessa doce ilusão.

Mas... ao chegar a Caxias, o espectro dos exames surgiu! Iriamos fazer o curso do 4º grau como ouvintes, e haveria exames porque no Estado-maior não deram andamento á proposta da Escola, relativa a periodo de transição que acabaria com o exame e procuraria formula satisfatoria.

Os generais não quizeram largar de mão o poder arbitrario de fazer ou desfazer tripadeiros; e o sub-secret.º Santos Costa (a quem a facécia nacional apoda chama sub-sacatrapos) não foi contra isso alegando que não iria entrar na competencia do Estado-maior.

Deu-se, então, em mim, uma luta grande que me ia abalando: continúo ou não continúo? Pensei em ir embora e abandonar de vêz aquela baixeza toda — porque a verd.e é que via em todos uma humildade incomodativa, uma subserviencia irritante, quasi carneirada que se sujeita ao cacete do pastor quando vê, lá adeante, a pastagem farta.

Andei nesta luta algum tempo; depois alguem (não me lembro já quem foi) disse-me confidencialmente:

— Não se vá embora, homem! Tudo isto acaba por não haver exames... Es-

tão a estudar o assunto no ministerio da Guerra. Vai ver! vai ver!...

Nesta altura houve a desistencia do Pires Monteiro que causára sensação e havia corrente forte favoravel ao desaparecimento dessa prova que afinal estava a provar dar os resultados contrarios. Veio depois a reprovação do Artur Pereira de Mesquita, de Cavalaria, que mais revoltou quem tem consciencia livre e se não curva ao Interesse.

E assim fui continuando o curso sempre á espera do desaparecimento do exame. A' minha volta começam a espalhar-se coisas agradaveis; dizia-se que eu era dos melhores, que as minhas decisões feitas nas varias provas eram discutidas e creáram doutrina, etc. etc. — coisas que não sei bem como surgiram mas que, na realid.e surgiram. E eu cheguei ao final do curso muito cotado realmente e obtive uma informação boa, uma dos quatro ou cinco melhores.

Estava, pois, em condições de, nessa altura, renunciar ás glorias e vaidades e recolher a casa com a informação obtida para encaixilhar em moldura de esparavento... Mostraria a todos que fui capaz, contra os prognosticos de muita gente, de fazer

o curso com relativa facilidade e de me colocar ao lado daqueles que nunca ganharam nenhuma coisa e nunca perderam nenhuma coisa. Mostraria que conseguira o que dependia de mim e que abandonara o resto que apenas dependia da sorte e da boa ou má vontade dos outros. Não me iria sujeitar a qualquer vexame por que os generais do juri me fizessem passar.

E era, na verdade, a boa altura de apresentar a desistência e dar assim uma lição de desinteresse e independencia.

Mas...

Começam aqui os mas.

Toda a gente me dizia: então agora que Você conseguiu uma informação dessas é que desiste? então sabendo-se que a boa ou má informação é decisiva no exame é que se vai embora? então no momento proprio do triunfo, quando tudo se prepára para bem é que retira como qualquer S. Francisco de Assis?... Etc. etc.

E isto era claro e rasoavel. Na verdade com as indicações que tinha, não se compreendia que renunciasse assim tão franciscanamente ou tão marco-aurelianamente. E eu compreendia mais ou menos que assim era e que, independente de vaidades ou de qualquer acúleo natural que

me picasse para deante, eu tinha a impressão de que seria capaz de fazer o exame sem grande mêdo dos generais ~~[illegible]~~ cuja superiorid.e intelectual me não assustava porque... a não teem.

Levado assim á tôna destes raciocinios, passei os dias indeciso ao mesmo tempo que sentia interiormente o anxio desejo da renuncia. A luta continuava.

E' que, paralelam.te, eu reconstituia in mente essa terrivel prova que, pelo regulamento, se chama exame de aptidão para o posto de general. Já de ha muito ouvia dizer coisas inverosimeis a respeito dos seus resultados, bem patentes, aliás: valores autenticos do exercito deitados abaixo; nulidades verdadeiras aprovadas e promovidas. A prova estava condenada por natureza, não se admitiria em qualquer país onde se trate a sério do escol de comandos. E ainda com a agravante de os proprios membros do juri fazerem côro com estas afirmações!

Nos exames a que assisti, duas vêzes ouvi dizer aos generais, do alto das cátedras:

— Bem sabemos que V.Ex.as perdem, nesta prova, pelo menos 50% das suas qualidades e merecimentos...

Isto ouvi eu, bem claramente, e ouviram todos.

Depois, tudo aquilo me impressionava de forma estranha: o ar sibilino de inquisidores que os generais tomáram ao passar e ao sentarem-se nas grandes cadeiras; a sua maneira de argumentar que p.ª uns era claudicosa, para outros violenta e falsa; as diferenças de tratamento que para uns era de algodão em rama para outros de punhal afiado.

Etc. etc.

Vi cênas extraordinarias: erros de doutrina graves, considerados anuentemente como lapsos; simples deslises consequencia da precipitação com que a prova é feita, considerados duramente como erros graves... Para uns havia sorrisos, cumprimentos amaveis; para outros a expressão dura e afôdos crueis.

Ao coronel Benjamim Soares dos Santos, de Cavalaria, o Pereira dos Santos, com sorriso velhaco, classificou de Rosalino Card.ª de Sampaio e Brito; e como o candidato tivesse um assômo de revolta, o general disse-lhe com ar superior que a Torre e Espada que tinha ao peito de nada ali lhe valeria... E isto dito com expressão de desprezo!

Ao Artur Pereira de Mesquita, de Cavalaria, a maneira incorrecta e insolente como o Pedro Cabral o tratou foi de tal modo que aquele, dirigindo-se ao presidente do juri, exigiu mais respeito e mais delicadeza para o seu posto, para a sua idade e para a sua vida limpa de cidadão, alegando ainda que estava ali porque se sentia com todos os direitos a isso, etc. Um escandalo.

Mas para o Gaudencio Trindade, homem de sacristia, falso e vaidoso, que fez uma prova desgraçada, tudo era amabilidade, tudo eram blandicias e desculpas como se o juri é que tivesse feito as asneiras da prova...

E a respeito deste Trindade posso contar o seguinte: como se viu perdido com a pessima prova, pensou na desistencia. E' foram homens de igrejas e bispos e tem um irmão cónego de alta categoria; e o caso confirmou-se. Em Coimbra sabia-se, nos meios clericais, dois dias antes da prova oral que, houvesse o que houvesse, ficaria aprovado. E a verd.e é que ficou e com 14,6 de classificação — apesar de, na prova oral se limitar a rir, a concordar com os arguentes, a dizer que as asneiras escritas foram

lapsos e a afirmar com lealdade (sic) que a intenção com que escrevera certos passos da prova que estavam errados era exactamente a contrária... Isto não se acreditará, mas infelizmente é verdadeiro.

Depois, eu considerava que, naquelas primeiras duas horas sossobráramos os mestres e escafandros os calorinos. O que haveria de misterioso naqueles 120 minutos que transformara tanto a realidade anterior? Não compreendia bem aquilo. Parecia que tal prova era a subversão de todos os princípios e de todas as regras — agravada ainda com a afirmação que a alguns vagais do juri se ouvira de que ela nada representava para avaliação de merecimentos.

O Luis Mota disse que, desde o começo da prova escrita, não invisivel dava com um nuaço grande na cabeça do candidato e o atordoamento levava tempo a passar. E realmente o simile é racional: quando, ao fim das duas horas se realeria a sessão, o candidato aparecia nos com outro aspecto, em regra caído, acabrunhado, com feições cansadas de convalescente.

A tudo isto se juntava a impressão de inferioridade intelectual dos generais

do juri e ainda o facto de nada valerem para o julgamento a vida anterior do candidato, os seus meritos pessoais, as provas dadas em qualquer campo de actividade, etc. etc. O juri considerava o exame para general em absoluto, como se o examinado caisse do céu, sem outra ligação com o ambiente.

De modo que eu, intimamente, sem jamais protestei contra a ida a tal provação q. achava degradante. O termo não é exagerado. E sempre, no meu intimo, relutei em lá não ir.

Infelizmente, levado pelos conselhos e indicações amigas que atraz ficáram em varios pontos destas notas, lá fui ás forcas caudinas, arrastado, quasi desmoralisado, com grande tensão nervosa, sem confiança no meu saber e na minha vontade.

Assim se começou o final da aventura estranha.

O dia 6 estava quente; havia ameaça de trovoada que rebentou depois e me disfarrinha mal; a atmosfera, por consequencia, carregada; pouca luz no grande salão fatidico... Por detraz de uma porta de vidro, meia-oculta por estantes, que dava para entrada particular, ouvia-se

a tosse catarrosa dum reformado posto de sentinela — não fossem os nossos coroneis arranjar uma batotinha para auxiliar a resolução do têma. Numa casa do bêco em frente, qualquer filarmónico ensaiava, em clarinete, as arias q. teria de tocar nas marchas da proxima noite de S.to Antonio.

E' claro que, pouco sereno, não teria visto completamente o problema, isto é, a preocupação da pressa, dominante em todos, não me deixaria calcular, com certa segurança, como eles quereriam a solução. E assim, apreensivo com o tempo que corria, lá resolvi as duas partes do têma sem notar, realmente, certas contradições em que poderia cair.

O têma era, como os anteriores, ~~de~~ enorme, vagam.te confuso, cheio de alçapões, com o seu quê de charada — obra acabada de Pereira dos Santos que, durante um periodo de imobilid.e motivado por demorada flébite, construiu vasto conjunto de problemas que serviram já e continuarão a servir de ratoeiras e ciladas a tantos candidatos.

A m.a inexperiencia de me livrar de tais ardís e, vá lá, certa despreocupação que vinha do meu estado nervoso e do va

tural abatimento, fizeram-me cair em um ou outro alçapão e não me deixáram integrar no charadista que é necessario ser naquelas duas horas.

Ao chegar á exposição perante o juri e o respeitavel publico, estava já mais ou menos exausto pela emoção que não consegui dominar e depremido por todo aquele conjunto: desde a trovoada enervante e das arias do clarinete, até ao aspecto moral do acto.

Comecei a exposição creio que bem; mas a certa altura a fraqueza e a minha negação p.ª tudo aquilo ~~[illegible]~~ tivéram a sua acção nefasta; senti, a pouco e pouco, um vago mal-estar; começou a correr transpiração abundante e tive a sensação de que ia cair. Acabei a parlenda atabalhoadamente para me libertar do espectaculo desagradavel que devia estar a dar e com mêdo (como depois cá fora receáram) de cair redondo.

Quando o juri se levantou e saiu, o Vasco de Carvalho chegou-se ao pé e disse-me apressadamente:

— Você resumiu muito, mas siga esse caminho. Vá para deante...

— Isto foi uma trapalhada.

— Não! Está bem! Siga assim!

Não sei se o Vasco falaria verdade se simplesmente me quereria animar. O certo é que, ao ver-me de novo só, naquele salão fatídico, senti-me aborrecido mas, ao mesmo tempo, tranquilo...

Bem, pensava eu; a exposição não foi boa, mas como a resolução vai no devido caminho, o resto talvez seja capaz de fazer. E realmente fui.

Dentro da orientação tomada nas primeiras duas horas, as decisões que escrevi, correntemente, sem hesitações, sem emendas, com letra firme e toda igual, estavam perfeitamente ~~[illegible]~~ coerentes. Não haveria que dizer aparte certos senões inevitaveis em tais casos.

Cheguei ao fim das quatro horas afinal bem disposto, tranquilo, e sem cançasso... Vão lá entender a natureza humana!

Apenas tinha atravessada a má exposição da 1ª parte da solução. Que Demónio! Porque não almocei eu á vontade em vez de me limitar a um simples prato de farinha?

Mas enfim, a prova não deveria estar má e a precisão das decisões, a sua ordenação e coerencia, compensariam suficientemente a má exposição verbal. E com

este estado de espirito, na ultima meia hora, conheci o relatorio justificativo que limitei, na verd.e, a simples frases mais ou menos arredondadas, para cumprir a formalidade. E, confesso, sem dar importancia a um aparelho a que não ri, em qualquer dos exames anteriores, fazer referencia por pequena que fosse.

Ao dar a hora, o general Canceiro de Albuquerque entrou p.a encerrar o meu trabalho.

— Oh sr. general, disse-lhe eu: isto é uma prova tremenda! Não ha modo de se fazer coisa com geito em tão pouco tempo e em tais condições...

O homem mostrou um vago sorriso, quasi enigmatico:

— Realmente... Isto tem de se fazer pelas «reflexas»...

E lá fui eu ao gabinete do major-general entregar os papeis. Foi então que reparei no aspecto dos homens: estavam todos de trombas, com os olhos no chão ou como quem diz, sobre a mesa á volta da qual se sentavam. Nenhum levantou os olhos e o major-general disse apenas e secamente:

— Pode retirar-se. Não é necessario mais nada.

Eu saí convencido da verdade: estava condenado!

No dia seguinte, segundo a regra, voltei ao Estado maior para receber a copia da prova. Encontrei auditeur auxiliar; os ajudantes mostraram-se alegres e bem dispostos; o do chefe do Estado-maior, por cujas mãos corre o assunto, louvou a m.ª prova, pela correcção da letra, clareza da redacção e... boa apresentação! Confessou-me até que, desde que ali está em serviço, nunca vira prova como esta, que vinha sempre que pedir ao candidato p.ª dictar ao dactilografo, vão garatujadas, emendadas e mal escritas elas vinham; ao passo que a minha já estava copiada e pronta...

¿As amabilidades do ajudante, afinal o meu patricio Sousa Nazaré, um dos cadetes do Sidonio Pais, representaria qual quer informação lá de dentro?

Mas no outro dia fui mostra-la ao general Caulo que me recebeu alegrem.te e me confessou, sem cerimonia, nunca calcular que eu chegasse onde cheguei e conseguisse a informação que obtive em Caxias.

— Você, concluia, andava sempre entregue a literatices...

Esta frase do general é mais outra condenação que sempre me tem perseguido.

Mas vista a prova, com atenção, o Canto disse-me em resumo: quanto á primeira decisão, estava bem — mas não era o que eles queriam. O problema, estava, aliás, mal posto; o Pereira dos Santos continuava a querer, apenas, comprometer os candidatos; a solução, até, não se poderia fazer como eles quereriam, etc. A minha interpretação não seria a melhor, mas representava um critério e dentro dele a solução dada era corrente. Quanto á 2ª parte, dada a mª solução como boa, a decisão não tinha erros; mas eu caí em um dos alçapões armados pelo Carlos Maria (como o Canto chama ao Pereira dos Santos) e fiz uma decisão com borbulha, isto é, fiz a decisão contraria, em parte, ás ordens do escalão superior. Etc.

Realmente, só então é que dei pelo alcapão armado pelo "Carlos Maria." Tive a impressão rapida do descalabro...

— Então, sr. general, o melhor é desistir e não pensar mais no assunto.

— Não senhor! Entendo que o Pimenta deve ir e que eles teem obrigação de o aprovar. A sua informação coloca-o a co-

berto de qualquer desastre e eles teem, obrigação de considerar qualquer outra solução que não seja a deles ... etc. etc.

Contudo, saí de casa do general por sinal que na altura de chuva diluviana, com o proposito de desistencia

Parece que a Naturera se revoltava com o meu proposito de continuar na ascenção. Trovoada, chuva torrencial, calor sufocante.

A' noite, procurei encontro com o coronel Joaquim dos Santos Correia que em Caxias mostrou sempre certa predilecção por mim. Abancámos num café e conversámos largamente acerca da prova; ouvi mais ou menos a mesma coisa q. ouvira ao Canto: realmente, a m.ª solução não seria a deles, mas disse que eu devia ir, que a informação era excelente e as decisões feitas em momentos de aperto como aqueles nada depunham contra ou a favôr de qualquer. E o Santos Correia acrescentou ainda que o meu nome era suficiente para manter em respeito o juri.

E' claro que me não deixei ir abaixo com isto que poderia ser lisonja ou pelo menos amabilidade, tanto mais que, contra o habitual, pareceu-me ver

na expressão do Saulo Correia vago sor-
riso de melhacaria. Veria ele já, com a
m.ª exclusão, mais uma vaga?

Eu sei lá!

No outro dia, no Rossio, encontrei
o superint.º António Birne, meu contem-
poraneo na Escola do Exercito. Logo que
me viu veio para mim de braços abertos:

— Anda cá, rapaz! Dá cá um abraço!
Já sei que fizeste uma prova de arromba!

Perante as m.as dúvidas, ele elucidou
que soubera a boa nova por pessoa lá de
dentro que o informara confidencialmen-
te; era uma prova cheia, co'os diabos! E
o Birne, alegremente, deu-me novo e
apertado abraço.

Depois foi o capitão do Est.º Maior Anto-
nio Henriques da Silva: com a sua voz
mansa, cheia de delicadezas, contou-me
que as inconfidencias havidas lá pelo casa-
rão do Estado-maior diziam que eu esta-
va num dilema: ou o juri considerava a
m.ª solução como corrente e, neste caso, a
prova era m.to correcta, coerente, bem dedu-
zida e bem escrita, sem erros e sem emen-
das e tudo iria bem; ou, não gostando o
juri nascer as suas calúnicas e espirito
dogmatico e hermetico e teimando na solu-
ção propria, então a m.ª prova era má e

a sua defesa já seria complicada. Qual seria a atitude adoptada pelo juri é que ele não sabia — mas o dilema era este.

E no proprio dia, antes de entrar para a prova oral, o Ernesto Machado, veiu dizer-me amigavelmente que fosse, que não desistisse, que deveria ir até ao fim e que estava convencido de que, embora a m.ª solução não fosse a deles, deveriam concordar em que as soluções são muitas e que a m.ª informação, o meu passado e o meu nome me poriam a coberto dum desastre.

E, como já tinha resolvido, fui. O juri é que tomaria a responsabilid.e do encerram.to da m.ª carreira... tão brilhante...

Entrei na sala debaixo da impressão do desastre. Via-se isso na cara dos generais e até da assistencia.

Devido a uns brometos que tomára estava com serenid.e que, em casos identicos, nunca sentira.

O Tasso de Miranda Cabral abriu a luta e logo de entrada, pelos gestos e pela fisionomia, vi que o ataque ia ser rude e que o ia fazer com proposito e satisfação. Conforme o previsto pelo Henriques da Silva, o Tasso virou para mim a piór ponta do dilêma; dei respostas em tom de conversa

e mantive um nível pacato á discussão. Mas ia vendo que me defendia mal ou pelo menos com pouca energia.

O Tasso, cruelmente, ia desfiando o rosario; não me dava o tratamento de excelencia devido ao meu posto, mas simplesmente o de senhoria; tratou-me claramente, com despreso.

Eu, ás veres, quiz fugir para campo onde teria superioridade, mas ele calava-se, olhava para mim com olhos muito abertos e mudava logo de assunto. Assim uma vêz em que lhe falei no metodo carteriano p.ª justificar a dificuld.e de nas 2 horas dadas se resolver o problema e em outra vêz em que quiz entrar com o factor temperamento na resolução dos têmas, e em outras mais de q. me não lembro, pareceu-me que ele teria receio de se meter em cavalarias altas.

Calculei logo o resultado e, com a mesma serenid.e do começo, bebendo uns goles de agua p.ª combater a secura da boca, deixei passar o tempo. Eles teriam de tomar a responsabilidade...

Veiu depois o Lobato Guerra, delicado mas souso; expremeu a decisão encarada no ponto de vista deles, sem dar ensêjo a qualquer outra hipotese; com o seu

ar sereno e delicado foi também severo, só mostrando o mau e não fazendo ligeira referencia ao que poderia estar bem. A certa altura, com sorriso, o Morais Sarmento, presidente, disse-lhe ao ouvido qualquer coisa, como de quem aconselha a não insistir mais por não valer a pena... E na verdade não valia.

Terminou a argumentação e passei ao último, ao Caeiro de Albuquerque.

A argumentação deste que versou sobre a criação de generais no Alto-Alentejo, deixou-me admirado porque sempre esperei ser bem tratado por ele. Começou por não achar bem o traçado da linha principal de resistencia do Exercito defensor e perguntou-me se eu concordava com ele; como dissesse que não, perguntou-me porque não aconselhára eu o comandante do Exercito [1] a levar mais para a frente a linha? Francamente fiquei-me a olhar para ele e lá respondi com razões de melindre, delicadezas, etc. Já não dizer a verdade — pois a verd.e foi que a linha principal de resistencia foi traçada em Castelo-de-Vide de acordo com o Alvaro Ferreira Passos e o Vasco de Carvalho que não

---

[1] Era o Abilio V. de Passos e Sousa.

oposeram, depois de discutido o assunto, qualquer argumento contrario.

Insistiu, a seguir, em certos pontos que foram feitos em conversa com o Vasco de Carv.º, em Cast.º de Vide e até, no caso da colocação dos Postos de Comando das Divisões, á pressa, e no final, que ele proprio escolheu. Que estranha coincidencia esta!

Ou seria apenas maneira amavel do Conceiro me tratar, aflorando apenas assuntos sem importancia — tanto mais que, segundo me disseram, a decisão desse têma de Cast.º de Vide estava boa?

Ha quem afirme que o Conceiro de Albuquerque é m.to francês. Não sei. A verdade é que sempre se mostrou comigo amavel e me encheu de atenções. Não sei pois explicar esta atitude.

Enfim! depois de 2 h. e 35 m. a prova terminou. Os assistentes desaparecêram... Quando, depois de arrumar os papeis na pasta, me voltei, dei apenas com o Raul da Silva Tavares, fiel amigo, com cara triste, apreensiva. Preguntei-lhe:

— Isto é um chumbo, não é verd.e?

Ele fugiu á resposta, mas disse-me que os homens só procuráram mostrar o que havia de contrario á solução-padrão

e queixaram-se deixar no público a impressão de que nada se aproveitava no meu trabalho.

No corredor surgiu o Gastão da Silva Teixeira com ar compungido; e só se aproximaram de mim e se conservaram até final, o José Tristão de Bettencourt e o Alfredo Ernesto da Cunha.

Louva-lhes seja dada.

Esperei cerca de 45 minutos; a demora indicava que haveria discussão porf. em regra o resultado vinha em 10 minutos ou quarto de hora. O que se discutiria entre eles? Por fim, chegou um tenente do Secretariado M.ar com a guia de marcha para me apresentar no Ministério da Guerra. Ficára considerado inapto para o posto de general.

É coisa curiosa: quando há aprovações fica tudo à espera; até os velhos continuos, fraques reformados, exultam!

Naquela altura, foram, mesmo os reformados rir: tudo se sumiu...

Despedi-me do Bettencourt e do Ernesto da Cunha e agradeci-lhes; e como em baixo, ao portão, visse o porteiro a cumprimentar-me amavelmente, o único que não fugiu, dei-lhe fraternalmente cinco escudos...

Justa recompensa para a coragem do velhote.

Desci a ladeira acompanhado do Raul Tavares que foi comigo até ao Ministério da Guerra. Ao fundo, o Severino de Morais, de Espeunharia, que esperava electrico, ao avistar-me, escondeu-se.

Parece que ia empestado. Fazia-se o vacuo á minha volta.

Sic transit gloria.

Leiria

Junho: 18.

E agora, já que ontem desleixei, vamos ás cartas.

Hoje são umas poucas.

A prim.ª foi para o Alfredo Ernesto da Cunha, a agradecer-lhe o ter-me esperado no final do exame e acompanhado até á m.ª saida e aproveitava a ocasião para dar uma friada ao cunhado Tasso Cabral ~~---~~ pela maneira como me tratou. Enfim, uma no cravo outra na ferradura.

A segunda foi para o Bivar Salgado que foi incansavel em atenções e interesse pela m.ª situação. A meio da carta dizia-lhe: «Aqui estou em Leiria filoso-"fando acerca das inconstancias do mun-

"do, têma que, como sabes, se presta a di-
"vagações variadas e curiosas. Mas sem-
"pre te digo, meu caro Salgado, que, se me
"incomodou, no dia proprio, a solução da
"mª aventura, o certo é que, no imediato,
"ao acordar, tive a sensação do alivio e da
"inesperada tranquilidade... »

Este Salgado é um sincero e bom ami-
go que sentiu o desastre como se fosse ele
a vitima. E' um bom espirito, com certos
preconceitos mas cheio de nobreza.

A terceira carta foi para o dr. Alber-
to de Oliveira. Aqui fica:

«... Como V... se tem interessado pela
mª situação militar actual, vou infor-
ma-lo de que me reprováram, na ulti-
ma prova de aptidão, em 13 deste mês. O
taumaturgo de Lisboa não quiz nada co-
migo e os generais tambem não... Foi
desastre em cheio e vexame completo.
Tenho a certeza de que os não merecia. Pa-
ciencia.

« Espero aqui a passagem á reserva
e voltarei para a mª casa em Coimbra
onde não farei sombra a ninguem e on-
de espero continuar a receber as noticias
de V... e as indicações q. entender. Duran-
te a mª estada em Lxª andava V... pelo

estrangeiro, razão porque não tive o prazer de o ver e ocasião de lhe expôr, com vagar e bom humôr, os perigos a que me arriscava em tal viagem maravilhosa...

« Com m.tos agradecim.tos por tudo, peço me creia, etc. »

A quarta carta foi p.a o Anibal Passos e Sousa. Era devida. Redigi a epistola de modo sobrio:

« ... — Qualquer q. fosse o resultado final das m.as pretensões ao posto imediato, tencionava escrever a V... para lhe agradecer todas as atenções que teve para comigo em Caxias e todo o seu cuidado e interesse pelo exito do meu curso.

« Cumpro, agora, essa minha tenção embora não correspondesse, na ultima prova, á confiança que V... em mim depositou.

« Se V... descubrir algum prestimo neste seu cam.de, etc. »

E por hoje, em epistolas, ponto final. Ainda ha mais p.a mandar, mas ficarão para outro dia.

Quero, porem, deixar aqui explicado uma duvida com que fiquei quando, em

14 de Maio passado, anotei o discurso do Santos Costa ao agradecer os cumprimentos expontaneos da guarnição de Lisboa.[1]

Já me deram a explicação: a carapuça era para o juri de exames para o generalato e a proposito do caso do Abilio Passos e Sousa. E quem me explicou a alusão esta no caso de a saber explicar.

O que se vê, porem, é que o juri fez-se desentendido... E continuou.

Leiria:

Junho: 21.

Lá vai outra carta... Hoje é para o Pires Monteiro. E como talvez mereça conserva-la, cá fica no vol.º respectivo, com o nº 145 a pag. 214.

Leiria.

Junho: 22

Mais outra... E desta vêz para o Mario Cardoso, de Guimarães, ao qual devia agradecimentos pela oferta duns trabalhos seus.

Fica no respectivo vol.º a pag. 215, com o nº 146.

---

(1) Ver atraz, pag. 196-199.

Leiria.

Junho: 25.

A Revista Militar quér colaborar nos festejos centenarios proximos. E pensa contribuir com um nº unico que conterá colaboração adquada.

Ora entre os colaboradores, a direcção não me esqueceu e incluiu no programa o meu nome prestigioso; e assim me dirigiu uma circular com o convite e o plano de trabalhos. — no qual plano se solicita da mª pessoa o estudo de A formação do Exercito Portuguès nos seculos XII e XVII.

O plano, valha a verdᵉ., não está mal organizado. Deve ser obra do general José Justino Teixª Botelho. Deixou-me, porem, certa duvida o enunciado da mª parte e por isso escrevi ao general, em forma de oficio, uma carta na qual, de mistura com as frases corteses e agradecidas que são habituais fazia a seguinte pregunta:

«... A designação do assunto que me é destinado inclue simplesmente a formação organica do exercito ou estende-se, como eu imagino e me parece melhor, ao seu valor moral de conjunto e á formação moral e intelectual dos seus

chefes? Com todos os títulos do folheto anexo á carta de V... não vejo nada que dirima já esse aspecto; será esse a intenção de V.Ex.ª? — . . . . . .

. . . . . Recebido o esclarecimento que solicito, direi depois o meu parecer, etc.»

Leiria:

Junho: 30.

Fui convidado pelo Ferreira Lima para escrever na Revue Internationale d'Histoire Comparée, saída do Comité International des sciences historiques. E ao mesmo tempo mandou-me uma circular curiosa que conservo.

Com carta que lhe escrevi hoje, dizia, entre outras coisas:

«Muito obrigado, também, pela circular com que me honrou. Aceito e com m.to prazer, se bem que não sei se chegarei á craveira exigida. O grão é que os dias têm 24 horas... e as encomendas que tenho, já lhe algum tempo, têm não parte pesada na distribuição do trabalho. Quero ver, porem, se arranjo horario conveniente, logo que me encontre em m.ª casa de Coimbra — e meterei então no quadro de trabalho, o projecto pa

ra a Revue Internationale de Hist.ª comparée. Vagamente pensei em varios assuntos, um dos quais de coturno elevado: o estudo militar de D. Francisco Manuel de Melo que abrangeria uma quadra de importante actividade e na qual ele teve notavel influencia.

« Veremos. Nada de sonhos! Este Dom Francisco Manuel é, desde os meus tempos de rapaz, um dos meus favoritos e desafia-me, m.tas vêres, a grandes liberdades de imaginação.

« Em Caldelas (onde conto ir) ambiente de sossêgo, contemplativo, pensarei devagar e pedirei conselho á doce paisagem do vale do Homem.

« E creia-me, etc. »

Leiria.

Julho: 3

O Alberto de Oliveira escreveu-me da Covilhã, na volta de qualquer missão diplomatica no estrangeiro. Ficou quasi aflito com o resultado da m.ª aventura do generalato, quer saber pormenores e pede noticias.

Escrevi-lhe hoje, carta breve, prometendo explicação mais extensa. Acredito que ele ficasse aborrecido.

Leiria

Julho: 4.

Em resposta á m.ª carta de 25 do Junho ultimo, o general Teixeira Botelho sugeria um entendimento directo com o general Ferreira Martins a quem foi atribuido, na commemoração, o capitulo dos chefes militares na Fundação e na Restauração de Portugal pois o autor poderia tratar do valor moral e intellectual dos mesmos, e encontrar-se assim com o meu plano.

Não concordei muito com a sugestão mas lá escrevi hoje ao Ferreira Martins perguntando se era sua intenção encarar os chefes pelo aspecto simplesmente biographico ou debaixo do outro mais interessante do valor moral e intellectual que os engrandeceria melhor no ambiente proprio.

Este Ferreira Martins é um pouco pas tolão. Escreve muita coisa mas sem grande base e com pouca grammatica. É porem considerado um dos nossos «mais brilhantes escritores militares» e com a vantagem que nem todos teem de ganhar bem bom dinheiro com artigos p.ª jornais ricos que lhe pagam cada um generosam.te

Vamos a ver o que o homem responde p.ª ver poder tratar do meu caso.

Leiria

Julho : 10

Em 6 deste mês recebi do general Teixeira Botelho uma carta muito atenciosa relativa ao meu exame, isto é, lastimando o acontecido e afirmando a sua consideração e amizade.

Dos raros que se lembraram de mim; dois ou três, apenas. O resto parece que se repositou ou, pelo menos, achou o caso natural.

Como a carta veem cheia de termos honrosos, respondi hoje com outra, não só com os agradecimentos devidos como com afirmações de trabalho e de colaboração na Revista.

O melhor é ainda é dos bons e dos dignos de estima.

Leiria

Julho : 13.

Faz hoje um mês que profecei nos generais do juri de exames e que, muito naturalmente, trambulhei.

Como é costume piedoso celebrar-se o trigessimo dia, vamos lá lembrar ligeiramente o caso e contar uma ou outra coisa que, com o correr dos trinta dias, me vieram aos ouvidos.

O Luis José da Mota teve conhecim.to, por meio de varias inconfidencias que sempre surgiam, que, afinal, eu chegara a ser aprovado... Dois generais estavam a meu favor, dois contra e o Morais Barreto, presidente, tendia para o sim, mas depois caiu para o outro lado, isto é, para o não.

É claro que os dois favoraveis deveriam ser o Pereira dos Santos e o Cavalcanti de Albuquerque. Não posso admitir outra hipotese.

Dra nesta oscilação do Morais Barreto ha duas explicações vindas lá de dentro ou seja dos segredos do Estado-Maior:

A primeira diz que a mudança de voto se deu a seguir a uma chamada telefonica. Quem seria que chamou? Quem teria autoridade para interromper um juri de exames no momento da decisão? Pessoa de inferior categoria não era e, segundo opiniao corrente, só da Repartição do Gabinete do ministerio da Guerra haveria autoridade para tanto.

A outra explicação diz que o Morais Barreto, a certa altura, teve duvidas e, tendo essas duvidas resolveu consultar o sub-secretario Santos Costa pelo telefone; da conversa nada constou mas foi

Ha rectificação no dia 29 de Junho de 1953.

depois da conversa que se deu a reviravolta na opinião.

Que verdade ou que mistérios haverá em tudo isto?

Depois...

E' bom tambem recordar, já que estamos nas comemorações do trigessimo dia, que ~~[illegible]~~ nas rodas reacionarias de Coimbra e Leiria se dizia já que eu não conseguiria passar.

Em Coimbra, minha Tia Virginia Martins da Silva disse-me ha pouco:

— Eu não quiz dar o aviso, porque, quem sabe! poderia ser falso; mas a mesma pessoa que me disse que o Gaudencio Trind.e passaria no exame apesar de tudo, me informou de que o Belisario dificilmente ficaria aprovado. Eu, com franqueza, não acreditei; mas afinal saiu tudo certo.

Em Leiria foi a D. Amancia Larcher de Sousa que mais ou menos disse a mesma coisa: a m.a aprovação era hipotese muito afastada na sociedade que ele frequenta. E é preciso considerar que esta senhora, embora filha do velho Tito Benevenuto de Sousa Larcher, pertence á sociedade que se reúne duas vezes por semana em casa do Bispo; é directora da cate-

guése; freside a varias instituições catolicas e... enfim, faz o possivel para esquecer que é filha de tal pai. E está no seu pleno direito.

Ora estas afirmações não são de acaso; estas duas senhoras não inventaram o que disseram. Evidentemente que alguma coisa haveria.

Ao mesmo tempo, de Lisboa, quer por cartas quer por noticias trazidas por oficiais que lá teem ido, sabe-se que o meu caso foi muito discutido e, depois do do Passos e Sousa, causou sensação.

Não sabia que o meu nome era tão conhecido e que á minha roda havia esfera tão benevola. Valha-nos isso.

Uma das noticias foi a proposito do exame do Ferreira Chaves.

Nos locais de reunião de militares no teu-se que o ponto que lhe saiu foi facilimo e dizia-se até que se lhe saisse o meu ou o do Passos e Sousa o caso era sério para o mestre de tactica. E mesmo assim com ponto facil, dizia-se que a prova fôra nula o que, até certo ponto se explica pela classificação final que foi de 15,2. Isto é, para ficar muito alto os professores tiveram que lhe dar duas decimas acima dos quinze valores.

Ao Ernesto Machado, pronto facil; ao Alfredo Ernesto da Cunha, cunhado do Tasso Coleral, pronto facilimo... Ao Luis Sampaio, pronto facil tambem. E estes dois ultimos eram dos mais fracos, reconhecidos por nós todos e pela propria informação final. Mas, enfim: são homens adaptaveis e adaptados e merecem a devida confiança.

Elé. elé.

Talvez não valha a pena insistir no caso. Para commemoração joco-funebre basta o que aí fica. Resta-me a consolação de saber que em Lisboa, nos centros de canalheira e má-lingua se diz:

— Passou o Vitor Franco e o Ernesto Cunha e ficou reprovado o Belisario...

A vox populi sempre veem ver por outra faz justiça.

Leiria

Julho: 14.

A França celebra hoje o 150º anniversario da tomada da Bastilha.

Seculo e meio depois da Revolução. Deste seculo e meio vivi eu sessenta annos. E o que tenho eu assistido durante todo esse tempo? Parece que ainda está tudo na mesma.

Tentativas, apenas... E' o que tem havido. Quando vingarão os principios?

Leiria.

Julho: 15

Hoje, nos jornais, veem a noticia que aqui fica colada:

Pelo que se vê, somos irmanados na mesma ordem do exercito. Ainda bem.

QUADRO DE RESERVA

Vão ser publicadas portarias colocando no quadro da reserva o general sr. Lobato Guerra, antigo Chefe do Estado Maior do Exercito e o coronel de infantaria sr. Belisario Pimenta.

Leiria.

Julho: 19.

Hoje, estava menos mal disposto e escrevi ao Bivar Salgado uma carta alegre. E' um bom amigo a quem estas coisas agradam sempre.

Fica a pag. 216, e com o nº 147.

28

Leiria

Julho: 20.

Tenho, decididamente, o vicio da epistolografia. Ontem foi p.ª o Bivar Salgado a facécia sobre Fr. Antonio das Chagas; hoje é para o Tomás da Fonseca que vai outra carta de caçoada. Ao menos não dirão os amigos que entristeci com o trambulhão no Estado-Maior.

A carta fica no lugar proprio, a pag.ª 218, com o n.º 148.

E hoje tambem escrevi para a Revista Militar informando de que o titulo definitivo do meu artigo para a commemoração centenaria é As hostes afonsinas e os exercitos da Restauração.

O titulo dá carta liberdade para o tratamento do assunto.

Coimbra.

Julho: 29.

Regressei hoje a Coimbra definitivamente. Depois de tantas Franças e Andanças, voltei ao ponto de partida.

Lastimo, apenas, o tempo perdido e consumido, na esperança, como Jacó, de um dia apenas.

Assim se passaram 962 dias, desde 9 de Dezembro de 1936. E neste numero estão comprehendidos os 578 passados em Leiria ou sejam 19 mezes de 30 dias ou ainda 60% da totalidade do tempo.

O outro tempo foi levado em Coimbra onde, ainda assim, passei (vá lá!...) 186 dias ou sejam 6 mezes. E o resto por varias partes, das quais Caxias ocupa o primeiro lugar com 112 dias e o periodo de estagios com 44 dias.

E já agora, para maior ripar de informação: como comandante de regim.to passaram-se 618 dias ou sejam 20 meses e meio; como chefe do Distrito 344 dias ou 11 meses e meio — tudo contá redondo p.q não entrar com fracções.

Resumo:

Em Leiria	578	60%
" Coimbra	186	19,3%
" Caxias	112	11,6%
" varias terras	86	9,1%
Total	962	100

E pronto: acabou-se. Não se fala mais nisso.

Coimbra.

Agosto: 1.

O semanario de Leiria Portugal, orgão, segundo se diz, dos germanofilos, foi o unico periodico que se lembrou de falar na m.a saída daquela terra. E infelizmente, a noticia é cheia de amabilidades. Fica guardada para memoria.[1]

Ora hoje fiz a minha apresentação no Quartel-general de Coimbra. Fui recebido excelentemente — não sei se como prémio de consolação se por ironia.

---

[1] No final do vol.º a pag. 418.

E na 1ª. Repartição abracei o velho e bom amigo António Pedro, Tenente do quadro auxiliar que não resistiu a contar-me o seguinte e curioso episodio:

Quando no d.º Quartel-gen.al se soube da minha chumbadela, aconteceu que entrou na repartição certo oficial graduado da guarnição (cujo nome ocultou); falou-se do caso e o Tenente mostrou a sua admiração pelo resultado. O outro respondeu sec.te e com ar misterioso:

— Não tem de que se admirar... Eu já sabia ha muito que ele estava doente...

— Doente?... Mas eu sempre o julguei com saude!

Aqui, como se vê, a doença é tomada em sentido figurado.

Eu calculo que o oficial graduado seja o Gaudencio Trindade; e o Tenente Pedro, a seguir á referencia, acrescentou em voz baixa:

— Oh meu Coronel! Eles é que mandam! eles é que mandam!...

Coimbra
Agosto: 5.

Hoje, o jornaleco coimbricense O Despertar, querendo ser amavel para comigo deu a noticia que aqui junto:

Brigadeiro Belisario Pimenta

Encontra-se de novo entre nós, o nosso querido patricio e amigo sr. brigadeiro Belizario Pimenta. Cumprimentamo-lo.

Tão amaneis ou tão burros que fazem destas. O que dirão por aí as más linguas e os comentarios dos amigos intimos?

Coimbra

Agosto: 22

Carta declamatoria ao Pires Monteiro. Estava hoje de maré e larguei as azas da boa disposição — que é coisa rara.

Lá foi, pois p.ª o correio e cá fica a copia p.ª meu consôlo, a pag. 221 do livro respectivo, com o n.º 149.

Coimbra.

Agosto: 26.

Prometi, em Caxias, ao Mario Cardoso, de Guimarães, um artigo para o numero comemorativo que a Revista da Socied.e Martins Sarmento quer publicar pelos centenarios.

Mas... se bem o prometir melhor faltei. Os trabalhos do exame, a mudança para aqui e mil outras coisas, têem-me obrigado o adiamento da tarefa.

O assunto que escolhi deriva duns documentos ineditos dos mss. da Biblioteca da Universid.e referentes aos comandos da guerra da Restauração e isto obriga a consultas na Torre do Tombo onde irei em Setembro.

Escrevi, pois, ao Mario Cardoso explicando a demora e precavendo-o contra a m.a possivel desistencia. E dizia-lhe entre outras coisas: «Já vê que a camisa "em que me meti deve ter mais que as on"ze varas do acêrto popular.»

Eu, ás veres, sou facil em prometer sem calcular as possibilidades da execução da promessa.

Paz, Mafra.
Setembro: 18.

La foi carta para o Alberto de Oliveira ainda preocupado com o meu maldito exame p.a o generalato. Tive de lhe dar explicações mais completas e deixar-lhe ver a má vontade contra mim. Fica com o n.º 50, a pag. 224.

Não sei o que ele pensará acerca do que lhe exponho. Agarrado á situação politica actual, como está, é capaz de não gostar e de me julgar parcial!

Mas não importa.

Chaves.

Outubro: 12.

Estou aqui, nos altos de Traz-os-Montes, sem contar.

Tive sempre o desejo de visitar esta região; mas estava a ver que nunca o realizaria. Chegou, agora, o pretexto sem querer e aqui estou por dias apenas.

Da Regua para cima desconhecia tudo. E no conjunto isto é soberbo. Vila-Real deu-me impressão estranha; e o cenário do Marão, dominador, fez-me evocar romances de Camilo.

E pelo caminho fóra a sombra do romancista impôr-se-me. A Samardã, tão encastoada em verdura, de encontro aos montes asperos, fez-me pensar na sua mocidade solta, por aquelas agruras, quasi sem lei nem ordem.

Que influencia teria exercido no cerebro inquieto do moço Camilo a dureza da região, misturada com recantos pitorescos, cobertos de soutos de castanheiros frondosos? A imaginação ardente do rapaz teria mais prazer em se espraiar pelas serranias pedregosas, correr á solta pelos sêrros de portela e portela, de alcantis em alcantis ou em se refugiar no recesso das verduras, acoitado em alfombres onde cantasse a agua

com mansidão, por sobre as pedras cobertas de musgo?

Não sei se da legião de biografos do romancista algum atacou, a valer, este ponto talvez essencial para a sua formação psiquica. O que sei é que me ficaram os olhos naquela povoação de Lamardã; e enquanto o comboio andou á vista do povoado, a sombra do Camilo não me largava. E ainda na subida para Vila Pouca, de quando em quando, avistavam-se as fragas sobranceiras ao lugarêjo — onde talvez o rapazêlho se alcandorasse muita vêz para olhar o cenario circundante e começasse a compreender que o mundo, entre aquelas serranias, era coisa exigua.

Depois, dos altos de Vila-Pouca para cá, a terra é outra: entra-se na zona fertil das aguas termais, acode-nos a ideia do turismo, com todo o cosmopolitismo que verdadeiram.te não assenta mu.to bem em vais agruras; e só ao encontrar o Tamega é que voltam as evocações: a marcha impiedosa de Soult, as guerrilhas do Silveira, os Amarantes fautores das reações absolutistas, os Pizarros de Bóbeda, quer o poeta do Romanceiro quer o irrequieto adversario de D. Pedro IV — e tantas outras que me surpiram ao saber do

rodar do comboiosinho barulhento e tragalhadanças.

E aqui cheguei, por tarde muito parda, e entrei em Chaves por uma avenida alindada, a querer ser alguem, e á qual não falta o classico monumento aos mortos na ultima Grande Guerra.

... Onde colocarão o futuro monumento á memoria dos que hão-de morrer nesta que agora começa?

Chaves.

Outubro: 13.

A cidadesinha, com fóros elevados desde que o Carmona e a sua madama ocupam os palacios reais, é povoado alegre, a meio da veiga fertil do Tâmega, assente em cabeço arredondado e baixo que domina os arredores.

Dum e outro lado cordas de montes, de norte para sul, tornam imponente o largo vale por onde o rio arrasta vagaroso as aguas antes de se meter pelos desfiladeiros, mais abaixo.

A terra está em transformação segundo parece: o velho burgo, á volta do castelo, conjunto de ruelas estreitas, ainda resiste ao progresso; para a periferia, porem, co-

nuça a modernização com casas e arruamentos e, em breve, segundo diz dizer, a velha fonte romana passará a ser curiosidade quando se construir, com cimento armado e mais a juzante, a passagem da nova estrada.

Curiosa, todavia, principalmente no tipo da habitação que resiste até em prédios relativam.te modernos. Creio ser ainda a irradiação do velho Porto que já me parecem ver na passagem por Vila-Real e aqui é bastante acentuado.

O progresso, enfim, vai deitando abaixo o que é tradicional; ao lado de prédios característicos, de varandas salientes no último andar, já se vêem casas modernas, de estilo <u>caixote</u>, por sinal que sem graça. E o interessante é que, nesta substituição, vem larga responsabilid.e a falta de melhoramentos materiais do Estado - novo que assim, inconscientemente, com a sua política acentuadamente tradicionalista, vai afugentando o que é tradicional.

O frio, porem, da terra é que está, de vêr, no fim do mundo. Do passar nas comunicações com o sul é que se vê quão longe se está dos centros. E quando vier o frio... o mundo inquieto que ferrilha lá vão longe, deve aparecer a quem aqui

ande desterrado ou aborrecido, como o melhor dos paraisos....

Coimbra.

Outubro: 21.

O Raul Proença, apara melhor ou peor boa, convidou-me para eu colaborar no Guia de Portugal cujo 3º volume foi encarregado, não sei como! de fazer.

Respondi-lhe com a carta que deixei guardada a pag. 228, com o nº. 151. E espero, com interesse, a resposta.

Coimbra

Outubro: 30.

Inaugurou-se, hoje, á tarde, o pequeno monumento ao António Nobre no Penedo da Saudade por esforços insistentes do dr. Alberto de Oliveira.

O que para aí se disse nos jornais a respeito do monumento e do Poeta! Decididamente, os nossos jornalistas são uma récua de cavalgaduras.

E malha a verdade, os discursos e poesias que se recitaram no acto solene, foram um acervo de tarachas que o Nobre, coitado! teve de ouvir, no alto da coluna de pedra... Felizmente, o busto tem um ar desdenhoso que convinha ao caso.

O dr. Fernando Pimentel de Almeida que actualmente é presidente da Câmara, no seu discurso, chegou a ministrar o Poeta do Só com o Salazar! Foi, com efeito, arrojada concepção!...

O António Correia de Oliveira mandou lôas, verdadeiras lôas. O Julio Dantas escreveu prosa amena e bem academica.

Etc. etc. Vejam-se os jornais do dia.

Pobre António Nobre! Salva-se a dedicada amizade do Alberto de Oliveira que alguns explicam por vaidade e interesse de auto-reclame, e salva-se o busto que me parece excelente.[1]

Mas...

Guardo ao dr. Alberto de Oliv.ª com quem, no sabado, 28, conversei largamente na Torre de Anto, deixou-me pasmo e desanimado.

A meio da conversa surgiu, é claro, a guerra. Falou-se vagamente do conflito e eu verifiquei, com magua, que o escritor tão elegante e desenfastiado das Palavras Loucas é verdadeiramente germanofilo e nada simpatisante com a França. Na exposição curiosa que fez sobre as origens das desinteligencias entre nações, pro-

---

(1) Guardo o convite, no fim do vol.º, pag. 419.

curou com cuidado e finura desculpar e explicar a atitude de Hitler; foi quasi defensor das ambições teutónicas e lançou sobre a Polonia, de mistura com lamentações romanticas, largas culpas no cartório.

Acerca da Inglaterra e da França, deixou, com inteligencia, vislumbrar ambições ocultas, faltas de sinceridade no apregoar de Principios. Etc. etc.

Vim para casa amachucado e custou-me a adormecer.

Coimbra.

Novembro: 4

Escrevi ao Mario Cardoso, de Guimarães, desculpando-me. Foi-me impossivel fazer o artigo prometido para o numero unico da Revista de Guimarães. Parecerá apenas uma desculpa, mas é uma verdade. Não o consegui fazer apesar das boas intenções com que escrevi, em fins de Agosto, ao Cardoso. Ninguem acreditará mas eu não sei como estas coisas me acontecem. Será já a velhice?...

Coimbra:

Novembro: 14

Recebi resposta do Raul Proença — e ou é preocupação antecipada ou é a ver

dadeira impressão, pareceu-me que, infelizmente, aquele cerebro ainda não está a funcionar normalmente.

E é muito para lastimar.

Respondi aceitando o convite para colaborar no Guia. Fica a resposta copiada no vol.e respectivo, a pag. 230, c/o n.º 152.

Coimbra.

Novembro: 20.

O Vitorino Nemesio lá foi nomeado professôr da Faculd.e de Letras de Lisboa. Não sei se ele entraria com a espinha direita e pela porta principal. Ha certo tempo para cá ando a desconfiar dele.

Mas, vá lá! Como os meus juisos podem não ser certos, escrevi-lhe uma carta sobria e protocolar de parabens.

Carta que póde dar p.a as duas hipoteses...

Coimbra.

Novembro: 24

Escrevi hoje uma pequena carta ao Gastão de Melo de Matos a respeito dum documento encontrado num dos mss. da Biblioteca da Universid.e que talvez lhe interesse. Fica arquivada, por curiosid.e, com o n.º 153, a pag. 231 do vol.e respectivo.

Coimbra

Dezembro: 23.

Depois de varias voltas causadas pela morte de m.ª cunhada Eleonisse, cá estou de novo abarcado á minha de trabalho, bastante amachucado e aborrecido.

A vida complica-se-me cada vez mais — e com franqueza não sei bem o que hei-de fazer.

Vou andando á tona, sem saber o destino q. me está reservado.

Adeante.

Hoje escrevi longa carta ao Pires Monteiro. Teste, ao menos, aceita-me de boa vontade todas as m.as longa-longas e até parece que gosta. Ainda bem.

Lá fica, no vol.º da Epistolografia, a pag. 231, com o n.º 154.

Coimbra

Dezembro: 31.

Lá se foi mais um ano! E este, para mim, foi de escacha.

Raios o partam...

P

— 1940 —

Coimbra:

Janeiro: 2

O ano começou bem apesar de bisexto e ter a Pascoa em Março.

Choveu torrencialmente, por toda a parte temporais terriveis e desastres a todos os cantos.

Mas eu, no meu modesto retiro, tive a satisfação de receber da Revista Militar a nota seguinte:

A Administração da "Revista Militar" em cumprimento do resolvido pela Exma. Direcção remete ao Exmo. Senhor Coronel Belisário Pimenta, em vale do correio, a quantia de quarenta e oito escudos (48$00), como lembrança da sua colaboração no ano de 1939.

Como se vê, tenho, em dinheiro a correspondência do meu trabalho.

Quarenta e oito escudos! Deve regular um escudo por papina...

Vamos lá! Poderia ser menos.

Lisboa:

Março: 1.

Desta vez é que foi certo. O Leão d'Ouro, o velho café de artistas, fechou definitivamente as portas.

O «Grupo do Leão»
Quadro de Columbano, pintado em 1885 e que fazia parte da galeria do restaurante

Onde hei-de eu ir agora tomar posse gadamente e com prazer que só eu compreendia, o meu chá com torradas?

E nesta época de forte nacionalismo deixa-se dispersar uma colecção de quadros que constitui uma bela época da nossa vida artística!

Lisboa.

Março: 8.

Recebi convite amavel do dr. Joaquim de Carvalho para colaborar com ele no VIII Congresso dos Centenarios em reja o Congresso de Historia da activid.e cientifica dos Portugueses.

Achei a esmola grande, vamos lá! No entretanto, resolvi aceitar, convencido entretanto de que não poderei levar a termo convenientemente o encargo.

Respondi hoje com a seguinte carta:

«Ex.mo Sr. Dr. J. de C.º:

«Tenho m.to prazer em colaborar com V.... e agradeço sinceram.te a lembrança.

«O trabalho de q. V.... me encarrega versa pois pontos dificeis como o da historia da tactica e da estrategia (ou melhor, a historia das ideias tacticas e estrategicas em Portugal) pois entre nós nada se fez ainda nesse sentido — apesar de termos um quadro grande de ilustres generais.

«Mais facil é a parte correspondente á balistica, polvora e explosivos; temos oficiais especialisados de m.ta competencia nestes assuntos.

«Conto regressar em breve a Coimbra; e como tenho procurado, desde a recepção

da carta de V.... elementos de informação, lá explorei o que penso acerca do assunto e receberei agradecim.te as indicações que quizer dar-me, embora ainda não poder corresponder ao juizo tão benevolo que de mim faz.

«Fui uns dias atraz á Torre do Tombo consultar uns cadernos do Cons.º de Guerra, dos anos de 1657-1659; encontrei uma consulta relativa á fortificação de Buarcos e foz do Mondego que não sei se interessará V.... A indicação necessaria lá a darei em Coimbra.

«Renovo os meus agradecimentos e creia-me, etc.»

Vamos a ver o que sái desta minha colaboração com o dr. Joaquim de Carvalho no VIII Congresso.

Não me cheira.

Lisboa:

Março: 13.

Fui hoje á Revista Militar despedir-me do Pires Monteiro. E nesta visita deram-se dois episodios bem extraordinários que merecem lembrança.

A primeira coisa que o Pires Mont.º me disse á chegada, foi que a m.ª Rose po-

bre Nun'alvares, apresentada ao II Congresso ou seja o Congresso Medieval, ~~xxxx~~ foi a única apresentada pelo Exercito aos Congressos de Historia (II a VIII). O Azevedo Coutinho Martins apresentou uma comunicação ao IX Congresso (o Colonial) — e mais nada! E aqui está como o Exercito, a quem de Justificação que resolveu, ha quinze anos, governar o País, se manifesta intelectualmente...

Foi necessario que dois individuos, reprovados no exame f.º o generalato, se apresentassem á frente.

Adeante.

O outro caso, bem mais extraordinário, foi o seguinte: a certa altura da nossa conversa, entrou o general Julio de Morais Sarmento, major-general do exercito que ia á Revista para uma reunião do Cons.º Fiscal de que ele é presidente.

Creio que, ao entrar, leu logo na minha expressão o desagrado que eu teria com o encontro. Como me estendeu a mão eu acheivei o cumprimento nos termos do regulamento, mas, imediatam.te saí do gabinete e vim para a casa de fóra onde está o cap.ão reformado, chefe da secretaria. Fiquei arreliado com o encontro, mas que lhe havia de fazer? E os dois, isto é, o Peres

Monteiro e o Morais Sarmento, lá continuaram dentro a falar.

Pouco depois, porem, ouço o major-general levantar a voz. E o que dizia ele em tom elevado? Nem mais nem menos o seguinte que reproduzo:

Os exames p.ª o generalato eram um escolho perigoso. Oficiais distintíssimos, com folha notável de serviços, com vida exemplar e valiosa por varias especies de actividade, capazes, pelas suas qualidades de tomar decisões acertadas e rapidas, não conseguiam, afinal, vencer <u>aquela</u> <u>barreira</u>» (textual). E depois de qualquer observação do Pires Mont.ª que não ouvi, continuou no mesmo tom de voz:

O juri via-se embaraçado entre considerar o valor do candidato e o regulamento que manda ser rigoroso perante a prova, unica prova pela qual se faz a escolha para o generalato. Que o sistema é mau e ele, major-general, muitas vêzes se contristou perante os resultados...

E como, de novo, o P. Mont.º dissesse qualquer coisa, o outro concluiu, com a mesma voz elevada: que, no fim de contas, o juri tinha excluído do generalato grande parte dos melhores elementos do exercito...

Ditas estas palavras que poderão parecer inventadas, a conversa continuou em tom natural e eu não ouvi mais nada. Mas fiquei atónito.

Daí a um bocado o homem levantou-se e despediu-se do Pires Mont.º; e ao passar por mim, com ar parvidente, estendeu a mão e disse afavelmente:

— Adeus, coronel!

E na expressão dele havia a satisfação de quem julgaria explicada amigavelmente a atitude dele ou do juri de exame para comigo; e que me faria confrangedor, de certo, que eu estaria no número dos meus thores elementos que o juri teve excluído e imobilizado. Etc.

Quando saía, na escada, ao retirarmos, disse f.ª o Pires Monteiro:

— Olhe lá: o Morais Sarmento levantou a voz f.ª eu ouvir ou o que foi aquilo?

— Coitado... Ele é estupido, como sabe, e quiz dar-nos uma satisfação... Você fugiu cá para fóra e ele teve que falar bem alto para Você perceber. Foi sempre assim.

E eu terminei a conversa com uma frase que não escrevo ~~mas~~ mas que foi digna das circunstancias.

Coimbra.
Abril: 6.

O Ferreira Lima refilou com uns artigos que o oficial miliciano de Artelharia José Brandão Pereira de Melo publicou sobre Santo Antonio militar; e num jornal de Lisboa deixou uma local em que dá-va a entender que esses artigos foram feitos sobre os seus trabalhos conhecidos acerca do taumaturgo.

O outro abespinhou-se e pediu atrevidamente explicações. O Ferreira Lima que é pundenoroso mas neste momento atravessa uma crise de certa alteração de nervos, recorreu á m.ª amisade para lhe dar parecer.

Daqui veiu a carta que se segue e a outra em tom oficial para... os devidos efeitos.

« Presado Amigo:

« O milagroso Santo Antonio não quer nada comigo; ou, então, serei eu quem tem má sina com ele... E já ha muito.

« E agora surge este caso do Brandão, lá de longe, de "S.to Antonio" do Principe, por causa do Santo Antonio militar q. me fez compulsar, de novo, os mss. univer-

sitários e verificar que por causa dele, o dito Santo António, o meu Catálogo e Sumario precisa de rectificações. Emfim, uma complicação dos demonios!

«Remeto-lhe, inclusa, a opinião que me pede (1); demorei porq. quiz rever as referencias do Catalogo e Sumario ao Taumaturgo (de que andava ha muito desconfiado e de que lhe mando nota á parte para seu governo) e ainda porque, francam.te, porquê tanta evidencia, não sei mais q. dizer. E, tambem francam.te, não fiz mais commentario porque o Braudão dá, na carta, a palavra de honra de que não conhecia os seus trabalhos quando, pela sua afirmação no §1º dos Esclarecimentos, se vê o contrario. O caso é, pois, muito lindroso; e confesso não saber como sair do aperto sem afirmar que de nada vale a palavra de honra dele — o que é mais meelindroso ainda.

«Pareceu-me melhor tomar o caminho que tomei que, afinal, significa não ligar importancia á carta dele e mostrar que não acredita na ignorancia alegada dos trabalhos do meu Am.º. E como o apanho na ignorancia directa dos Mss. da

---

(1) É a carta q. vai a seguir a esta.

Universid.e, levei para a ironia o afre-
goado conhecimento dessas fontes e não
irritei a questão no que, creio eu, o meu
Am.o ganhou.

« E digo isto sinceramente embora
sem saber se a opinião deveria ter outra
formula. Nunca me encontrei em caso se-
melhante.

« E agora, para continuar a falar com
franqueza, permita-me que lhe diga, sere-
nam.te, desde meu canto sossegado, que o
assunto não deverá ir mais além do que
foi — a não ser que ele, Braudão, sem me
dir consequencias, venha exacerba-lo.
Então, está bem; o meu Am.o tomará a
atitude que entender, mas deixe-me di-
zer: só mesmo se a chamada defesa dele
estiver á altura duma sua réplica.

« E tenho a impressão de que isso não
se dará e creio que, neste caso, o cor.el Fer-
reira Lima, com o seu nome feito e a sua
categoria mental assegurada, não deve
vir á liça. Os insignificantes e atrevi-
dos castigam-se melhor com o silencio
e a indiferença.

« E' meu conselho, este? Será. O
meu ilust.re Am.o não necessita de conse-
lhos, mas creia que estou a escrever com
a melhor intenção e a maior sinceridade

e se me atrevo a dizer isto é porque o encontrei, nos bocados em que, ha pouco, falámos em Lisboa, com certa nervosidade de má disposição — e este estado de espirito impõe ás vêzes movimentos vivos, certa impetuosid.e em regra contrarios ao temperam.to proprio.

« Desculpe tanta franqueza que entra já por intimidade demasiada. Sou, porem, seu amigo, considero-o muito e conheço-lhe as belas e firmes qualidades de caracter. De tudo isto, ao correr da pena, me saltaram as palavras que aí ficam e que o meu Am.o tomará como sinceras.

« Demais, no que entender, em que eu o possa apoiar, cá estou, com a melhor vontade e conscientemente. Este sossego da m.a rua, a tranquilid.e da minha casa (sem radio! que sorte!), esta manhã de Primavera que me traz, de fóra, cheiro agradavel de flores, convidam-me, como ao P.e Manuel Bernardes, a pensar que terá mais paz consigo o que fugir de litigios, deixando aos outros a responsabilidade das suas acções.

« Enfim, meu caro Ferreira Lima: tenha paciencia com a tagarelice e mande sempre o que é, sinceram.te amigo velho, etc. »

A carta oficial com a m.ª opinião acerca do caso de S.to Antônio militar é a seguinte:

« Ex.mo Sr. Coronel Ferreira Lima, meu Pres.do Amigo:

« Li com atenção os documentos que fez favôr de me mandar e vou, com a maior franqueza, dar-lhe a opinião que péde. Essa opinião resume-se, afinal, em pouca coisa, pois lendo uns e outros documentos nota-se logo, realmente, que os artigos de V... deviam ser a base de que se serviu o sr. José Brandão Pereira de Melo p.ª a organização dos seus, especialmente do ultimo, de Dezembro de 1939.

« Nada acrescenta, de facto, ao que V... escreveu e ha entre os artigos dele e os de V... evidente paridade — coincidencia, aliás, que se dá vulgarmente (só contrariada pelas datas) em trabalhos de quem anda na mesma tarefa pelas bibliotecas e arquivos e procura esgotar o assunto.

« Dá-se, porem, o caso de o sr. José Brandão citar Mss. que conhece da Biblioteca da Universid.e; mas quer-me parecer que esse conhecimento foi adquirido na consulta dum trabalho meu (Catálogo e Sumario dos documentos de caracter mi-

litar existentes nos Mss. da Bibliotheca da Universidade publicado no Boletim do Archivo Hist.: Militar, desde o vol. IV) e não for consultar directam.te os codices, pois se assim fosse teria notado, alem de outras coisas, que no respeitante ás decimas em favor de S.to Antonio havia que fazer rectificações.

«Mas não se trata agora do meu Catalogo e Sumario. Desculpe V.... até esta digressão; mas por estas e por outras é que mais me convenço de que o sr. José Braz dão, entre tantos livros e artigos consultados, consultou os de V.... indispensaveis no assunto, no que só mostrou, no fim de contas, o melhor criterio.

«Não se preocupe, pois, V.... com o caso. A probidade com que V.... elabora os seus trabalhos e a competencia que nelles tem revelado, collocam-no a coberto de ligeiros incidentes como este.

«O sr. José Braudão é novo; sei que é intelligente e illustrado; será o primeiro a reconhecer a razão e a apreciar a sinceridade com que V.... escreveu a local de 20 de Janeiro ult.:

«Estes casos são vulgares e não sei se originados na desorientação geral da epoca que atravessámos.

«Se V... vir que está minha opinião lhe póde ser util, pode servir-se de la como entender.

«E com a maior consideração, etc.»

E aqui está mais uma obra do meu grosso Couto Antunes...

Já é perseguição.

Coimbra:

18 de Abril de 1940.

O Mario Cardoso, de Guimarães, pergunta-me quais os meus títulos académicos... Como lhe mandei um artigo para o nº commemorativo do seu Terrista, quer pôr por baixo do meu nome a enfiada de títulos.

Achei graça. E por achar graça, respondi com uma carta humoristica que, possivelmente, lhe poderá dar má impressão. Mas só pensei nisso depois de a lançar no correio.

Fica arrumazenada a pap. 235, com o nº. 155, do livro destinado á epistolografia.

O artigo que lhe mandei trata do valor dos comandos na Guerra da Restauração e foi inspirado por uns documentos encontrados nos mss. da Bibliotéca da Universid.ª. O trabalho é um pouco chôcho,

e foi feito aos trambulhões; mas, francamente, não fui capaz de fazer coisa melhor. E assim o mandei.

Coimbra.

Abril: 20.

Hoje, outra carta. É para o Chico Machado, aliás Franc.º Valente Machado, funcionario das Alfandegas e licenciado por uma das secções da Faculd.e de Ciencias Economicas e Financeiras.

Fica arquivada por mera curiosidade e por ser mais um docum.to relativo á minha frustrada monografia mirandense.

Veja-se o vol.º respectivo, pag. 236 onde ela ficou registada com o n.º 156.

Coimbra:

Abril: 23.

Ainda o terrivel Santo Antonio!... Cá ando, de novo, ás voltas com o maldito! O Ferreira Lima, preocupado, pede-me, novam.te, opinião. E eu mandei nova carta que é como se segue:

«... Cá andâmos ás voltas com o Santo Antonio que, não se contentando com as diabruras que fez em novo, obriga gente pacáta como nós a aturar rapa-

riadas como esta que não têem valor, mas incomódam.

«Muito obrig.do pelo seu cartão e pela confiança que em mim deposita. O meu Snr.º lembre-se do que disse D. Francisco Manuel a qualquer pessoa que lhe pedia conselhos: «quem pede conselhos já parece q. "delles não necessita...»

«Mas vamos ao ponto, já que quer a m.ª opinião. A sua resposta está, a meu ver, galhardamente e com magnanimidade á petulancia da carta do José Braudão, de mais a mais lançada para o publico em jornal diario. E' uma lição de ponderação que dá e de justo equilibrio.

«Porem... eu não sei se lhe mandaria já as copias das opiniões colhidas embora, e m.to bem, lhes faça anterior referencia. Não será desperdiçar, de começo, argumentos que lhe serão proveitosos depois? Veja bem este aspecto da polemica que me apareceu ao ler o final da 1ª lauda e que eu marquei com um (2) a vermelho. Dizendo-lhe que colhem opiniões de pessoas amigas, deixa-o, talvez na duvida do que essas opiniões dirão e ele não é' tão ingénuo que não ~~~~ veja que elas lhe serão desfavoraveis. Mante-lo-ha dentro de re

ceios e obriga-lo-ha a certos comedimentos. Pense bem no caso — mas não faça força no que lhe dipo que pode ser tolice.

« Quanto á referencia aos Mss. que eu remarquei com (1) e (2) a vermelho, devo notar o seguinte: os Mss. que contem poesias alusivas ao Garrett, vieram descritos por mim nos volumes 4.º, 5.º e 6.º do seu Boletim e não sómente no 4.º; mas "pela 1.ª vêz" só o foram as poesias do Ms. n.º 356 e do Ms. n.º 382; as outras tres (isto é: Mss. n.os 318, 363 e 393) foram mencionadas, embora simplesmente pelo seu titulo e sem qualquer comentario ou transcrição, no catalogo que o falecido dr. Augusto Mendes Simões de Castro começou a publicar no Arquivo Bibliographico da Bibliotheca da Universid.e de Coimbra, de 1901 em deante, respectivamente nos volumes IV, pag. 60 e V, pag.s 64 e 181.

« Será bom, pois, no que mandar ao Braudão notar estes meus reparos; e a transcrição da m.a carta, no que respeita a este assunto, não é de mais ir, pois é a prova da leviandade... para chamar só leviandade, do rapaz que ele proprio terá de reconhecer.

« Emfim, escrevo com pouca á pressa para esta ir registada; não me alargo mais

embora o assunto desse, á vontade, muito pano para mangas.

«Mande sempre, etc.»

Coimbra

Abril: 24.

Morreu ontem o dr. Alberto de Oliveira, com 67 anos. Sabia-o doente; ele proprio queixava-se, nas cartas q. escrevia, da sua pouca saude. Não calculáva, porem, o desenlace.

Eu poderia aqui escrever muita coisa ~~[illegible]~~, tão perto convivi desde creança com ele e o fiquei conhecendo rezoavelmente. Mas ficará para outra ocasião qualquer.

A noticia lida nos jornais de hoje incomodou-me. Gostava dele e quero acreditar que ele era meu amigo. O desastre no exame p.ª o generalato aborreceu-o muito e chegou-me a dizer, ~~[illegible]~~ ha pouco, que se ele estivesse em Lisboa na ocasião, eu ficaria aprovado, pois saberia m.to bem como tais coisas se encaminham...

Era, nas letras, uma figura interessante; na diplomacia, não sei; mas ultimam.te caia m.to para a extrema-direita — e era pena.

Nestes ultimos tempos, parece que era o braço direito do Salazar na preparação dos centenarios. Atribuí-se, até, a ele o grande programa das comemorações, e é possivel porque a prosa era diferente da usada pelo Jesuita-mór.

Morreu novo e creio que com grandes sofrimentos.

Escrevi hoje mesmo uma carta á viuva. Carta um pouco dificil, mas foi preciso.

. Coimbra:
Abril: 30.

Mais uma carta ao Pires Monteiro, e das do tamanho da legua da Povoa...

Não me curo do vicio da «epistolografia... barata.» Mas enfim, é vicio q. não prejudica ninguem.

A carta tem o nº. 157 e fica a pag. 237 do meu cit.º volume.

Nela havia referencia a uma opinião pedida acerca duma pessão comemorativa dos chefes militares paisecentistas q. a Revista Militar pensava fazer, como contribuição sua nos centenarios proximos. O Pires Mont.º mandou-me um anteprojecto para eu dizer de mº justiça — anteprojecto que eu guardo junto da car-

ta de 21 deste mês, porque fica como interessante curiosid.e...

A m.a resposta é faceta. E' possivel que não gostem, mas que lhe hei-de fazer se hoje me não saiu outra coisa?

Ei-la:

«Na sua linha geral, o programa está bem embora não fuja ás formas classicas. Contudo, fala quem deve falar.

«Os discursos dos dois majores-generais porem, é que eu reduziria um bocado em beneficio da alocução da abertura. Daria assim 15 minutos ao nosso general Teix.a Botelho que sabe muito bem o que diz e cortava 10 ou 15 minutos a cada um dos outros que certamente farão peças oratorias no estilo das dos juramento de bandeiras...

«As 2 horas e 20 m. do projecto são talvez de mais; e assim, reduzindo, e com o aperitivo das canções e hinos, se chegaria com boa disposição ao discurso do brasileiro (1) que na meia hora marcada teria tempo para largar os tropos escolhidos e toda a retorica capitosa do equadôr, em hino empolado á Mãe-Patria de mis-

(1) General Franc.o José Pinto.

tura caem as naturais desculpas por fal
tarem ao pagamento das dívidas...

«Isto, é claro, é opinião dada por alto; mas, com franqueza, não tenho confiança nas discursatas dos nossos oficiais generais e, de mais a mais na presença, naturalmente, dos nossos valores de inteligencia.

«Vejam bem isso e não façam caso do caturra que é o pte.»

A inspenuidade do Pires Monteiro em dar aos majores-generais do exercito e da armada capacid.e para grandes coisas! Como não são do Estado-maior... pronto! Vem todos os requisitos necessarios.

São como os bonecos de cafelo e bor la nesta Coimbra de arrufadas. Só eles e só eles. E mais ninguem.

Coimbra:
Maio: 30

O velho amigo José Maria Dias Ferrão transcreveu no jornal *A Comarca de Arganil* o meu artigo sobre a acção da Ponte da Murcela em 1811 publicado na *Revista Militar* pelo grande Ramalho.[1]

---

[1] No vol. 91, de 1939, pag. 481-498.

Escrevi-lhe hoje a agradecer a transcrição e, ao mesmo tempo a dizer-lhe qualquer coisa acerca dum campo de recurso fª aviação que ele, como bairrista, quer fazer na serra de Freixo, entre Lousã e Poiares.

Pedia-me a mª <u>abalisada</u> opinião; eu, sobre o assunto, não a tinha e solicitei do Teofilo J. Ribeiro da Fonseca, actual director da aeronautica, um parecer fundamentado que transmiti ao Ferrão.

E não vale a pena deixar mais esclarecimentos para a Historia...

<u>Cohaires</u>:

Maio: 22..

O dr. Fausto Lobo, medico municipal de Miranda do Corvo, foi nomeado delegado do concelho da 2ª Sub-secção do Ministerio da Educação, isto é, encarregado de proteger os monumentos e objectos de arte e arqueologicos do concelho. E escreveu-me a pedir-me auxilio, confessando-se «completamente leigo na materia» e que desconhece «em absoluto o interesse arqueologico do concelho...»

No entretanto aceitou o encargo e logo lhe acudiu a ideia de me solicitar a «valiosa colaboração.»

E o mais interessante é que ele não disse claram.te que foi nomeado mas que desejava esclarecer um ponto, etc. etc. Só depois de eu lhe escrever uma carta em resposta á primeira tentativa é que se explicou melhor.

O caso não deixa de ter certo interesse: nomeia-se um medico p.r delegado ao conselho do Minist.rio da Educação; o nomeado declara não conhecer o assunto, aceita o cargo e vai pedir auxilio a outro...

Não vale a pena insistir. Deixo copiadas as duas cartas que lhe escrevi que ficaram com os n.os 158 e 159 a pag. 242 e seguintes; bem como a carta que ele me escreveu em 10 deste mês, ficam guardadas na respectiva colecção.

Coimbra:

Junho: 22

Da secretaria dos Congressos dos Bibliotecarios mandaram-me o bilhete de admissão e pediram-me notas biograficas... Para que diabo quererão eles notas biograficas?

E que direi eu alem dos dados essenciais? Que biografia tenho eu que saia fóra do ramerrão de todo e qualquer burguez? Pensei em não responder, mas depois de

alguma reflexão, resolvi mandar o seguinte que já não é de todo mau:

«Nasceu a 3 de Outubro de 1879, em Coimbra. Seguiu a carreira militar, ingressando na Arma de Infantaria, em 1902, com o curso da Escola do Exército, e passando á Reserva em 1939 no posto de coronel. Fez parte do Conselho de Arte e Arqueologia da 2ª. Circunscrição (Coimbra) desde 1918 até á sua extinção e ocupou a presidencia do mesmo no triénio de 1928-931. Foi socio da extinta Sociedade dos Estudos de Historia Portuguesa e é actualmente socio efectivo de O Instituto de Coimbra.

«Tem escrito alguns estudos de historia militar e outros de historia local (Miranda do Corvo), publicados, na sua maioria em revistas.»

E pronto. Mais nada. E chega.

Coimbra

Junho: 29.

O Gastão de Melo de Matos escreveu-me uma carta muito interessante que guardo na m/ colecção.

Diz ele que em Abril passado foi convidado p/ fazer, na Emissora N/al uma pales-

tra acerca dos comandos militares na guerra da Restauração; escreveu-a, mandou-a e só ~~[illegible]~~ foi lida ontem por qualquer locutor. Ora aconteceu que ha dias, recebendo de Guimarães o nº. comemorativo publicado pela Revista da Socied. Martins Sarmento, é que leu o meu artigo O problema dos comandos no qual encontrou opinião convergente e «certos pontos de contacto» com a palestra já escrita.

E como não quiz que eu, ao ouvir a palestra, imaginasse que ele se fundou nos meus pareceres sem dar caváco, apressou-se a dar explicações com palavras excessivamte. amaveis pª. o meu trabalho.

Este procedimento não é hoje vulgar e exactamente por isso mereceu uma resposta que deixo copiada com o nº. 160 a pag. 145 do volª. respectivo.

Ainda ha, pelos vistos, quem proceda com seriedade e compustura.

Coimbra:

Julho: 3

Desta vez, vai carta pª. a professora primaria D. Lucinda Quintas, de Miranda do Corvo, grande entusiasta pelos meus trabalhos de historia mirandense e excelente auxiliar no meu celebre cancioneiro

popular de Miranda do C.º — que será publicado um dia, se o fôr.

A carta, p.ª memoria, fica a pag. 146 do vol.º respectivo, com o n.º 161.

Coimbra

Julho: 7.

Mandei hoje ao Vergilio Correia a seguinte carta de que ele, certamente, não gostará muito. Mas foi.

«Ex.mo Sm. dr. V. C. meu pres.do Am.º:

«Desculpe esta m.ª carta que é pura caturrice de quem vai envelhecendo. Li nos jornais que se inaugurava ontem o museu de ourivesaria e esperava, naturalmente, um convite. Como antigo presidente do Conselho de Arte e Arqueologia julguei-me no direito de esperar o cartão que me facultasse a entrada.

«Não veiu, porem, o cartão; e como é conveniente seguir a sabedoria popular, não compareci como m.to desejava. Desculpe V... este desabafo e não o leve a mal; ao mesmo tempo justifico-me da falta de o não ter cumprimentado pessoalmente por mais essa afirmação de raras qualidades de trabalho e competencia.

«E creia-me, etc.»

Isto não bagatelas, mas decerto; mas é bom ir lembrando. E a carta lá foi.

Coimbra.

Julho: 9

O meu pequeno artigo comemorativo na Revista de Guimarães sobre O Problema dos comandos na Guerra da Restauração, mereceu à direcção da Revista Militar um voto de congratulação...

Certamente, lembrança do Pires Monteiro de que veio a remessa dum ofício de 5 deste mês (nº 227/D) com o voto exarado na acta da última sessão e com palavras de simpatia, etc. etc.

Agrilo, na Revista Militar, está a transformar-se em uma especie de sociedade alegre de elogio mutuo... Que diabo!... Zumbaias já aqui, zumbaias para acolá, um nunca acabar de cagarifanicas que já cheiram mal.

Enfim, parece que se divertem com isso. Que se divirtam, pois. Mas o pior é que virá que lhes responder com outro ofício, que hoje mandei, no mesmo estilo do deles, embora mais curto.

Tem estado aí a correr o 2º Congresso do Mundo Português, ou seja o Cen-

gresso de História Medieval. A presidencia era dada ao Dr. António de Vasconcelos que nunca apareceu; quem abriu as sessões foram os dois presidentes das secções o dr. Paulo Merêa e o dr. Damião Peres.

Ora ontem, na 3ª e ultª sessão, coube-me a vez de apresentar a mª tese sobre Nunalvares. Presidia, por ironia do acaso, o catedrático espanhol, creio que de Madrid, Luis G. de Valdeavellano que ouviu atentamte e atenciosamente a leitura da tese O sistema de Nunalvares.

Li e, no quadro preto, exemplifiquei os assertos. Não tive opositores. Somente o dr. Fernando Correia e o velho professôr Barros e Cunha, no final, fizeram preguntas e tiveram palavras amaveis. O proprio presidente, encerrando, disse que lhe parecia bem a mª interpretação e confessou que nunca vira ou ouvira encarar esses problemas por tal modo.

O dr. Paulo Merêa, no final, ao fechar a sessão e o congresso, teve tambem ligeiras palavras amaveis para a unica tese ou comunicação apresentada pessoalmente ao Congresso sobre historia militar.

E pronto.

E agora, nota curiosa: as unicas noticias que vi em jornais acerca da minha

intervenção no Congresso foram estas duas que aí ficam; os outros jornais, incluindo os de Coimbra, guardaram o melhor silencio...

11

Tenho notado esse silencio a meu respeito e confesso que o não sei explicar. É possivel que tenham razão; eu é que a não encontro nem tenho encontrar.

E quanto a este silencio... Valha-me melhor assim.

A' terceira e ultima sessão do Congresso presidiu o congressista espanhol sr. dr. Luiz Valdeavellano

Ás 16 e 30, realizou-se a terceira e ultima sessão do Congresso, sôbre a presidencia do sr. dr. Luiz Valdeavellano, de Barcelona.

O sr. coronel Belisário Pimenta apresentou a comunicação «O sistema de Nuno Alvares», sôbre a qual falaram os srs. dr. Luiz Valdeavellano, dr. Fernando Correia; e dr. João Gualberto de Barros e Cunha, professor jubilado da Faculdade de Letras.

(D'O Seculo)

A sessão de encerramento

A terceira e ultima sessão principiou ás 16.30, sob a presidencia do professor espanhol dr. Luiz Valdeavellano. O sr. coronel Belisário Pimenta apresentou uma tese sôbre «O sistema de Nuno Alvares», que foi muito apreciada.

do Diario de Noticias

Coimbra:

Julho: 16.

Agora surge novo congresso, o VIII, ou seja o de Historia da activid.e cientifica portuguesa, com séde em Coimbra e entregue á Universidade p.a sua organização. A Universid.e foi pois nos entregue o encargo ao dr. Joaquim de Carvalho, nomeado, por isso, presidente.

Ora ha dias recebi um oficio da Comissão Nacional dos Centenarios, assinado pelo Dr. Carvalho, no qual me convida e desta vêz oficialmente, para colaborar no dito Congresso. Confirma assim o convite feito com caracter particular, ha mêses, de que aqui tratei no dia 8 de Março deste ano, a pag. 263 do volume.

Estava persuad.º de que o dr. Carvalho se esqueceria como m.tas veres lhe acontece. Mas vá lá! desta vez não se esqueceu e o convite veiu em termos claros e honrosos com o pedido de «uma "memoria ou comunicação acerca dos es-"tudos que V.... tão notavelmente cultiva.»

Respondi com esta carta:

«.... — Recebi o oficio de V.... datado de 10 do corrente e agradeço muito reconhecido o convite que se dignou fazer-me p.ª colaborar nos trabalhos do Congresso de Historia da activid.e cientifica portuguesa. Não sei se deva aceitar desde já o convite, dada a responsabilid.e da colaboração.

Penso, contudo, que não seria descabida uma pequena memoria subordinada ao titulo: Esboço da evolução das ideias militares em Portugal por ser, me pare-

ce, novidade e poder possivelmente interessar á finalid.e do Congresso a que V.... por muitos titulos, tão justamente preside.

Se fôr capaz de realizar o modesto projecto aceitarei, então, o encargo e terei muita honra em remeter a V.... no devido prazo, o original dactilografado.

E renovando os meus agradecimentos e fazendo votos pelo exito do Congresso, etc.»

Coimbra:

Julho: 25.

O abade do Baçal, Francisco Manuel Alves, escreveu-me a pedir opinião acerca do Conde de Castelo Melhor e Joane Mendes de Vasconcelos q. foram governadores das Armas em Traz-os-Montes durante a guerra da Restauração.

Está a fazer qualquer trabalho comemorativo e quer saber o que eu penso. E aqui está um pedido que me deixou embaraçado pois uma opinião sobre aqueles dois generais não é tão facil de dar como parece. E demais a mais p.a quem é.

Mas enfim, matutando, resolvi responder cautelosamente e mandei-lhe carta que foi m.to rascunhada e q. deixo a pag. 247, com o n.º 162, no livro respectivo.

E lá foi.

Coimbra:

Julho: 29.

Duma carta que hoje escrevi ao Ferreira Lima, deixo aqui o seguinte extracto para memoria:

«... Creio ter-lhe dito que me prometo a um Esboço da evolução das ideias militares em Portugal. É talvez atrevimento, mas já que cheguei a velho sem ser atrevido, faço-me, agora, audacioso... E lá vai a comunicação!

«A que apresentei ao II.º Congresso acerca de Nun'Alvares parece ter agradado apesar do auditorio ser muito catedratico e eu nem ter, ao menos, carta de bacharel... E para cumulo de concessões e amabilidades, o auditorio, quasi todo de capelo e borla, deu no final uma salva de palmas. (Oh manes de D. Diniz e de Dom João III!)

«Se houver possibilid.e gostava de lhe ler, antes de entregar, o Esboço da evolução das ideias. Sei que é maçada, mas... verá que se arme de paciencia para a audição.»

O que mais é que a oportunid.e não chegará e o Ferr.a Lima tira-se do enfado

da audição. O trabalho ainda é extenso e sempre teria alguem trabalho a ler. Será essa parte.

Coimbra:

Agosto: 4.

Lá foi outra carta para o Pires Monteiro. É uma nunca acabar!

Ver a carta nº. 163 a pag. 249 do volume respectivo.

Coimbra.

Agosto: 10.

A viuva do dr. Alberto de Oliveira enviou-me uma bela fotografia do marido em traje rico de diplomata. Dizia-me na carta que juntamente escreveu que calculava o meu interesse pelo retrato.

Na verd.: gostei da lembrança e, até certo ponto, sensibilisou-me. Não esperava essa atenção da viuva que, embora atenciosa, encontrei sempre com ares de altiver e alguma soberania.

Mas enfim, teve esta atitude que me agradou e que agradeci logo com uma curta carta mas que traduzia bem o meu agradecimento. Vá lá! nem sempre devemos julgar mal dos outros.

Coimbra:

Agosto: 13.

O Raul Proença volta a insistir na m.ª colaboração. Se bem que as cartas são claras, ha contudo nelas qualquer coisa de desconexo que me deixa duvidas acerca da sua completa cura.

Respondi hoje. Ver carta 164 a pag. 251.

Coimbra.

Agosto: 17:

Mandei hoje ao Raul Proença os originais para o Guia de Portugal: o da noticia sobre Miranda do Corvo e o do caminho p.ª a Pampilhosa da Serra, desde a Portela de Gois.

O primeiro foi todo escrito agora, se bem que repisando passos já publicados aqui e alem; o segundo é, mutatis mutandi, repetição duma descrição da viagem que em 1908 fiz com a junta de inspecção aquela viloria escondida entre serras e em parte publicada em folhetins num jornal O Serrano aí por 1911.

Amavelmente, roguei ao Proença me dissésse se os originais estavam em harmonia com os planos do Guia, para os alterar ou emendar.

Coimbra:

Agosto: 20

Mandei hoje p.ª o dr. Joaquim de Carvalho o original da comunicação para o VIII Congresso a que chamei Esboço da Evolução das Ideias Militares em Portugal.

Ficou, talvez, um bocadinho maior do que o previsto; mas farei umas conclusões p.ª facilitar a consulta — se, no proximo Congresso alguem se preocupar com o assunto.

Todavia... sempre é barro que se lança á parede.

Coimbra

Agosto: 24:

Hoje foi carta joco-séria para o Bivar Salgado. Não valeria a pena deixar copia; mas, francam.te, é banalid.e que não deixará de ser curiosa, lá mais p.ª deante, se eu teimar em viver.

Um dia, no futuro, a leitura destas bugigangas talvêz me dê prazer. Porque não as deixarei registadas?

Aí ficam, pois, mais ou menos correctas. E está q. hoje foi para o velho Salgado, ficou com o n.º 165, a pag. 252 do respectivo volume.

Coimbra

Agosto: 28.

Ontem encontrei o medico Manuel Gersão que, bastante á pressa, me contou o caso da sua preterição como director da Tutoria de Coimbra. Eu mal tive tempo de lhe dizer duas coisas mas hoje resolvi mandar-lhe uma carta.

Essa carta que poderei classificar de sentimental fica, p.ª memoria, copiada. Tem o n.º 166 e ficou na pag. 255 do muito falado vol.º de epistolas.

Paz (Mafra):

Setembro: 6

Nova carta ao Pires Monteiro. Trata-se mais ou menos do congresso que se ha de reunir em Coimbra e da representação da Revista Militar.

Cá fica copiada. P.ª lembrança não deixa de ser curiosa. N.º 167, pag. 256.

Paz (Mafra)

Setembro: 20.

Mais uma carta... Esta é para o meu condiscipulo Agostinho Barreto de Oliveira a quem prometera noticias. Como dá indicações acerca dos meus trabalhos e certas notas pessoais, cá fica

copiada no lugar proprio a pag. 258, com o nº. 168. Ainda me poderá servir de confronto, mais tarde, ao reler tais desabafos.

Lisboa.

Setembro: 26

Mandei hoje um oficio á Associação dos Archeologos propondo se aceitam as insignias associativas que pertenceram ao fundador, Joaquim Narciso Possidonio da Silva, insignias q. ele usava nas solemnidades sobre a farda de academico.

Esperêmos a resposta.

Lisboa:

Setembro: 29.

Ontem, no Diario de Lisboa, nas noticias das ultimas manobras na região do Cartaxo, vinha uma gravura que é verdadeiramente psicologica.

O major-general do Ex.to, o Carlos Maria Pereira dos Santos, com todo o seu aprumo e prosapia, expõe ao Carmona e ao Salazar qualquer coisa acerca dos exercicios. Vê-se bem que imagina ser alguem e q. pelo aprumo fisico e infrenencia de atitude impressionaria o Ditador.

A gravura aí fica p.a memoria. E' ver com atenção a fisionomia do Salazar, bem

O Chefe do Estado e o presidente do Conselho, á sua chegada ao Cartaxo, conversando com o major general do Exercito

revelladora de que o observa com curiosidade e no intimo deve estar a formar juizo exacto, isto é, a calcular exactamente o que aquela impronuncia quer dizer.

Poleres Viteres!... Poleres generais!... Vivem na doce ilusão de que são alguem

e de que são eles que ocupam as atenções dos outros — quando afinal pouco mais são do que balões cheios de vento!

Adeus.

Paz, Mafra:
Outubro: 19.

Ha tanta coisa que dizer aqui, a sós com o papel branco! E eu a deixar correr o tempo sem vontade de o fazer...

Hoje há mandei ao Laurenço Chaves Almeida uma carta com impressões do meu mundo. Registei-a fº., até certo ponto, ao pôr a falta do diário.

Lá está com o nº 169 a pag. 251.

Paz, Mafra:
Outubro: 22:

Novamente recorro á epistola. Sempre vai dando conta do q. faço e do que penso. Hoje é para o Pires Monteiro e deixo-a aqui fº. não estar sempre a recorrer ao «livro respectivo.»

Diz a carta:

«.... Ainda aqui estou, por meu mal, preso a pequenas obras inadiaveis. Aqui recebi o seu cartão de 14, devolvido de Coimbra fº. onde não sei quando irei.

«O tempo, agora, tem mau cariz e a aldeia começa a ser inabitável; e estou a desejar o dia em q.e o comboio me leve a m.ª casa.

«Não sei se leu nos jornais que na Biblioteca do convento de Mafra, o director organizou uma curiosa exposição de livros militares, contemporaneos e anteriores á organização da mesma. Entre eles ha raridades e todos são de valor e alguns do tempo da Guerra da Restauração.

«Creio que será desconhecida a existencia de tais especies e o director mostrou vontade de publicar a relação dos livros expostos em qualquer revista para conhecimento de quem se interesse por isso. Eu disse-lhe que, possivelmente, na Revista Militar ficaria muito bem a nota da exposição e fiquei de falar no assunto a quem de direito; por isso aqui fica a sugestão que me parece oportuna, tanto mais que o director da revista Infantaria (que está na Escola fazendo qualquer curso) prometeu dar as suas impressões na publicação que dirige.

«E seria conveniente que a nossa Revista (me parece) não ignorasse tam acontecimento cultural como este e que especialmente interessa á classe.

«Que diz a isto? Aqui fica a ideia que, traduzida em espaço, na Revista, não irá alem de 3 paginas ou 4 quando muito. Se assim entenderem, ou me diz a mim qualquer coisa ou a Revista pode dirigir-se ao director da Biblioteca solicitando a nota referida.

«Gostei de ver a exposição que fecha hoje; e fiquei com pena de ignorar a existencia, aqui perto, de tais livros, pois já os teria consultado nos periodos em que venho por estes sitios. E alguns, que excelentes p.ª o desenvolvimento da minha comunicação sobre as ideias se um dia o tentar!

«E a proposito: o dr. Joaquim de Carvalho já mandou a m.ª comunicação para a imprensa. Alea jacta est! E' caso para desejar que a Fortuna ajude a minha Audácia. E com estas reminiscencias classicas, ponho ponto. De Coimbra darei mais noticias sobre o Congresso, logo que fale com o dr. Carvalho e saiba alguma coisa de concreto.

«Daqui, só direi que o vento sopra do Cabo da Roca e ha chuva meúda aborrecida — e por toda esta terra parece cair a desolação. Sempre ao dispôr, etc.»

Paz, Mafra:
Outubro: 23.

No Diario de Noticias de hoje vejo o meu nome a servir de propaganda á Grande Enciclopédia Portug.ª e Brasileira de mistura com outros ilustres e não ilustres oficiais do exercito.

E' caso p.ª agradecer...

O pior, porem, é que os promenitos não são insignificantes que quasi não vale a pena ter o nome lançado para a Imortalid.ª de cambulhada com tantos notaveis...

Guardei o anuncio que vai no fim do volume, a pag. 418.

Paz: Mafra:
Outubro: 27.

Hoje... lá vai mais outra — e está do tamanho da legua da Povoa.

E' para o Diogo Oleiro, de Alcantões. E' merecida, porque este individuo, desde a m.ª permanencia naquela terra, encheu-me de atenções e deferencias. Lá vai, mais ou menos literaria, mais ou menos facetá, conforme o meu estado de espirito ao escrever.

Fica no volume das epistolas, com o N.º 170, a pag. 264.

Paz: Mafra:
Novembro: 9.

Recebi anteontem um ofício do Dr. Joaq.m de Carvalho, como presidente do VIII Congresso do Mundo Português, em que me pede o resumo da m.a comunicação a que dei o título de Esboço da evolução das ideias militares em Port.al.

No mesmo ofício, em baixo, por letra dele, escreveu: «Muito boa a sua memória breve. Entreguei há 3 dias, na Comissão Central, a cópia dactilografada, etc.»

Será sincero?

Ver-se-há.

Ora hoje, dia de Todos os Santos, com muito tempo e má disposição, lembrei-me de escrever ao velho companh.o da Escola do Ex.mo Bivar Galgado. Há m.to que não sei dele e sempre vou desabafando, no papel, a fingir que estou bem disposto.

Lá ficou copiada a pag. 267, com o n.o 171, no tal célebre e celebrado volume.

Um dia, se alguem se lembrar de ler essa colectânea de cartas, muita risota fará rebentar! Que amontoado de bagatelas, de desabafos infantis, de coisas sérias e de futilidades!

Ficará, ao menos, como elemento para se avaliar como um cidadão pa-

cato pode ser muita coisa ao mesmo tempo e dar a impressão dum cesto de contradições.

Paciencia.

Paz: Mafra:
Novembro: 3

Mandei p.ª a Revista Militar um exemplar do meu opusculo O Problema dos Comandos na Guerra da Restauração e a noticia ~~...~~ bibliografica que é costume fazer-se a respeito das obras oferecidas foi escrita pelo general Teix.ª Botelho — o que representa p.ª o autor, certa atenção.

A nota vem em termos m.to amaveis e está feita com m.to acerto. É claro que tive de lhe agradecer em carta que hoje foi p.ª o correio — na qual repiso o mesmo bordão a respeito de largo estudo que penso sobre o mesmo assunto.

Ora p.ª que digo eu estas coisas se não sou capaz de fazer esse grande trabalho? Afinal ando-me a iludir e a iludir os outros ou então a fingir ~~...~~ de grande escritor de historia...

Não digo que me não falta vontade, isso não; mas a verd.ª é que o tempo vai passando e a respeito de obras... é o que se vê.

Coimbra

Novembro: 15.

Ao regressar a casa, encontrei o presente m.to agradavel dos cinco primeiros volumes das obras comemorativas do duplo centenario publicadas pela Academia Portuguesa de Historia.

Não sei a quem devo tal obsequio. A oferta é importante e, pelo visto, continuará. Lá dentro da Academia ha gente conhecida, mas qual será o da lembrança?

Enfim, fiz um oficio de agradecim.to ao Secretario Geral que hoje mandei, até ver se descubro o autor da munificencia. Porque, realm.te, o caso quasi se poderá chamar munificencia.

Coimbra:

Novembro: 18

Hoje foi carta erudita para o bom do Ferreira Lima acerca do Gonçalves Dias. De vez em quando, os meus verbetes são como qualquer arquivo: recorrem a eles como salvatério. E o que é curioso é q. já tem acontecido valerem como escritura a m.to boa gente e até a muito má gente... Mas, enfim, não me arrependo de servir a má gente: tambem são filhos de Deus...

Ora bem. A carta para o Ferreira Lima é a nº 172 e fica a pag. 272 do volume das epistolas.

Coimbra:

Novembro: 24.

Terminou ontem o Congresso da Historia das Actividades Cientificas dos Portuguesas.

Insinuando varias coisas ao dr. Joaquim de Carvº consegui que no Congresso se representassem a Escola do Exercito, a Escola Naval e a Revista Militar que tiveram, na Universidº, honras de gente — com certa animosidade de alguns lentes e com grande gaudio meu...

Na secção dos estudos militares, eu ia sendo esquecido, não sei se propositadamente por parte dos secretarios da mesma, se por mª culpa. Mas na sessão de 23, a de ontem, que era a ultima, lá arenguei conforme podia e sabia, sob a presidencia do dr. Pacheco de Amorim.

No começo da arenga não deixei de acentuar o facto de ficar para o fim e de me darem poucos minutos; cheguei a dizer que o rabo era, na verdª o piór de esfolar e certamente iria ser aborrecido quando todos se quereriam ir embora...

Ouvir alguns discretos "não apoiados!" e resolvi, perante a amavel afirmação do presidente:

— Tem Vlc.ª o tempo de q. precisar... atacar a comunicação sem me preocupar muito com a falta de tempo.

Arenguei cerca de 20 minutos, mas notei que era ouvido com atenção até pelos estudantes quer rapazes quer raparigas que quasi enchiam a sala. O Pacheco de Amorim, com o eterno sorriso, parecia interessado; e quando acabei, a seguir ás palmas do estilo, o dr. Vicente Gonçalves que me antecedera e que, com a larga e demasiadamente extensa comunicação me tomára o tempo, veiu logo direito a mim, sem me conhecer pessoalmente, pedir desculpa da demora que causára e que evitára o prazer de me ouvir por mais um bocado... Assim falou um catedratico de Coimbra p.ª um pobre mortal.

E no fim de contas, vieram todos quasi penitenciar-se. O proprio Dr. Pedro José da Cunha, presidente da secção, quasi pediu desculpa de me deixar p.ª o fim; e como creatura muito batida e usada em casos semelhantes, disse-me duas amabilidades — das graúdas.

Não sei se seria triunfo, mas foi, com certeza trofetada. É possível que eu tivesse alguma culpa; mas quero crer que houve certo coeficiente de má vontade por parte da secretaria da secção que julgo estêve a cargo do dr. Mario Silva.

Emfim, não sei. E como não sei, não afirmo e deixo o problema para a Historia resolver se ela entender que valha a pena resolve-lo... E adeante.

Os jornais de Lisboa deram noticia sensaborissima, assim como os do Porto. Dos de Coimbra, só o Diario falou mais pormenorisadamente; os outros, guardaram silencio prudente — e foi melhor assim.

O extracto do Diario de Coimbra fica guardado no final do vol. a pag. 420.

Coimbra

Dezembro: 19.

A Revista Militar, na ultima passada de direcção, congratulou-se com o exito da missão dos seus representantes no Congresso das Actividades Cientificas e ao mesmo tempo, como recompensa, lançou na acta um voto de louvor e reconhecimento aos mesmos.

Recebi, pois, um oficio amavel do general Reis Botelho comunicando-me

aquela resolução e agradecendo, no estilo academico mais usado, a m.ª interferencia no Congresso e o prestigio (sic) que eu dei á representação, etc.

E' claro que tive que agradecer em oficio tambem em estilo academico, o que mesmo é dizer: em estilo chôcho, vasio, apenas cheio de cortesia.

Ora se tudo isto não é cabotinismo, não sei que nome dar-lhe.

— 1941 —

Coimbra:

Janeiro: 20:

Comecei hoje a escrever a minha grande obra sobre Miranda do Corvo, isto é: a querer coordenar, mais ou menos em forma de monografia sui generis, a vasta e complicada serie de notas, memórias e documentos q. amontoei de 1912 relativos aquela malfadada terreóla.

Bem mal empregado tempo!

Contudo, seria pena pôr de lado e abandonar tanto material carreado com paciencia e, vá lá! com certo amôr. E eu tendo parte correspondente a um volume, oficiarei á Camara Municipal pondo a questão com clareza: quer ou não quer subsidiar a obra monumental que lhe ofereço? Se quer, muito bem. Se não quer é possivel que eu me abalance á empreza de a publicar — para ter o prazer de amarrar as edilidades mirandenses á troça e desprezo das gerações futuras.

E' um prazer muito caro, dispa-se a verdade; mas, ao menos, a obra ficará

sendo, á maneira do dito de Eça de Queiroz, « um muito formoso calhamaço. Muito formoso ! »

Coimbra:

Janeiro: 28.

O meu condiscipulo Agostinho Barreto de Oliveira passou á reserva. Não o promoveram a general porque não é creatura de cortezias nem é facil de manejar. Por consequencia, o illustre Conselho que superiormente no assento passar por cima dele varias veres. Daqui a resolução de passar á reserva.

Escrevi-lhe, como deira, uma carta de solidariedade. Fica na pag. 275, com o nº 173 do volume respectivo.

Coimbra:

Janeiro: 31.

Hoje vai nova carta. É para o Bino Salgado e não tem nada de importante que mereça cuidados. Fica porem copiada porque não só conta impressões pessoais como tambem pelo tom facêto que lhe dei e que o Salgado aprecia annualmente.

E lá vai para o vol.º respectivo com o nº. 174, a pag. 277.

Paz, Mafra

Março: 4

Aqui estou, sem o esperar. O ciclone do mês passado assim o quiz, e o tempo mau e as consequencias do fenomeno assim o querem.

Escrevi ao Armando Macedo dando impressões do momento. Eis a carta q. verd.e verdade não sei se vale a pena deixar registada:

«... Aqui estou, ha oito dias neste retiro a que, apesar do nome, não posso verdadeiramente chamar espiritual... E' muito dificil encontrar espiritualidade neste deserto habitado por saloios, a sentir constantem.te o vento a assobiar e a rodipiar, como nos versos do Lopes Vieira, e á volta terras negras encharcadas onde passam vacas e burros em busca de herva para comer. E se eu, por momentos, pensásse em te dar impressões com certa amenid.e de humôr, teria que fazer maiores esforços que o ilustre professor Filoff para justificar a inxenuidade da entrada dos alemães na Bulgaria.

«Aqui estou, pois, ha oito dias, assistindo ao curar das feridas. A derrota das nossas arvores foi superior ao valor das

propriedades. Ao ver eucaliptos de 15.m de altura amarfanhados no chão, eu lembrei-me de recitar os trênos do Rebelo da Silva á quéda dos Imperios que nós, ha cerca de 50 anos (não sei se te lembrarás) liamos e analizávamos nas aulas de Português.

«E para me não deter em espiritualidades, mandei chamar serradores para os reduzir a porções manejaveis. Sempre a remoção dos mortos para não estorvarem os vivos!

«O que vale é a grande faina agricola: batatas para um lado, cebolinho para o outro; enxertos de pereiras lá ao fundo da fazenda e convite, cá ao cimo, a umas oliveiras que foram no rigario do ciclone, para se fixarem novamente no mesmo sitio onde estavam, ha muitos anos, sem ninguem as seduzir. É, como vês, excelente intermezzo para um maduro como eu que só vê os primores da Mãe Natureza através dos papeis velhos — e não os quer ver nestas lombas agrestes e desabridas onde pastam vacas e burros e onde o vento baila e rodipia que é mesmo uma consolação.

«Não sei (ai de mim!) quando largarei estas parapeus prosáicas e as trocarei

por Lisboa; é possivel que breve, logo que os serradores dêem conta do serviço — e então poderei celebrar as belezas da Torre do Tombo e do Arquivo Militar, onde o cheiro a bafio é superior ao da murta e ao da giésta destes montes. E aqui me têns embebido em Paulo de Kock e em Gervasio Lobato, unicos alimentos para o espirito que encontro e que (vá lá!) até certo ponto me divertem enquanto a pituitaria não se consola com o môfo dos arquivos.

«Meu caro Macedo: cumprimentos nossos, etc.»

Lisboa:

Abril: 10.

Hoje, as novas da guerra são, simplesmente, desconsoladoras. Nos Balcãs o descalabro parece proximo; os Ingleses não mediriam bem o problema como tantas vêzes lhes acontece, quasi sempre tardios nas resoluções.

O que estará reservado á Humanidade, pobre Humanid.e que ha seculos luta pela vitoria da Inteligencia? O que nos estará ainda reservado, pobres mortais que confiam nos Principios?

E por essa Lisboa, na população buliçosa, ha alegria; corre-se aos divertimen

tos; olha-se para os transparentes dos jornais e segue-se o caminho como se o q. se leu fosse qualquer notícia banal. Parece haver uma indiferença completa, como se por essa Europa se não estivesse a jogar a sorte do Homem livre ou do Homem escravo.

O que será do Mundo?

Lisboa:

Abril: 15.

Recebi um ofício da Associação dos Arqueologos Portugueses, solicitando-me a apresentar a minha candidatura.

Como se vê, as honras chegam tarde... No primeiro impeto, tive vontade de devolver a proposta: que fossem para o diabo que os carregue!

Isto tem, contudo, explicação: ha tempo, fui á Associação fazer entrega do colar associativo do fundadór, conforme oferta feita pelas netas e a que, creio, me referi aqui nestas notas. Conversando com o secretario geral, o Machado Faria, e o Gastão de Melo de Matos presente na ocasião, chegou-se á conclusão de que a familia do arquitecto Possidonio da S.ª não tinha representante no instituto que fundára com tanto empenho. E os dois, olhando um

para o outro, disseram que eu poderia ser o representante.

Aqui está a origem da solicitação; a origem do meu ímpeto indignado é o ver que não me propuseram por mim ou por qualquer mérito que me encontrasse, mas simplesmente por ser casado com a neta do fundador.

Mas... deixando passar o ímpeto e falando no caso ao Ferreira Lima no Arquivo Histórico, este agarrou na proposta e assinou logo no lugar dos proponentes.

Enfim, vou ser sócio da Real Associação de Arqueólogos.

Vamos lá a isso.

Lisboa:

Abril: 22.

Lá mandei hoje, com um ofício, para a Associação dos Arqueólogos, a minha proposta para sócio. O Ferreira Lima quis ser o mesmo amigo de sempre e quer repor-se de pedir as duas assinaturas q. faltavam. Lá foi com ofício anexo como se eu me pretisse muito honrado com a distinção.

Mais uma personalid.e para pagar e qualquer outro encargo q. sobrevenha — pois que poderei eu fazer como sócio

se não sou arqueologo e não estou fa-
ra o aturar?

Lisboa:

Abril: 28.

Hoje, no Primeiro de Janeiro, do Por-
to, vem a notícia curiosa que aqui fica e
que é prova bem clara do caminhar dos
tempos. E o jornal apenas comenta
a notícia com
o cabeçalho: Re-
vivendo o pas-
sado...

Isto deveria
escapar á cen-
sura; esta não
viu, segundo me
parece, a ironia
que é bem clara:
Revivendo o pas-
sado... E demais a mais com reticen-
cias. Não está mal achada...

Revivendo o passado...

CASCAIS, 24—Ultimamente a Camara Municipal procedeu a várias modificações de nomes de ruas. Assim as de José Elias Garcia e Rodrigues de Freitas passaram a ter as antigas denominações, respectivamente, de Frederico de Arouca e da Saudade.

O passeio Candido dos Reis passou a ter a antiga denominação de Rainha D. Maria Pia. A avenida da Republica, compreende-se agora sómente a parte que vai da Cidadela até á estrada da Guia, a restante parte, desde o largo 5 de Outubro até á cidadela passou tambem a ter a antiga denominação de «D. Carlos I».

Lisboa:

Maio: 22:

Escrevi carta para o Salvador Pinto de
França que continua chefe do Estado-maior
em Coimbra. Deixo-a copiada porque tra-
duz certas impressões do momento e re-

fere sucessos correntes q. não perdem em ficar lembrados.

Está no vol.º respectivo, a pag. 281, com o nº 175. E assim as cartas vão sufrindo estas notas do diario pois sempre traduzem, mais ou menos, o estado de espirito em que estou.

Lisboa:

Maio: 31.

Acontece que uma comissão de amigos do Alvaro de Castro a que preside o general Sá Cardoso, vai tentar publicar um In Memoriam e fazer um busto para ser colocado em Lourenço Marques creio que no atrio de entrada dum Museu-Biblioteca que aquele fundou quando lá foi governador.

Fui convidado para colaborar no In Memoriam e para contribuir p.ª o busto. Quanto á colaboração literaria, mandarei um capitulo de memorias, do tempo em q. o Alvaro foi meu companh.º em Infantaria 23, ambos alferes. Quanto á contribuição p.ª o busto é que é mais serio porque não poderei dar centenas de escudos como naturalmente os outros dão.

Tive hoje de escrever ao general Sá Cardoso, desculpando-me do meu silen-

cio; e aproveitava a oportunid.e para lhe dizer: «... receio não poder corres-
"ponder, com a m.a contribuição literá-
"ria no In memoriam aos desejos dos
"seus promotores; como receio tambem
"que a m.a contribuição pecuniaria esteja
"abaixo do que as intenções de Vlm.as com
"toda a justiça aspiram.» E depois, acres-
centava: «... não quero faltar á chamada
"tanto mais q. essa atitude corresponde
"evidentemente a uma afirmação que não
"desejo ocultar.»

E assim, com as desculpas, man-
dei amabilidades misturadas com solida-
riedade. Uma embrulhada mais em q.
me meteram, talvez por influencia do
Pires Monteiro — que é o homem das
boas intenções.

Caldelas:

Setembro: 6

Desde Maio que o diario deixou de
ser diario... Quasi abandonei estas mi-
nhas notas em que tanto me comprazo.
Não sei explicar; e como não sei expli-
car, o melhor é passar adeante. Nada
de invenções.

Tres meses e tanto sem escrever se-
quer uma linha! E a verdade é que ha

sempre que dizer. Pouco que seja, há sempre uma ou outra impressão para registar.

Mas que hei-de eu fazer? A minha vida actual não dá para mais.

Aqui estou em Caldelas, local fora do meu gosto — e penso ser capaz de deixar qualquer moda de interesse.

Para não passar em branco este período, fica apenas um extracto de carta que mandei hoje para m.ª Filha:

«... Cá estou neste paraíso verde como dizem. Parece, se é realmente verde e talvez mais verde ainda com o alargamento das culturas e das matas, o que me parece é que já não é, verdadeiramente paraíso. Para isso falta aqui o completo esquecimento do que vai além dos montes que avisto, isto é, do q. fica dos cuidados e preocupações inúteis.

«Não sei se é efeito da velhice, mas isto não é já bem o que foi nos primeiros anos se bem q. me sinta à vontade. Como é natural estou quasi sempre só; leio, os bocados e olho a paisagem que está sempre com a mesma aparência envolvente ou sedativa, como dizem os

medicos. Por veres, converso; e por intermedio do poeta Campos de Figueiredo travei relações com o dr. Antonio Salgado Jor. e o dr. Delfim Santos, futuro professôr de Letras em Lisboa ou talvez em Coimbra. São dois doutores de capelo, de certa categoria mental cuja conversa traz, para auxiliar a cura das circunvoluções intestinais, certo arejamento das circunvoluções do cerebro.

« Com eles conto ir á Quinta da Tapada, a 3 K. de Caldelas, ver os sitios onde o cheiro da canela fazia choramingar o pobre do Sá de Miranda.

« Enfim, ainda por cá andarei até aos fins da prox.ª semana; depois lá irei ter, não sei se melhorado da saude, mas aliviado eficazmente da bolsa.

« A tua Ana Maria está optima, segundo as noticias; vamos a ver, etc. etc. »

E aqui está, até hoje, no que se resumem as m.as impressões de Caldelas.

Caldelas:
Setembro: 8.

Como vem nos jornais a noticia da nomeação de Vitorino Nemesio para professor da Faculd.e de Letras de Lisboa, man-

dei-lhe uma carta de felicitações, mas carta quasi cerimoniosa, por causa das dúvidas.

O homem subiu; é capaz de, agora, já não olhar mt.o para baixo.

Vamos a ver. Tudo pode ser.

Paz, Mafra:

Setembro: 26.

Por curiosid.e deixo aqui uma carta q. escrevi ao Fernando Silva. Fica para documentar o meu interesse pelos estudos históricos feitos com inéditos e também q. documentar a indiferença dos actuais possuidores do arquivo da casa Fronteira — pois quero crer q. esta mi.a carta não te rá resposta condigna.

Aí vai ela:

«... Não me esqueci ainda da visita que, por sua intervenção, fiz em julho passado, ao palácio Fronteira; a dessa visita ficou-me mais fixamente lembrada a impressão sentida na explendida biblioteca.

«Não fosse a pressa do dr. Cassiano Neves e a consulta que o dr. Hernani Cidade fazia aos Mss., eu teria ficado mais tempo, vendo com mais vagar as estantes en-

de, de relance, parceli horas raras e le-
varia a m.ª curiosidade aos Mss. se isso
me fosse consentido. Sabe o Fernando
quanto eu aprecio tais assuntos e pó o
medo de molestar quem amavelmente
me acompanha, me levaria a não ficar
horas esquecidas.

«Ora isto vem a propósito do seguin-
te: fui informado de que, entre os Mss.
da Livraria Fronteira ha muitas cartas do
marquês de Alorna, relativas á campa-
nha de 1801, tão pouco conhecida e tão mal
estudada; e eu estou precisam.te estudado
essa campanha com elementos ~~[illegible]~~
desconhecidos que encontrei em Coim
bra. E como as cartas a que me refiro
estão inéditas, seriam mais uma valiosa
contribuição p.ª o trabalho que intento.

«Guerará o Fernando, mais uma
vêr, ser o intermediario junto do seu
amigo conde da Torre para que eu possa
consultar essa colecção epistolar?

«Não sei quando irei a Lisboa com
vagar; mas lembro-me de lhe falar no
assunto desde já para (sabendo se benefi-
ciarei do favor do conde) não continuar
com o trabalho da campanha sem a con-
sulta desejada. Aqui fica a minha sug.ão
Vão. Se o Fernando estiver para isso, um

dia que possa saber do conde se autorisa ou não — era p.ª mim grande favor e talvez utilidade para a Historia.

« Tenha paciencia com mais este incómodo, mas não calcula como me seduz a ideia de que poderei ver as cartas, tão notaveis são e tantos elementos novos podem trazer!

« Cumprimentos, etc. »

Isto deve ficar sem resposta. O conde da Torre, actual representante da casa dos Fronteiras, é quasi analfabeto e pouco mais trata do que ~~[illegible]~~ cavalos. De modo q. o meu pedido será recebido com alguma objurgatoria de cavalariça e... pronto.

Paz. Mafra.
Setembro: 27.

Hoje, duas cartas: uma para o Pires Monteiro outra para o Ferreira Lima. Ambas extensas e sem importancia por aí alem. Apenas aqui ficam extractos que mais interessam: de uma por ser critica creio que justiceira a um trabalho dum general; da outra por dar certas indicações a respeito dos meus planos de historiadôr amadôr. E já não vai mal p.ª notas auto-biograficas...

Segue o extracto da primeira, para o Pires Monteiro:

«.... Cá espero as provas do meu artigo Salengal que não demorarei. E a proposito: tive impetos de comentar na Seára Nova o artigo do Morais Sarmento acerca das conferencias do Wawell.(1) Já se viu maior miseria intelectual? E' aquilo obra dum ex-major-general do exercito? E querem que o respeitavel publico tenha consideração pelo valor do generalato portuguès? Teria sido preferivel para tal comentário, encarregar um furriel com o curso dos liceus e uns laivos de literatice... Com franqueza: o artigo dá não só a medida do homem como, em parte, a medida da epoca. O nosso generalato, bem expremido, não dá mais do que aquilo!

«Enfim! Que linda tarde que está! Daqui, deste lugar, vejo Sintra, onde o meu caro Am.º repousa com justiça. Que o descanço lhe seja completo e util e que regresse a Lisboa cheio de boa vontade para aturar glossadores da força do Morais Sarmento...»

---

(1) Publicado na Revista Militar, no fasciculo de Julho de 1941.

Os comentarios ás conferencias do Wawell são na verd.e uma vergonha. E ainda o piór é que na Revista entregáram o trabalho ao Morais Sarmento pelo respeito que ha em relação á omnisciencia dum major-general... O resultado viu-se.

Segue-se agora o extracto da carta p.a o bom Ferreira Lima:

«... Comecei aqui a fazer o sumario ou plano do meu trabalho sobre As ideias militares do marechal Saldanha. Emquanto pedreiros e carpinteiros batem compasso no telhado (que, por favor do ciclone de Fevereiro foi substituido) eu vou martelando, conforme posso, na reconstituição dessa curiosa figura de militar, mal conhecida como tal e apoucada á custa da politica.

«O que sairá, inspirado por tal concerto desafinado e, ainda p.a mais, em terra de saloios?»

Na verdade, resolvi-me a tentar essa grande obra de reconstituir a figura imponente de Saldanha. Vamos a ver o que sái. E' certo que me podia dar para piór.

Paz: Mafra:

Outubro: 10.

O Instituto de Coimbra vai publicar o seu 100º volume. E lembráram-se na direcção, naturalmente foi o Madáil o da ideia, que tal facto se celebrasse com um volume especial em q. todos os socios colaborassem com um pequeno artigo.

A ideia não deixa de ser curiosa e nesse sentido recebi uma circular com convite amavel.

Aceito o convite e hoje escrevi ao Madáil que subscreve a circular em nome da direcção, informando de que em bréve mandarei um pequeno artigo acerca do abade Correia da Serra baseado em dados ineditos.

Trata-se, nem mais nem menos, da novidade seguinte: o Correia da Serra não foi para o estrangeiro á custa do bolsinho particular do duque de Lafões mas sim á custa dos rendimentos da Igreja de Miranda do Corvo. A generosidᵉ. do opulento Mecênas foi grande por conta dos rendimentos que poderiam cair na algibeira do prior mirandense.

Manda, porem, a verdᵃ. que se diga que foi melhor assim.

Paz : Mafra :

Outubro : 16.

Hoje vai carta fº Guimarães, ao Alberto Vieira Braga — amigo que conheci ha uns 10 para 12 anos e nunca voltei a ver. É, contudo, duma grande amabilidº. comigo e por isso entendi q. lhe devo pagar na mesma moeda.

Lá fica no volº respectivo, a pag. 283 com o nº 176.

Fui ontem em Lisboa assistir a abertura do ano lectivo no Colegio Militar.

O Cristovão de Sousa Lima leu a oração de sapiencia na qual tratou da importancia do latim para a cultura geral. Estou convencido de que 98% dos ouvintes, quasi todos militares, se ririam para dentro com as teorias expostas.

Os jornalistas apanharam-no fotograficamente durante a leitura. Ahcam fica o recorte, fº lembrança.

O director interino, um tenente-coronel Alvares Pereira, no discurso que fez ao abrir a sessão, exaltou a figura do Salazar a proposito da utilidade e do valor do Colegio, e não se esqueceu de dizer que o dito Salazar é estadista que todo o mundo civilizado admira e respeita.

Ora eu ouvindo misturar o patrão com a utilid.e e historia do Colegio fiquei-me a pensar se o fundadôr deste instituto seria o Teix.ª Rebelo, ha seculo e tanto, ou se seria o Salazar... E' caso para se averiguar com cuidado, porque ás vezes a Historia arranja os seus carapetões e é muito possivel que este caso ande envolvido em trapalhada.

Ora pois.

O sr. alferes Cristovão de Sousa Lima lendo a «Oração de Sapientia» na abertura das aulas do Colegio Militar

Paz: Mafra:
Outubro: 18.

Mais outra carta para o Pires Monteiro. Este amigo obriga-me a constante epistolografia. E se lhe não escrevo a

meúdo, vem logo solicitamente saber se estou doente. E' um bom amigo, afinal; e ainda é dos poucos.

A carta merece arquivada. Fica com o nº 177 a pag. 285 do respectivo volume.

Paz: Mafra:
Outubro: 24.

Já estou eleito socio da Associação dos Arqueologos Portuguezes! Uma honra para a familia...

Eu, arqueologo!

Estas coisas são, afinal, uma grande chuchadeira.

E' claro que tive que agradecer a comunicação oficial bem como ao Antonio Machado Faria, secretario geral da Associação, que quiz ter a amavel deferencia de juntar ao oficio uma carta congratulatória.

La foram hoje: um oficio protocolar e uma cartinha amigavel.

E pronto. Estou arqueologo.

Paz: Mafra:
Outubro: 28:

Fica aqui apenas um extracto duma carta que tive de escrever ao Pires Monteiro — que continúa a ser o açambarcador da mª actividade epistolar.

Mas que lhe hei-de fazer? Volta e meia... o correio traz carta dele, sempre amanel. E eu tenho q. responder. Ora desta q. foi hoje fica só este bocado:

«... Restos de obras e esperteras da saloiada visinha, obrigam-me ainda a estar aqui, bem contra minha vontade. Isto não é atomosféra para mim; e aguento-me, sacrificando o meu desejo á vontade de toda a familia. [...] Aqui, pode dizer-se, estou inativo. Leio e pouco; e como esgotei as provisões de leitura, estou já limitado a rações de reserva de Paulo de Kock...»

Paz: Mafra:
Outubro: 31.

Hoje deu-me vontade de escrever ao Tomás da Fonseca. E escrevi. Lá foi carta de prosa ligeira, com bom humôr, sem preocupações literarias.

Diz-me o Tomás que as m.as cartas são m.to apreciadas pela esposa, que as lê com atenção e lhes acha graça. Ainda bem. Esta senhora é pessoa ilustrada e inteligente; e tal opinião não deixa, evidentemente, de me ser grata — o que me obriga, é claro, quando escrevo ao marido, a ser

cautelosa na linguagem e o mais possível apurado na forma.

A carta lá fica, com o nº. 178, a pag. 288 do volume próprio.

Paz: Mafra:

Novembro: 6

Morreu no seu Reguengo dos Torres, além dos Olivais, o bom coronel Francisco Gomes.

Era um amigo e sincero. Desde 1913 ano em que vim para Coimbra, o coronel ficou realmente meu amigo.

Ultimamte andava decaído, adoentado, mas não previa a sua morte.

Era um homem sério e bom. A honradez e a bondade em pessoa. Pessoa pensada, de grande correcção nas suas relações e na sua vida oficial.

Velho republicano; com firmeza de princípios, embora adoçada pela sua bondade que o levava ás vezes a transigir. Sempre, porem, com dignidade e aprumo. Homem, pois, de caracter.

Fiquei-lhe a dever muitas atenções e alguns favores. Até certo ponto, era um amparo moral grande o meu espirito precisava de sossêgo. E quantas vêzes o ouvi, com autoridade, a dar-me os seus conselhos amigos!

Far-me falta, o bom coronel Francisco Gomes. Mais um arrimo que desaparece — e para sempre.

E os que ficam ?...

Lisboa:

Novembro: 21.

Volto hoje a escrever ao Alberto Vieira Braga, de Guimarães acerca das gravuras para o meu artigo relativo á retirada de Massena em 1809.

O Ferreira Lima mostrou-me no Arquivo uma gravura de Bartolozzi, com o retrato do general Pinto da Silveira, espécie talvez inédita, mas, pelo menos muito pouco conhecida. Estava presente o Nogueira de Brito, crítico e entendido nestes assuntos, que declarou não conhecer reprodução. Aceitei, pois, a oferta e nesse sentido escrevi ao Vieira Braga pedindo ele autorizar o Ferreira Lima a mandar reproduzir este retrato e ainda uma litografia que quer representar fantasiosamente o coronel Salamonde.

Coimbra:

Dezembro: 13.

Mais outra carta. Esta é para o professor e escritor António Salgado Junior

com quem travei relações ha pouco em Caldelas. Prometi-lhe nota de revistas literarias do sec.º XIX que eu tivesse na minha biblioteca; ele pensa fazer um estudo acerca do movimento literario dos segundo e terceiro quartel do seculo visto atraver de publicações principalmente academicas.

Prometi-lhe ... e confesso que com boa vontade de cumprir. O meu receio é deixar passar o tempo e as notas ficarem no tinteiro.

Vamos a ver.

Coimbra:

Dezembro: 14.

Por ser curiosa, deixo aqui a carta que hoje mandei p.ª a Grande Enciclopédia Luso-Brasil.ª:

«Acuso a recepção dum cartão-circular, sem data, ha dias chegado.

Quanto ao aviso «muito importante» a Empresa não perderá comigo porque use ser pontual no cumprimento dos compromissos. Quanto ao convite para enviar nota dos vocabulos da letra "D" mando inclusa uma, apenas, com dois que naturalmente não serão aceites como

alguns propostos na m.ª carta de 3 de Dezembro de 1936.

Não desejo parecer que quero, á força, vender o meu peixe. Vão por isso só esses dois de que, aliás, não faço já grande empenho.

Com toda a consideração, etc.»

Coimbra:

Dezembro: 20:

Mandei hoje esta carta ao dr. Damião Peres, professôr da Faculd.e de Letras e Director da Biblioteca da Universid.e:

«Ex.mo Sr.: No vol.º XI do Boletim do Arquivo Hist.º Militar saído ha pouco, vem a pag. 73 uma nota no começo do meu Catalogo e Sumario dos documentos de caracter militar existentes nos Mss. da Biblioteca da Universid.e de Coimbra que explica a interrupção da sua publicação por «certas "dificuldades na consulta dos Mss. nem "sempre em condições apropriadas de lei-"tura e de estudo.»

«Pessoa amiga fez-me ver que poderia dar-se um mal entendido na interpretação deste passo; e como concordei com a observação venho, com m.to gosto, dizer a V.Ex.ª que o passo se não refére ao pe-

riodo em que V.Ex.ª dirige a Biblioteca nem ao periodo em q. o sr. dr. Cesar Pegádo ocupou o cargo de director da sala dos Mss. do qual só recebi atenções e auxilio.

«Com a maior consideração, etc.»

O caso era com o dr. Providencia e Costa que fez todo o possivel p.ª me amesquinhar; este cavalheiro é velhaco e como não quiz fazer questão, abandonei a Biblioteca até ele deixar de ser director. De começo não dei por qualquer má vontade e na m.ª boa fé ia o tempo passando; um dia, porem, dei pela marosca e quando me convenci de que o tipo me queria magoar, larguei o trabalho.

Seria preferivel ter-lhe ido ao focinho ou aos cornos — se os tem. Mas foi melhor assim.

Coimbra:

Dezembro: 23:

A Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães ofereceu-me o volume que publicou com a Correspondencia de Alberto Sampaio. E' uma bela oferta que apreciei. Agradeci hoje, em oficio amavel, como devia. Aquela gente de Guimarães é, afinal, amiga. Sem nada me dever,

mantendo relações epistolares de loupe em loupe, nunca se esquece de mim pa ra estas ofertas e atenções.

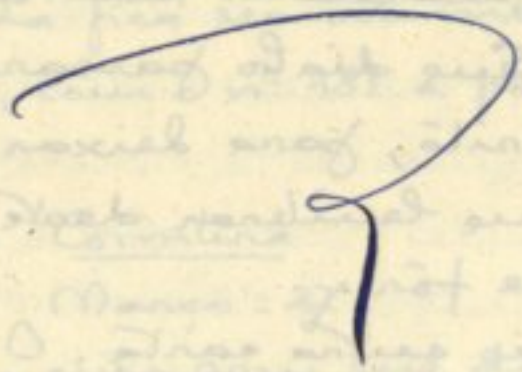
Nem tudo é mau por este mundo. Valha-nos isso.

A Revista Militar mandou-me um ofício com a informação de que tinha certa quantia para receber, correspondente á minha colaboração. Dá-se o caso, porem, que no ano que vai acabar eu não colaborei na Revista...

Como é que lá arranjaram remuneração p.ª serviços não prestados?

Respondi com os meus agradecimentos e solicitei o favôr de fazer entrar a quantia q. me creditaram no fundo disponivel da Administração. E assim, eleganteamente, resolve-se o caso.

Ficámos todos bem.



— 1942 —

Coimbra:

Janeiro: 24.

O ano já tem vinte e quatro dias e só hoje acordo para este diário! E há cerca de um mês que nada escrevo...

E não é porque não haja assunto.

Ora vamos lá recomeçar.

E recomeço com uma carta ao dr. Salgado J.or. Prometi em Caldelas muitos e grossos; mas estou a ver que a promessa ficará em águas de bacalhau.

Mas enfim, lá vai a carta. É a n.º 179 e fica na pag. 230 do vol.º respectivo.

Coimbra:

Fevereiro: 16.

Mais três semanas sem tocar qualquer nota... Que diabo passará, agora, pelo meu espírito, para deixar passar o tempo sem me lembrar deste caderno?

Seja o que fôr.

Hoje, mais outra carta. O que vale são as cartas que sempre vão deixando uma ou outra impressão.

A de hoje é para o dr. Claudio Basto que não conheço pessoalmente. E porque será, Vasconcellos, que eu fujo de conhecer pessoalmente as pessoas que, por qualquer motivo, se notabilizam? Este é um deles.

A carta fica com o nº. 180, a pag. 291 do já cit.º volume. Trata do meu projectado Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo que gostaria de ver publicado na Revista Lusitana.

Coimbra:
Fevereiro: 18.

O dr. Claudio Basto foi pontual. Recebi carta informando-me de que aceita o Cancioneiro p.ª o prox.º volume da Revista Lusitana. Para corresponder á amabilid.e respondi hoje mesmo. Carta curta cuja cópia conservo por me parecer curiosa como tipo de agradecimento... á minha moda. Lá fica no volume destinado ás epistolas, com o nº. 181 a pag. 293.

Coimbra
Março: 27.

Outro mês sem me dignar lançar mão do diario qualquer nota! E continua a haver muita coisa que comentar!

É certo que ando afadigado com o meu Camões e as artes belicas que quero terminar em breve. Mas mesmo assim...

Adeante.

Hoje venho lembrar que a Academia Portuguesa de Hist.ª continua a mimosear-me com as suas publicações. Agora viéram os vols. III e V dos Anais que hoje mesmo agradeci em oficio amavel.

É interessante que na ilustre Academia não me quizeram nem querem para sócio; mas oferecem-me as publicações todas como se o fosse.

Coimbra.

Abril: 8.

Carta para o Poeta Lopes Vieira. Como teve que ser rascunhada, por causa das duvidas, lá fica no volume proprio, com o nº. 182, a pag. 293.

O Lourenço Chaves Almeida é que me meteu nestas andanças com o Poeta. Com franqueza, passava bem sem isso; mas agora é aguentar e cara alegre. Tenho de ser amavel, sem cair na situação de atento, venerador e obrigado... Estes principes da Literatura gostam de ter á sua roda quem os corteje e adule. É natural e humano. Mas vamos a ver

se me arranjo para enfileirar na eleita dos admiradores encartados e não encartados...

Coimbra:

Abril: 10.

Hoje deu-me para me fazer igual ou quasi igual ao António Sérgio... Nem mais nem menos!

E' ler a carta que lhe mandei e que deixo aqui p.ª não deixar os créditos por mãos alheias:

« .... Devo V... receber por este correio um folheto com a comunicação que apresentei ao Congresso da Actividade Científica dos Portugueses em 1940. (1) E', na sua linha geral, matéria nova entre nós, lançada um pouco por «amor dos problemas» e é possível que um dia lhe dê desenvolvimento — quando puder.

« Por estas razões gostaria de saber a opinião de V... em quatro palavras que fosse. Terei eu direito a pedir uma coisa destas? Simplesmente para meu governo particular desejo saber o que V...

---

(1) Trata-se do meu Esboço da evolução das ideias militares em Portugal.

fausa e não por qualquer espírito de vaidade. Desculpará V... o pedido?

«O que posso, porem, afirmar é que sou, até.»

Coimbra:

Abril: 22.

E apara segue-se nova carta. E para outro príncipe das Letras: para o seu condiscípulo do Liceu de Coimbra: o João de Barros que, segundo os jornais, se afogueou voluntariamente.

Carta simples, sem aparatos. Apenas cumprimentos que envolvem saudades de outros tempos. Ver no vol. respectivo, a pag. 294, a carta nº. 183.

Coimbra

Abril: 28.

Hoje, na Biblioteca da Universidade o dr. Joaquim de Carvalho chamou-me para me fazer um pedido: quer a minha colaboração numa revista regional que vai tentar publicar na Figueira.

Prometi colaborar.

Palavra puxa palavra, a conversa alargou-se e eu felicitei-o pela explendida parte que tomou, em 18 deste mês, na comemoração do centenário de Antero do

Guental, na sala dos capelos. Foi realmente uma oração curta mas incisiva, justa, precisa — perfeita, enfim. Contrastou terrivelmente com as frases oficiais do presidente da Associação Academica e do Reitor que quasi pediram desculpa de se comemorar o centenario dum homem que, naquela mesma sala foi irreverente e revolucionario varias vêres... E contrastou com o proprio dr. Hernani Cidade que não teve a coragem de dizer o que sentia acerca de Antero e fugiu para o campo da poesia pura e procurou achar raizes do lirismo anteriano em certos poetas franceses contemporâneos.

O proprio dr. Joaquim de Carvalho a quem exprimi esta impressão, me disse confidencialmente que o dr. Cidade tinha a coragem (sic) de atacar o problema e não soube adaptar-se ao ambiente do momento. Daí a infelicidade da sua oração aliás de certa profundidade e erudição.

Não admira: o centenario do Antero do Guental foi autorizado com certas condições e uma delas foi a de se não falar do estudante revolucionario e irreverente e das suas tendencias avançadas. Isto me foi dito tambem confidencialmente por gente da reitoria.

Ora desta conversa resultou uma coisa que me deu certo espanto. Como eu dissésse ao dr. Carvalho que fizera o ensaio a que chamei Camões e as "artes belicas", ele ofereceu-me a Revista da Universidade para a sua publicação. E ofereceu-me o volume que já está em começos de impressão e sairá para Outubro prox.º O caso é tentadôr...

Quiz pôr objecções com receio da inferiorid.e do ensaio; mas o dr. Carvalho insistiu e com certo calor. O volume começa com um trabalho do dr. Duarte Leite; segue outro dum professor de Lisboa; outro não sei de quem, do Porto; e depois o meu. Quer dizer: nenhum trabalho de professôr universit.º conimbricence!

Vamos a ver. Aceito? não aceito?

Lisboa:

Maio: 8.

Aqui fica um extracto duma carta q. hoje mandei para o Lourenço Chaves Almeida. Simples curiosid.e, apenas:

«... Quanto ao meu ensaio camoneano está pronto ha cerca dum mês. [...] O dr. Lopes Vieira respondeu pouco depois de eu lhe mandar o folheto e diz que es-

para com interesse a publicação daquele trabalho — mas, de certo, como aliás toda a gente, com a impressão de desconfiança. Ninguem me julga (e com m.ª razão) com calegoria para trabalhos de tal ordem. Não é, realmente, depois dos 60 annos q. se começa, já com «o engenho frio» como dizia Camões.

«Será o que fôr. Perdida a vergonha uma vêz, fica perdida para sempre... Desde que me reprovaram no generalato, julgo-me no direito a todos os atrevimentos...»

É um desabafo como outro qualquer. E, que diabo! um desabafo não fica mal a ninguem.

Lisboa:

Maio: 31.

Cá vai outro extracto de carta para o Lourenço Ch. de Almeida e fica registado porque o Lopes Vieira não sei o que diz aquele a respeito do meu Camões; parece que o Poeta de S. Pedro de Muel anda preocupado com o meu trabalho. Ora eu não lhe faço pouleira de qualquer especie mas das cartas do Lourenço ressalta não sei o quê de respeito. Segue o extracto:

«... Uma vez por outra, em intervalos muito pequenos, lá fujo aos Arquivos ou Bibliotecas; mas neste estado de espírito, que fazer? Tenho aqui o meu Camões mas quasi lhe não pequei; não é em poucos assaltos que se vence um trabalho de tal responsabilidade.

«Não ha duvida, como o Lourenço diz que são trabalhos em q. gômos muito da nossa alma; mas leva-lo-ei ao fim? Por este andar não lhe vejo grandes triunfos: ficará, possivelmente, destinado á sepultura das gavetas como outros muitos que esperam a vinda do Messias...

«Quero ver se agora, antes de regressar, telefóno ao nosso Poeta, para lhe falar; quero fôr o incidente Camões em gratos limites... Desejo explicar-lhe o meu ponto de vista, não vá ele julgar que eu, como o sapateiro de Apeles, quero subir alem do tamanco ou da chinela.»

Lisboa:

Junho: 11

«Afirma-se por aí que o pretendente D. Duarte Nuno estêve em Lisboa, ha dias, de passagem para o Brasil onde vai casar com uma prima ou bisneta do ultimo Imperador brasileiro. E parece que este-

ve com todas as honras: homenagens, recepções, cumprimentos, etc. etc.

Por aqui se explica o caso (que me pareceu insolito) de tantas manifestações ultimamente feitas ao Azevedo Coutinho, lugar-tenente do dito D. Duarte Nuno sem qualquer pretexto aparente ou razoavel. Celebra-se o heroi de Africa, de ha cincoenta anos, afirma-se; o heroi do Chire, o conquistador do Barué é quem recebe as zumbaias desta aglomeração de subservientes q. em regra se chama a melhor sociedade intelectual lisboeta.

São experiencias, de certo, que se vão fazendo, não só para ver quem aparece, como para sondar a complacencia oficial do Estado-Novo. E assim se vai vivendo nesta atomosfera de mentira.

Um funcionario da Alfandega afirmou-me que o colega que, por obrigação profissional foi a Cabo Ruivo á partida do avião que levava o principe para o Brasil lhe referira a manifestação feita ao pretendente quer em quantidade quer em qualidade de gente; e notou até pessoas (cujo nome não referiu) que não julgava capazes de tal atitude.

E a proposito do lugar-tenente ou seja o Azevedo Coutinho, ainda hoje me con-

Tem passado que conhece um amigo e admirador deste cavalheiro e, por consequencia, sabe o que tem sido a sua flutuação de caracter — que nos tempos da Monarquia ele, João de Azevedo Coutinho, se aliára em certa quadra aos republicanos para implantar a Republica, comprometendo-se a revoltar a Marinha de Guerra na occasião propria. E contou ainda que em certa altura em que se zangára com o ministro da Marinha ou tivera qualquer pretensão não satisfeita, resolvêra, por sua conta, lançar a revolta ao que o dr. Affonso Costa se oppoz por não ser tempo ainda para tal aventura.

Nunca ouvira contar este caso. Será verdadeiro? A origem da versão é mais ou menos segura; mas haverá qualquer deformação ou errada interpretação de attitudes? Ou o segredo seria guardado por motivos ponderosos que envolveriam mysterios?

Não sei bem o que pense acerca do assumpto; mas não custa muito a acreditar, dada a falta de senso moral que dizem caracterizar o homem que em novo conquistou certo ascendente pela acção em Africa mas que, devido a temperamento sem firmeza e a falta de orientação mental, an-

dou ao sabor dos acontecimentos e dos estímulos dados por exploradores que lhe aproveitariam a tendencia aventureira.

Enfim, esperêmos pelos acontecim.tos como observadores atentos e pouco participantes.

Lisboa.

Junho: 13.

Fui hoje, finalmente, a casa do Poeta Afonso Lopes Vieira onde estive cerca de duas horas.

Seria de mais, com certeza, para quem recebe como Principe. A verd.e, porem, é que a conversa foi agradavel e os 120 minutos passaram sem quasi dar por isso.

Foi amavel, sem duvida; correctissimo — mas sempre Principe que dá honras aos mortais que dele se aproximam.

É realmente figura interessante nas Letras e na sociedade. Tem opiniões curiosas ácerca da politica e dos politicos e, em especial, sobre a actual situação que ele detesta. Fez comentarios acerca dos successos recentes quer da politica interna quer dos ligados com a guerra. E tudo isto com falar pausado, com intervalos em que olha vagamente pela janela que deita para o jardim, em cujo peitoril estava um

vaso de barro vermelho com manjerico e ao lado uma imagem de madeira, tosca, de S. Francisco de Assis...

É claro que lhe explicar o que era o meu ensaio sobre Camões. Melhor ou pior, expus-lhe o plano e como podia que o meu ponto de vista coincide mais ou menos com o dele, pedi-me á vontade para dissertar. Ele ouviu com atenção, aprovou, animou-me, aconselhou uma boa edição crítica da obra camoneana para base do ensaio — o que quasi quereria dizer que me lembrasse da dele e do dr. José Maria Rodrigues... E notei até que, sendo ele considerado Príncipe em assuntos camoneanos, mostrou-se simples, chão, sem atitudes de superior, e com ar de interesse, como de quem acredita que a minha obra valeria de alguma coisa.

Lembrou-me a necessidade de certo número de separatas, pois o ensaio seria aceite e procurado. Enfim, tais coisas disse que parecia o Príncipe tratar de igual para igual...

Confesso que me não pesei tiranizado com o caso; só observei o fenómeno e procurarei ver a sua origem que de certo não estará na persuasão de que o

meu trabalho possa ser qualquer coisa de coturno. Parecem-me isso.

Por fim, deu-me a notícia, aliás espalhada em Lisboa há dias, de que o pretendente D. Duarte Nuno estava na capital, de passagem; mas com intenções, ao mesmo tempo, de auscultar a atitude dos futuros súbditos.

Ele, Lopes Vieira, é partidário duma restauração monárquica, com caracter liberal, com tendencia popular, francamente inclinada á França e á Inglaterra, com espirito militar de qualquer espécie; mas está convencido de que seria difícil mantê-la por causa da tendencia liberal do nosso povo, tendencia individualista, anti-clerical, que 30 anos de Republica até certo ponto consolidáram e que as tiranías dos ultimos anos estimularam bastante.

Enfim... eu ouvia com interesse e certo encanto porque realmente Lopes Vieira é atraente na conversa e dá sempre uma forma bal ao que diz que justifica bem a alcunha de português suave que lhe puseram nos cafés da Baixa, comparando-o a certa marca de tabaco que por aí corre muito.

Foram, realmente, duas horas boas em que eu ouvi coisas de que ando afas-

do e me banhei um pouco (vá lá o lugar comum) em Civilização.

Cá fóra, ao descer pelos meandros da Mouraria, ainda debaixo da impressão de encanto (não é exagêro) e ao mesmo tempo de receio de ter prolongado de mais a visita, lembrei-me de que faz hoje precisamente tres anos que, no Estado-maior me reprováram para o generalato. Já lá vão tres anos e o tempo passou com relativa rapidez. Ao menos consolei-me com celebrar o aniversario com esta palestra amena e acolhedora, cheia de interesse para mim e que me deu, mesmo assim, alguns ensinamentos.

E viva Santo Antonio!

Coimbra:

Junho: 21.

De novo em Coimbra. Um vai-vem constante que me desgosta. Mas que lhe hei-de fazer?

Hoje escrevi ao Carlos Sombrio, da Figueira, a agradecer-lhe uma noticia que ele deu para a Gazeta de Coimbra acerca do meu Esboço da evolução das ideias militares. Ofereci-lhe um exemplar; ele em carta agradeceu; e não contente com isso fez uma nota bibliografica cheia de amabi-

lidades, em que louvava a iniciativa e co
mentava o trabalho.

Lá foi, pois, o agradecimento devido.

Coimbra:

Julho: 11.

Certa manhã de ha dias deu-se pela
falta do busto do António Nobre no Penedo
da Saudade, e notou-se estrago na coluna
do pequeno monumento.

Gracinha de alguns academicos em pe
quida a coisa bem reparada? O certo é que o
busto foi encontrado numa rua da Baixa,
abandonado, ao pé de estrumes. A policia
não deu com os autores ou se deu não os
quiz incomodar; e a Câmara mandou
repôr o busto e concertar o monumento
dando-lhe um pouco mais de segurança.

Ora a viuva do dr. Alberto de Oliveira,
sobresaltada, telegrafou-me pedindo noti-
cias sobre o caso. Eis a carta que lhe man-
dei e que fica aqui para documentar o ca-
caso — que é prova dos nossos costumes
civilisados...

«.... O busto de Ant.° Nobre já está
no seu logar. Fui ontem vê-lo e verifi-
quei que nada sofreu com o vandalismo.
O pedestal é que, na parte superior, teve

14 (20)

sinais do estrago mas mal se percebem. É necessario chegar m.to ao pé para isso se notar. O bloco de pedra que segura o bus.to, foi feito de novo porque, naturalmente, o que estava ficou em bocados.

«As condições de maior segurança que lhe deram não sei quais foram porque da Câmara esqueceram-se de me prevenir do dia em q. fariam a colocação a que eu desejava assistir. Mas, enfim, tudo se reparou e parece-me que bem.

«Os meus respeitos, etc.»

E o Poeta do Só lá fica, sozinho, á espera de novo desacato.

Coimbra:

Julho: 12.

Só vai mais um extracto de carta. A carta completa não tem interesse por aí além. Ficam só estes periodos por mais curiosos:

«... A epigrafe que poz no artigo acerca da retirada de Soult e a phrase pra desca com que o encerrei (1) mostram pa-

---

(1) Trata-se do pequeno estudo A propósito da retirada de Soult em 1809.

ra bem entendêr, que me não alarguei demasiadamente em considerações relativas ao Ribeiro por qualquer motivo. Esse motivo percebe-se bem: os tempos não vão para dizer certas verdades que possam diminuir as glorias nacionais; e Ribeiro pertence a esse numero.

«Confesso que fiquei admirado quando dei com aquelles documentos; pois tambem, como o meu Snr.º, eu formava outra ideia do homem e, em parte, por culpa do cor.l Adriano Bessa. Emfim, como lá diz por conta do Camillo, a Historia não é escripta a ser caritativa; tudo vai, nos tempos que correm, em saber dosear essa falta de caridade ...

«O chevalier de Folard parece-me ter acertado quando disse nos seus commentarios á obra de Polibio que não são os erros de natureza militar que principalmente deshouram os chefes mas a falta de caracter e de aprumo inherentes ao prestigio proprio.(1) Quando tratar do Saldanha heide voltar ao Ribeiro a proposito da celebre reviravolta na batalha da Victoria (1813). E' possivel que nessa altura lhe dê mais uns

---

(1) Pag. XXII do Prefacio á Histoire de Polybe vol. I, da ed.ão de 1727.

valores ... E aqui tem o meu Am.º como se passa o tempo e se leva a velhice com mais ou menos paciencia.

«Um abraço, etc.»

Esquecia-me de dizer que a carta era para o amigo e condiscipulo Agostinho Barreto de Oliveira — leitor assiduo dos meus trabalhos.

Coimbra:

Julho: 19.

Conheci hoje o dr. Francisco Rebelo Gonçalves, actualmente professor em Coimbra da Faculd.e de Letras.

Conversámos um pouco e, a certa altura, ele ofereceu-me a revista Brasilia de que é director, para eu colaborar. E o convite foi feito com certa insistencia e não tão á ligeira como o do dr. Joaquim de Carv.º para a Revista da Universidade.

Só o tempo o dirá, quando chegar a ocasião de efectivar o convite.

O dr. Joaquim de Carv.º parece que se arrependeu do oferecim.to feito ha tempos em Abril passado; se me não engano procura evitar-me; fala-me muito amavelmente quando me encontra mas de modo a não dar ensêjo a conversas. Ar-

repeudeu-se, com certeza, do convite que parecia expontaneo.

Eu, realmente, achava a esmola grande; mas... Mas a verd.ª é que ninguem mandou fazer convites com tanto calor e... tanta fineza. Se eu tivesse o ensaio prompto e o entregasse, não sei como ele resolveria o caso.

Ora sempre ha cada um!...

Coimbra:

Julho: 21.

O António Sergio respondeu á minha carta de 10 de Abril passado — carta que tal vez fosse impertinencia. Mas, vá lá! respondeu e, como sempre, faz observações para não perder o direito de lhe chamarem mestre.

Agradeci com esta outra que aqui fica na integra:

«.... O desejo de conhecer a opinião de V... acerca do meu opusculo, não era impertinencia e muito menos vaidade.

«Teria V. dito que posso eu desenvolver o têma exposto na comunicação; e tinha interesse em saber o que pensariam 3 ou 4 pessoas cuja opinião valem para mim alguma coisa.

Por ~~isso~~ isso o incomodei e o obriguei a desviar-se dos seus trabalhos por alguns momentos.

«Muito e m.to obrigado, pois, e creia q. fiquei satisfeito com o parecer.

«Quanto á observação respeitante ás obras de Jomini e Clausewitz, direi que é muito justa. Deficiencia ou imperfeição de exposição levam a concluir que me refiro ao periodo das guerras napoleónicas quando a ver.de é que quero estabelecer a transição para o periodo agitado das lutas civis. A nota de V... chamou-me a atenção para ponto que, no respeitante a Clausewitz, parece anacronismo meu desculpa.

«Por tudo, enfim, muito a m.to obrigado, etc. etc.»

As observações do Sergio ficarão p.a serem consideradas numa 2.ª edição que, francam.te, nunca se fará, do meu Esboço da evolução das ideias militares.

Coimbra:

Julho: 27.

Fui hoje á Biblioteca da Universidade e no caminho encontrei o dr. Rebelo Gonçalves que, de novo, insistiu na minha

colaboração para a Brasília e disse-me que viria a m.ª casa fazer o convite de modo mais correcto e oficial. Por agora, ia-me parando-me f.º eu me não esquecer, etc. etc. E á despedida, com o chapeu na mão e ares de pessoa inferior, não me deixou passar pelas costas mas olhou-me a ver se eu queria ficasse com a primazia.

Isto deu-se na rua Larga, em frente da Faculd.e de Letras, e provocou certa curiosidade á estudantada que, possivelmente, ficou imaginando que eu seria pessoa mt.to graduada ou no professorado ou no Reino das Letras...

Este dr. Rebelo Gonçalves que eu só conheço ha muito pouco, parece-me um exagerado na sua delicadeza e nas atenções. De tal modo se excede nos cumprimentos e nas zumbaias que eu fico-me a perguntar se aquilo é a sério ou é melhacaria.

Ora ~~ia~~ eu a ~~[illegible]~~ meditar nisto tudo e comparando esta atitude de clara insistencia f.º colaborar com a do Senhor Joaquim de Carv.º que possivelmente se arrependeria, quando ao entrar na Biblioteca, dei com este sentado a uma mesa, de cara para a porta, a trabalhar.

Vire-me repente e resolvi meter-lhe um susto. Dirigi-me resolutamente e

de tal modo que lhe notei logo a expressão clara de qual disposto ou contrariado. Depois dos cumprimentos disse-lhe sem mais aquelas:

— Desculpe V. esta interrupção nos seus trabalhos, mas ando há dias com vontade de lhe anunciar... (Aqui a expressão mostrou aciedade)... que encontrei no Arquivo Hist.º Militar uma devassa relativa ao negociante inglês Laidley, da Figueira, em 1833 ou 34 que deve interessar á his toria local... Etc.

Nesta altura a expressão mudou por completo. Houve como que uma sensação de alivio... Eu não lhe ia falar de canões... Ainda bem! Levantou-se, com sorriso alegre e começou a passear dizendo-me que na Figueira havia essa tradição mas não se conhecia documento que a comprovasse, etc. etc. E como para justificar, de si mesmo proprio, a alegria que manifestara, desatou a elogiar a minha descoberta, com palavras de muito apreço pelos meus dotes de investigador... Etc.

Este dr. Joaquim de Carv.º é creatura um pouco contraditoria e deixa-nos por veres atrapalhados de formar um bom e justo juizo. Mas que se lhe ha-de fazer?

Paz: Mafra:

Agosto: 8.

Hoje nova carta para o António Tavares, da Figueira ou seja o Carlos Tavares, como é conhecido literariamente. E como se refere a um trabalho literário que ele me ofereceu, deixo-a copiada no livro respectivo, a pag. 295, com o nº 184.

Paz: Mafra.

Agosto: 17.

Ainda mais uma carta... As minhas memórias ficarão quasi feitas em epistolas.

A de hoje é para o Diogo Neiro, da cidade de Alenquer. Vai em bom facto, não sei se ao gosto do destinatário. Mas vai assim. E ficou a pag. 296, com o nº 185.

Paz: Mafra:

Setembro: 17.

Para quebrar o silencio de um mês neste desterro entre saloios, o meu velho amigo dr. José Cardoso mandou-me um recorte de O Primeiro de Janeiro em que certo jornalista viajante ao querer dar noticia historica da Lousã, arranjou uma confusão dos demonios a respeito das invasões

francesas. E o bom dr. José Cardoso pede-me a minha autorizada opinião e informa-me de que vai rectificar os dizeres da cronica infeliz depois de eu lhe dizer de minha justiça.

Escrevi-lhe, pois, com a melhor vontade e a carta lá fica no vol.e respectivo, a pag. 299, com o nº 186. Quanto á rectificação é que ele não verá publicada. Os jornalistas não gostam que se desminta a infalibilidade de q. se julgam possuídos.

A sagrada missão da Imprensa!...

Paz: Mafra:
Setembro: 24.

Hoje desabafei com o Lourenço Chaves Almeida. A bilis assim o quiz... E como a carta tem muito de auto-biografico, aí fica:

«.... Tenho aqui as suas tres cartas — e só agora respondo! Não leve a mal. Esta m.a estada na Paz tem sido pouco pacifica pois desde os meados de Agosto ando em constantes viagens a Lisboa por causa dos olhos de m.a Mulher q. pioráram consideravelmente; e nos dias de intervalos, a senhora minha Neta tira-me muito tempo.

«Hoje, que é dia de lua cheia segundo o amigo Borda de Agua, cá estou disposto a dar-lhe novas e estas vão para Coimbra, pois receio que não o apanhe ja nesse sossegado Moledo, entre as belas serranias durienses.

«Desejo que o descanço lhe tivesse feito m.to bem e que as aguas lhe dessem resultados apreciaveis, tudo para melhor suportar as contrariedades e arrelias q. a cada passo surgem e nos magoam. Oxalá, pois, o vá encontrar em Outubro bem disposto, quando eu regressar daqui, depois de dois meses passados entre preocupações e trabalhos dispendiosos.

«Mandei vir o numero do Diario de Noticias de 17 para ver o artigo de Vergilio Correia. Fiquei m.to satisfeito com a noticia que me deu e com a justiça que este lhe faz. Compensa-o, assim, da maroteira do Reinaldo, maroteira de q. me não admirei pois sei bem o que estes espiritos superiores valem como caracter. De tudo se servem desde que consigam os seus fins.

«Eu tenho sabido de m.ta coisa dessas e sofrido a consequencia de outras. O mal vai de os de boa-fé, como nós, confiarem os seus planos e as suas ideias facilm.te

Os espertos aproveitam o que podem e pronto!

« Quando era novo, impressionou-me m.to saber que o velho dr. Aug.to Mendes Simões de Castro, creatura cheia de bondade e boa vontade p.a com os outros, fôra ludibriado em dois casos semelhantes; e mais me impressionou ver a maneira resignada com que ele aceitava o abuso de confiança. Nunca me esqueci disto. E pela vida fóra tenho recordado muitas vêzes estes factos quando vejo idênticos procedimentos como de uso corrente.

« São coisas que desafiam á movimentação violenta dum cacete — unico remedio, me parece, para tal doença. Mas o piór é que a Sociedade reprovaria a terapeutica e condoer-se-ia do aleijado... Cada vez me sinto mais bisonho e mais retraído e mais revoltado contra esses enfatuados próceres que se corôam por suas mãos e entendem q. todos os outros constituem baixa e servil clientela. Assim os Dantas, os Reinaldos, os Leitões, ejusdem furfuris...

« Como vê, apesar de estar na Paz estou mal humorado; mas tenho razão. Sinto-me envelhecer, vejo pouco tempo adeante; e atravér da vida, se

faço excursão retrospectiva, rememoro grande percentagem de velhacarias.

«Assim, o caso do meu Camões, embora noutro genero. E a este respeito, informo-o de que estou resolvido a publica-lo á mª custa. Minha Filha e meu Genro a quem o li, um dia, á sombra das arvores duma fazendita nossa, empurram-me para essa aventura; e é possivel que vá no embrulho... Vamos a ver. Em Coimbra decidirei conforme os orçamentos.

«Pois os meus parabens pelo artigo do Vergilio; agora o Reinaldo não poderá alegar prioridade. E o que o meu caro Lourenço deve fazer é tambem publicar o trabalho em folheto; não lhe seria pesado e tiraria as duvidas ao sacerdote maximo das artes e das bexigas doentes.(1)

«Pense nisso e siga sem olhar para traz. E até bréve.

«Ao encerrar esta, deitei o binoculo pª o mar e vi um enorme navio petroleiro que se dirige para os lados do cabo da Roca; será o celebre petroleiro que se espera como simbolo da abundancia de gazolina e oleos?

---

(1) O dr. Reinaldo dos Santos.

«Muita saude para si e para os seus e um abraço, etc.»

Lisboa.

Outubro: 21.

Hoje, no Rossio, vi passar, por entre a multidão acumulada no passeio ocidental, três autenticos frades. Era coisa que não via desde 1908 quando andei um pouco ás soltas pela Galiza.

O aspecto deles, sem má vontade, era deles. A cara alvar de cada um e o ar de certo espanto e ao mesmo tempo de desafio — deram-me, talvez sem querer, na vista. Não ha duvida: havia um misto de soberbia e de pacovice.

Emfim... Deixa-los lá gosar este S. Martinho. Que demonio! Teem direito a isso enquanto a tempestade não rugir mais perto.

Lisboa:

Novembro: 7.

O cor.el Ernesto Gonçalves Amaro mandou-me uma carta fr.a Coimbra, como pessoa fr.a mim desconhecida, a pedir-me uns trabalhos meus que deseja ler e possuir. Em fim, sei m.to bem quem ele é embora o conhecesse ha m.to tempo

desde a Escola do Exercito. Perdi-o, porem, de vista e agora surge-me meu leitor atento e mais ou menos admirador.

Achei graça. Escrevi-lhe hoje, agradecendo o interesse e prometendo mandar os opusculos desejados desde q. chegue a Coimbra.

Este Gonçalves Amara é monarquico e catolico praticante. Tem bom nome como profissional e como homem sério.

Coimbra:

Novembro: 27.

Esta m.ª vida não dá para comentar o que se passa. O que vale são as cartas. Aqui vai mais uma. E' dirigida ao professor Santana Dionisio:

«.... Não tenho o prazer de conhecer pessoalmente V... e por isso espero que me desculpe. Dizem-me que V... ficou com os papeis que o falecido Raul Proença reunira para o 3.º vol.º do Guia de Portugal. Ora eu escrevi, a seu pedido, o capitulo respeitante a Miranda do Corvo e, se me não engano, ao caminho da Lousã para a Pampilhosa da Serra — e mandei-os. Sabe V... dizer-me qualquer coisa a esse respeito? Serão esses

meus arbíos incluídos no volume ou perderam-se? Agradecia muito uma explicação qualquer e creia-me, etc.»

Vamos a ver se a mª contribuição fª o Guia não terá a mesma sorte do Cancioneiro de Miranda.

Vizeu.

Dezembro: 4.

Aqui estou em terras de Viriato para presidir a um Tribunal Militar Territorial. Não sei se teria escala se escolha; o certo é que uma nota do Quartel-General até-ontem me avisava de que «por "ordem Telegrafica do Ministerio da Guerra" » fui nomeado para tal serviço.

Cá estou, pois, na leda terra da Beira, com alguns frio e rodeado de atenções desta gente do Tribunal. Valha-nos, ao menos, a delicadeza.

Coimbra.

Dezembro: 6

Segue uma carta para o Luís da Camara Reis. Tem, porem, uma historia que não deixa de ser curiosa.

Quando apara estive em Lisboa, em Outubro e Novembro, procurei o Camara

Reis na Seara Nova para the propôr edi-
tar-me o meu trabalho Camões e as artes
belicas. Fui lá com as illusões pouco pro-
prias da m.ª idade, calculando que fosse re-
cebido com braços abertos e que o meu Ca-
mões fosse logo aceite sem reservas.

Na verdade, os braços abertos vi eu
por parte do Camara Reis e por parte de
um outro individuo que me trataram logo pe-
lo nome mas que eu não sei quem é. Po-
rem, ao expôr o assunto que me levou á
redacção da Seara, comecei a notar na ex-
pressão do Camara Reis certas contracções
nervosas que me anunciáram uma recu-
sa. E efectivamente, terminada a mi-
nha exposição, o Reis Lobinho não po-
der aceitar o trabalho, porque as dificulda-
des editoriais eram enormes, o papel esca-
seava e tudo estava tão impeditivo que re-
solveu com os colegas da administração
não editar mais obras e limitar-se quasi
ao expediente normal da revista.

Ora eu sou pouco desconfiado e te-
nho, apesar dos meus 62 annos, uma certa
dose de boa-fé um tanto ou quanto infantil;
comtudo, na expressão do Com.ª Reis, eu es-
tava a ler o artificio empregado para me
recusar o trabalho sem parecer que o re-
cusava. E assim devia ser. Certamente

e cautelosamente, porque não convinha magoar um velho amigo da Seára, foi me dito muita coisa bonita mas sem outro resultado que não fosse a impossibilid.e da publicação.

Resolvi deixar falar á vontade o Reis p.a ver até onde ia a habilidade da recusa; no final, meti na pasta o manuscrito e disse lhe, creio que com o melhor tom de voz e o mais thano dos gestos que concordava com o que ouvira e o melhor seria esperar por essa oportunid.e anunciada com tão boa vontade... E ainda agradeci, e com efusão, essa mesma agradavel e delicada boa vontade...

Creio que me portei bem. E a conversa derivou p.a outros assuntos até que me despedi e deixei o Camara Reis liberto do pesadelo. Realmente, um estudo sobre Camões feito por um pobre diabo como eu, seria uma espiga p.a a Seára e seria até certo ponto descredito. Ao mesmo tempo não era bonito nem conveniente tratar mal um amigo certo da revista. Isto é: o Camara Reis passou um máu bocado por minha causa — e eu devia ter pensado nisso antes de lá ir. Mas, como disse em cima, as ilusões pouco proprias da idade não me deixáram ver claro.

Confesso, porem, que o desenxano me custou. Fui p.ª casa magoado porque, enfim, ainda julguei que valesse mais alguma coisa... Afinal p.ª que é que o Camara Reis me anda a pedir colaboração p.ª a Seára sempre que me encontra ou sempre que me escreve?

Enfim, as coisas são o que são.

Ora aconteceu que uns dias depois de estar em Coimbra, ao descer a rua de Tomar, encontrei o dr. Joaquim de Carvalho que ia p.ª os exames de admissão universitaria no Liceu D. João III. Logo que me avistou, teve largo gesto de satisfação e veiu p.ª mim, alegremente, dizendo:

— Ora ainda bem q. o encontro! Estava p.ª lhe escrever! Faz favôr de entregar na Tipografia da Grafica o original do seu estudo sobre Camões. E' a ocasião.

E como ia atrazado, despediu-se repetindo com calor:

— Não se esqueça! é a ocasião!

Eu fiquei-me a pensar: a maneira tão clara como se me dirigiu desmentirá a m.ª duvida do verão? Seria desconfiança minha? Sei lá!

A verd.e porem é que a forma por que me falou não deixava duvidas; e tanto que voltei atraz, fui a casa pelo original

e entregue-o na Tipografia d'A Grafica com todas as advertencias.

E lá ficou.

Depois veiu a carta que hoje recebi do Caetano Reis. A carta não era necessaria, mas quiz dar um recado que: o ensaio não foi aceite pela Seára, mas foi pela Revista da Universid.e, pela revista da gloriosa Universid. de Coimbra!... Era o mesmo que dizer:

— Ora toma!

Esta boa merd.e é uma creancice minha. Mas emfim, creancice ou não, ela lá foi. Lei-la:

«.... Depois da nossa conversa na redacção da Seára, demorei-me em Lisboa mais do que calculava e só vim para aqui em meados de Novembro. Por isso só agora escrevo acerca do assunto que me levou a importunar V..

«O preço da impressão do meu ensaio, calculando 500 exemplares, ficára superior ás possibilidades da venda; pensára já em desistir da publicação quando o professor de Letras dr. Joaquim de Carvalho me pediu o original para a Revista da Universidade. O offerecimento convenceu-me e entreguei o original áquele

ilustre professôr e, segundo me informou já está a compôr.

«Foi solução excelente; e certo numero de separatas poderá ser posto á venda ao alcance de quem se interessar pelo trabalho. Agradeço m.to a V... a boa vontade manifestada e as atenções que me dispensou — o que me poderá levar, um dia ainda a tratar de assunto identico.

«Muito e m.to obrigado pois; e quando eu receber as separatas do ensaio, terei m.to prazer em enviar uma a V... com a afirmação de que sou, etc. etc.»

O Camara Reis perceberá a ironia de toda esta cartinha?

— 1943 —

Coimbra:

Janeiro: 1.

Cá vem mais um ano... E poderei dizer: má raios o partam se vale tanto como o outro.

A vida corre e tão sem geito que pregunto a mim mesmo o que ando eu a fazer por sobre a terra, a incomodar-me, a arreliar-me e a maçar os outros?

Vamos a ver. Ao menos, se neste ano que entra eu visse a derrota do nazismo... ainda escapava. Mas com os ares tão turvos, com as indicisões dos aliados, com tanta força do eixo...

Não sei. Não digo nada.

Coimbra:

Janeiro: 17.

Ontem, o coronel João Braz de Oliveira que ha quasi um ano comanda o regimento de Artelharia de Coimbra, jantou cá em m.ª casa. A' noite, apareceu o Armando Macedo; e a conversa caiu,

como muitas vezes acontece, na política. E o Braz de Oliv.ª contou o que, com ele, se passára quando em 1938, nas alturas de Janeiro, a guarnição de Lisboa quis correr com o Santos Costa do cargo de sub-secretário da Guerra. E como a narração tinha todos os fóros de veridica, aqui a deixo para a História.

Aproveitando a má impressão causada no exercito pela reforma de 31 de dezembro de 1937, os comandos de Lisboa delegaram no general Domingos de Oliveira então governador militar, a missão de expôr a vontade de todos ao proprio Santos Costa e dar-lhe claramente ordem de despejo. O general foi e cumpriu segundo parece; e o Santos Costa ouviu e respondeu que exporia o assunto ao ministro (Salazar) pois só este, nos termos legais, o poderia mandar embora.

Passáram-se dias na expectativa; na guarnição havia nervosismo e mal-estar; os subalternos começáram a mexer-se e um deles chegou a procurar o Braz de Oliveira e pediu explicações da demora — o que originou cêna desagradavel entre os dois.

Ora nesta altura começou a circular que o Salazar, se o exercito mantivesse a

a ordem de despejo ao sub-secretario, tambem ele se iria embora; e o piór de tudo é que o general Carmona fez constar que se o Salazar caísse ele abandonaria tambem o cargo...

Começa aqui a ver-se a manobra sabiamente lançada, antes de qualquer resolução.

E foi com o ambiente pesado que estas hipoteses tinham naturalmente formado em Lisboa que os comandos receberam ordem para comparecerem na Presidencia do Concelho.

O Braz de Oliveira compareceu como comand.te de qualquer fracção da defesa da costa e presenciou um extraordinario espectaculo que o deixou assombrado (sic).

O Salazar expôz melifluamente a situação creada por certos boatos que formáram mal-entendidos prejudiciais á boa harmonia e á boa disciplina do exercito. Apenas boatos... Mas entre eles havia um que afirmáva que o sr. general Domingos de Oliveira fôra impôr um ultimatum para a saída do sub-secretario da Guerra do cargo que exercia, ultimatum feito em nome da guarnição. Ora o sr. general estava ali presente e poderia dizer o que havia de verdadeiro a tal respeito...

E com assombro geral, o Domingos de Oliveira, com a melhor curvatura palaceana disse que « realmente não fizera "tal deligencia junto de S. Ex.ª . . . que o ca"so era puramente boato . . . »

E o Salazar continuou: outro boato era o do sr. major Luis Alberto de Oliveira, comand.te de Caçadores 5 ter dito que não aceitava a imposição do limite de idade que o ia abranger e que só sairia do seu quartel a tiro; ora o sr. major estava presente e poderia dizer se era verdade . . . E com o mesmo assombro de todos (pois o facto era verdadeiro) o Luis Alberto de Oliveira, com curvatura distinta, declarou que tudo era falsidade . . . que nada dissera em tal sentido!

E assim sucessivamente: todos os comand.tes que fizeram afirmações e tomáram atitudes, negáram-nas com o melhor dos sorrisos e a mais elegante das curvaturas . . . E assim terminou a sessão pela verificação de que houvera apenas mal entendidos e de que tudo se esclarecera para . . . Bem da Nação!

E no fim, quem se riu e riu a valer, seria o Salazar que os soube comer todos como bom jesuita que é; e quem ficou classificado para a Historia foram

essas comandantes que, depois de certas farroncas não tiveram coragem de sancionar a comédia.

E agora, depois de fazer esta nota, eu pergunto se o exército quer que o Salazar o tome a sério e tenha por ele alguma consideração?

Coimbra:

Janeiro: 20.

Hoje, ao ler pacatamente a folha final de O Primº de Janeiro que às quartas-feiras se entitula Das Artes e das Letras e creio ser organizada pelo Jaime Brasil, deparei, com certo espanto com a notícia que aqui deixo colada, recebida na secção nos bastidores das letras. A origem da notícia deve ser o próprio Jaime Brasil pois há tempos recebi uma circular do jornal, assinada por ele pedindo notas biográficas e bibliográficas.

> **INVESTIGADOR** erudito das coisas militares que se relacionam com as letras, o sr. coronel Belisário Pimenta tem no prelo um estudo intitulado «Camões e as artes bélicas» e em preparação outro sôbre «Eça de Queiroz e os militares».

Daqui a indiscrição que, se for notada por certos leitores do Janeiro poderá, ~~poderá causar~~, alguns risos e algumas risadas.

E o pior de tudo é que a notícia é verdadeira. O Camões e "as artes bélicas" está a dois terços da sua composição para a Revista da Universidade; e o outro está debaixo de mão e vai crescendo.

Coimbra.
Fever.º : 20.

Recebi carta do Cláudio Basto oferecendo certo número de pag.ª do volume da Revista Lusitana que está quasi pronto para o meu Cancioneiro de Miranda do Corvo. O espaço oferecido, parece, não chega e acho preferível publicar o trabalho duma só vez. Agradeci, pois, e arranjei o pretexto de necessitar fazer uma reforma ao cancioneiro em virtude de grande aquisição recente de quadras; e pedi p.ª reservar espaço suficiente no volume seguinte da Revista.

Este cancioneiro anda com certa má sorte.

Coimbra:
Fevereiro : 22.

Absorvido com vários trabalhos não me dou ao trabalho deste caderno de notas. E o tempo passa e sempre há que dizer. Ora hoje volto á epistolagrafia...

E é para o Pires Monteiro que hoje escrevo, o bom Pires Monteiro merece alento e auxílio.

E como a carta explica m.ta coisa deste período de silencio, ela aí fica copiada no vol.e respectivo, a pag. 301, c/o nº 187.

Lisboa

30 de Março:

Mais outro grande período de silencio nestas notas. E hoje é quebrado por uma longa carta que mandei ao Visinho do Armando Nunes, fª Vila-Real de Traz-os-Montes, onde está fazendo serviço militar como miliciano. O rapaz faz de mim conselheiro e quer que eu o oriente na vida. Formou-se em Direito, em Coimbra e sente-se de olhos fechados.

Deve ser bom rapaz. Nestes tempos, sentir os olhos fechados e pedir conselho a velhos... é caso raro.

Enfim, enchi-me de paciencia e lá lhe mandei uma enorme epistola, um tanto ou quanto enbrulhada, mas com a melhor das intenções. Não me sinto com capacidade para mentor de bacharéis em Direito que ainda teem os olhos fechados para o mundo.

Mas enfim, como a carta tem o seu quê de autobiografico, lá fica copiada fielmente no m.º fole do vol.º, a pag. 302, e com o nº 188.

Coimbra:
Abril: 15.

O Poeta Lopes Vieira a quem tive, é claro, de oferecer um ex.ar do meu Camões e "as artes bellicas", mandou-me uma carta curiosa de agradecimento e de critica. Fica guardada.

Nessa carta notava um lapso meu a respeito do soneto «Conversação domestica afeiçôa...» — lapso de que me confessei na resposta que hoje lhe mando, e que ~~[illegible]~~ acusarei se um dia me abalançar a nova edição.

... O que é uma agradavel hipotese, como outra qualquer.

Coimbra:
Abril: 20.

O Gastão de Melo de Matos ofereceu-me o seu ultimo trabalho sobre Lamegos trabalho sério e feito a serio.

Gastão Melo de Matos é um dos bons trabalhadores na Historia. É seguro, rigoroso e grosso. Não sei se é homem fº

pinturas históricas como há lá por fóra e nós não temos cá dentro. Mas o que lhe dái das mãos é bem feito e merece confiança.

Tenho-lhe hoje a agradecer e a desejar-lhe que as exigencias da vida lhe não tirem o tempo nem a boa disposição p.ª continuar a trabalhar.

Coimbra:

Abril: 23.

Hoje é com a Associação dos Arqueologos... Os homens queriam e com razão que eu trabalhe e lhes dê original.

Ora eu como bom socio quasi homo rario nunca mais pensei na instituição que tão amavelmente me recebeu por... eu ser casado com a neta do fundador. Ha dias recebi uma circular m.to correcta que lembrava os meus deveres de socio e pedia colaboração.

Respondi cortezmente com muitas desculpas e com vaga promessa duma comunicação que dizia na resposta com sinceridade «é meu dever e tambem meu desejo...»

É grande. Lá vai. E que me deixem em paz.

Coimbra:

Abril: 24.

O Antonio Sergio agradeceu-me o exemplar do Camões que lhe mandei e como sempre faz, notou coisas. A carta fica guardada e a m.ª resposta tambem aqui a deixo p.ª não estar a repetir o que lhe disse:

«.... Agradeço m.to a carta de V... e as palavras a respeito do meu ensaio sobre Camões e "as artes belicas"

«Li, com a devida atenção, o que V... me diz acerca do sentimento do medo em Camões e na sua generalidade (pag. 40); espero, em breve, escrever qualquer coisa acerca do assunto e terei, então, ensejo, talvez, de me explicar melhor.

«E creia V... que agradeço muito a observação feita e que me subscrevo com a maior consideração, etc.»

Coimbra:

Abril: 25.

O advogado Alfredo Fernandes Martins e o Rocha Madail, actualmente dônos da direcção da Socied.e de Defesa e Propaganda de Coimbra, pensam em promover uma serie de conferencias acer

ca da cidade quer no ponto de vista historico quer no ponto de vista geologico, etnografico, climaterico, etc. Teem já uma relação de figuras para serem convidadas e no numero dessas figuras estou eu destinado a falar sobre o castelo.

Ora hoje escrevi ao Madail uma carta acerca do assunto, carta que vale a pena deixar arquivada.

E aí fica no volume respectivo, a pag. 308, com o nº 189.

Coimbra:

Maio: 3.

Depois de nova chamada a Vizeu para presidir a outra audiencia no Tribunal Militar, cá estou, de novo, a braços com a epistolografia...

E, como habitualmente, é o bom do Pires Monteiro que me obriga. Desta vêz lembra-se do centenario proximo de Eça de Queiroz e quer que eu vá fazer uma conferencia sobre ele, em Lisboa, no Circulo Eça de Queiroz. Boa vontade do Pires Monteiro, apenas. Era lá possivel o Circulo admitir-me!

Enfim, deixo a carta copiada para melhor explicação. Fica com o nº 190 e a pag. 310 do sempre dito volume.

Coimbra:

Maio: 10.

Ha pouco, como deixei dito em 24 de Abril, o Ant.º Sergio fez-me observações acerca do sentimento do *mêdo* em Camões. Eu agradeci e disse que tomára a nota devida como realmente tomei.

Ora hoje recebi do mesmo Ant.º Sergio uma folha dum jornal com um artigo acerca do *mêdo*: recorte do *Jornal do Comercio* de Lisboa: *A Psicologia do Medo*, extracto do *Daily Express*, de Londres — q. guardo na colecção de recortes.

Achei curioso ele não se esquecer da observação feita. E' claro que lhe escrevi logo a agradecer e, na verd.e, fui sincero no agradecimento.

E o artigo fica devidamente guardado pode ser q. ainda me arrisque a escrever qualquer coisa sobre o assunto.

Coimbra.

Maio: 21.

Mandei hoje esta carta ao Jaime Brazil, juntamente com um exemplar do *Camões* e "*as artes belicas*", para ver se ele se tenta a dar qualquer noticia na pagina literaria do *Primeiro de Janeiro*, maior do que a que deu ha tempo.

Masso 9º 58, 58 A

« Ex.mo Sr. — Ha já bastantes anos tivémos correspondencia a proposito da comemoração do centenario da acção da Praia de Vitoria em 1829; passou-se o tempo e creio que seria V... quem deu a noticia na pagina literaria do Janeiro de 20 de Janeiro ultimo de que eu ia publicar um estudo sobre Camões militar. Esse estudo já está na rua; e para que V. veja que não valia a pena noticiar a sua prox.ª aparição, tomo a liberd.e de o remeter por este correio. V... guarda-lo-ha entre as bagatelas que por acaso tenha na sua biblioteca. Com a maior consid.ção etc. »

Coimbra.

Junho: 7.

No ultimo numero da Seara Nova veiu uma noticia bibliografica relativa ao meu Camões e assinada pelo Augusto Casimiro. A noticia é amavel, sem duvida; mas dá a impressão de que o Poeta Casimiro não levou a bem que um pobre diabo que se meteu a historiar Miranda do Corvo se atrevesse a tratar do colega Luis de Camões, tu cá tu lá, sem mais nem menos.

Eu conheço o Casimiro suficientemente para ver que por debaixo das ama

bilidades ha muito da intolerancia de quem se julga superior e de quem entende que só os raros podem tratar de certos assuntos. Aquelas referencias a Miranda do Corvo estão a denunciar certa velhacaria aliás inofensiva.

Este Augusto Casimiro, afinal, é o q. se chama um bom rapaz... Tem o defeito do seu egocentrismo exagerado. É contudo simpatico e eu não lhe quero mal nenhum. Tenho-lhe, até, certa amisade que nem de ha mais de 30 anos, de tempos em que ele, ingénuamente de certo, se confessava belizarista.

Outros tempos. Hoje, a proposito de Camões, atira-me com Miranda do Corvo e passa-me licença de favor para subir um pouco na escala dos estudos.

Mas, como disse, é um bom rapaz. Pruridos de superiorid.e quem os não tem? Adeante.

Escrevi-lhe uma carta de agradecimento; e como, sinceram.te, lhe não quero mal antes até simpatiso com ele e o aprecio, a carta vai meio a serio meio de gathofa, como de quem não percebeu o que havia por baixo do palavreado da noticia bibliografica. Que diabo! A velhice que se aproxima assim o quer.

Sejámos compreensivos e tolerantes. A compreensão e a tolerancia não ficam mal a ninguem.

Ora a carta merece copiada e fica com o nº: 191 a pag. 312 do respectivo volume

Coimbra.

Junho: 9.

O Jaime Brasil respondeu. A noticia bibliografica no Janeiro só pode ser dada mediante a oferta de 2 exemplares da obra. Eu agradeci e o caso ficou resolvido. «Estou habituado a trabalhar "sem reclamo» dizia-lhe eu; «parece-me "ter-me melhor o ficar quasi ignorado. É' "possivel que tudo isto seja da velhice...» Etc. etc. E outras puerilezas.

Coimbra:

Julho: 10

Depois dum mês de silencio, direi que o dr. Rebelo Gonçalves insiste pela colaboração na Brasilia. Eu tenho quasi concluída uma artigo acerca de Matias de Albuquerque que visa especialmente a campanha contra os Holandezes pelas alturas da Restauração. Respondi hoje a um bilhete do Rebelo Gonçalves dizendo que por estes dias o trabalho estará prompto.

Paz Mafra:

Agosto: 12.

Mais outro mês de silencio... E não é por falta de assunto.

Ha tempos, quando estive em casa do Poeta Lopes Vieira e falei numa possivel 2ª edição do meu Camões e as artes belicas, ele ofereceu os seus bons ofícios junto dos livreiros Sá da Costa para tornarem conta da obra. Agora, recebi um postal dele lembrando o oferecimento e renovando-o em termos m.to amaveis.

Parece q. o Poeta, afinal, se interessou pelo meu trabalho. Em nada lhe pedi, segundo o meu costume; ele é que ofereceu e agora insiste e reforça.

Vamos a ver, vamos a ver.

Escrevi-lhe hoje com muitos agradecimentos.

Paz: Mafra.

Agosto: 20.

Recebi uma carta do prof.or Joaquim Dionisio consultando-me sobre duvidas relativas á Guerra Peninsular.

Estou na alta, pelo que se vê...

Ha dias era o Lopes Vieira oferecendo o seu patrocinio para os livreiros Sá da Costa tornarem conta duma 2ª ed.ão do meu

Camões; hoje é o professor e filosofo e publicista Santana Dionisio com uma consulta em forma.

Respondi-lhe hoje mesmo que nesse instante, sem livros nem guais-quer elementos de informação não podia dar uma resposta exacta; mas que iria a Mafra por estes dias e na Biblioteca da Escola Pratica de Infantaria resolveria o problema ou, como escrevi, «destindar o caso que de memoria não sabia capas.»

É pronto. Até qualquer dia.

Paz: Mafra.

Agosto: 21.

O inspector escolar aposentado Armando Silva, de Vila Nova de Miranda do Corvo, mandou-me grande colecção de quadras populares p.ª o meu Cancioneiro.

Este Armando Silva é um antigo democratico, exaltado adversario da actual situação por causa do que já andou desterrado por francos e barrancos. É criatura curiosa, um tanto ou quanto leviana, mas segundo oiço, homem serio.

Pois a recolha veiu em boa ocasião; estou a pôr em ordem o que tenho recolhido porque julgo exgotada a capacidade poetica do concelho — e a organizar o arqui-

nal para poder ir para a infantaria á primeira voz.

Agradeci hoje ao Armando Silva.

Paz: Mafra.

Agosto: 27.

Lá vai a resposta ao Gastão Dionisio, respeitante a duvidas que ele tinha sobre pormenores da Guerra Peninsular:

«.... Parece-me que poderei dar a m.ª impressão acerca da duvida de V... apesar de não conseguir consultar certos livros que queria, mercê da pessima catalogação das bibliotecas militares. Creio, porem, que o caso se resume no seguinte sem fugir á verdade.

«Wellington, depois do episodio de Almeida, mandou para o Alentejo duas divisões para possivel reforço de Beresford. Foram essas divisões, naturalmente, que na travessia do Tejo, no Rodam, provocaram a gravura de Turner. Wellington não as acompanharia pois em 19 de Maio estava nos campos de Albuera a conferenciar com Beresford e no dia seguinte regressou a Elvas.

«A data precisa da travessia não consegui averiguar; os movimentos secun-

darios de tropas não ficaram bem claros; julgo, porem, que como o Guia não é obra de investigação historica e a gravura indica esse dia, as linhas que V... escreveu estão muito bem; e eu, apenas para evitar qualquer reparo dalguem melindroso, tiraria a referencia á data e deixaria a responsabilidade ao artista. E assim não haveria novidade...

« Lastimo não estar eu na? casa para melhor poder corresponder. Em todo o caso, V... mande sempre, etc. etc. »

E assim resolvi o caso, melhor ou pior, conforme podia.

Paz: Mafra.

Setembro: 2.

O Lourenço Chaves Almeida quer publicar um estudo que fez acerca dos Túmulos de Alcobaça — aspiração ambição de que tem dado conhecim.to a amigos como o Poeta Lopes Vieira, dr. Manuel Monteiro e não sei se a mais alguns.

Ora estes dois andam preocupados com a revisão do trabalho, pois sabem m.to bem que o Lourenço redige mal e não é capaz de rever uma prova. Este até ha dias me disse que o Lopes Vieira acon-

selhára-o a vir ter comigo para o auxiliar na revisão de provas.

Aqueles dois homens de letras têem razão. O Laurenço é bom artista no ferro mas não na prosa; e a preocupação deles é tanta que recebi há dias uma carta do M.el Monteiro pedindo-me para tomar conta do caso e não deixar sair a obra sem eu a rever cuidadosamente.

Respondi-lhe hoje nestes termos:

«.... A carta de V.. chegou aqui quando me preparava p.a ir a Coimbra tratar de assuntos particulares. E quiz a boa sorte que, logo no dia seguinte, encontrar na rua da Calçada o nosso amigo Chaves de Almeida com quem conversei largo tempo.

«A conversa, como era natural, caíu sobre a obra que vai publicar; e quando me dispunha a insistir de novo pela revisão cuidadosa das provas, disse-me ele que recebera carta do dr. Afonso Lopes Vieira, dias antes, na qual lhe recomendava muito a revisão apurada e me lembrava que eu deveria fazer esse trabalho de combinação com ele p.a não alterar o estilo próprio, etc. etc. Não foi necessária, pois, nova insistencia da minha parte

e assim ficou resolvido que, quando eu regressasse a Coimbra seria o revisor da obra.

«Eu conheço o estudo acerca dos tumulos alcobacenses desde o seu início e tenho acompanhado com interesse a sua evolução; e sempre lhe fiz ver (com as devidas cautelas) a necessid.e de não deixar deslizes graves que dessem azo a reparos e mesmo a troças. Ele tem, porem, um criterio curioso em que não deixa de haver certa razão: é que, sabendo toda a gente que ele é apenas serralheiro e não doutor em letras, se a obra aparecer com aspecto literario, dir-se-ia que não era ele o autor mas sim qualquer outra pessoa, etc.

«Mas, enfim, o caso ficou resolvido, embora mal; pois sempre aconselhei para a revisão o dr. Lopes Vieira e V.... que, muito melhor do que eu fariam do estudo do mestre Lourenço todo o joio. Farei, porem, o possivel para merecer a confiança que os dois ilustres homens de letras depositaram em mim e procurarei não virar, por forma alguma, o sabor a ferro e a ligeira que tem a prosa do ilustre ferreiro. Peço V.... que agradeço muito a lembrança do meu nome

prova de clara benevolencia e creia tam bem que sou, com a maior consideração e apreço, etc. »

Paz: Mafra:

Setembro: 24.

Escrevi hoje uma carta ao Marquês de Rio Maior em que lhe pedia licença para consultar as cartas que o marechal Duque de Saldanha escreveu para a familia durante a Guerra Peninsular.

Uns três de solicitar apresentações resolvi escrever e expôr as razões do pedido. Entre outras coisas dizia: «... desejo pro- "var a alta capacidade de chefe que o Duque "de Saldanha possuia, aliada a notaveis "conhecimentos profissionais que lhe dão "(quanto a mim) o direito de ser considera- "do como um dos poucos que na historia "militar de Portugal tiveram «ideias» "proprias e definidas.» E acrescentava q. era possivel que nas cartas houvesse um ou outro passo que ajude a completar o meu juizo.

Vamos a ver se o ilustre marquês, que me dizem ter certo culto pela memoria do tio-avô, me recebe bem o pedido e se verei a sorte de ver as cartas.

Paz: Mafra.
Outubro: 3

Hoje... 64 anos! Sessenta e quatro anos...

Paz. Mafra.
Outubro: 5.

Cinco de Outubro de 1910. Foi ha 33 anos...

Paz. Mafra.
Outubro: 6.

O marquês de Rio Maior respondeu e muito amavelmente. Diz que sim, que autoriza a consulta das cartas do Saldanha e para cumulo ofereceu-me um exemplar do seu opusculo sobre o Colegio dos Nobres

Ora ainda bem. Quando fôr a Lisboa com vagar, lá irei ao palacio da Anunciada onde nasceu o marechal.

Coimbra.
Novembro: 16.

Hoje, depois de ruas e Val de silencio, cá estou ás voltas com o amigo Pires Monteiro e com o proximo centenario da batalha de Monção. Deu-se o caso que propuzera á Revista Militar um artigo

comemorativo da primeira acção de vulto a seguir a 1640. Não foi aceite!

A velha Revista Militar, orgão quasi centenario do exercito, recusou a comemoração da batalha do Montijo!

Porquê? Não sei nem quero saber-lo. Mas, francamente, dei cabo e daqui a seguinte carta ao Pires Monteiro:

«.... A sua carta de 13, na parte respeitante ao centenario do combate de Montijo, deixou-me desolado... Ha muitos anos... «mas eu já sei quantos!» (como dizia o Poeta) acariciava a ideia de a nossa Revista celebrar o centenario da primeira acção de vulto da Guerra da Restauração, com um modesto artigo meu e não estudo largo e profundo como parece julgar. Esse artigo ilustrado com uns graficos, reprodução da portada da Relação oficial e um fac-simile de Matias de Albuquerque, contaria a minha interpretação do sucesso, talvez com uma ou outra novidade.

«Mas, repito: seria artigo modesto, coisa para 20 a 24 paginas que eu sempre julguei dentro das possibilidades da nossa Revista, tratando-se, de mais a mais, dum caso que se dá uma vez na vida. Enfim, não póde ser — paciencia; irei bater

a outra porta que não sei ainda qual deva ser.

«Publicar um folheto sumptibus autoris não é acção compativel com o meu orçamento bem oscilante; de modo que é possivel que a comemoração seja feita... em silencio. O artigo sintese que me pede entendo que o não devo fazer; não terá a relação devida com o valor do sucesso que se comemora; e, alem disso, iria revelar a m.ª interpretação, não comprovada ou explicada, a quem quer que a quizesse desenvolver — o que me seria penoso. Esta é a m.ª opinião franca e sem qualquer vislumbre de ressentimento que, como sabe, sou incapaz de ter.

«O que não pode ser, não pode ser e o assunto fica resolvido.

«Já recebi o folheto suplementar com a comemoração do centenario do Morais Sarmento. Está sobrio; contem o essencial. Nesta altura não seria facil fazer mais em memoria dum velho liberal. Mas achei bem.

«E sem mais, etc.»

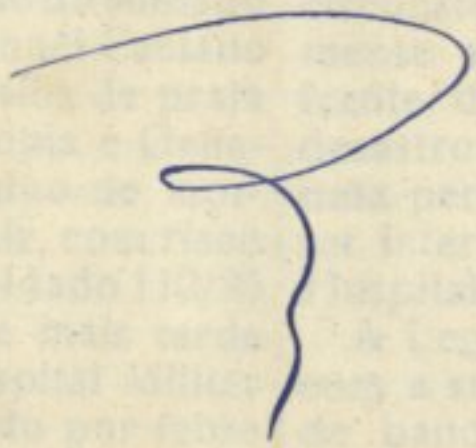
Esta carta que aí fica, sugere-me novamente a resolução que por vezes me tenta: a de abandonar qualquer especie

de trabalhos e deixar correr a vida, ociosamente, sem procurar para o resto dela uma ou outra utilidade.

Trabalhar, gastar o tempo e o dinheiro, dedicar os ocios a pensar em solucionar problemas ou, pelo menos a pô-los ao alcance dos outros e no final ouvir recusas de publicação quando se vê tanta inutilid.e nas paginas dessas revistas — é de esmagar os fortes quanto mais aqueles que, como eu, não teem a resistencia necessaria para estes casos.

Enfim, vamos a ver.

E' possivel que desta vez tenha juizo e me deixe de veleidades de historiador.



Da pag. 2:

JURAMENTO DE BANDEIRAS

No dia 23 do corrente realizou-se em Leiria, com o costumado luzimento, a ceremónia da ratificação do juramento de bandeiras pelos recrutas das unidades da guarnição.

No Regimento de Infantaria n.º 7, o acto teve lugar pelas 9 horas e 30 minutos, onde, depois de ter usado da palavra o aspirante a oficial miliciano sr. Dr. José Infante de La Cerda que fez uma interessante alocução, se procedeu à condecoração do soldado condutor 178/36 Manuel Caetano da Silva com a medalha de prata do Mérito, Filantropia e Generosidade, por ter salvo de morrer afogado no rio Liz, com risco da própria vida, o soldado 112/36 Manuel Soares, que mais tarde veio a falecer no Hospital Militar de Coimbra vitimado por febre tifoide.

O acto, que constituiu uma impressionante ceremónia foi honrado com uma brilhante oração do ilustre Comandante da unidade, coronel sr. Belisário Pimenta.

Seguidamente foi cumprido o programa das festas preenchido pelos seguintes números:

— Pelotão em ordem unida.
— Pelotão em ordem estendida.
— Esgrima de baioneta.
— Exercícios de maqueiros com socorros a feridos.
— Demonstrações de metralhadoras pesadas.
— Luta de tracção.
— Sinaleiros.
— Corrida do estafetas e canto coral.

Durante a esgrima de baioneta, um dos soldados, para evitar ferir com essa arma algum dos circunstantes que imprevidentemente se haviam colocado à frente dos obstáculos, caiu tam desastrosamente que fracturou uma perna pelo fémur, tendo de ser internado imediatamente no Hospital Militar.

A Legião Portuguesa honrou com a sua presença o juramento de bandeira, fazendo-se representar por uma lança de Leiria e outra de Alcobaça que causaram a melhor impressão pela correcção e aprumo manifestados.

C – 51

Recebido em 9-9-37

402

De fls. 44-45.

Tenho a honra de convidar V. Ex.ª a assistir à inauguração, no Pateo do Museu Machado de Castro, de um medalhão com o retrato de Mestre António Augusto Gonçalves, obra do escultor conimbricense Costa Mota (sobrinho), a qual terá lugar no dia 9, pelas 18 horas, com assistência do sr. Governador Civil do Distrito.

O DIRECTOR DO MUSEU.

Quinta-feira, 9 de Setembro

PROFESSOR ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES.—Realizou-se, esta tarde, no Museu Machado de Castro, a cerimonia da inauguração de um medalhão, em terra cota, esmaltada, com o retrato do prof. Antonio Augusto Gonçalves, da autoria do escultor sr. Costa Mota, sobrinho, e custeada pelo legado do dr. Antonio Augusto Lopes da Costa Pereira.

No pátio do Museu, onde, numa das paredes, ficou colocado o medalhão, efectuou-se uma sessão solene, a que presidiu o sr. dr. Alberto Ferreira da Silva, governador civil, que tinha a ladeá-lo as sr.as D. Libania Gonçalves, irmã do homenageado, e D. Maria Adelaide Pinto, sobrinha do doador; e os srs. dr. José Augusto Cardoso, vice-presidente da Camara Municipal, e tenente Crucho Dias, representante do comandante da Região Militar. Discur-

seu o sr. prof. dr. Vergilio Correia, director do Museu, que manifestou a sua alegria por ser prestada mais aquela homenagem ao conimbricense ilustre que tanto trabalhou e engrandeceu a sua terra, e traçou o elogio das pessoas que colaboraram naquela obra, desde o escultor sr. Costa Mota, até ao construtor sr. Manuel de Jesus Cardoso. Agradeceu a presença das individualidades que ali se encontravam e falou largamente da acção do homenageado, como professor, critico de arte e como fundador do Museu Machado de Castro, dizendo que a homenagem da cidade só ficará completa quando o busto do professor Antonio Augusto Gonçalves fôr inaugurado, numa praça ou jardim de Coimbra.

Seguidamente, o sr. dr. Antonio Costa Rodrigues, secretario geral do Govêrno Civil, e antigo presidente da Escola Livre das Artes do Desenho, exaltou a obra do homenageado e referiu-se a algumas das figuras que mais de perto conviveram com o professor Antonio Augusto Gonçalves, para pôr em relêvo o seu valor e destacar as lutas que ele teve de sustentar para vencer e realizar os seus mais importantes empreendimentos: a magnifica obra de restauração da Sé Velha e a fundação do Museu Machado de Castro.

Por ultimo, o sr. governador civil associou-se á cerimonia, com palavras de muito aprêço para o sr. prof. dr. Vergilio Correia e escultor Costa Mota, e saudou as senhoras que faziam parte da mesa.

Entre outras pessoas estavam presentes os srs. coronel Belizario Pimenta, desembargador José Borges de Oliveira, dr. José Cipriano Rodrigues Deniz, director da Escola Superior de Farmacia; Antonio Vitorino, director da Escola Livre das Artes do Desenho; dr. Luiz Lopes de Melo, dr. Abrantes Tavares, juiz do Tribunal do Trabalho; José Ernesto Donato, tenente Nuno Beja, Joaquim Ferreira, Adriano Peixoto, Joaquim Rasteiro Fontes, Amilcar Mendes dos Santos, Henrique Sales, Antonio Ferrão Mendes, de Abreu, director da Associação dos Artistas; José Lopes da Fonseca, Alfredo Fernandes Costa, dr. José Viana, dr. Francisco Inez, Antonio Gaspar de Matos, Joaquim Ventura, Mario Brito, Amilcar Mendes dos Santos, Antonio Maria Correia, Alfredo Loureiro, Antonio Vieira Machado, Augusto Martins, antigo prof. da Escola Agricola, etc.

A Camara Municipal estava representada pelo vice-presidente e pelos vereadores srs. dr. Alexandre da Silva e Avelino Paredes.

(De pag. 191)

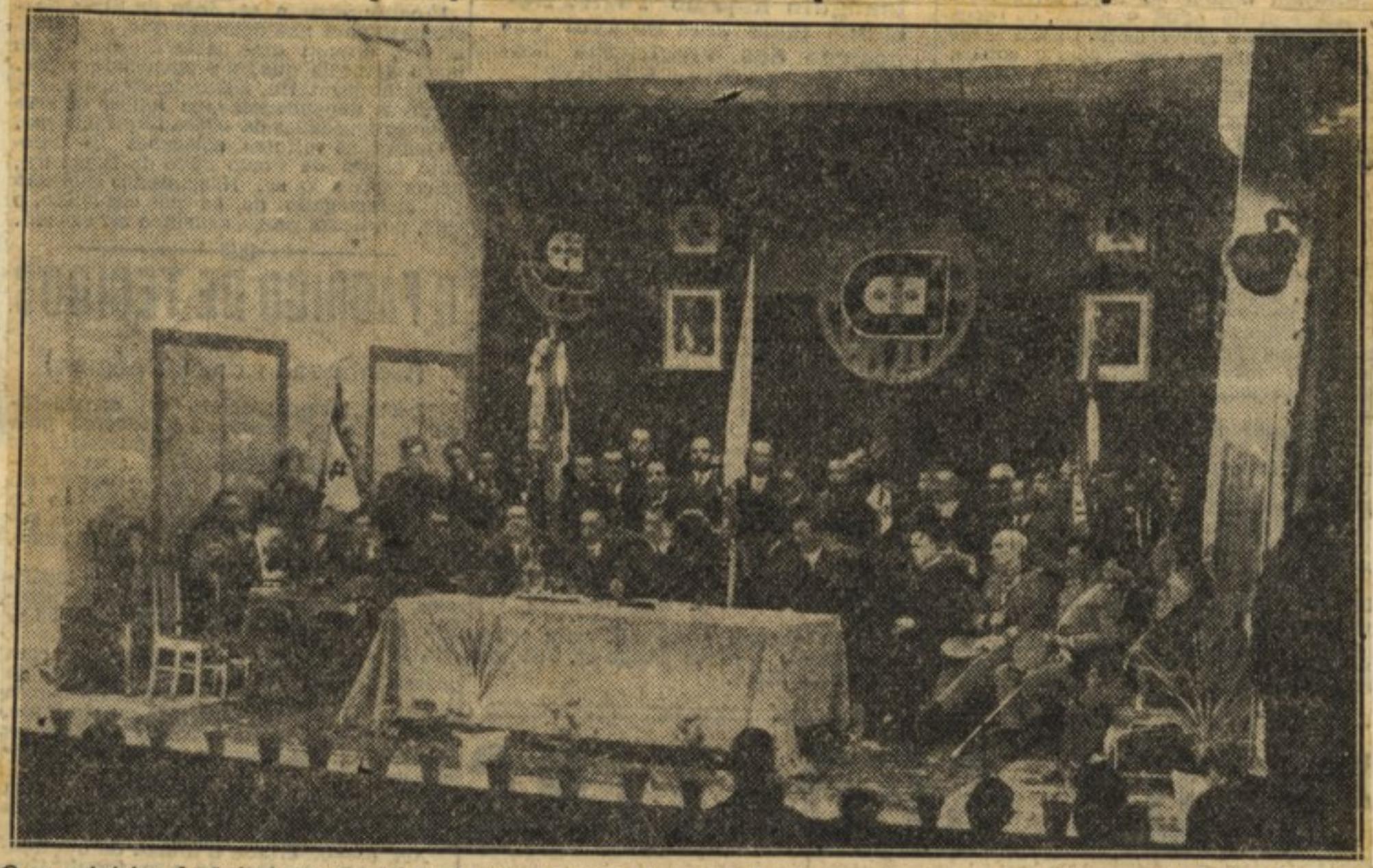
Coronel Belisário Pimenta

Por motivo de se ausentar de Coimbra, apresentou-nos os seus cumprimentos de despedida, amabilidade que agradecemos e retribuimos, com os votos de muitas prosperidades, o nosso patricio e velho assinante e amigo sr. coronel Belisário Pimenta, que ha pouco fez, com feliz exito, o tirocinio para o posto imediato.

Leiria recebeu calorosamente

o ministro do Interior, que realizou

no Teatro D. Maria Pia e perante enorme assistencia uma notavel exposição acêrca das proximas eleições



O sr. ministro do Interior rodeado das entidades mais representativas, quando falava aos delegados de todo o distrito

(Pag. 50-51)

Leiria recebeu calorosamente

o ministro do Interior que realizou

CONVITE

O Director do Distrito Escolar e os directores das Escolas Primárias oficiais e particulares de Leiria teem a honra de convidar V. Ex.ª e sua Ex.ma Família a assistir à festa da Entronização do Crucifixo nas Escolas, que deve realizar-se no dia 8 do corrente, conforme o programa junto.

Leiria, 6 de Dezembro de 1937.

Da pag. 66

405

Festa
da Entronização do Cruxifixo
nas Escólas Primárias
de Leiria

▲

PROGRAMA

▼

8 - 12 - 937

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 28
Quartel em Leiria, 28 de Janeiro de 1938
Determino e mando publicar:

ORDEM À REGIÃO

1º-que hoje foi recebida a O. à R. nº 6 do Comando da 3ª Região Militar, de 27 do corrente, da qual consta o seguinte:

1º-LOUVORES:

Que, por determinação de Sua Exª. o Ministro da Guerra, louva os oficiais abaixo designados, por, "voluntária e desinteressadamente, terem cooperado na instrução ministrada aos filiados na Legião Portuguesa, demonstrando com o seu gesto possuírem um elevado espirito de civismo, zêlo e dedicação pela causa pública, tornando-se assim crédores do reconhecimento dos poderes públicos":

Regimento de Infantaria nº 7
Coronel Belisário Pimenta
Tenente António Paula Santos e
Tenente José de Oliveira Neto.

(Da pag. 83.)

407

Na Sé

A's 8 horas e meia — Missa cantada, Bênção dos Crucifixos e alocução por S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo. Em seguida cortejo das crianças com os Crucifixos para o Seminário, onde lhes será servido o café.

No Seminário

A's 11 horas e meia — Sessão solene. Algumas palavras sôbre o significado da festa, pelos Snr.s professores e pelo Ex.mo Snr. Director Escolar.

Recitativos e Cânticos

Cântico a Jesus — Côro — Letra de L. G. e música de B. M.

Cristo nas Escolas — Versos de Alf. Cabral, (pela menina Maria Amélia Franco Antunes).

Sou Cristão — Côro.

A Jesus — Versos de L. G. (pela menina Maria Fernanda Correia Santos)

Invocação a Deus — Versos de A. F. Castilho (pelo menino Alcides da Silva Santos)

Queremos Deus — Côro.

Dois Amores — Versos pela menina Maria Laura de Oliveira Dias.

Graças, ao levantar da Escola — Versos de A. F. Castilho (pelo menino Francisco Pires).

Pátria descansa — Côro

Jesus na escola — Versos de D. Matilde Pontes (pelo menino José Alberto Pontes de Barros).

Avé Rex — Versos. (pelo menino Nuno Fernandes).

Deus — Versos de Casimiro de Abreu (pelo menino Alzirino Maria Franco Antunes)

Canção a Leiria — Côro.

Capelinhas — Versos (pelo menino António José Fernandes).

Um soneto — de António Correia de Oliveira (pela menina Zulmira Maria da Silva Rosa).

Cristo Vence! — Versos do P.e Moreira das Neves (pelo menino Luís Nogueira).

Hino da Mocidade Portuguesa — Côro.

Hino Nacional.

Nas Escolas

Colocação dos Crucifixos

(De pag. 142-143)

Banda de Infantaria 7

A Emissora Nacional vai radio-difundir um concêrto no dia 12

No próximo sábado — 12 — Leiria vai ser conhecida através as ondas hertzianas da Emissora Nacional, que vão transmitir a muitos milhares de ouvintes um concêrto dado pela Banda de Infantaria 7, regimento aquartelado nesta cidade.

Fazendo-se ouvir sempre com agrado nos concertos, que tôdas as quintase domingos dá no Jardim Público, o digno comandante do regimento, ex.mo sr. coronel Belisário Pimenta, conseguiu que a Emissora radio-difundisse um dêsses concertos, onde mais uma vez essa banda, que sob o regencia do seu digno chefe sr. tenente Coelho, dia a dia se impõe, dê não só aos leirienses mas aos radiofilos, amantes de boa música, o grande prazer de escutar uma das melhores bandas regimentais da província.

A banda executará o seguinte programa:

Chula de Pontevedra, Luna Y Brú; Alexandro Stradella, Ouverture, Flotoy; Selecção da Opera Iris, Mascagni; Scene Villereccie, Suite em 4 tempos, D. Bolognesi: 1.° tempo — Festa al Vilaggio; 2.° — In chiesa; 3.° — Serenata Montanina; 4.° — Ballo Campestre.

Estando neste dia em Leiria reunidos os antigos alunos do Liceu e como o teatro será pequeno para comportar todos quantos desejem assistir ao concêrto da Banda, a Câmara autorisou o sr. J. Moita a colocar um aparelho rádio-telefónico no Jardim Público, podendo por esta forma não só os antigos alunos mas todos quantos o desejarem ouvirem este concêrto e mais tarde a *Hora de Arte*, realizada no mesmo teatro.

De O Mensageiro, de Leiria, n.º de 10 de Junho de 1937.

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 38
Quartel em Leiria, 7 de Fevereiro de 1938
Determino e mando publicar:

ORDEM À REGIÃO

1º-Que hoje foi recebida a O. à R. nº 8 do Comando da 3ª Região Militar, de 5 do corrente, da qual consta o seguinte:

"Tendo sido nomeado Ajudante General do Exército vou deixar o Comando desta Região que durante cêrca de um ano tive a honra de desempenhar.

Durante êste espaço de tempo tive a satisfação de verificar a existência, nas unidades e estabelecimentos da Região, de um elevado espirito de disciplina e da parte de todos que nelas servem, um acentuado desejo de bem cumprir, realçado da parte de muitos, por um zelo e dedicação que, só por sí, tem conseguido vencer inumeras dificuldades e deficiências de variada ordem, que infelizmente ainda se apresentam.

Para tanto tem concorrido muito o desenvolvido amôr profissional de Comandantes e oficiais e o patriotismo de todos.

O valor das tropas, já acrescido com os novos armamentos nos últimos tempos distribuidos, mais aumentará ainda quando fôr recebido todo o material que, pelo plano de rearmamento, lhes é atribuido.

Um aumento de eficiência resultará também da nova organização que vai ser posta em execução, sendo de esperar que, dentro dum prazo, o menos longo possivel, essa eficiência terá atingido, como todos ambicionamos, o necessário grau.

Tenhamos pois Fé que assim seja. Mas, a par d'Ela, é preciso também, é mesmo indispensável, que nas tropas se mantenha aquele MORAL ELEVADO, e aquele espírito de abnegação e de sacrifício, que são a pedra de toque do verdadeiro espírito militar.

Se os Exércitos valem pelo que sentem, o momento presente exige ainda mais o revigoramento do espírito militar, pelo qual se devem esforçar os Comandos, auxiliados dedididamente pelos quadros.

Procedendo assim, prestigiarão o Exército para cuja coesão mais do que nunca necessária, contribuirão, concorrendo, ao mesmo tempo, para a manutenção do ambiente de confiança e de ordem, de que o Paiz precisa para o seu engrandecimento pelo trabalho e, para a continuação da obra de ressurgimento que, pelo imperativo mandato de 28 de Maio de 1926, foi iniciada e se está prosseguindo, sob uma tão hábil direcção e com um exito tal que o nome de Portugal readquiriu novamente o seu antigo prestígio.

Ao despedir-me da Região, sinto dever acrescentar estas palavras aos votos de prosperidades que para Ela e para todos, oficiais, sargentos e praças, fico formulando.

Agradecendo aos Comandantes, Directores e Chefes de estabelecimentos a sua bôa e leal cooperação, entendo, contudo, por dever de justiça citar neste momento, além das duas Escolas Práticas (de Cavalaria e de Engenharia) que tanto se esforçam por elevar o nivel da instrução que nelas se ministra, o Batalhão de Caçadores nº 2 e os Regimentos de Artilharia Ligeira nº 4 e de Cavalaria 6 que, como elas, se distinguiram, pelo aprumo do seu pessoal, bôa apresentação do seu material, preparação dos seus quadros e instrução geral das praças, demonstrando assim um elevado amôr profissional e superior dedicação dos seus Comandos e quadros.

Não querendo citar individualmente ninguem não posso porém deixar de especializar, pela coadjuvação que mais directamente me prestaram, o pessoal do meu quartel General no qual reconheci sempre uma grande lealdade e muito zelo e dedicação pelos serviços a seu cargo, pelo que o louvo, e em especial:

--------O Coronel de Infantaria com o C.E.M., Alfredo Ernesto da Cunha, pelo muito zelo, dedicação e competências manifestados no desempenho das funções de Chefe do Estado Maior, o que, aliado a um são critério, provada lealdade, e um grande conhecimento das unidades da Região, em muitas das quais já exerceu o Comando, tornou valiosa a sua colaboração;

--------O tenente de cavalaria, António da Cunha Viana, pela forma distinta como vem desempenhando as funções de meu ajudante de campo, nas quais demonstrou inexcedivel lealdade e grande dedicação confirmando as suas excelentes qualidades de oficial e primoroso caracter; e

Continuação da Ordem Regimental nº 38 de 7-2-938

--------o tenente do Batalhão de Caçadores nº 2, Fernando de Magalhães Abreu Marques e Oliveira, pelo aprumo, inexcedível lealdade e dedicação demonstradas durante o desempenho das suas funções de meu ajudante de campo que interinamente exerceu, confirmando nelas um caracter de forte têmpera e qualidades de oficial competente, activo e cheio de fé nacionalista a cuja causa tem dedicado o seu valioso esfôrço.

ADMINISTRAÇÃO

2º-Que sejam aumentados à carga da Biblioteca Regimental os seguintes livros:

Boletim da Escola Central de Oficiais, nºs 47, 48 e 49 de Julho, Agosto e Setembro, de 1937, volumes.....1 exemplares.....2.

ABATES

3º-Que seja abatido ao efectivo do Regimento o soldado na disponibilidade nº 434/36 António Alves, que àmanhã tem passagem ao Regimento de Infantaria nº 1, por ter transferido o seu domicílio para a Rua dos Quartéis nº 58-1º, freguesia de Ajuda, 4º bairro de Lisboa.

SERVIÇO

4º-Serviço para àmanhã:

Dia o Snr. Cap. Teixeira Rª o Snr. Alf. Lo-Corda.Guarda, dia ao Reg. o amanuense de dia furriel Mendes Rª 2º sarg. Nascimento.Guarda 1º cabo 1ª/17-E Rª 2ª/27-E, e 3 soldados.Dia à Banda furriel músico Franco Rª Câmara.Corneteiros:-dia ao Reg. C.D. 143/37 Rª 95-E; à Secretaria 1ª/80/37 Rª C.D. 51/37.Ordenanças:-1º cabo 2º/99/37 Rª 1ª 331/37, e 4 soldados.Telefonista de dia 1º cabo músico nº 387-E Rª 75-E.Reforço 6 soldados. Faxinas 6 soldados.Para a arrecadação das Mat. Pes, às 11 horas, 1 soldado.Para se apresentarem no 1º Grupo de Depósitos, 4 soldados.Plantões às Cavalariças:-à nº 1 soldº cond. nº 277/37 Rª 333/37; à nº 2 soldº cond. nº 79/37 Rª 73/37.Para se apresentarem ao Snr. Tenente Pedro,às 12 horas, 2 soldados.Para a instrução de Quadros, às 15 horas, 14 soldados.

Pelo Comandante

Ten.-Cel

Jaime da Fonseca
Ten. Coronel

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 40
Quartel em Leiria, 9 de Fevereiro de 1938
Determino e mando publicar:

ORDEM À REGIÃO

1º-Que hoje foi recebida a O. à R. nº 9 do Comando da 3ª Região Militar, de 7 do corrente, da qual consta o seguinte:

SAUDAÇÃO:-

Ao tomar o Comando da 3ª Região Militar saudo as unidades sob o meu Comando e os estabelecimentos e serviços que dele dependem.

Dentro das minhas atribuições procurarei:

---Dirigir a disciplina, olhando o Exército como uma colectividade, onde todos devem "moto-próprio" desejar desempenhar no conjunto, o papel que lhes compete para realização da vontade do Chefe.

---Fomentar o entusiasmo pela profissão, sem o qual não pode haver, nem abnegação, nem alegria no trabalho.

---Cimentar o culto da camaradagem, no sentido elevado da palavra, como virtude especificamente militar e prímeiro elemento de ligação num Exército.

---Impulsionar a creação duma mentalidade, onde as leis militares do Estado Novo possam progredir.

Procurarei sobretudo ser, entre todos, o mais abnegado.

REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 7
Ordem Regimental nº 226
Quartel em Leiria, 14 de Agôsto de 1938
Determino e mando publicar:

FERIADO

1º-Que por ser amanhã dia de Feriado Local, se observe o seguinte:
a)-Que a alvorada seja feita à porta do quartel pela banda de corneteiros;
b)-Que a Bandeira Nacional seja hasteada às 08h,00 e arreada ao pôr do sol, com as formalidades regulamentares, assistindo aos actos a banda de corneteiros;
c)-Que os ranchos sejam melhorados;
d)-Que a fachada do quartel seja iluminada.

ORDEM À REGIÃO

2º-Que hoje foi recebida a O. á R. nº 41 do Comando da 3ª Região Militar de 13 do corrente, da qual consta o seguinte:

1ª BATALHA DE ALJUBARROTA
EXORTAÇÃO DE S.Exª O COMANDANTE DA REGIÃO:

Dessa amanhã o aniverssário da Batalha de Aljubarrota, batalha que consolidou difinitivamente a independência nacional dando fim a um periodo de incertezas e de lutas em que a Pátria Agonisaava. É um exemplo a apontar á meditação daqueles que pertencem ás gerações que tomaram sôbre os seus ombros a gloriosa mas pesada tarefa de legar aos vindouros um Portugal Novo, confiante dos seus destinos e redimido de erros do passado.

É um exemplo de quanto pode a valentia e a decisão ao serviço duma fé inquebrantavel.

Vai o Comandante da Região, representando todos os seus subordinados percorrer o terreno entre Porto de Mós e a Batalha e, junto á capela de S.Jorge, onde ás 10 horas serão arvorados os estandartes do Condestavel e do Mestre de Aviz, evocará as patrióticas e decisivas palavras de Nun Alvares perante a indecisão de um Rei que foi grande pelas suas virtudes guerreiras e pela colaboração dos seus cavaleiros que soube escolher e estimar.

Que a essa hora todos do coração ao alto tenham ante o seu espirito a visão magnifica do Mestre e do Condestável á frente da sua gente cheia de fé, no momento decisivo do drama heroico da nacionalidade, são os desejos do Comandante da Região.

99 1016
(1020)

Da pag. 179

LEILÃO

SABADO, 25, A'S 21 1/2 HORAS

dos 18 magistrais quadros que decoram as parêdes do

RESTAURANTE LEÃO DE OURO

na Rua 1.º de Dezembro, 97—LISBOA

por determinação do seu proprietario serão postos em praça, reservando-se o direito de adjudicação, os quadros seguintes:

«GRUPO DO LEÃO» notavel obra de Columbano.
«PAISAGEM DE CARRICHE» do Mestre Silva Porto.
DUAS «MARINHAS» representando uma delas, «poente no Tejo»» de João Vaz.
«APOTEOSE DA LAGOSTA», «O PANTANO» e «O CAMPANA'RIO» de Malhôa.
«FLORES» dois frizos de D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro.
«CARICATURAS» de Rafael Bordalo Pinheiro.
«PAISAGEM DE ALCOR» e «CASTELO DE LEIRIA» firmadas por Ribeiro Cristino.
«FANTAZIA DO BUSSACO» da autoria de Antonio Ramalho.
«GALOS E POMBOS» do grande pintor animalista Girão.
«FLORES» de Rodrigues Vieira.
DIRIGEM ESTA SENSACIONAL VENDA OS AGENTES:

LEIRIA & NASCIMENTO, L.DA

CASA LIQUIDADORA—LISBOA

70, Rua do Alecrim—Telef. 29498

ATENÇÃO—O antigo Restaurante Leão de Ouro, ao contrário do que se pode depreender em várias noticias vindas a público, continua aberto, mantendo as suas honrosas tradições de bem servir.

De pag. 198-199.

Não interessa á Nação, nem interessa ao Exercito a existencia nas suas fileiras de uma ou duas duzias de sabios, sobretudo se não é suficiente o indice geral de conhecimentos ou se não estamos em presença de um conjunto de graduados animosos e empreendedores em todas as circunstancias em que a sua actividade militar venha a desenvolver-se. Os abundantes conhecimentos teoricos são, sem duvida, necessarios, mas o que acima de tudo interessa é um corpo de oficiais de caracter bem temperado, voluntariosos e resolutos, capazes de tirar do material que Salazar gostosamente nos vai entregando, todo o rendimento de que ele é susceptivel na luta que é o nosso objectivo e deve constituir a nossa preocupação de todos os instantes.

Só assim nos prepararemos para a guerra, para a guerra que se avizinha, guerra a que queremos ser indiferentes, caso não estejam em jogo os nossos interesses, mas que não receamos e até desejaremos alegremente se algum poder da Terra tentar ameaçar sequer a integridade dos territorios que sem discussão nos pertencem e que foram regados pelo sangue dos nossos antepassados através de oito seculos de historia »

c-52

De pag. 248

DEPOIS de longa permanência em Leiria, onde exerceu o comando do Regimento de Infantaria n.º 7 e a chefia do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 7, e onde grangeou, pela sua extrema gentileza e esmerada cultura, muitas e fortes simpatias e amizades, retirou para Coimbra, o nosso ilustre assinante, coronel sr. Belisário Pimenta, a quem desejamos muito sinceramente todas as felicidades de que é merecedor.

De pag. 302

AOS OFICIAIS DO EXERCITO E DA ARMADA E ESTUDIOSOS DE ASSUNTOS MILITARES

Lembre-se que são os ilustres: **Alm. Alfredo Botelho de Sousa, coronel Americo de Bivar, cap. Augusto Casimiro, coronel Barreto de Oliveira, coronel Belizario Pimenta, coronel Eduardo da Costa Ferreira, com. Fontoura da Costa, alm. Gago Coutinho, cap. Gastão de Sousa Dias, com. J. Correia Pereira, coronel José Agostinho, cap. Mario Costa, coronel Mario de Campos, general Norton de Matos, cap. Paulo de Brito Aranha, coronel Pedro F. Ribeiro de Almeida; com. Prestes Salgueiro, tenente-coronel Raul F. Rato, com. Tancredo O. Faria de Morais,** etc., etc., que colaboram nos assuntos militares, nauticos e de historia militar na

Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira

Não deixem, portanto, de a possuir e consultar.

A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA tem a honra de convidar V. Ex.ª a assistir à cerimónia da inauguração do monumento ao grande poeta António Nobre, que se realisa no Penedo da Saudade em 30 de Outubro corrente, pelas 16,30 horas.

Coimbra, 14 de Outubro de 1939.

O Presidente,

Doutor Ferrand Pimentel de Almeida.

(Depois. 256-57)

419

De pag. 308:

1.ª secção — Ciências Físico-Matemáticas e Militares. Presidiu o Prof. Dr. Pacheco de Amorim, secretariado pelos Prof. Dr. Mário Silva e comandante Esparteiro.

Foi dada a palavra ao Prof. Dr. Vicente Gonçalves, que leu a sua comunicação, intitulada — «Análise dos princípios matemáticos de Anastácio da Cunha», a qual foi apreciada e muito elogiada pelo Prof. Dr. Pacheco de Amorim.

A comunicação do coronel Belizário Pimenta

Seguiu-se no uso da palavra o sr. coronel Belizário Pimenta, que leu a sua interessante comunicação, intitulada — «Evolução das Ideias Militares em Portugal», que é um trabalho histórico muito importante, onde o autor expõe, com raro brilho e aturado estudo, desde os começos da Nação portuguesa e no decorrer dos séculos até à actualidade, o desenvolvimento das instituições militares portuguesas, terminando com as seguintes considerações, que reproduzimos em síntese:

«Depois de 16 anos de lutas civis, o Setembrismo pretendeu, pelo esfôrço do Marquês de Sá, reformar o exército, quer na sua parte orgânica quer, principalmente, na própria mentalidade pela criação da Escola do Exército que deveria viver «em coexistência» com outras escolas superiores — o que acarretaria a dignificação da profissão e a necessária cultura. Era reforma profunda que o estado de exaltação política do país não deixou vingar.

Sempre sacudidas pelo tumulto político, as instituições militares decaíram e desprestigiaram-se. Em vão se opôs ao descalabro um grupo de oficiais que, pela fundação de uma revista, pretendeu criar ambiente melhor e difundir ideias e promover cultura.

Superiormente, também, não havia grande vontade de personalizar muito a fôrça armada. E só nos fins do século passado, consequência das campanhas coloniais brilhantemente concluídas, se começou a modificar a opinião.

Tôda a história das ideias militares em Portugal, vem a ser, finalmente, uma série irregular de «experiências» sem grande continuidade — experiências que tinham raízes estrangeiras, mas sempre razões locais ou nacionais, políticas, económicas ou geográficas».

Do «Diario de Coimbra» nº 3485 de 24 de Novembro de 1940.

— Indices —

I : Anos

II : Nomes proprios

III : Varia.

I

Anos:

Ano de 1937: Maio a Dez.bro 1 - 67
" " 1938: 68 - 175
" " 1939: 176 - 260
" " 1940: 261 - 309
" " 1941: 310 - 337.
" " 1942: 338 - 373.
" " 1943 374. 399

II

Nomes proprios:

Afonso [D.] IV : 150
Alberto [Caetano], gravador : 55.
Albuquerque [Afonso de] : 151.
" [G.al Antonio Garjão Carneiro de] : 190-191, 194-195, 200, 223, 230-231 e 242.
" [Joaquim Mousinho de] : 30, 37-38, 145-158.
Almeida [dr. Ferreira Pimentel de] : 13, 257.
" [Laureano Chaves] : 3, 26-35, 44, 46-47, 173, 206, 299, 340, 344-346, 362-366 e 392-395.
Alórna [Marquês de] : 323-324.
Alves [P.e Francisco Manuel] : vide Baçal, abade do
Amaro [C.el Ernesto Gonçalves] : 366-367.
Amorim [dr. Pacheco de] : 306-307.
Azevedo [G.al Julio Schiaffa de] : 177.
" [Pedro de] : 150.
Baçal [Abade do] : 201 e 291.
Baptista [C.el João Rodrigues] : 89.
Barreto [dr. Bissaia] : 81 e 119.

Barros [David Bastos Miranda de], 2º sargento de Inf.ª nº 7 : 107-108.
Bastos [dr. Claudio] : 339, bis e 379.
Bastos [G.al João Pereira] : 194.
Beresford, marechal : 391-392.
Bernardes [P.e Manuel] : 149 e 271.
Bessa [Cor.el Adriano] : 355.
Bettencourt [Cor.el José Teixeira de] : 92-93, 232.
Birne [Antonio], esperanto : 227.
Botelho [Af.o Falaia de Sousa] : 85-87.
" [José Justino Teix.a] general : 237-238, 240, 241, 280, 304 e 308-309.
Brapa [Alberto Vieira] : 328 e 333.
Brandão [José] — V. Melo [J.B. Pereira de]
Brasil [Jaime] : 378-379, 385-386 e 388.
Brites [P.e Sebastião da Costa] : 8.
Brito [Nogueira de] : 333.
" [Rosalindo Candido de Sampaio e] : 216.
Cabral [Passo de Miranda] : 194-195, 200, 217, 228-229 e 233.
Canto [G.al Franc.o Bernardo do] : 136, 205, 207, 208-209, 224-226.
Cardoso [dr. José M.a] : 24, 68, 361-362.
" [Mario] : 178-179, 236, 250-251, 258, 274.
" [G.al Zé] : 318-319.
Carmona [G.al Oscar] : 9-11, 297-298 e 376.
Carvalho [dr. Joaq.m de] : 263-264, 289-291, 295, 301, 303, 306, 342-344, 356-357, 359-360, 371-73.

Carvalho [D. Mª Amalia Vaz de]: 37-38.
" [Vasco de]: 185-189, 221-222, 230-231.
Casal [Fr. Gaspar do], bispo de Leiria: 7
Casimiro [Augusto]: 386-388.
Castelo-Branco [Camilo]: 252-253 e 355.
Castelo-Melhor [2º conde de]: 291.
Castro [Alvaro de]: 318-319.
" [Sep.ro Mendes Simões de]: 277 e 364.
" [Inês de]: 210.
" [D. João de]: 151.
Cerejeira [D. Manuel Gly.], cardeal: 65-66
Chapas [Fr. Antonio das]: 246.
Chaves [João Carlos Pires Ferreira], general: 244.
Cidade [Dr. Hernani]: 13-15, 322 e 343.
Clausewitz: 358.
Coelho [Rui], maestro: 210.
Corrêa [dr. Fernando]: 288-289.
" [João da Silva]: 13.
" [Joaq.m dos Santos]: 226-227.
" [Dr. Virgilio]: 44-45, 286, 363-365.
Costa [Dr. Afonso]: 348.
" [Carlos Blias da]: 185-188.
" [Fernando dos Santos]: sub-secret.º da Guerra: 88, 196-199, 212, 235-236, 242 e 375-378.
" [dr. João Providencia de Soura e]: 13, 335-336.
Couceiro [Henriq.e de Paiva]: 30

Coutinho [Jaime] chefe da secret.ª da Câmara da Marinha Grande : 167.
" [João de Azevedo] : 347-349.
Cunha [Alb.to Guerreiro Peixoto e] : 5, 70-75, 83, 144-146, 149, 158 e 160.
" [Alfredo Crucoto da] : 4, 42-43, 48, 51-54, 57-58, 73, 93, 144-146, 159-160, 232, 233 e 245
" [dr. Cardoso e] : Prof.ar Liceu : 171.
" [dr. João Gualberto de Barros e] : 288-289
" [Dr. Pedro José da] : 307.
Damasceno [José Pereira] : 135-136, 168-169, 170.
Dantas [Julio] : 257 e 364.
Descartes : 151.
Dias [Gonçalves], Poeta : 305.
Dionisio [Dr. Santana] : 367-368, 389-390 e 391-392.
Duarte [D.], rei : 151.
Faria [Ant.º Machado de] : 315 e 330.
Faustino [Rodrigo], cap.ão reform.do : 35.
Ferrão [José M.ª Dias] : 281-282.
Ferreira [Henrique Pimenta da Costa] : 18-20 e 60
" [Joaq.m da Costa], capitão : 78.
Figueiredo [Campos de] : 321.
" [dr. José de] : 30.
Fogaça [Tenente de Empenh.ª] : 5
Folard [Chevalier de] : 355.

Fonseca [Ant.º José Brauquinho da]: 40-42
" [Jaime] oficial de Caval.º: 75-78
" [" Tomás da]: oficial de Infantaria: 40-42, 53-55, 80-83, 96-96, 101-122, 123, 126, 139 e 166.
" [Felipe José Ribeiro da]: cor.el de aviação e brigad.º: 88-89 e 282.
" [Tomás da]: 40-41, 90, 180, 246 e 331.
Fortes [dr. Agostinho]: 13.
França [Salvador Pinto da]: 317-318.
Franco [José Vitor]: 158, 209 e 245.
Galvão [Henrique]: 142.
Garrett [Almeida]: 91.
Gersão [M.el Liberato de Figueiredo]: 296.
Gomes [Francisco], coronel: 9, 205-206 e 232-233.
Gonçalves [Antonio Augusto]: 4, 30-31, 44-45 e 46-47.
" [dr. Franc.º Rebelo]: 356-357, 358-359 e 388.
" [dr. Vicente]: 307.
Guerra [Lobato], general: 229-230 e 246.
Herculano [Alexandre]: 55-57.
Hitler [Adolfo]: 257-258.
Jomini, general suiço: 358.
Kant, filosofo: 157-158.
Kock [Paulo de]: 314 e 331.
Lafões [duque de], D. João: 327.

Lafaz {M.el Rodrigues} : 14-15.
Larcher {Pito Benevenuto de Sousa} : 243.
Latino {Manuel}, coronel : 85-87.
Leiria {Bispo de} : vide Silva.
Leirão : secret.º da Inspecção Escolar de Leiria : 166.
" {Joaquim}, escritôr : 364.
Lencastre {Julio Garcês de} : 99, 123-124, 147 a 154.
Lima {Cristovão de Sousa} : 328-329.
" {Henrique Ferreira} : 91, 238-239, 268-274, 275-278, 292, 305, 316, 324-26 e 333.
" {M.ª Helena de Sousa} : 320-321. - Vi. de Pimenta.
Lobato {Gervasio} : 314.
Lobo {dr. Fausto Ferreira} : 282-283.
Loureiro {Alex. Ferreira de}, major : 120-121.
Macedo {Armando} : 312-314 e 374.
Machado {Ernesto da França}, coronel : 202, 228 e 245
" {Franc.º Soares Lacerda} general, 17, 94-95 e 136.
" {Franc.º Valente} : 275.
Madahil {Ant.º Gomes da Rocha} : 327, 383-84.
Martins {Alfredo Fernandes}, advogado : 383.
" {Eduardo Aug.to Azabuja} : 265.
" {Luis Aug.to Ferreira}, gen.l : 240.
Malos {Gastão de Melo de} : 91, 257, 284-285, 315 e 381-382.

Malôs [Gen.al Sarlon de] : 194.
Melo [Arnaldo de], brigad.e : 61-63 e 136-37
" [D. Franc.o Manuel de] : 239 e 276.
" [José Brandão Pereira de], cap. de Artelh.a : 268-274 e 275-278.
Mendes [José Rodrigues de S.a] : cap. de Inf.a : 102 e 164-166.
Menezes [D. Luis da Cunha], brigad. de Cav.a : 83 e 160-162.
Marêa [Dr. Paulo] : 288.
Mesquita [Arthur Per.a de] : cor.el : 213 e 217.
Miranda [Franc.o Sá de] : 321.
Monteiro [Henrique Pires] : 9, 163, 174, 213, 230, 250, 260, 264-267, 279-281, 287, 293, 296, 299-305, 319, 324-325, 329, 330-331, 384 e 396-399.
" [Manuel] : 392-395.
Morais [Severino de] : cor.el : 233.
Mota [José Serra da] : 59-60
" [Luis José da] : 195, 201, 202, 218 e 242.
Mourato [Manuel] Vermelho : V. Vermelho.
Nazaré [José de Sousa] cap. artelh.a : 224.
Navarro [Vitorino] : 11-16, 259, 321-322.
Neto [José de Oliv.a], Ten. de Inf.a n.o 7 : 80
Neves [Dr. Cassiano], Filho : 322.
" [Dr. José Simões] : 13.
Nobre [Antonio] : 256-257 e 353-354.
Nunes [Dr. Viriato do Amaral] : 380-381.
Nuno [D. Duarte] : 346-349 e 351.

Oleiro [Diogo M.º da Silva]: 59 e 302
Oliveira [Agostinho Barreto de]: 185, 200, 296, 311 e 354-356.
" [dr. Alberto de]: 191, 234-235, 239, 251, 256-258, 278-279 e 293.
" [Ant.º Correia de]: 257.
" [Domingos de], gen.al: 375-378.
" [Eduardo da Cunha]: 174-175, 206-208.
" [Franc.º Lacerda de] cor.el de Infant.: 117 e 149.
" [P.e Galamba de]: 63-64.
" [João Braz de], cor.el: 374-378.
" [D. Josefina Antas de]: 293, 353-354.
" [Luis Alb.to de] major: 377.
Palmela [1.º Duque de]: 37-38.
Pascoal [José Pereira], cor.el: 104-105 e 154.
Passos [Alvaro Ferreira], cor.el: 185, 186 e 230-231.
Pedro [Antonio], ten.te: 249.
Pegado [dr. Cesar de Sousa]: 336.
~~[illegible]~~. ~~[illegible]~~: ~~[illegible]~~.
Pereira [Alvares], ten. cor.el: 328-329.
" [Nun'alvares]: 33-34 e 151.
" [dr. Serafim Lopes]: 41 e 167.
Peres [dr. Damião]: 288 e 335-336
Pimenta [M.ª Helena da S.ª]: 178, 203-204, 208-210 e 210. Vide Lima.
Pinto [Franc.º José], gen.al brasil.º: 280-281.
Plutarco: 156.

Proença [Raul]: 256, 258-259, 294 e 367.
Queiroz [Antero de]: 342-343
Quintas [D. Lucinda]: 285-286.
Rebelo [Gen.l Teixeira]: 329.
Reis [Luis da Camara]: 368-373.
Relvas [Franc.o], 1.o cabeçalho do Inf.o X: 106-110, 110-112, 112, 115, 116 e 118.
Rio [José Teles do Vasconcellos], cor.l de Inf.a: 49 e 63-64.
Rio-Maior [Marquês de]: 395 e 396.
Rodrigues [dr. José M.a]: 36-37.
Romão [João Ant.o Matos]: 13.
Sá [Ant.o de Moura e]: 46.
Saiute-Beuve: 156.
Salazar [Ant.o de Oliv.a]: 22-24, 30, 65-66, 69-79, 196-199, 257, 297-298, 328-329 e 375-378.
Salgado Junior [dr. Antonio]: 321, 333-334 e 338.
" [Dep.o Bivar Xavier de Azevedo]: 133, 174, 233-234, 246, 295, 303 e 311.
Sampaio [Luis] cor.l: 245.
Santos [Ant.o Paula], Ten.te: 80 e 97.
" [Benjamim Lucas dos]: 216
" [Carlos M.a Pereira dos]: 194-195, 200, 220, 225, 242, 297-299.
" [dr. Delfim]: 321.
" [dr. Reinaldo dos]: 363-365
Saraiva [dr. Ant.o de Sousa]: 24.

Sarmento {Julio Ernesto de Morais}
Gen.al : 22-23, 193-194, 200, 223, 230, 242-243, 265-267 e 325-326
Sergio {António} : 341-342, 357-358, 383 e 385.
Serra {Alvaro José Correia da} : 327.
Silva {Ant.o Henriques da}, cap.as : 227-228.
" {Armando}, inspector escolar : 320-321.
" {D. Leonisse} : 260.
" {Fernando da} : 322.
" {Joaquim Possidonio Narciso da} : 297 e 315.
" {D. José Alves Correia da} : Bispo de Leiria : 36-37 e 240.
" {José Vicente da}, Vis. con.al : 114 e 115.
" {Dr. Mario} : 308.
" {Mario Ramos}, cap. de Inf.ª n.º 7 : 81-83, 98 e 119-120.
" {D. Virginia Martins da} : 243.
Silveira {Franc.º Pinto da}, conde de Amarante : 333, 355-356.
Silveiras, familia : 253.
Sombrio {Carlos} : 252-253 e 361.
Soult, marechal : 253.
Sousa {Alicio Asp.te Valdez de Passos e} : 193-195, 197, 200, 236 e 244.
" {D. Anunciada Larcher de}, de Leiria : 243.

Sousa {Aurélio Vales de Passos e}, cor.el: 171, 185-186 e 235.
" {Fernando de}: jornalista: 64.
" {Gervasio de} cap.as reform.os: 5
" {dr. Mario Lais de}: ministro: 47-50, 51-53, 57 e 159.
Staël {Madame de}: 28.
Tavares {Raul da S.a}, cor.el: 231-233.
Teixeira {Ant.o José}, cor.el: 201
" {Gastão da Silva}, cor.el: 232.
" {José Gomes}, cap. Inf.a 7: 110-112.
Teles {Casimiro de Sousa}: 82
Tinoco {Agostinho}: 64, 139-140 e 142.
Torre {Conde da}, actual: 323-324.
Trindade {Gaudencio da}, cor.el d'Artlh.a: 209, 217, 243 e 249.
Türmer, gravador: 391.
Valdearellano {dr. Luis G. de}, catedratico espanhol: 288-289.
Vale {Henrique Per.a do}, major de Artlh.a: 81, 102, 119, 158-159, 164-167 e 173.
Vasconcelos {dr. Ant.o Garcia Ribeiro de}: 69 e 288.
" {Joana Mendes de}: 291.
" {dr. Mario de}: governo civil de Leiria: 9, 51-52 e 60
Vaz {João}, pintor: 179.
Veloso {dr. José M.a de Queiroz}: 65-66
Ventura {dr. Carlos Simões}: 13-15.

Vermelho (M.el Maurato): 18-20.
Viegas (Franc.º dos Santos), experth.º: 20
Vieira (Afonso Lopes): 24-38, 39, 44, 59, 181, 312-313, 340, 344-346, 349-352, 381, 389 e 392-394.
" (João Rodrigues), pintor: 179.
Wavell, gen.al inglez: 325-326.
Wellington (Artur): 391.
Zilhão (Major Soares), experth.º: 87-89.

III

Varia:

Academia Portuguesa de Historia : 305, 340.
Aguiar {Vila Pouca de} : 253.
Alcobaça {Cemiterio de} : 392-395.
Aljubarrota : 162.
A proposito da retirada de Soult : 333, 354-356.
Arquivo Bibliografico da Bibliotheca da Universid.e de Coimbra : 277.
" Historico Militar : 314.
Artelharia n.º 4 {Regim.to de}, Leiria : 137-139.
Associação dos Archeologos Portuguezes : 297, 315, 316, 330 e 382.
Ariação {Campo de} no Freixo, Lousã : 282.
Bastilha {Tomada da} : 245.
Batalhão de Pontoneiros, Tancos : 87.
Biografia {A minha} : 283-284.
Boletim do Arquivo Hist.º Militar : 91, 277, 335.
Brasilia : 356-356, 358-359 e 388.
Brancos : 264.
Busio {O}, jornal ms. de 1849 : 29.
Cabos {Confraria dos} : 42-43.
Caia, rio : 187-189.
Caldelas : 239 e 319-321.

Camara Municipal de Leiria : 4
Caminho (O) de Boialvo : 90
Camões e as "artes belicas" : 340, 344, 344-346, 350-351, 360, 365, 369-373, 378-379, 381, 383, 385-388, 388, 387, 395.
Campanha (A) de 1801 : 323-324.
Campanhas (As) africanas nos fins do seculo XIX : 152
Cancioneiro Popular de Miranda do Corvo : 285-286, 339 bis, 368, 379 e 390-391.
Casa de Coimbra em Lisboa : 5.
Cascais (A Câmara de) : 317.
Castelo de Vide : 182, 184, 185-189.
Catalogo e Sumario dos Mss. etc : 269, 272-273 e 335.
Caxias (Escola de) : ver Escola Central
Centenario da Universid. em 1937 : 65-66
Centenarios da Fundação e da Restauração : 237-238, 240, 247, 250-251, 262-264, 264-265, 279-281, 283-284, 289-291, 300-301.
Ceuta (Conquista de) : 150-151.
Chaves : 252-256.
Chefes militares (As qualid. dos) : 153 e 157
Ciclone em Fever. de 1941 : 312-314 e 326.
Circulo de Eça de Queiroz : 384
Codigo Administrativo de 1937 : 48.
Coimbra : o castelo : 384.
" : a paisagem : 32
" : a imprensa : 308.

Coimbra : reconstruç.ão a Ant.º Nobre : 256-257.
" : museu Machado de Castro : 4, 44-45 e 46-47.
" : Universidade : 65-66.
Colaboração (A minha) na Revista Militar: 237-238 e 247.
Colegio Militar : 328-329.
Comando (O nosso) no R. I. nº 7 : 1-2, 4-5, 42-44, 47-55, 57-59, 61-63, 70-75, 79-83, 92-93, 94-132, 135-163 e 247-248.
Comarca (A) de Arganil, jornal : 281
Congresso da Activid.e Cientifica dos Portugueses, 1940 : 263-264, 289-291, 295, 296, 303, 306-309.
" Medieval, 1940 : 287-289 e 292.
Constancia, vila : 60.
Corporação diocesana encarregada do culto em Leiria : 5-9.
Costa [Livraria Sá da] : 389.
Despertar (O), jornal : 191, 249-250.
Diario de Coimbra : 308.
Distrito de Recrutam.to e Mobilização nº 7 : 94 e 248.
Eça de Queiroz (Alguns aspectos militares na Obra) : 378 e 384.
Emissora Nacional : 142.
Entronização do crucifixo nas Escolas Primarias : 66-67.
Esboço da evolução das ideias militares

militares em Portugal : 290-291, 292, 295, 301, 303, 341 e 357-358.
Escola Central de Oficiais, Caxias : 90, 172-173, 173, 174, 176-177, 180-184, 247-48.
" de Aeronautica : 87.
" " Transmissões : 87.
" Pratica de Artelharia : 87.
" " " Cavalaria : 84-87.
" " " Engenharia : 87-89 e 90.
" " " Infantaria : 90.
Estagios {Os meus} nas Escolas Praticas : 84-87, 87-89 e 90.
Exame {O meu} para general : 199-201, 201, 202, 203-204, 204, 205-235, 239, 241, [illegible], 241-245, 249, 265-267, 345 e 352.
Fronteira {Arquivo e Biblioteca da casa dos marqueses de} : 322-324.
Gabinete de Estudos urbanos e rurais na Figueira da Foz : 20
Generalato {O meu curso fº 0} : 171, 172-175, 176-177, 178, 180-184, 185-190.
" {Provas fº 0} : generalidades : 174, 193-195 e 265-267.
" {O} português : 325-326.
Ginasio - Club de Leiria : 140.
Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira {A minha colaboração na} : 68, 302, 334-335.

Grupo do Leão : 179 e 262
Guerra da Restauração (Os comandos na) 274-275.
" civil em Espanha (1938) : 162-163.
" de 1939-1945 : 257, 312, 314-315.
Guia de Portugal, vol.º 3º : 256, 258-259, 294, 367-368 e 392.
Hora de Arte, em Leiria : 134-135.
Infantaria, revista : 300.
" nº 7 (O meu comando em) : Ver Comando.
Instituto (O) de Coimbra : 327.
Invasões francesas : 361-362, 390, 391-392.
Jornalismo português : 361-362.
Juramento de bandeiras : 1 (em 1937).
Lanifícios na Batalha : 3 e 30.
Leão do Ouro, café em Lx.ª : 179 e 262.
Legião Portuguesa : 1, 4, 79-83, 119-120 e 192-193.
Leiria : o clero : 140-141.
" : a igreja de St.º Agostinho : 6-9.
" : Liceu de Rodrigues Lobo : 63-64 e 134-135.
" : o Pinhal : 150
Liberdade - Igualdade - Fraternidade : Lema da Revolução Francesa : 49.
Literatura Militar : 83.
Liz : paisagem do vale do rio : 32.
Mafra : Bibliot.ª do Convento : 300-301.

Marinha Grande : 167.
" Portuguesa, História : 150
Matias de Albuquerque (Notas para a sua biografia) : 388.
Mêdo : 383 e 385.
Mentalidade dos coronéis do curso de 1938-1939 : 84-85.
Miranda do Corvo (Os estudos sobre) : 21, 275, 294, 310-311, 327 e 386-387.
" " " : a Igreja : 327.
" " " : fiscalização aos seus monumentos e objectos de arte : 282-283.
Monijo : batalha em 1644 : 396-397.
Mosquito (O), jornal de cabos : 42-43.
Nobre (O monum.to a António) : 256-257 e 353-354.
Padroeira (A) de Portugal : 66-67.
Paulistinhos da Leiria : 294.
Polícia de segurança pública, Leiria : 166-167.
Política (A) em Leiria : 163-167.
Ponte da Murcela, acção em 1811 : 281.
Portugal, jornal de Leiria : 248.
Povo português : carácter : 351.
Primeiro (O) de Janeiro, jornal : 378, 385-386 e 388.
Problema (O) dos combatentes da Guerra da Restauração : 285, 287 e 304.
Procissão do Corpo de Deus, em 1937 : 2

Pronunciamento da guarnição de Lx.ª em Janeiro de 1938 : 374-378.
Psicologia (A) do mêdo, artigo do Daily Express : 385.
Quinta (A) da Paz : 331.
Reacção ultramontana : 2, 63-64, 66-67, 317 e 366.
Reforma do exercito em 31-Dezemb.º-1937 : 69-79, 375-378.
Regimento de Artelharia 4 : 102-103
" " Cavalaria 2 : 148
" " Infant.º 7 : vide Comando.
" " " : a banda de musica : 142-143.
Regulamento das honras militares : 51-53.
Reserva (A m.ª passagem á) : 246.
Restauração monarquica : 351.
Revista da Universid.e : 344, 356-357 e 372.
" de Guimarães : 178-179, 250-251, 258, 274, 285 e 287.
" Lusitana : 339 e 379.
" Militar : 90, 237-238, 247, 260, 264-265, 279-281, 281, 287, 296, 300-301, 304, 306, 308, 325-326, 337, 396-399.
Revolução de 28-Jan.º-1908 : 79.
" Francesa : 245.
Revue Internationale de Histoire Comparée 238-239.
Saldanha (As ideias milit.s de) : 326, 355, 396

Samardã : 252-253.
Sampaio (Correspond.ª de Alberto) : 336-337.
Santo Antonio militar : 268 - 278
São Pedro de Muel : casa do Poeta : 25-38.
Seára Nova : 325, 369-373 e 386.
Serrano (O), jornal : 294.
Sindicancias : 133-135 e 168-170
Sistema (O) de Nunalvares : 288-289 e 292.
Situação politica de 1926 em deante : 317, 349.
Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra : 383.
" de Martins Sarmento : 178-179 e 336-337.
Tamega, rio : 253.
Tancos : 87-89.
Torre do Tombo : 314
Torres Novas : 84-87.
Transferencia (A m.ª) do R. I. n.º 7 para o D. R. R. n.º 7 : 92-93 e 94.
Tribunal militar territorial de Vizeu : 368 e 384.
Universidade (Centenario da), 1937 : 65-66.
Vale de Lobos, quinta de Herculano : 55-57.
Verbetes (Os meus) : 305.
Viagem de generais : 182, 184, 185-189 e 189.
Vila Real de Traz-os-Montes : 252
Vizeu : 368 e 384
Zona de cobertura do Alto-Alentejo, em 1938 : 162-163.

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

PULL HERE
TAMPA
HAVATAMPA
HAV-A-TAMPA
FLA.
CIGAR CO.

PULL
HERE
TAMPA
HAVATAMPA